

ORGULHO E PRECONCEITO

JANE AUSTEN

TEXTO INTEGRAL

Saraiva de BOLSO


ORGULHO E
PRECONCEITO
JANE AUSTEN
TEXTO INTEGRAL
Saraiva
de BOLSO

leLivros

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de m aneira totalm ente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem com prá-la. Dessa form a, a venda desse eBook ou até m esm o a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.

A generosidade e a hum ildade são m arcas da distribuição, portanto distribua este livro livrem ente. Após sua leitura considere seriam ente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com

1

É um a verdade universalm ente conhecida que um hom em solteiro, possuidor de um a boa fortuna, deve estar necessitado de esposa.

Por pouco que os sentim entos ou as opiniões de tal hom em sej am conhecidos, ao se fixar num a nova localidade, essa verdade se encontra de tal m odo im pressa nos espíritos das fam ílias vizinhas, que o rapaz é desde logo considerado a propriedade legítim a de um a das suas filhas.

— Caro Mr. Bennet — disse-lhe um dia a sua esposa —, j á ouviu dizer que Netherfield Park foi alugado afinal?

Mr. Bennet respondeu que não sabia.

— Pois está —, assegurou ela. — Mrs. Long acabou de sair daqui e m e contou tudo.

Mr. Bennet não respondeu.

— Afinal não desej a saber quem é o locatário? — gritou a m ulher, im pacientem ente.

— Você é quem está querendo m e dizer e eu não faço nenhum a obj eção a isto.

Este convite foi suficiente.

— Pois, m eu caro, você deve saber que Mrs. Long disse que Netherfield foi alugada por um rapaz de grande fortuna, oriundo da Inglaterra. E que além disso ele chegou segunda-feira num a elegante caleça a fim de visitar a propriedade.

Ficou tão encantado que entrou im ediatam ente em negócio com Mr. Morris; Mrs.

Long disse tam bém que ele entrará na posse do prédio antes do dia de S. Miguel.

Alguns dos seus criados devem chegar j á na próxim a sem ana.

— Com o se cham a ele?

— Bingley .

— É casado ou solteiro?

— Oh, solteiro, naturalm ente, m eu caro. Solteiro e m uito rico! Quatro ou cinco m il libras por ano. Que boa coisa para as nossas m eninas, hein?

— Com o assim ? De que m odo pode isso afetá-las?

— Meu caro Mr. Bennet —, replicou a sua esposa —, com o você, às vezes, é enfadonho! Deve saber que ando pensando em casar um a delas...

— Será este o proj eto do hom em ao se instalar aqui?

— Proj eto? Tolice... Com o é que você pode dizer um a coisa destas? É até m uito provável que ele se apaixone por um a delas. Portanto, assim que chegue você deve ir visitá-lo.

— Não vej o m otivo para isto. Você pode ir com as m eninas, ou pode até m andá-las sozinhas, o que talvez ainda sej a m elhor, pois com o você é tão bela quanto qualquer um a delas, Mr. Bingley pode preferi-la.

— Você está m e lisonj eando. Decerto j á tive o m eu quinhão de beleza, m as não am biciono ser nada de extraordinário agora. Quando um a m ulher tem cinco

filhas crescidas, deve deixar de pensar em vaidades.

— Em casos com o esses, em geral, um a m ulher não tem m uito que pensar em beleza.

— Mas m eu caro, você deve realm ente ir ver Mr. Bingley , quando ele chegar.

— Não quero tom ar esse com prom isso.

— Mas lem bre-se das suas filhas. Pense que partido seria para um a delas! Sir William e Lady Lucas estão decididos a ir. E exclusivam ente por m otivo idêntico, pois você sabe que em geral eles não visitam recém -chegados. Deve ir, pois a nós, m ulheres, será im possível fazê-lo, se antes você não o fizer.

— Creio que isto é excesso de escrúpulos da sua parte. Tenho certeza que Mr.

Bingley terá m uito prazer em vê-la. Além disso eu lhe enviarei algum as linhas por seu interm édio, assegurando-lhe que darei o m eu consentim ento para que ele se case com qualquer das m eninas que escolher, em bora devesse acrescentar um elogio para a m inha pequena Lizzy .

— Desej o que não faça tal coisa. Lizzy não é m elhor do que as outras. Estou convencida de que não tem nem m etade da beleza de Jane. E nem sequer m etade do bom hum or de Ly dia. Mas você não cessa de m anifestar a sua preferência por ela.

— Nenhum a delas tem m uito o que se lhes recom ende —, respondeu Mr. Bennet

—; são tolas e ignorantes com o as outras m oças. Mas Lizzy é realm ente um pouco m ais viva do que as irm ãs.

— Com o é que pode falar m al assim dos próprios filhos, Mr. Bennet? Você se com praz em aborrecer-m e; não tem nenhum a pena dos m eus pobres nervos.

— Está enganada, m inha cara. Tenho m uito respeito pelos seus nervos. São m eus velhos am igos. Venho escutando você falar a respeito deles com grande consideração, pelo m enos durante esses últim os vinte anos.

— Ah, você não sabe o que eu sofro!

— Espero que você se restabeleça e viva bastante tem po para ver m uitos rapazes com quatro m il libras anuais de rendim ento se instalarem na vizinhança.

— Pouco nos adiantará que venham vinte deles se você se recusar a visitá-los.

— Pode ficar certa, m inha querida, de que quando chegarem os vinte eu os visitarei a todos.

Mr. Bennet era um m isto tão curioso de vivacidade, hum or sarcástico, reserva e capricho, que a experiência de 23 anos tinha sido insuficiente para que a sua esposa lhe conhecesse o caráter. O espírito de sua m ulher era m enos difícil de com preender; tratava-se de um a senhora dotada de inteligência m edíocre, pouca cultura e gênio instável. Quando se aborrecia im aginava que estava

nervosa. A única preocupação da sua vida era casar as filhas. Seu consolo, fazer visitas e saber novidades.

2

Mr. Bennet foi um a das prim eiras pessoas que visitaram Mr. Bingley . Sem pre fora esta a sua intenção, em bora continuasse a assegurar até o fim à sua esposa que não iria de form a algum a; nada lhe disse até à noite do dia em que fez a visita. Só aí ele o revelou, da seguinte m aneira: vendo a sua segunda filha ocupada em reform ar um chapéu, dirigiu-lhe de súbito estas palavras:

— Espero que Mr. Bingley goste do chapéu, Lizzy .

— Não tem os nenhum m odo de saber as preferências de Mr. Bingley j á que não podem os visitá-lo — interveio a m ãe, ressentida.

— Mas você se esquece, m am ãe — disse Elizabeth —, de que nós o encontrarem os em reuniões e que Mrs. Long nos prom eteu apresentá-lo.

— Não creio que Mrs. Long faça tal coisa. Ela tem duas sobrinhas e é um a m ulher egoísta e hipócrita. A m inha opinião sobre ela não é boa.

— Nem a m inha tam pouco — disse Mr. Bennet. — Alegra-m e saber que você não depende dos serviços dela.

Mrs. Bennet não se dignou responder. Incapaz de dom inar-se por m ais tem po, entretanto, pôs-se a ralhar com um a das filhas:

— Não tussa desse m odo, pelo am or de Deus, Kitty . Tenha um pouco de piedade dos m eus nervos... Você está dilacerando-os!

— Kitty não sabe tossir discretam ente — disse o pai. — Não tem noção do m om ento oportuno.

— Não tusso para distrair-m e — respondeu Kitty , irritada. — Quando será o nosso próxim o baile, Lizzy ?

— De am anhã a 15 dias.

— É verdade — gritou a m ãe. — E Mrs. Long só estará de volta na véspera desse dia. Logo, ser-lhe-á im possível fazer a apresentação do estranho, pois ela tam pouco o terá conhecido.

— Portanto, m inha cara, você poderá adiantar-se à sua am iga e apresentar Mr.

Bingley a ela.

— Im possível, Mr. Bennet, im possível! Se eu não tenho relações com ele! Com o pode você ser tão provocante?

— Respeito a sua discrição. Quinze dias de conhecim ento decerto não são suficientes. Não se pode conhecer realm ente um hom em em tão curto espaço de tem po. Mas se não arriscarm os, outra pessoa o fará. E afinal de contas, Mrs.

Long e as suas sobrinhas devem ter tam bém a sua oportunidade. E com o lhe será fácil pensar que é um ato de caridade da sua parte recusar tal incum bência, eu assum irei a responsabilidade.

As m eninas olharam fixam ente para o pai. Mrs. Bennet disse apenas:

— Tolice, tolice.

— Qual é o significado dessa exclam ação enfática? — perguntou o pai. —

Considera tolice as form as de apresentação e a im portância que lhes em prestam os? Neste ponto não posso concordar com você. Que é que acha, Mary ? Sei que é um a m oça de j uízo; lê grandes livros e faz resum os de tudo o que lê.

Mary quis fazer um a observação sensata m as não pôde.

— Enquanto Mary aj usta as suas ideias — continuou Mr. Bennet —, voltem os a Mr. Bingley .

— Estou enj oada de Mr. Bingley —, exclam ou Mrs. Bennet.

— Causa-m e pena saber isto. Por que não m e disse antes? Teria assim evitado que eu m e desse ao trabalho de visitá-lo. Foi pouca sorte. Mas com o tudo está feito, não podem os agora evitar relações.

O ar estupefato das senhoras era exatam ente o que ele desej ava causar. O de Mrs. Bennet talvez sobrepuj asse os outros. Entretanto, ao desvanecer-se o prim eiro tum ulto de alegria, ela com eçou declarando que era aquilo m esm o o que esperava.

— Que bondade da sua parte, caro Mr. Bennet! Tinha certeza que acabaria por convencê-lo, pois estava certa do seu am or pelas suas filhas. Sabia portanto que não iria desprezar assim um a tão grande oportunidade. Nem sabe a alegria que sinto... E com que espírito você nos enganou até o últim o m om ento!

— Agora, Kitty , pode tossir à vontade — disse Mr. Bennet, ao deixar o quarto, enfastiado pelas dem onstrações exageradas da esposa.

— Que excelente pai vocês têm , m eninas — continuou ela, logo que a porta se fechou. Não sei com o poderão j am ais com pensar tam anha bondade. Nem eu tam pouco, aliás. Posso assegurar-lhes que na nossa idade não é tão agradável assim travar novas relações todos os dias... Entretanto, por vocês, faríam os todos os sacrifícios. Ly dia, m eu bem , em bora sej a você a m ais m oça, ouso profetizar que Mr. Bingley dançará com você no próxim o baile.

— Oh — exclam ou Ly dia, orgulhosa — não tenho m edo. Em bora sej a a m ais m oça, sou tam bém a m ais alta.

Passaram o resto da noite conj eturando qual seria o dia provável em que o estranho viria pagar a visita de Mr. Bennet e procurando determ inar aquele em que o convidariam para j antar.

3

Entretanto todas as perguntas que Mrs. Bennet, com auxílio das suas cinco filhas, fez sobre o assunto foram insuficientes para extrair do m arido um a descrição satisfatória de Mr. Bingley . Atacaram -no de vários m odos, com perguntas diretas, engenhosas suposições e hipóteses distantes. Ele desafiou a habilidade de todas elas. Afinal foram obrigadas a aceitar as inform ações de segunda m ão da sua vizinha Lady Lucas. O relatório desta últim a foi altam ente favorável. Sir William tinha ficado encantado com ele. Era j ovem , elegantíssim o, extrem am ente agradável. E para coroar tudo, tencionava ir ao próxim o baile em com panhia de grande núm ero de conhecidos. Nada poderia ser m ais delicioso.

Gostar de dança era o prim eiro passo para se apaixonar. E vivas esperanças de conquistar o coração de Mr. Bingley foram bafej adas.

— Se eu pudesse ver um a das m inhas filhas instalada em Netherfield, alegre e feliz — disse Mrs. Bennet ao m arido —, e todas as dem ais igualm ente bem -

casadas, nada m ais teria a desej ar.

Daí a poucos dias Mr. Bingley veio retribuir a visita de Mr. Bennet. Conversaram na biblioteca durante dez m inutos. Mr. Bingley tinha alim entado a esperança de ver um a das m oças, sobre cuj a beleza tanto ouvira falar. Mas viu apenas o pai.

As senhoras tiveram m ais sorte: olhando por detrás de um a j anela do sobrado, conseguiram saber que ele usava casaco azul e m ontava um cavalo preto.

Pouco depois, um convite para j antar foi-lhe enviado. Mrs. Bennet j á tinha planej ado os pratos à altura da fam a da sua cozinha, quando chegou um a resposta adiando tudo. Mr. Bingley se via obrigado a partir para a cidade no dia seguinte e portanto não podia aceitar a honra daquele convite, etc. Mrs. Bennet ficou desolada. Não sabia que negócio poderia tê-lo atraído à cidade, tão pouco tem po depois da sua chegada no Hertfordshire. Com eçou a tem er que Mr.

Bingley estivesse sem pre em trânsito de um lugar para outro, e que nunca se dem orasse em Netherfield, com o devia. Lady Lucas acalm ou um pouco os seus receios, sugerindo a ideia de que Mr. Bingley tinha partido para Londres apenas para buscar conhecidos que o acom panhassem ao baile. As m eninas lam entaram a vinda de tão grande núm ero de senhoras. Mas, na véspera do baile, consolaram -se ao saber que em vez de doze, Mr. Bingley tinha trazido apenas seis senhoras de Londres, cinco irm ãs e um a prim a. E quando o grupo entrou no salão, consistia apenas em cinco pessoas: Mr. Bingley , suas duas irm ãs, o m arido da m ais velha e outro rapaz.

Mr. Bingley era sim pático e fino de m aneiras. A sua aparência era agradável, os seus gestos sem afetação. Quanto às suas irm ãs, era visível que se tratava de pessoas distintas. Vestiam -se à últim a m oda. O cunhado, Mr. Hurst, era o que se pode cham ar um gentlem an, sem outras características. Mas o am igo, Mr.

Darcy , atraiu desde logo a atenção da sala, pela sua estatura, elegância, traços

regulares e nobre atitude e tam bém pela notícia que circulou, cinco m inutos depois da sua entrada, de que possuía um rendim ento de dez m il libras por ano.

Os cavalheiros declararam que ele era um a bela figura de hom em , as senhoras foram de opinião que era m uito m ais elegante do que Mr. Bingley . Todos o olharam com grande adm iração durante m etade do baile, até que finalm ente a sua atitude provocou um certo

desapontam ento que alterou a sua m aré de popularidade, pois descobriram que era orgulhoso, perm anecia afastado do seu grupo e parecia im possível de contentar. E nem m esm o toda a sua grande propriedade, no Derby shire, pôde salvá-lo da opinião que com eçava a form ar-se a seu respeito, de que ele tinha m odos antipáticos e desagradáveis, e de que era indigno de ser com parado ao am igo. E Mr. Bingley em pouco tem po travou relações com as principais pessoas da sala. Era anim ado e franco, dançava todas as vezes e m ostrou-se aborrecido por ter o baile term inado tão cedo. Chegou m esm o a falar em dar outro em Netherfield. Qualidades tão am áveis falam por si m esm as. Que contraste entre ele e seu am igo! Mr. Darcy dançou apenas um a vez com Mrs. Hurst e outra com Miss Bingley . Recusou-se a ser apresentado a qualquer outra m oça e passou o resto da noite andando pelo salão, conversando ocasionalm ente com um a ou outra pessoa do seu próprio grupo. Seu caráter estava fixado. Era o hom em m ais orgulhoso, m ais desagradável do m undo. E

todos pediram a Deus que ele nunca m ais voltasse. Entre as pessoas que estavam contra ele, a m ais violenta era Mrs. Bennet, a cuj a antipatia pela sua conduta se som ava o despeito de ver um a das suas filhas desprezada por ele.

Devido à falta de pares, Elizabeth Bennet fora obrigada a ficar sentada durante duas danças; e parte desse tem po ela o passou suficientem ente próxim a a Mr.

Darcy para ouvir um a palestra entre ele e Mr. Bingley . Este últim o, que acabara de dançar, vinha anim ar o am igo a im itá-lo.

— Venha, Darcy — disse ele —, você precisa dançar. Incom oda-m e vê-lo aí sozinho, de um m odo tão estúpido. Seria m uito m elhor que você dançasse.

— Por coisa algum a deste m undo; bem sabe com o eu detesto dançar, a não ser conhecendo intim am ente o m eu par. Num a festa com o esta seria insuportável.

Suas irm ãs estão ocupadas e não existe outra m ulher na sala com quem eu dançaria sem sacrifício.

— Jam ais eu seria tão exigente — exclam ou Bingley —; palavra de honra, eu nunca encontrei tantas m oças interessantes na m inha vida... E você está vendo que algum as são excepcionalm ente belas!

— Você está dançando com a única m oça realm ente bonita que existe nesta sala

— disse Mr. Darcy , olhando para a m ais velha das irm ãs Bennet.

— Oh, é a m ais bela m oça que j á vi na m inha vida, m as bem atrás de você está um a das suas irm ãs, que é m uito bonita e agradável. Deixe-m e pedir ao m eu par que o apresente a ela?

— Qual? — perguntou ele, voltando-se e detendo um m om ento a vista em

Elizabeth até que, encontrando os seus olhos, desviou os seus e disse, friam ente:

— É tolerável, m as não tem beleza suficiente para tentar-m e. Não estou disposto agora a dar atenção a m oças que são desprezadas pelos outros hom ens. É m elhor você voltar ao seu par e se deliciar com os seus sorrisos, pois está perdendo tem po com igo.

Mr. Bingley seguiu o conselho. Mr. Darcy se afastou e os sentim entos de Elizabeth para com ele não perm aneceram m uito cordiais. No entanto, ela contou a história com m uita graça às suas am igas, pois era de espírito alegre e brincalhão e se deleitava com tudo o que era ridículo.

De um m odo geral a noite decorreu agradavelm ente para toda a fam ília. Mrs.

Bennet vira a sua filha m ais velha ser m uito adm irada pelo grupo de Netherfield.

Mr. Bingley tinha dançado duas vezes com ela. E as irm ãs dele a tinham tratado com m uita am abilidade. Jane ficou tão contente quanto a sua m ãe, em bora m anifestasse os seus sentim entos de m aneira m ais discreta. Elizabeth se alegrou com o prazer de Jane. Mary ouvira o seu nom e m encionado por Miss Bingley com o sendo o da m oça m ais dotada da reunião. Katherine e Ly dia tinham tido a sorte de nunca ficarem sem par, a única coisa que elas consideravam im portante num baile. Todos voltaram , pois, de bom hum or para Longbourn, aldeia onde residiam e da qual eram os principais habitantes. Encontraram Mr. Bennet ainda acordado. Com um livro na m ão ele perdia a noção do tem po. Naquele m om ento m anifestou grande curiosidade em saber a causa de tão grande alegria. Antes de sua m ulher sair para o baile, j ulgara que as esperanças dela seriam destruídas, m as verificou logo que a história era m uito diferente.

— Meu caro Mr. Bennet — disse ela, entrando na sala —, tivem os um a noite deliciosa, um baile excelente! Pena é que você não estivesse lá. Jane foi tão adm irada! Nada podia ter acontecido m elhor... Todos disseram que ela estava m uito bonita. Mr. Bingley achou-a linda e dançou duas vezes com ela. Im agine, m eu caro! Dançou com ela duas vezes! Foi a única m oça na sala com quem ele repetiu um a dança. Prim eiro dançou com Miss Lucas. Fiquei desapontada, m as no entanto ele não pareceu m uito entusiasm ado com ela. Aliás ninguém o pode...

Mr. Bingley parecia m uito im pressionado com Jane, ao vê-la dançar com outro rapaz. Foi aí que ele perguntou quem era ela, pediu que o apresentassem e solicitou as duas próxim as danças. Depois dançou com Miss King as duas terceiras, com Maria Lucas as duas quartas, as duas quintas com Jane novam ente, as duas sextas afinal com Lizzy e a Boulanger.

— Se ele tivesse tido qualquer espécie de com paixão por m im — exclam ou o m arido, im paciente —, não teria dançado nem sequer

a m etade! Pelo am or de Deus, não continue a lista dos pares de Mr. Bingley . Antes ele tivesse torcido o pé na prim eira dança.

— Oh, m eu caro — continuou Mrs. Bennet —, fiquei encantada com ele. É um lindo rapaz e as suas irm ãs são encantadoras. Nunca na m inha vida vi nada tão

elegante quanto os vestidos que elas usavam . A renda do vestido de Mrs. Hurst...

Aí foi ela novam ente interrom pida. Mr. Bennet protestou contra qualquer descrição de toilettes. Mrs. Bennet foi então obrigada a procurar outro aspecto do assunto e relatou com m uita acrim ônia e algum exagero as chocantes m alcriações de Mr. Darcy .

— Mas eu lhe asseguro — acrescentou ela —, que Lizzy não perde m uito por não corresponder às preferências deste hom em , pois ele é desagradável, horrível; pouco adianta cativá-lo. Tão orgulhoso e tão convencido que é im possível aturá-lo. Andava de um lado para outro, pensando na sua própria im portância. Não é suficientem ente sim pático para que se tenha prazer em dançar com ele. Queria que você estivesse lá e lhe desse um a das suas respostas. Detesto aquele hom em .

4

Quando Jane e Elizabeth ficaram sozinhas, a prim eira, que anteriorm ente fora m ais discreta nos seus elogios de Mr. Bingley , confessou à sua irm ã quanto o adm irava.

— Ele é exatam ente o que um rapaz deve ser — acrescentou. — Aj uizado, alegre, anim ado. Nunca vi m aneiras tão distintas, tanta espontaneidade e tão boa educação.

— Tam bém é bonito — replicou Elizabeth —, qualidade que um rapaz deve possuir se possível. Assim a sua personalidade se torna com pleta.

— Fiquei m uito lisonj eada por ele m e ter pedido para dançar um a segunda vez.

Não esperava tal galanteio.

— Não? Pois eu o esperava por você. Mas esta é um a das grandes diferenças entre nós. Os galanteios sem pre a surpreendem . A m im , nunca. Nada m ais natural do que ele pedi-la para outra dança. Não podia deixar de reconhecer que você era cinco vezes m ais bonita do que qualquer outra m oça na sala. Não lhe fique grata por isso. Na verdade, ele é m uito agradável, e eu lhe dou licença de gostar dele. Você j á gostou de m uitas pessoas m ais estúpidas.

— Minha querida Lizzy !

— Você bem sabe que tem um a inclinação para gostar em geral das pessoas.

Nunca encontra defeito em ninguém . A seus olhos todos são bons e agradáveis.

Nunca ouvi você falar m al de quem quer que sej a em toda a m inha vida.

— Não desej aria censurar ninguém irrefletidam ente. Mas sem pre digo o que penso.

— Eu sei, e é isso o que m e espanta. Sensata com o você é, deixar-se enganar tão sim ploriam ente pela loucura e pelo absurdo dos outros! A candura afetada é bastante com um ; encontra-se por toda a parte, m as ser cândida sem ostentação ou artifício, ver o lado bom do caráter de todo o m undo, torná-lo ainda m elhor, ignorar o lado m au são coisas que lhe pertencem exclusivam ente. E você gostou tam bém das irm ãs daquele hom em , não é? As m aneiras delas não são tão agradáveis quanto as de Mr. Bingley ...

— Decerto que não. A princípio... Mas são m oças m uito agradáveis quando se conversa com elas. Miss Bingley vai m orar com o irm ão

e dirigir a sua casa; se não m e engano, encontrarem os nela um a excelente vizinha.

Elizabeth nada respondeu, m as não ficou convencida. O com portam ento daquelas m oças durante o baile não fora calculado para agradar a todo o m undo.

Dotada de m aior rapidez de observação do que a irm ã e de m enos docilidade de gênio e possuindo, além disso, um a faculdade de j ulgam ento que nenhum a com placência consigo m esm a obscurecia, Elizabeth se sentia pouco disposta a aceitar aquelas pessoas. Eram de fato m oças distintas; não lhes faltava bom hum or quando estavam contentes, nem o poder de agradar quando o desej avam ;

porém eram orgulhosas e convencidas. Além disso eram bastante bonitas e tinham sido educadas num dos principais colégios particulares de Londres.

Possuíam um a fortuna de vinte m il libras, costum avam gastar m ais do que deviam e associar-se com pessoas de classe: tinham portanto as aptidões necessárias para pensar bem de si m esm as e m ediocrem ente dos outros.

Provinham de um a fam ília respeitável do Norte da Inglaterra; coisa que guardavam m ais profundam ente im pressa em sua m em ória do que o fato de sua fortuna, bem com o a do irm ão, terem sido adquiridas no com ércio.

Mr. Bingley herdara do pai um a fortuna calculada em cem m il libras. Este tencionara com prar um a propriedade, m as m orrera antes de realizar o seu proj eto. Mr. Bingley alim entava a m esm a ideia e às vezes escolhia o seu condado; m as com o dispunha agora de um a boa propriedade e da liberdade de um a casa senhorial, m uitos daqueles que lhe conheciam o gênio acom odatício desconfiavam de que acabasse o resto dos seus dias em Netherfield, incum bindo da com pra a próxim a geração.

Suas irm ãs estavam ansiosas para que ele possuísse um dom ínio particular; no entanto, em bora Mr. Bingley estivesse agora estabelecido apenas com o locatário, Miss Bingley de m odo algum se recusava a presidir a sua m esa; e Mrs. Hurst, que se tinha casado m ais pela im portância social do que pela fortuna do m arido, não se encontrava m enos disposta a considerar a casa do irm ão com o a sua própria, desde que a m esm a lhe conviesse. Havia apenas dois anos que Mr.

Bingley atingira a m aioridade, quando, devido a um a recom endação ocasional, se sentira tentado a visitar Netherfield House. E de fato a visitou durante m eia hora, ficando satisfeito com a situação e os quartos principais, ouviu os elogios da proprietária e alugou-a im ediatam ente. Entre ele e Darcy havia um a am izade m uito firm e, apesar dos seus caracteres serem opostos. Bingley era caro a Darcy pela doçura, franqueza e m aleabilidade do seu gênio, em bora essas qualidades contrastassem de m odo absoluto com as suas, e Darcy não parecesse nada descontente com as que lhe tinham cabido por sorte. Bingley confiava cegam ente na força dos sentim entos de Darcy , e tinha a m ais alta opinião das suas ideias. Em inteligência Darcy era superior. Bingley não era de m odo nenhum deficiente em força m ental, m as Darcy era m ais vivo. Era ao m esm o tem po altivo, reservado, desdenhoso, e suas m aneiras, apesar de bem -educado, eram pouco convidativas. A esse respeito, o seu am igo levava grande vantagem : Bingley tinha a certeza de agradar, onde quer que aparecesse. Darcy estava sem pre ofendendo os outros.

A m aneira pela qual eles se referiam ao baile de Mery ton era bastante característica. Bingley dizia que nunca encontrara gente m ais agradável, nem m oças m ais bonitas em toda a sua vida. Todos tinham sido am áveis e atenciosos com ele; não tinha havido form alidade nem friezas e sentira-se logo à vontade com todos na sala; quanto a Miss Bennet não podia conceber que um anj o fosse

m ais belo. Darcy , ao contrário, afirm ava que havia assistido a um a reunião em que não havia beleza nem elegância; não sentira o m

enor interesse por nenhum a pessoa e tam pouco recebera a atenção de alguém . Reconhecia que Miss Bennet era bonita, em bora sorrisse dem ais. Mrs. Hurst e a sua irm ã concordaram com isto. Mas ainda assim adm iravam Miss Bennet e declararam que era um a m oça encantadora e que não se oporiam a entrar em relações m ais estreitas com ela.

Ficou estabelecido portanto que Miss Bennet era um a m oça encantadora e Bingley se sentiu autorizado com esses elogios a pensar nela da form a que m ais desej asse.

5

A pouca distância de Longbourn, vivia um a fam ília com que os Bennet m antinham relações particularm ente íntim as. Sir William Lucas fora antigam ente com erciante em Mery ton, onde acum ulara um a fortuna regular e onde, tam bém , fora agraciado pelo rei com um título de cavaleiro, enquanto exercia as funções de prefeito. A honra fora talvez dem asiadam ente apreciada.

Ela lhe inspirara um a repulsa pelo seu negócio e pela pequena cidade com ercial em que habitava. Abandonando as duas coisas, m udou-se com a fam ília para um a casa situada a m ais ou m enos um a m ilha de Mery ton, lugar que depois ficou sendo cham ado “Lucas Lodge”, onde podia pensar com prazer na sua própria im portância e, livre dos negócios, dedicar-se inteiram ente à sociedade.

Em bora orgulhoso da sua posição, esta não o tornou desdenhoso; ao contrário, Sir William era todo atenção para os outros. Por natureza inofensivo, am ável e prestativo, a sua apresentação em St. Jam es o tornara polido e cortês.

Lady Lucas era um a m ulher de bons sentim entos, cuj a inteligência não era dem asiadam ente brilhante para im pedir que fosse um a vizinha preciosa para Mrs. Bennet. Tinha vários filhos. A m ais velha de todos, um a m oça aj uizada e inteligente, de cerca de 27 anos, era a am iga m ais íntim a de Elizabeth.

Era absolutam ente necessário que Mrs. Lucas e Mrs. Bennet se encontrassem para discutir um baile a que tivessem com parecido. E na m anhã seguinte, Mrs.

Lucas e sua filha se dirigiram para Longbourn, a fim de trocar im pressões.

— Você com eçou bem a noite, Charlotte — disse Mrs. Bingley para Miss Lucas.

— Foi a prim eira que Mr. Bingley escolheu para dançar.

— Sim , m as ele pareceu gostar m ais do segundo par.

— Oh, você se refere a Jane, suponho eu, porque Mr. Bingley dançou com ela duas vezes? Isto decerto leva a crer que ele a achou interessante. Aliás estou certa de que este foi o caso. Ouvi falar a respeito disso, m as não m e lem bro exatam ente o que foi — qualquer coisa sobre Mr. Robinson.

— Talvez a senhora se refira ao que eu ouvi num a conversa entre ele e Mr.

Robinson: j á não lhe contei isto? Mr. Robinson perguntou o que ele achava do baile de Mery ton, se não achava que havia grande núm ero de m ulheres bonitas na sala. E perguntou tam bém qual era a que ele achava m ais bonita. Mr. Bingley respondeu im ediatam ente: “oh, a m ais velha das irm ãs Bennet, sem dúvida. Não pode haver duas opiniões a este respeito.”

— Palavra de honra — bem , a resposta foi de fato m uito pronta — parece até que... No entanto tudo pode dar em nada, você sabe.

— Você é que não ouviu conversas tão agradáveis, Eliza — disse Charlotte. — As palavras de Mr. Darcy não foram tão am áveis quanto as de seu am igo, não é?

Pobre Eliza! Ser j ulgada apenas tolerável...

— Peço-lhe que não incite Lizzy a ficar ressentida com a grosseria de Mr.

Darcy , pois é um hom em tão desagradável que seria um a infelicidade ser cortej ada por ele. Mrs. Long m e disse ontem que ele ficou sentado ao seu lado durante m eia hora sem abrir a boca um a só vez.

— A senhora tem certeza? Não haverá aí um pequeno engano? — indagou Jane.

— Estou certa que vi Mr. Darcy falando com ela.

— Sim , porque ela perguntou afinal se gostava de Netherfield e ele não teve outro rem édio se não responder. Mas Mrs. Long disse que ele ficou m uito aborrecido porque lhe dirigira a palavra.

— Miss Bingley m e disse — com entou Jane — que ele é m uito calado, exceto com as pessoas m ais íntim as. Com estas m ostra-se notavelm ente agradável.

— Não acredito num a só palavra. Se fosse assim tão agradável, teria conversado com Mrs. Long. Mas eu com preendo tudo; todo m undo diz que ele é terrivelm ente orgulhoso, e com certeza ouviu dizer que Mrs. Long não tem carruagem e que teve de ir ao baile num carro alugado.

— Pouco m e im porta que ele não tenha conversado com Mrs. Long — disse Miss Lucas —, m as eu queria que tivesse dançado com Eliza.

— Se eu fosse você, Lizzy — disse a m ãe —, na próxim a vez m e recusaria a dançar com ele.

— Creio que posso lhe prom eter com segurança que nunca m ais dançarei.

— O seu orgulho não m e ofende tanto — disse Miss Lucas — com o o orgulho em geral, porque existe um m otivo para ele. Não é de adm irar que um rapaz tão distinto, com fam ília, fortuna, tudo a seu favor, tenha de si m esm o um a alta opinião. Se posso exprim ir-m e assim , ele tem o direito de ser orgulhoso.

— Isto é bem verdade — replicou Elizabeth —, e eu perdoaria facilm ente o seu orgulho se Mr. Darcy não tivesse m ortificado o m eu.

— O orgulho — observou Mary , que se gabava da solidez das suas reflexões — é um defeito m uito com um , creio eu. Por tudo o que tenho lido, estou m esm o convencida de que é m uito com um , que a natureza hum ana m anifesta um a tendência m uito acentuada para o orgulho, que são pouquíssim os os que não alim entam esse sentim ento, fundados nalgum a qualidade real ou im aginária! A vaidade e o orgulho são coisas diferentes, em bora as palavras sej am frequentem ente usadas com o sinônim os. Um a pessoa pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. O orgulho se relaciona m ais com a opinião que tem os de nós m esm os, a vaidade com o que desej aríam os que os outros pensassem de nós.

— Se eu fosse tão rico quanto Mr. Darcy — gritou um j ovem Lucas, que tinha vindo com as suas irm ãs — não m e im portaria de ser orgulhoso, teria um a m atilha de perdigueiros e beberia um a garrafa de vinho todos os dias.

— Nesse caso você beberia m uito m ais do que deveria — disse Mrs. Bennet. —

E se eu o visse ocupado desse m odo, arrebatar-lhe-ia a garrafa im ediatam ente.

O m enino contestou que ela fizesse tal coisa. Mrs. Bennet continuou a declarar que o faria e a discussão só term inou com a visita.

6

As senhoras de Longbourn breve foram visitar as de Netherfield. A visita foi paga segundo a etiqueta. As m aneiras agradáveis de Miss Bennet increm entaram a boa vontade de Mrs. Hurst e Miss Bingley ; e em bora a m ãe fosse j ulgada intolerável e as irm ãs m ais m oças indignas de atenção, as irm ãs de Mr. Bingley m anifestaram desej o de estreitar relações com as duas filhas m ais velhas dos Bennet. Jane recebeu esta atenção com o m aior prazer, porém Elizabeth continuou a achar desdenhosa a m aneira pela qual elas tratavam todo o m undo, sem excetuar m esm o a sua irm ã e não conseguiu sim patizar com essas pessoas.

A am abilidade com que tratavam Jane se originava provavelm ente na influência que a adm iração de Mr. Bingley exercia sobre as duas irm ãs. Era evidente, sem pre que se encontravam , que ele de fato adm irava Miss Bennet e para Elizabeth era igualm ente evidente que Jane cedia à preferência que Mr. Bingley com eçara a m anifestar por ela desde o início, e que devia estar de certo m odo m uito apaixonada. Elizabeth refletia, com prazer, que não era provável que alguém o descobrisse, pois Jane unia um a grande força de sentim entos a um a discrição de gênio e a um a disposição uniform em ente alegre que a preservaria da suspeita de pessoas im pertinentes. Ela fez essas reflexões à sua am iga Miss Lucas.

— Deve ser talvez agradável — replicou Charlotte — poder enganar o público em tais casos, m as às vezes é desvantaj oso ser tão reservada. Se um a m ulher esconde a sua afeição com igual habilidade àquele que constitui o obj eto dessa afeição, pode perder a oportunidade de conquistá-lo. E neste caso é um parco consolo refletir que os outros perm anecem na m esm a ignorância. Existe tanta gratidão e vaidade em quase todas as afeições que é perigoso abandoná-las à sua sorte — todos podem os com eçar livrem ente, um a ligeira preferência é bastante natural, m as são poucos os que têm o coração bastante firm e para am ar sem receber algum a coisa em troca. Em noventa por cento dos casos, um a m ulher deve m ostrar m ais afeição do que a que ela realm ente sente. É evidente que Bingley gosta da sua irm ã, m as ele pode nunca passar disto se ela não o auxiliar.

— Mas Jane o auxilia tanto quanto a sua natureza o perm ite. Se eu posso perceber a preferência que ela tem por ele, Bingley seria um hom em bem sim plório se não o descobrisse tam bém .

— Lem bre-se, Lizzy , de que ele não conhece o tem peram ento de Jane com o você.

— Mas se um a m ulher m anifesta preferência por um hom em e não se esforça por encobrir os seus sentim entos, ele acabará sabendo.

— Talvez acabe se a vir frequentem ente. Mas em bora Bingley e Jane se encontrem bastante frequentem ente, nunca estão m uitas horas j untos. E com o sem pre se veem no m eio de m uitas outras pessoas, é im possível que estej am a

cada m om ento conversando um com o outro. Jane, portanto, devia tirar o m aior partido de cada m eia hora em que pode dispor da atenção de Bingley . Quando estiver certa dele, haverá tem po bastante para se apaixonar tanto quanto ela o desej a.

— Seu plano é bom — replicou Elizabeth — quando está em j ogo apenas o desej o de se casar bem ; e se eu estivesse decidida a arranj ar um m arido rico, ou um m arido qualquer, seria este o plano que adotaria. Mas estes não são os sentim entos de Jane; ela não está agindo por plano. Por enquanto não tem certeza nem m esm o do grau da sua afeição e nem está segura de que sej a um a coisa razoável. Há 15 dias apenas que o conhece. Dançou quatro vezes com ele em Mery ton e viu-o um a vez na sua própria casa. Além disso, j antou com ele em com panhia de outras pessoas quatro vezes. Não é bastante para form ar j uízo acerca do seu caráter.

— Não com o você conta as coisas. Se tivesse apenas j antado com Bingley , poderia som ente ter descoberto se ele tem bom apetite; m as você deve se lem brar que durante quatro noites seguidas eles estiveram j untos — quatro noites podem levar m uito longe.

— Sim , essas quatro noites lhes perm itiram verificar que am bos preferem o vingt et un ao “j ogo do com ércio” — m as não creio que tenham conseguido descobrir m uita coisa a respeito de outras características im portantes das suas pessoas.

— Bem — disse Charlotte —, desej o a Jane, de todo o coração, o m ais com pleto êxito; e creio que, se se casasse com ele am anhã, teria tanta probabilidade de ser feliz com o se passasse um ano a estudar-lhe o caráter. A felicidade no casam ento é apenas um a questão de sorte. Mesm o que os noivos conheçam m utuam ente as suas tendências, m esm o que essas tendências sej am sem elhantes, isto em nada contribui para a sua felicidade posterior. As diferenças, que se acentuam com o tem po, são sem pre suficientes para que se venha a sofrer o seu quinhão de am argura; é m elhor conhecer o m enos possível os defeitos da pessoa com a qual tem os de passar a vida.

— Você m e faz rir, Charlotte; m as a sua teoria não é sensata. Você sabe que ela não o é e que você nunca adotaria pessoalm ente esses princípios!

Ocupada em observar as atenções de Mr. Bingley para com a sua irm ã, Elizabeth estava longe de suspeitar que estava se tornando o obj eto de algum interesse aos olhos do am igo de Mr. Bingley . A princípio, Mr. Darcy nem sequer tinha concordado com os que achavam que ela era bonita. Olhara-a no baile sem adm iração. E da outra vez em que se encontraram , fitara a m oça apenas para criticá-la. Mas logo que declarara a si m esm o e aos am igos que Elizabeth não possuía um só traço agradável no rosto, com eçou a achar que a bela expressão dos seus olhos negros dava àquele rosto um ar excepcionalm ente inteligente. A esta descoberta sucederam outras igualm ente hum ilhantes. Em bora o seu olhar crítico houvesse descoberto m ais de um defeito na sim etria das suas form as, foi

forçado a reconhecer que as linhas do seu corpo eram de grande pureza; e apesar da sua afirm ação de que as m aneiras dela não eram as do m undo elegante, sentiu-se fascinado pela sua

encantadora naturalidade. Elizabeth ignorava tudo isto; a seus olhos Mr. Darcy era apenas o hom em que não sabia ser agradável em parte algum a e que não a achara suficientem ente elegante para dançar com ele. Com eçou a querer conhecê-la m ais intim am ente e, para conseguir conversar pessoalm ente com Elizabeth, com eçou a interessar-se pela palestra dela com os outros. Essa sua atitude atraiu a atenção de Elizabeth. O fato se passou em casa de Sir William Lucas, onde grande núm ero de pessoas estavam reunidas.

— Que m otivo levou Mr. Darcy — perguntou Elizabeth a Charlotte — a vir escutar a m inha conversa com o coronel Forster?

— Esta é um a pergunta que som ente Mr. Darcy poderá responder.

— Mas se continua com este j ogo, eu lhe farei certam ente saber que estou percebendo o que quer com isto. Ele é m uito sarcástico e se eu não com eçar a ser im pertinente tam bém , dentro em pouco terei m edo dele.

Quando Mr. Darcy se aproxim ou pouco depois, em bora sem a intenção aparente de lhes falar, Miss Lucas desafiou a am iga a m encionar diante dele o assunto que estavam discutindo. Aceitando a provocação, Elizabeth se virou para ele e disse:

— O senhor não acha, Mr. Darcy , que ainda agora eu m e exprim i com grande felicidade? Quando eu brinquei com o coronel Forster sobre a possibilidade de ele oferecer-nos um baile em Mery ton?

— Com grande energia. Mas este é um assunto que sem pre infunde energia a um a senhora.

— O senhor nos trata com severidade.

— Breve vai chegar a vez de brincarem com ela — disse Miss Lucas. — Eu vou abrir o piano, Eliza, e você sabe o que lhe espera.

— Você é um a estranha am iga; sem pre querendo que eu toque e cante diante de todo m undo. Se a m inha vaidade tivesse tendência m usical, você seria preciosa, m as com o este não é o caso, eu preferia não m e exibir diante de pessoas que estão habituadas a ouvir os m elhores concertistas.

E com o Miss Lucas insistisse, ela acrescentou:

— Muito bem . Se não há outro j eito...

E olhando gravem ente para Mr. Darcy continuou:

— Há um velho provérbio que todos aqui naturalm ente conhecem : “Guarde o seu sopro para esfriar o seu caldo”, eu conservarei o m eu para cantar.

A sua atuação com o cantora foi agradável, em bora de nenhum m odo excepcional. Depois de um a ou duas canções, e antes que ela pudesse responder aos pedidos de várias pessoas que queriam ouvi-la novam ente, Elizabeth teve de ceder o lugar à sua irm ã Mary , que esperava com im paciência, pois, faltando-lhe todos os atrativos, estudara com grande aplicação e estava portanto sem pre

pronta a exibir-se.

Mary não tinha talento, nem gosto. Em bora a vaidade lhe tivesse dado perseverança, dera-lhe igualm ente um ar pedante e m aneiras convencidas, coisas suficientes para obscurecer triunfos m aiores do que aqueles que era capaz de alcançar.

Em bora não tocasse tão bem , Elizabeth agradara m uito m ais, graças à sua naturalidade; e Mary , depois de um longo concerto, pôde considerar-se feliz por alcançar alguns elogios, graças a algum as canções escocesas e irlandesas que executou a pedido das suas irm ãs m ais m oças, que na outra extrem idade do salão tinham entrado evidentem ente na dança, com alguns dos Lucas e dois ou três oficiais.

Mr. Darcy ficou próxim o a eles, cheio de silenciosa indignação, diante de um a m aneira tão grosseira de passar a noite, im possibilitando toda conversação.

Estava tão absorto nos seus pensam entos que só reparou que Sir William se tinha aproxim ado dele no m om ento em que este com eçou a falar:

— Que divertim ento encantador para os j ovens, Mr. Darcy ! Não há nada com o a dança. Eu a considero um a das form as m ais requintadas de divertim ento das sociedades cultas.

— Decerto, Sir William ; e a dança tem tam bém a vantagem de estar em m oda entre sociedades m enos requintadas do m undo. Todos os selvagens sabem dançar.

Sir William apenas sorriu.

— Seu am igo dança m uito bem — continuou, depois de um a ligeira pausa, ao ver Bingley reunir-se ao grupo dos que dançavam —; e eu duvido de que o senhor sej a um adepto dessa arte, Mr. Darcy .

— O senhor deve ter-m e visto dançar em Mery ton.

— É verdade. E tive grande prazer. O senhor dança frequentem ente em St.

Jam es?

— Nunca, Sir William .

— Não acha que seria um a hom enagem digna daquele lugar?

— É um a hom enagem que eu não concedo a nenhum lugar, se puder evitar.

— O senhor tem um a casa em Londres, não é assim ?

Mr. Darcy se inclinou.

— Já tive proj etos de m e fixar tam bém na cidade — prosseguiu Sir William —, pois aprecio m uito a sociedade. Mas tive receio de que o ar de Londres não conviesse a Lady Lucas.

Ele se deteve, com a esperança de que o outro lhe respondesse. Mas o seu com panheiro não estava disposto a isto. E com o Elizabeth se aproxim asse naquele instante, Sir William pensou praticar um ato m uito galante cham ando-a.

— Minha cara Eliza, por que não está dançando? — Mr. Darcy , perm ita-m e apresentar-lhe esta j ovem senhora com o um par bastante desej ável. O senhor,

estou certo, não poderá se recusar a dançar, quando se encontra ante tão grande beleza...

E tom ando a m ão de Elizabeth, Sir William a teria dado a Mr. Darcy , que em bora extrem am ente surpreso não se teria recusado a aceitá-la, quando a m oça recuou subitam ente e disse um pouco bruscam ente para Sir William :

— Sir William , não tenho a m enor intenção de dançar. Suplico-lhe que não suponha que m e dirigi para este lado a fim de arranj ar um par.

Mr. Darcy , com grande am abilidade, pediu-lhe que lhe concedesse a honra da sua m ão; pediu em vão. Elizabeth estava decidida; Sir William tam pouco conseguiu abalar a sua decisão, com a sua tentativa de persuadi-la:

— A senhora dança tão bem , Miss Eliza, que seria cruel negar-m e a felicidade de apreciá-la; e em bora esse gentlem an não aprecie esse divertim ento, em geral, não fará nenhum a obj eção, estou certo.

— Mr. Darcy é m uito am ável — disse Elizabeth, sorrindo.

— De fato; m as considerando a tentação, m inha cara Miss Eliza, não podem os surpreender-nos de que ele se m ostre disposto, pois quem faria obj eção a um par com o a senhora?

Elizabeth lançou-lhe um olhar m alicioso e virou-se. A sua resistência não ofendera Mr. Darcy ; pelo contrário, ele estava pensando na m oça com certa com placência, quando foi abordado por Miss Bingley .

— Creio que conheço o obj eto do seu devaneio.

— Penso que não.

— O senhor está pensando com o seria insuportável passar m uitas noites deste m odo, num a sociedade com o esta. Aliás, estou de acordo com o senhor. Nunca m e aborreci tanto! A insipidez, apesar deste barulho, a futilidade, apesar do ar de im portância de toda esta gente. O que eu não daria para ouvi-lo falar com severidade...

— Asseguro-lhe que a sua conj etura é inteiram ente falsa. Estava pensando em coisas m uito m ais agradáveis. Estive m editando no prazer que nos pode dar um par de belos olhos no rosto bonito de um a m ulher.

Miss Bingley im ediatam ente fixou o seu olhar no rosto de Mr. Darcy , e exprim iu o desej o de que ele dissesse o nom e da senhora que lhe inspirara tais reflexões.

Mr. Darcy respondeu intrepidam ente:

— Miss Elizabeth Bennet.

— Miss Elizabeth Bennet! — repetiu Miss Bingley . — Estou assom brada. Desde quando Miss Elizabeth se tornou a sua favorita? Quando lhe poderei desej ar felicidades?

— Esta é exatam ente a pergunta que esperava da sua parte. A im aginação das m ulheres é m uito veloz. Salta da adm iração para o

am or. Do am or para o casam ento, num instante. Sabia que ia m e desej ar felicidades.

— Se fala tão seriam ente, considerarei o assunto absolutam ente decidido. Terá

um a encantadora sogra e naturalm ente ela há de estar sem pre em Pem berley consigo.

E enquanto ela se divertia desse m odo, Mr. Darcy a ouvia com perfeita indiferença; e com o a sua tranquilidade a convencesse de que nada estava perdido, Miss Bingley deu livre curso à sua ironia.

7

A fortuna de Mr. Bennet consistia quase que exclusivam ente num a propriedade que lhe rendia duas m il libras por ano. Infelizm ente para as suas filhas, esta propriedade estava legada a um parente distante, pois não havia herdeiros m asculinos diretos; e a fortuna da sua m ãe, em bora suficiente para a sua situação na vida, m al bastava para suprir as deficiências da fortuna de seu pai. O pai de Mrs. Bennet tinha sido um advogado em Mery ton e lhe deixara quatro m il libras.

Ela tinha um a irm ã casada com um certo Mr. Philips, que fora em pregado de seu pai e lhe sucedera no negócio. Tinha igualm ente um irm ão estabelecido em Londres com um respeitável ram o de com ércio.

A aldeia de Longbourn distava apenas um a m ilha de Mery ton. Essa distância convinha perfeitam ente às m oças, que gostavam m uito de passear nesta últim a localidade, três ou quatro vezes por sem ana, para visitar a tia e a loj a de um a m odista, que ficava situada no cam inho. As m ais j ovens da fam ília, Katherine e Ly dia, eram as que m ais frequentem ente faziam aquele traj eto; tinham m enos coisas que as preocupassem e quando nada m ais interessante se oferecia, necessitavam de um a cam inhada até Mery ton, a fim de preencher as horas da m anhã e fornecer assunto

para as conversações da noite. E por m ais insuficientes que fossem as novidades que encontrassem pelo cam inho, conseguiam sem pre extrair algum as da sua tia. Presentem ente, aliás, elas se encontravam bem -

supridas, quer de notícias, quer de felicidade, graças à chegada recente de um regim ento da m ilícia. O regim ento deveria perm anecer em Mery ton durante todo o inverno, e lá estava a sede do com ando. As visitas das m eninas a Mrs.

Philips eram agora bem divertidas. Cada dia acrescentava novas inform ações ao que j á sabiam acerca dos nom es dos oficiais e das suas relações. O lugar onde esses oficiais residiam não perm aneceu m uito tem po em segredo. E, finalm ente, elas com eçaram a travar conhecim ento com os próprios oficiais. Mr. Philips os visitou a todos e isto abriu para as suas sobrinhas as portas de um a felicidade até então desconhecida.

Não falavam de outro assunto; e a grande fortuna de Mr. Bingley , tem a que invariavelm ente despertava um a grande anim ação no m eio das m oças, era indiferente aos olhos de Katherine e de Ly dia, perto dos assuntos que se referissem ao regim ento.

Depois de ouvir, certa m anhã, as suas efusivas discussões sobre isso, Mr. Bennet observou, friam ente:

— Pelo que eu deduzo das suas conversas, vocês devem ser duas das m oças m ais tolas do país. Já o suspeitava, m as agora estou convencido.

Katherine ficou em baraçada e não deu resposta; m as Ly dia, com perfeita indiferença, continuou a exprim ir a adm iração que sentia pelo capitão Carter e a esperança que tinha de vê-lo ainda naquele dia, pois ele devia partir para Londres

na m anhã seguinte...

— Espanta-m e, m eu caro — disse Mrs. Bennet —, a facilidade com que você diz que as suas próprias filhas são tolas. Se eu quisesse m enoscabar os filhos de algum a pessoa, não escolheria decerto os m eus.

— Se m inhas filhas são tolas, espero nunca m e iludir a este respeito.

— Sim , m as acontece que todas são m uito inteligentes.

— Este é o único ponto — e disto eu m e gabo — sobre o qual não estam os de acordo. Eu tinha tido esperança de que os nossos sentim entos coincidissem em tudo, porém , sou obrigado a diferir de você neste ponto. Acho que as nossas duas filhas m ais m oças são excepcionalm ente tolas...

— Meu caro Mr. Bennet, você não deve esperar que as m eninas tenham o m esm o j uízo que o pai e a m ãe. Quando elas atingirem a nossa idade, eu lhe asseguro que não pensarão m ais em oficiais. Lem bro-m e do tem po em que eu gostava tam bém de um a túnica verm elha e, aliás, no fundo do coração, ainda gosto. E se algum j ovem coronel com cinco ou seis m il libras por ano pedir um a das m inhas filhas, eu não lha recusarei; achei o coronel Forster m uito distinto no seu uniform e, no dia em que estive na casa de Sir William .

Não é? — gritou Ly dia. — Minha tia contou que o coronel Forster e o capitão Carter não estão m ais indo tão frequentem ente em casa de Miss Watson, com o o faziam logo depois que chegaram . Minha tia os vê agora frequentem ente na livraria do Clarke.

A entrada de um criado que trazia um bilhete para Miss Jane im pediu que Mrs.

Bennet respondesse. O bilhete vinha de Netherfield, e o criado esperava um a resposta. Os olhos de Mrs. Bennet brilhavam de prazer e ela perguntava repetidam ente, enquanto sua filha lia:

— Bem , Jane, de quem é o bilhete? De que se trata? Que é que diz o bilhete?

Vam os, Jane, leia depressa e nos conte. Depressa, m eu bem .

— É de Miss Bingley — respondeu Jane.

Em seguida leu a m issiva, em voz alta:

Minha cara am iga: se você não tiver pena de nós e não vier j antar com igo e com Louisa hoj e à noite, correrem os o risco de nos odiarm os pelo resto da vida, pois duas m ulheres não podem passar um dia inteiro em tête-à-tête sem brigar.

Venha assim que tiver recebido o presente bilhete. Meu irm ão e os outros senhores vão j antar com os oficiais. Sua am iga de sem pre, Caroline Bingley .

— Com os oficiais! — gritou Ly dia. — Por que será que a m inha tia não nos disse isto?

— Vão j antar fora —, disse Mrs. Bennet —; isto é realm ente um a pena.

— Posso usar a carruagem ? — perguntou Jane.

— Não, m eu bem , é m elhor você ir a cavalo, pois parece que vai chover; e neste caso você terá que pernoitar lá.

— Seria um bom plano — disse Elizabeth — se a senhora tivesse a certeza de que eles não se ofereceriam para acom panhá-la de volta.

— Oh, m as os cavalheiros terão que usar a carruagem de Mr. Bingley para ir até Mery ton; e os Hursts não possuem cavalo para a sua.

— Eu preferia ir de carro.

— Mas, m eu bem , seu pai não pode dispensar os cavalos. Eles são necessários para o serviço da fazenda, não são, Mr. Bennet?

— Eles são precisos para a fazenda m uito m ais vezes do que consigo obtê-los.

— Mas se precisar hoj e — disse Elizabeth — o proj eto de m inha m ãe estará realizado.

E ela conseguiu afinal extorquir do pai um atestado de que os cavalos estavam ocupados. Jane foi obrigada a ir a cavalo e sua m ãe a acom panhou até a porta, com m uitos prognósticos alegres de m au tem po. Suas esperanças foram correspondidas. Não havia m uito que Jane tinha partido quando com eçou a chover fortem ente. Suas irm ãs ficaram inquietas por Jane, m as a m ãe ficou radiante. A chuva continuou toda a noite sem parar. Jane decerto não podia voltar.

— Foi um a feliz ideia que eu tive — disse Mrs. Bennet m ais de um a vez, com o se lhe coubesse tam bém a glória de ter feito chover. Entretanto, foi só na m anhã seguinte que com preendeu até que ponto o seu plano tinha sido feliz. Mal term inara o café da m anhã, quando o criado de Netherfield trouxe o seguinte bilhete para Elizabeth:

Minha querida Lizzy : Sinto-m e m uito indisposta esta m anhã, e creio que isto é devido ao fato de ter m e m olhado m uito ontem à noite. Meus am igos se recusam a deixar-m e partir enquanto não estej a m elhor. Insistem tam bém para que eu cham e Mr. Jones. Portanto, não se alarm em se ouvirem contar que ele veio verm e. E a não ser dor de garganta e dor de cabeça, não tenho nada de m ais. Sua, etc.

— Bem , m inha cara m ulher — disse Mr. Bennet, depois que Elizabeth acabou de ler o bilhete em voz alta —, se a sua filha caísse gravem ente doente, se m orresse, seria um conforto saber que foi tudo para conquistar Mr. Bingley e por ordem sua.

— Oh, não tenho m edo que ela m orra. Ninguém m orre de um pequeno resfriado. Ela será bem -tratada. Enquanto estiver lá, tudo vai m uito bem . Eu iria vê-la se pudesse usar a carruagem .

Elizabeth, sentindo-se realm ente ansiosa, tinha decidido ir ver a irm ã, em bora a carruagem não pudesse ser usada. Mas com o não sabia m ontar, a única alternativa era ir a pé.

— Que tolice — gritou a m ãe —, ir a pé com toda esta lam a! Você chegará lá num estado lam entável.

— Chegarei lá em estado de ver Jane e isto é tudo o que desej o.

— Isto é um a indireta para m im — falou o pai —, para que eu m ande buscar os cavalos?

— Não, de nenhum m odo. Não m e im porto de ir a pé. A distância é curta quando se tem um bom m otivo; apenas três m ilhas. Estarei de volta para o j antar.

— Adm iro a atividade da sua benevolência — observou Mary . — Mas cada im pulso ou sentim ento devia ser guiado pela razão. E no seu m odo de ver as coisas, o esforço devia sem pre ser relativo ao fim que a gente se propõe alcançar.

— Irem os j untas com você até Mery ton — disseram Katherine e Ly dia.

Elizabeth aceitou a com panhia e as três m oças partiram j untas.

— Se andarm os m ais depressa — disse Ly dia enquanto cam inhava —, talvez ainda cheguem os a tem po de ver o capitão Carter antes da sua partida.

Em Mery ton as m oças se separaram . As duas m ais j ovens se dirigiram para a residência da esposa de um dos oficiais e Elizabeth continuou a andar sozinha, atravessando cam po após cam po, pulando cercas e saltando por sobre poças d’água, com im

paciência, e afinal encontrou-se a pouca distância da casa, com os tornozelos doídos, as m eias suj as e o rosto corado pelo exercício.

Foi introduzida num a sala de alm oço onde todos estavam reunidos com exceção de Jane. O seu aparecim ento causou bastante surpresa. Mrs. Hurst e Miss Bingley acharam incrível que ela tivesse cam inhado três m ilhas tão cedo, com tanta um idade e sozinha; e Elizabeth ficou convencida que elas a desprezaram por isto.

Receberam -na, entretanto, m uito am avelm ente. Quanto ao irm ão dessas senhoras, havia nas suas m aneiras m ais do que sim ples polidez; havia bom hum or e bondade. Mr. Darcy falou m uito pouco e Mr. Hurst não disse nada. O prim eiro estava em dúvida sobre se devia adm irar as belas cores que o exercício em prestara ao rosto da m oça ou se refletir que o m otivo talvez não j ustificasse a sua vinda sozinha, de tão longe. O segundo pensava apenas no seu café da m anhã.

As perguntas que Elizabeth fez a respeito da sua irm ã não foram favoravelm ente respondidas. Miss Bennet tinha dorm ido m al, e em bora estivesse de pé, sentia-se m uito febril e não podia sair do quarto. Elizabeth disse que gostaria de vê-la im ediatam ente; e Jane, a quem apenas o m edo de causar incôm odo e de produzir inquietude im pedira de exprim ir no seu bilhete o quanto ansiava por um a visita, ficou encantada ao ver a irm ã entrar. Não estava entretanto em estado de conversar m uito e quando Miss Bingley as deixou, j untas, Jane pouco m ais pôde exprim ir além da gratidão que sentia pela extraordinária bondade com que era tratada. Elizabeth a ouviu em silêncio.

Depois que o café da m anhã estava term inado, as irm ãs de Mr. Bingley

entraram no quarto; e Elizabeth com eçou a sim patizar com elas quando viu com quanta afeição e solicitude tratavam Jane. O farm acêutico veio e, tendo exam inado a paciente, disse, com o era de supor, que ela tinha apanhado um violento resfriado, e que necessitava de tratam ento. Aconselhou que voltasse para a cam a

e prom eteu que lhe enviaria rem édios. O conselho foi seguido, pois os sintom as da febre se agravaram , bem com o a dor de cabeça. Elizabeth não saiu nem um a só vez do quarto; nem as outras senhoras tam pouco ficaram m uito tem po ausentes: com o os cavalheiros estivessem fora, não tinham de fato outra coisa a fazer. Quando o relógio bateu três horas, Elizabeth sentiu que devia partir.

E m uito contra a sua vontade, disse o que sentia. Miss Bingley lhe ofereceu a carruagem , e ela estava quase aceitando, quando Jane se m ostrou tão pouco disposta a separar-se da irm ã que Miss Bingley foi obrigada a converter a oferta da carruagem num convite para pernoitar em Netherfield. Elizabeth consentiu com gratidão e um criado foi m andado a Longbourn a fim de prevenir a fam ília e trazer de volta um sortim ento de roupas.

8

Às cinco horas, as duas senhoras se retiraram para vestir-se e às seis e m eia Elizabeth foi cham ada para j antar. Às am áveis perguntas com que a cum ularam , entre as quais teve o prazer de distinguir a solicitude m uito superior de Mr.

Bingley , não pôde ela dar um a resposta m uito favorável. Jane não estava nada m elhor. As irm ãs, ouvindo isto, repetiram três ou quatro vezes que sentiam m uito e que era bastante desagradável resfriar-se, e que detestavam ficar doentes. E

depois não pensaram m ais no assunto. A indiferença que m anifestaram para com Jane, longe da sua presença im ediata, restituiu a Elizabeth o prazer de detestá-las com o antigam ente.

Mr. Bingley era aliás o único do grupo que ela podia olhar com algum a com placência. O seu cuidado com Jane era evidente. As atenções com que cum ulava Elizabeth eram bastante agradáveis. E essas atenções a im pediam de sentir-se com o a intrusa que a seu ver as outras pessoas a consideravam . E a não ser de Mr. Bingley não recebeu atenções de m ais ninguém : Miss Bingley estava

fascinada por Mr. Darcy , sua irm ã pouco m enos do que ela e, quanto a Mr.

Hurst, que Elizabeth tinha a seu lado, era um hom em indolente, que vivia apenas para com er, beber e j ogar cartas; quando ele verificou que Elizabeth preferia um prato m ais sim ples a um ragout, perdeu toda vontade de conversar com ela.

Depois do j antar Elizabeth voltou im ediatam ente para perto de Jane e, assim que saiu da sala, Miss Bingley com eçou a falar m al dela. Não achava boas as suas m aneiras. Revelaram , a seu ver, um m isto de orgulho e im pertinência. Ela não sabia conversar, não tinha estilo, gosto e nem beleza. Mrs. Hurst pensava a m esm a coisa e acrescentou:

— Nada tem , em sum a, que a recom ende, senão ser um a excelente andarilha.

Nunca esquecerei de com o nos apareceu hoj e de m anhã. Parecia quase um a selvagem .

— É verdade, Louisa, quase não pôde im pedir-m e de rir. Que absurdo ela ter vindo. Que sentido tem vir correndo pelo cam po só porque a irm ã apanhou um resfriado? O cabelo dela estava tão desarrum ado, tão despenteado!

— Sim , e a saia dela? Espero que você tenha visto a sua saia. A barra estava toda suj a de lam a.

— Sua descrição pode ser m uito exata, Louisa — disse Bingley —, m as não reparei nada disso. Achei que Miss Elizabeth Bennet estava m uito bonita quando hoj e de m anhã entrou na sala. As saias suj as de lam a escaparam à m inha atenção.

— O senhor viu, com certeza, Mr. Darcy — disse Miss Bingley . — E eu estou inclinada a pensar que o senhor não gostaria que sua irm ã se exibisse deste m odo.

— Decerto que não.

— Andar três ou quatro m ilhas, ou cinco m ilhas, ou lá o que sej a, com os

tornozelos m etidos na lam a, e sozinha, inteiram ente sozinha! Que significa isto?

Parece-m e m ostrar um conceito abom inável de independência, um a indiferença toda cam pestre da m ais elem entar decência.

— Mostra a afeição que ela tem pela irm ã — disse Bingley .

— Creio, Mr. Darcy — observou Miss Bingley , quase num sussurro —, que esta aventura deve ter afetado a adm iração que o senhor tinha pelos seus belos olhos.

— De m odo algum — replicou ele. — Achei que o exercício os tornaram ainda m ais brilhantes.

Depois de um a curta pausa, Mrs. Hurst recom eçou a falar:

— Eu gosto im ensam ente de Jane Bennet, ela é realm ente um a ótim a m enina.

Desej aria de todo o coração que ela se casasse. Mas, com um pai daqueles, com um a m ãe daquelas e com relações tão baixas, creio que não tem nenhum a probabilidade de se casar.

— Creio que ouvi dizer que o tio é advogado em Mery ton.

— Sim , e outro tio dela m ora perto de Cheapside.

— Isto é definitivo — acrescentou a irm ã.

E am bas riram cordialm ente.

— Se elas tivessem tantos tios que bastassem para encher todo o Cheapside —

exclam ou Bingley —, isto não as tornaria nem um pingo m enos agradáveis.

— Mas é lógico que deve dim inuir m uito as probabilidades de se casarem com hom ens de im portância social — replicou Darcy .

A esta declaração, Bingley nada respondeu. Mas suas irm ãs concordaram com entusiasm o e durante algum tem po caçoaram das relações vulgares da sua cara am iga.

Com um a ternura renovada, entretanto, voltaram para o quarto assim que saíram da sala de j antar, e fizeram com panhia a Jane, até que foram cham adas para o café. Jane ainda estava m uito fraca e Elizabeth não podia sair nem um m om ento do seu lado. Finalm ente, tarde, ao anoitecer, quando viu que a irm ã dorm ia, Elizabeth achou que devia descer para se distrair um pouco. Ao entrar no salão, encontrou o grupo todo j ogando loo e foi im ediatam ente convidada a tom ar parte no j ogo; m as, desconfiando de que eles estavam j ogando m uito alto, recusou e, dando com o desculpa o estado da sua irm ã, disse que se distrairia com um livro durante os poucos instantes que passasse ali em baixo.

Mr. Hurst olhou para ela com grande espanto.

— Prefere ler a j ogar cartas? — disse ele. — Isto é estranho.

— Miss Elizabeth Bennet — disse Mr. Bingley — despreza os j ogos de cartas. Lê m uito e não encontra prazer noutra coisa.

— Não m ereço nem o elogio nem a censura — exclam ou Elizabeth. — Não sou um a grande leitora e encontro prazer em m uitas outras coisas.

— Estou certo que tem prazer em tratar da sua irm ã — disse Bingley . — Espero que breve será recom pensada com o seu com pleto restabelecim ento.

Elizabeth agradeceu de coração e em seguida dirigiu-se para a m esa sobre a qual havia alguns livros. Bingley im ediatam ente se ofereceu para ir buscar m ais alguns, todos os de que dispunha na sua biblioteca.

— Desej aria para seu benefício e m eu próprio crédito que a coleção fosse m aior; m as sou um suj eito preguiçoso e, em bora não possua m uito livros, ainda não os li todos.

Elizabeth lhe assegurou que aqueles que estavam na sala eram m ais do que suficientes.

— Causa-m e espanto — disse Miss Bingley — ter m eu pai nos deixado um a tão pequena coleção de livros. Que m agnífica biblioteca o senhor tem em Pem berley , Mr. Darcy !

— Não é de estranhar — replicou ele —, é o trabalho de m uitas gerações.

— E depois o senhor aum entou m uito a biblioteca; está sem pre com prando livros!

— Não com preendo o pouco caso com que se tratam as bibliotecas de fam ília, hoj e em dia. Estou certa que o senhor não se esquece de nada do que possa aum entar as belezas daquele nobre lugar. Charles, quando você construir a sua casa, desej aria que fosse tão aprazível quanto Pem berley .

— Eu tam bém desej o.

— Aconselho-o a com prar um a propriedade naquelas redondezas e tom ar Pem berley com o um a espécie de m odelo. Não há condado m ais aprazível na Inglaterra do que o Derby shire.

— De todo o coração. Com prarei o próprio Pem berley se Darcy quiser vendê-lo.

— Estou falando de possibilidades, Charles.

— Palavra de honra, Caroline, acho que é m ais possível com prar Pem berley do que im itá-lo.

Elizabeth estava tão interessada no que estavam dizendo que não podia prestar m uita atenção ao livro; e daí a pouco, largando-o, aproxim ou-se da m esa de j ogo, colocando-se entre Mr. Bingley e sua irm ã m ais velha, a fim de observar o j ogo.

— Miss Darcy cresceu m uito desde a prim avera? — perguntou Miss Bingley . —

Ela vai ficar da m inha altura?

— Penso que sim . Está agora da altura de Miss Elizabeth Bennet ou talvez um pouco m ais alta.

— Queria m uito tornar a vê-la. Nunca encontrei um a pessoa tão encantadora.

Que m odos, que delicadeza... E com o é prendada para a sua idade! Ela toca piano divinam ente.

— Espanta-m e a capacidade que têm as m oças de se tornarem tão prendadas —

disse Bingley .

— Todas as m oças são prendadas! Meu caro Charles, que quer você dizer com

isto?

— Sim , todas desenham m esas, forram biom bos e fazem bolsas de tricô. Não conheço um a só m oça que não saiba fazer todas estas coisas. E nunca ouvi m encionar o nom e de um a m oça pela prim eira vez sem que m e inform assem que era m uito prendada.

— A sua lista dos talentos com uns — disse Darcy — é verdadeira dem ais. A palavra prendada é aplicada a m uitas m oças som ente

porque sabem tricotar um a bolsa ou forrar um biom bo. Mas estou longe de concordar com você no seu j ulgam ento sobre as m oças em geral. Apesar do grande núm ero das m inhas relações, não posso gabar-m e de conhecer m ais de m eia dúzia de m oças que são realm ente prendadas.

— Nem eu — disse Miss Bingley .

— Nesse caso — observou Elizabeth —, deve exigir m uitas qualidades para o seu ideal de m ulher perfeita.

— De fato, exij o m uitas qualidades.

— Oh, certam ente — exclam ou a sua fiel aliada. — Nenhum a m ulher pode ser realm ente considerada com pleta se não se elevar m uito acim a da m édia. Um a m ulher deve conhecer bem a m úsica, deve saber cantar, desenhar, dançar e falar as línguas m odernas a fim de m erecer esse qualificativo, e além disso, para não o m erecer senão pela m etade, é preciso que possua um certo quê em sua m aneira de andar, o tom da voz e no m odo de exprim ir-se.

— Sim , deve possuir tudo isso — acrescentou Darcy . — E acrescentar ainda algum a coisa m ais substancial: o desenvolvim ento do seu espírito pela leitura intensa.

— Já não m e espanto de que conheça apenas seis m ulheres com pletas, espanto-m e é de que conheça algum a.

— Julga com tanta severidade o seu sexo, que duvida da possibilidade de tudo isto?

— Eu nunca vi um a tal m ulher. Nunca vi tanta capacidade de aplicação, gosto e elegância reunidas num a só pessoa.

Mrs. Hurst e Miss Bingley protestaram j untas contra a inj ustiça contida naquela dúvida. E am bas declararam que conheciam m uitas m ulheres que correspondiam àquelas exigências. Nesse m om ento Mr. Hurst cham ou-as à ordem , queixando-se am argam

ente da pouca atenção com que j ogavam . A conversa cessou de súbito e Elizabeth, logo depois, voltou para o quarto.

— Eliza Bennet — disse Miss Bingley , assim que a porta se fechou — é um a dessas m oças que procuram se fazer aos olhos das pessoas do outro sexo falando m al do seu próprio; e m uitos hom ens se deixam enganar por isto. Mas, na m inha opinião, é um estratagem a m uito baixo.

— Sem dúvida — replicou Darcy , a quem principalm ente se dirigia a observação —, existe baixeza em todos os estratagem as que as senhoras às vezes

condescendem em em pregar para cativar. Tudo o que tem afinidade com a astúcia é desprezível.

Miss Bingley não se sentiu inteiram ente satisfeita com esta resposta, que não a encoraj ava a prosseguir no assunto.

Elizabeth tornou a entrar para avisar que a irm ã estava pior e que não podia deixá-la. Bingley insistiu para que Mr. Jones fosse cham ado im ediatam ente; suas irm ãs, convencidas de que os recursos m édicos da aldeia não eram suficientes para o caso, recom endaram que se enviasse um expresso para a cidade, cham ando um dos m édicos m ais em inentes de Londres. Elizabeth recusou, m ostrando-se no entanto disposta a aceitar a sugestão de Bingley . Ficou decidido que Mr. Jones seria cham ado no dia seguinte de m anhã cedo, caso Miss Bennet não am anhecesse francam ente m elhor. Bingley m ostrou-se m uito inquieto; suas irm ãs declararam que estavam inconsoláveis. Consolaram entretanto a sua tristeza cantando duetos depois da ceia, enquanto Bingley tranquilizava as suas inquietudes dando ordens à sua caseira para que todas as atenções possíveis fossem dispensadas à m oça doente e à sua irm ã.

Elizabeth passou a m aior parte da noite no quarto da irm ã e de m anhã teve o prazer de poder enfim m andar respostas m ais tranquilizadoras aos recados que recebera m uito cedo de Mr. Bingley , por interm édio de um a criada e, algum tem po depois, pelas elegantes dam as de com panhia das irm ãs do dono da casa.

Apesar dessas m elhoras, Elizabeth pediu que enviassem um bilhete a Longbourn pedindo que sua m ãe viesse visitar Jane e tom asse pessoalm ente as providências que a situação exigia. O bilhete foi despachado im ediatam ente e a resposta não tardou. Mrs. Bennet, acom panhada pelas suas duas filhas m ais m oças, chegou a Netherfield pouco depois do alm oço.

Se tivesse encontrado Jane aparentem ente em perigo, Mrs. Bennet teria ficado extrem am ente desolada; m as vendo que a doença não era grave, não desej ou que ela se restabelecesse im ediatam ente, pois isto significaria provavelm ente o seu regresso de Netherfield. Repeliu portanto a proposta que lhe fez Jane, que desej ava ser transportada para casa. O farm acêutico tam pouco achou a ideia razoável. E, depois de se ter dem orado algum tem po com Jane, Mrs. Bennet e suas três filhas aceitaram o convite que lhes veio fazer Miss Bingley para que fossem alm oçar.

Bingley veio ao encontro de Mrs. Bennet, exprim indo-lhe a sua esperança de que não tivesse encontrado Miss Bennet pior do que esperava.

— Realm ente, eu a encontrei pior do que esperava — respondeu Mrs. Bennet. —

O seu estado não perm ite que ela sej a transportada. Mr. Jones disse que nem devem os pensar nisto. Serem os obrigadas a abusar m ais algum tem po da sua hospitalidade.

— Transportá-la? — exclam ou Bingley — nem devem os pensar nisto. Minha irm ã, estou certo, não o perm itirá.

— Pode ficar certa, m adam e — disse Miss Bingley com fria am abilidade —, que Miss Bennet receberá todas as atenções enquanto estiver em nossa casa.

Mrs. Bennet agradeceu efusivam ente.

— Estou certa — acrescentou ela — de que se não fossem os bons am igos que tem , a sua situação seria m uito grave, pois está realm ente m uito doente; sofre m uito, em bora com um a paciência adm irável; aliás, é sem pre assim , pois ela tem , sem nenhum a dúvida, o gênio m ais dócil do m undo. Eu sem pre digo às m inhas outras filhas que nada são perto de Jane. O quarto em que ela está, Mr.

Bingley , é m uito agradável e tem um a encantadora vista sobre a aleia principal.

Não conheço outro lugar no país que sej a tão agradável quanto Netherfield.

Espero que o senhor não se apresse a abandoná-lo, em bora o tenha alugado por pouco tem po.

— Tudo o que faço — replicou ele — é às pressas e, portanto, se resolvesse deixar Netherfield, eu o faria provavelm ente em cinco m inutos.

— Isso é exatam ente o que eu supunha da sua parte — disse Elizabeth.

— Está com eçando a com preender-m e? — exclam ou, virando-se para Elizabeth.

— Com preendo-o perfeitam ente.

— Desej aria poder aceitar a sua declaração com o um elogio, m as acho que ser tão transparente é lam entável.

— Em geral é assim , m as não se segue necessariam ente que um caráter profundo e com plicado sej a m ais estim ável do que o seu.

— Lizzy , gritou a sua m ãe —, lem bre-se de onde está e não se precipite com o se estivesse em casa.

— Não sabia — continuou Bingley im ediatam ente — que a senhorita era um a tão grande estudiosa dos caracteres. Deve ser um estudo absorvente.

— Sim , m as os caracteres com plexos são os m ais interessantes. Pelo m enos têm a vantagem de ser com plicados.

— O cam po — disse Darcy — oferece em geral poucos exem plares para um tal estudo. A sociedade em que nos m ovem os no cam po é em geral m uito lim itada e m onótona.

— Mas as pessoas em si m udam tanto que sem pre existe nelas algum a coisa de novo a observar.

— Realm ente — exclam ou Mrs. Bennet, ofendida pela m aneira com o ele se referia aos m oradores do cam po. — Asseguro-lhes que existe tanta m onotonia na cidade com o no cam po.

Todos ficaram surpreendidos e Darcy , depois de fitá-la um instante, virou-se para o outro lado em silêncio.

Mrs. Bennet, que im aginava ter ganho um a vitória com pleta sobre o outro, continuou, triunfante:

— Não vej o em que Londres tenha tão grande vantagem sobre o cam po, exceto quanto às loj as e lugares públicos. O cam po é m uito m ais agradável, não é, Mr.

Bingley ?

— Quando estou no cam po — respondeu este — nunca desej o ir em bora. E

quando estou na cidade, acontece a m esm a coisa. Cada lugar tem as suas vantagens. Eu m e sinto igualm ente bem em am bos.

— Sim , isto é porque o senhor tem boa vontade. Mas aquele gentlem an — disse, olhando para Darcy — parece que detesta o cam po.

— Você está enganada, m am ãe — disse Elizabeth, envergonhada com a sim plicidade da sua m ãe. — Você não com preendeu Mr. Darcy . Ele quis apenas dizer que não há tão grande variedade de tipos no cam po quanto na cidade. E

você tem de reconhecer que isto é verdade.

— Certam ente, m eu bem , ninguém disse o contrário. Mas, quanto ao pequeno núm ero de pessoas que m oram nesta redondeza, creio que existem poucas regiões m ais habitadas. Sei que nos dam os com 24 fam ílias.

Se não fosse a sua vontade de agradar Elizabeth, Bingley teria estourado de rir.

Sua irm ã foi m enos delicada e lançou para Mr. Darcy um olhar acom panhado de um sorriso m uito expressivo. Elizabeth, a fim de desviar as ideias de sua m ãe, perguntou-lhe se Charlotte Lucas estivera em Longbourn desde que ela, Elizabeth, saíra de lá.

— Sim , Charlotte veio ontem com o pai. Que hom em agradável, Sir William , não acha, Mr. Bingley ? E um hom em tão m oderno, tão educado, tão gentil... Para todo o m undo ele sem pre tem algum a coisa que dizer. É assim que eu entendo a boa educação. E essas pessoas que se im aginam m uito im portantes e nunca abrem a boca estão inteiram ente enganadas.

— Charlotte j antou lá em casa?

— Não, ela preferiu ir em bora. Creio que estavam precisando dela por causa dos croquetes. Quanto a m im , Mr. Bingley , sem pre tom o criados que sabem fazer os seus serviços. Minhas filhas são educadas de m odo diferente. Mas cada um sabe o que faz... E as m eninas Lucas são realm ente m uito boas m eninas, posso lhe

assegurar. E pena que não sej am bonitas. Não que ache Charlotte assim tão feia; m as tam bém é nossa am iga particular.

— Ela parece um a m oça m uito agradável — disse Bingley .

— Oh, decerto, m as o senhor precisa reconhecer que é m uito pouco graciosa. A própria Lady Lucas j á o tem dito m uitas vezes. Ela disse tam bém que m uito m e invej a a beleza de Jane. Não gosto de m e gabar das m inhas filhas, m as, para dizer a verdade, Jane... Não é m uito frequente a gente ver um a m oça m ais bonita. É o que todos dizem . Não confio inteiram ente nessa parcialidade. Quando ela tinha apenas 15 anos, havia um cavalheiro que frequentava a casa de m eu irm ão Gardiner, em Londres. Estava tão apaixonado por ela que m inha cunhada estava certa de que ia fazer um a proposta antes de nos m udarm os para cá. No entanto, ele não fez. Talvez a j ulgasse m uito j ovem . Apesar de tudo, escreveu-lhe uns versos, que aliás eram m uito bonitos.

— E assim acabou a afeição daquele senhor — disse Elizabeth, im paciente. —

Suponho que tenha havido m uitos no m esm o caso. Eu queria saber quem descobriu a eficácia que tem a poesia de afugentar o am or.

— A m im sem pre m e disseram que a poesia é o alim ento do am or.

— De um am or sincero, sólido, sadio, pode ser. Tudo serve de alim ento ao que j á tem força. Mas quando se trata de um a ligeira e fraca inclinação, estou convencida que um bom soneto é suficiente para fazê-la m orrer de inanição.

Darcy contentou-se em sorrir. E a pausa geral que se seguiu fez Elizabeth trem er de m edo à ideia de que sua m ãe se tornasse novam ente ridícula. Ela queria dizer algum a coisa m as não conseguiu encontrar nenhum assunto. E depois de um curto

silêncio, Mrs. Bennet com eçou a repetir os agradecim entos que fizera a Mr.

Bingley , pela sua bondade com Jane, desculpando-se igualm ente do incôm odo que lhe dava com Lizzy . Mr. Bingley respondeu com toda a am abilidade e obrigou a sua irm ã m ais m oça a ser igualm ente cortês e a responder de acordo

com a situação. Esta desem penhou o seu papel, aliás de m á vontade, m as Mrs.

Bennet ficou satisfeita. Pouco depois m andou cham ar a sua carruagem . Nesse m om ento, a m ais m oça das suas filhas se adiantou. Kitty e Ly dia, as duas filhas m enores, tinham conversado em voz baixa um a com a outra durante toda a visita. E tinha ficado resolvido entre elas que a m ais m oça devia lem brar a Mr.

Bingley que, logo depois de sua chegada, ele prom etera que daria um baile em Netherfield.

Ly dia tinha 15 anos e era um a m oça forte e desenvolvida. Tinha o rosto agradável e um a expressão j ovial; era a favorita da sua m ãe que, devido a essa afeição, a tinha introduzido na sociedade m uito cedo ainda para a sua idade. Era dotada de m uita vitalidade e de um a espontaneidade que se transform ara em segurança graças à atenção que os oficiais lhe dispensavam . Estes eram atraídos, aliás, não só pela sua naturalidade com o pelos bons j antares de seu tio. Ela se sentiu, pois, autorizada a dirigir-se a Mr. Bingley sobre o assunto do baile e a lem brar-lhe abruptam ente a sua prom essa, acrescentando que ele com eteria o ato m ais vergonhoso do m undo se não a cum prisse. A resposta de Bingley a este súbito ataque foi deliciosa para os ouvidos de Mrs. Bennet.

— Asseguro-lhe que estou pronto a cum prir a m inha prom essa. E assim que a sua irm ã estiver restabelecida, a senhorita m e fará o favor de m arcar pessoalm ente o dia do baile. Penso que não gostaria de dançar enquanto sua irm ã estiver doente.

Ly dia se declarou satisfeita. — Oh, sim , seria m uito m elhor esperar até que Jane estivesse restabelecida, e nesse dia, provavelm ente, o capitão Carter j á estaria em Mery ton novam ente.

— E depois que o senhor tiver dado o seu baile — acrescentou — eu insistirei para que os oficiais lhe ofereçam um tam bém . Direi ao coronel Forster que será um a vergonha se eles não o fizerem .

Mrs. Bennet e suas filhas partiram e Elizabeth voltou im ediatam ente para perto de Jane, deixando a sua própria conduta e a da sua fam ília à m ercê das críticas das duas senhoras da casa e de Mr. Darcy ; este últim o, porém , não pôde ser persuadido a j untar as suas às censuras que faziam a Elizabeth na sala, apesar de todas as ironias com que Miss Bingley se referia aos seus belos olhos.

10

O dia decorreu quase exatam ente com o o anterior. Mrs. Hurst e Miss Bingley passaram algum as horas da m anhã com a enferm a, que, em bora lentam ente, continuava a m elhorar. E à noite Elizabeth veio reunir-se ao grupo na sala de estar. Nesse dia, porém , não houve m esa de loo. Mr. Darcy estava escrevendo, e Miss Bingley , sentada a seu lado, observava os progressos da carta que ele estava escrevendo, desviando continuadam ente a sua atenção, com as observações que transm itia para a sua irm ã. Mr. Hurst e Mr. Bingley estavam j ogando piquet, e Mrs. Hurst observava o j ogo.

Elizabeth fazia um trabalho de agulha; divertia-se com o que se estava passando entre Darcy e a sua com panheira. Os contínuos elogios da m oça, a respeito da letra, da igualdade das linhas, ou do com prim ento da carta, em contraste com a perfeita indiferença com que o outro os recebia, form avam um curioso diálogo, confirm ando exatam ente a opinião que Elizabeth tinha a respeito de am bos.

— Miss Darcy vai ficar encantada com a carta!

Ele não respondeu.

— Escreve m uito depressa!

— Está enganada, escrevo até devagar.

— Quantas cartas o senhor não escreverá por ano! Cartas de negócios tam bém .

Penso que deve ser odioso escrevê-las!

— Felizm ente para a senhora, é a m im que incum be escrevê-las.

— Não se esqueça de dizer à sua irm ã que eu tenho m uitas saudades dela.

— Já o disse um a vez, a seu pedido.

— Acho que o senhor não está gostando da sua pena. Deixe-m e apará-la para o senhor. Eu sei aparar penas m uito bem .

— Obrigado. Mas eu sem pre aparo as m inhas próprias penas.

— Com o consegue escrever tão regularm ente?

Darcy ficou em silêncio.

— Diga à sua irm ã que estou radiante de saber que ela tem feito progressos na harpa. Escreva-lhe tam bém que fiquei encantada com o lindíssim o desenho que fez para um a m esa e que o acho infinitam ente superior ao de Miss Grantley .

— A senhora m e dará licença de deixar os seus entusiasm os para a próxim a carta? No m om ento não tenho espaço para exprim i-los condignam ente.

— Oh, não tem im portância, eu a verei em j aneiro. Mas o senhor sem pre escreve cartas assim tão longas e encantadoras para a sua irm ã, Mr. Darcy ?

— Em geral as m inhas cartas são longas, m as não m e cabe j ulgar se são encantadoras.

— Considero com o regra que um a pessoa que escreve um a carta longa com facilidade não pode escrever m al.

— Isto não serve com o elogio para Darcy , Caroline — exclam ou seu irm ão —,

pois ele não escreve com facilidade. Ele se esforça dem ais para encontrar quatro sílabas, não é verdade, Darcy ?

— O m eu estilo é m uito diferente do seu.

— Oh — gritou Miss Bingley —, Charles escreve da m aneira m ais descuidada, escreve as coisas pela m etade e depois risca o resto.

— As ideias m e ocorrem tão rapidam ente que não tenho tem po de exprim i-las. É

por isso que, às vezes, as m inhas cartas não transm item nenhum a ideia aos m eus correspondentes...

— Sua hum ildade, Mr. Bingley — disse Elizabeth —, deve desarm ar toda censura.

— Nada é m ais enganoso do que a aparência da hum ildade — disse Darcy . —

Às vezes é apenas pouco caso e, outras vezes, um a m aneira indireta de se gabar.

— E qual dessas duas explicações você acha que cabe à m inha m odéstia, neste caso?

— A m aneira indireta de se gabar. Na realidade você se orgulha realm ente das suas deficiências no escrever, porque considera que esses defeitos procedem de um a rapidez de pensam ento e descuido na execução, coisas que você acha, se não estim áveis,

pelo m enos altam ente interessantes. A capacidade de fazer as coisas rapidam ente é sem pre m uito apreciada pelo possuidor, que frequentem ente não repara nas im perfeições da execução. Quando você disse a Mrs. Bennet esta m anhã que se algum dia resolvesse deixar Netherfield partiria em cinco m inutos, estava fazendo um a espécie de panegírico ou de elogio a si m esm o. E no entanto, não há nada m uito louvável num a precipitação que acarretaria, forçosam ente, a necessidade de deixar coisas im portantes inacabadas, e não pode trazer nenhum a vantagem real, nem para você próprio, nem para ninguém m ais.

— Isto é dem ais — respondeu Bingley —; lem brar-se, de noite, de todas as tolices que eu disse de m anhã! No entanto dou-lhe a m inha palavra de que falei sinceram ente e de que ainda neste m om ento acredito no que lhe disse. Pelo m enos, portanto, eu não m e atribuí esse traço de precipitação inútil apenas para m e gabar diante das senhoras.

— Acredito na sua sinceridade; m as não estou absolutam ente convencido de que se resolveria a partir com tanta rapidez. Sua conduta estaria tão à m ercê do acaso com o a de qualquer outro hom em ; e se no m om ento, no instante de m ontar a cavalo, um am igo lhe dissesse: “Bingley , é m elhor você ficar até a próxim a sem ana”, você aceitaria im ediatam ente o conselho. E se lhe fizessem outra sugestão, ficaria provavelm ente um m ês.

— Com isto apenas prova que Mr. Bingley não fez j ustiça ao seu próprio caráter.

O senhor o pintou com m uito m ais exatidão do que ele próprio.

— Sinto-m e extrem am ente grato — disse Bingley — pela sua m aneira de converter o que o m eu am igo disse num elogio à doçura do m eu gênio, m as creio

que está atribuindo àquele senhor um a intenção que ele não tinha, pois ele decerto pensaria que, em tais circunstâncias, eu deveria

recusar certam ente a sugestão e partir im ediatam ente, com o tinha resolvido.

— Consideraria, Mr. Darcy , a precipitação da sua decisão original com pensada pela sua obstinação em aderir a ela?

— Dou-lhe a m inha palavra que não posso explicar exatam ente o que ele quis dizer. Darcy deve falar por si m esm o.

— A senhora está querendo que eu j ustifique um a opinião que resolveu m e atribuir, e a qual não subscrevo. Aceitando, porém , o caso tal com o a senhora o coloca, é preciso que não se esqueça, Miss Bennet, de que o suposto am igo que desej ou que Bingley ficasse em casa e adiasse os seus planos contentou-se em exprim ir o seu desej o sem oferecer nenhum argum ento que j ustificasse o seu pedido.

— Ceder facilm ente, prontam ente, à persuasão de um am igo não é, então, um m érito aos seus olhos?

— Ceder sem convicção não depõe a favor do bom senso de nenhum a dessas pessoas.

— Mr. Darcy , o senhor não m e parece conceder nenhum a im portância à influência da am izade e da afeição. A consideração por um am igo faz com que a gente ceda prontam ente a um pedido, m esm o que esse am igo não ofereça argum entos em apoio do que pede. Não estou considerando, particularm ente, o caso em discussão. Devem os esperar, talvez, até que ele ocorra, para discutir o acerto do seu procedim ento. Mas em geral, nos casos com uns entre am igos, quando um deles é solicitado pelo outro para que altere um a decisão de pouca m onta, pensa o senhor que aquela pessoa que cedeu, sem exigir outros argum entos, procedeu realm ente m al?

— Não será preferível, antes de continuar no assunto, que determ inem os com m ais precisão o grau de im portância real do pedido? Bem com o o grau de intim idade existente entre as partes?

— Sem dúvida — exclam ou Bingley —; vam os particularizar, e não esqueçam os a estatura com parativa dos am igos, pois isto tem m ais im portância do que supõe Miss Bennet. Asseguro-lhe que se Darcy não fosse tão alto em relação à m inha pessoa, eu não o trataria com tanta deferência. Declaro que não conheço nada m ais tem ível do que Darcy em certas ocasiões e em determ inados lugares; especialm ente na sua própria casa e num a noite de dom ingo, quando ele não tem nada a fazer.

Mr. Darcy sorriu, m as Elizabeth acreditou perceber que ele tinha ficado ofendido e por isso conteve a sua risada. Miss Bingley , ressentida com o ridículo que o outro sofrera, censurou violentam ente o irm ão pelas tolices que dissera.

— Eu com preendo a sua intenção, Bingley — disse o am igo —, você detesta discussões e quer acabar com esta.

— Talvez. As discussões se assem elham às disputas. Se você e Miss Bennet quiserem adiar a sua até que eu saia da sala, ficarei m uito agradecido. Depois poderão falar o que quiserem a m eu respeito.

— O que o senhor pede — disse Elizabeth — não é um sacrifício da m inha parte, e quanto a Mr. Darcy , acho que precisa acabar a sua carta.

Mr. Darcy aceitou o conselho e term inou a carta.

Finda esta ocupação ele pediu a Miss Bingley e a Elizabeth que fizessem um pouco de m úsica. Miss Bingley se dirigiu alegrem ente para o piano e depois de um am ável oferecim ento a Elizabeth para que ela com eçasse, oferecim ento que a outra rej eitou, com a m esm a am abilidade e m aior ênfase, sentou-se e com eçou. Mrs. Hurst cantou com a irm ã e, enquanto isto, Elizabeth, que folheava cadernos de m úsica, que estavam sobre o piano, não pôde deixar de observar que os olhos de Mr. Darcy se voltaram frequentem ente na sua direção. Não podia supor que fosse um obj eto de adm

iração para um hom em tão im portante. No entanto, achava ainda m ais estranho que ele a estivesse olhando por antipatia.

Acabou im aginando, entretanto, que o que atraía a sua atenção era algo errado e repreensível que existia na sua pessoa, e que contrastasse, aos olhos de Mr.

Darcy , com as qualidades dos outros presentes. A suposição não a penalizou.

Darcy lhe era indiferente dem ais para que desej asse a sua aprovação.

Depois de tocar algum as canções italianas, Miss Bingley atacou um a alegre canção escocesa e pouco depois Mr. Darcy , aproxim ando-se de Elizabeth, disselhe:

— A senhora não se sente inclinada a aproveitar esta oportunidade para dançar?

— perguntou.

Ela sorriu, porém não disse nada. Repetiu a pergunta, um pouco espantado com o seu silêncio.

— Oh — disse Elizabeth —, ouvi o que perguntou antes, m as não pude determ inar im ediatam ente o que deveria responder. O senhor queria que eu o fizesse afirm ativam ente para ter o prazer de desprezar as m inhas preferências; m as eu sem pre gosto de perturbar esses estratagem as e roubar às pessoas o lance que prem editam . Resolvi portanto responder-lhe que não desej o absolutam ente dançar; e agora despreze-m e, se ousar.

— Asseguro-lhe que não ouso.

Elizabeth, que tencionava ofendê-lo, ficou espantada com a sua am abilidade.

Mas havia no tom de Elizabeth um m isto de doçura e de m alícia que dificilm ente ofenderia alguém . E Darcy nunca se sentira tão fascinado por um a m ulher com o estava por aquela. Acreditava realm ente que se não fosse a inferioridade das relações de Elizabeth encontrar-se-ia certam ente em perigo.

Miss Bingley viu, ou suspeitou o bastante para se encium ar, e a sua grande ansiedade pelo restabelecim ento da sua querida am iga Jane crescia com o desej o de se ver livre de Elizabeth. Tentava frequentem ente provocar a antipatia

de Darcy pela sua hóspede, falando no seu suposto casam ento e planej ando a felicidade que Darcy encontraria num a tal aliança.

— Espero — disse ela, enquanto passeavam j untos, no dia seguinte, pelo pequeno bosque —, espero que dê a entender à sua sogra, quando tiver lugar este desej ável acontecim ento, a vantagem de ser m enos tagarela; e se o puder, tam bém , cure as m eninas m ais m oças da m ania de perseguir os oficiais. E se m e perm ite abordar um assunto tão delicado, procure reprim ir aquele pequeno toque de pretensão e im pertinência que a sua dam a possui.

— Tem algum a outra proposta a fazer em prol da m inha felicidade dom éstica?

— Oh, sim , faça pendurar os retratos do seu tio e da sua tia Philips na sua galeria de Pem berley . Ponha-os ao lado do seu tio-avô, o j uiz. São da m esm a profissão, se bem que trabalhem em ram os diferentes. Quanto ao retrato da sua Elizabeth, nem deve tentar m andar pintá-lo, pois, que pintor poderia fazer j ustiça àqueles belos olhos?

— Não seria realm ente fácil reproduzir a sua expressão, m as a cor, o desenho, os cílios, tão delicados, podem ser copiados.

Neste m om ento encontraram -se com Mrs. Hurst e Elizabeth, que vinham por outro cam inho.

— Não sabia que estava passeando — disse Miss Bingley , confusa, tem erosa de que as suas palavras pudessem ter sido ouvidas.

— Você nos tratou abom inavelm ente — disse Mrs. Hurst —, saindo assim sem nos avisar.

E tom ando o braço de Mr. Darcy , deixou Elizabeth sozinha. O cam inho dava apenas para três pessoas. Mr. Darcy percebeu a grosseria e disse im ediatam ente:

— Este cam inho não é suficientem ente largo para nós todos. Seria m elhor passearm os na avenida.

Mas Elizabeth, que não tinha a m enor vontade de ficar com eles, respondeu, com um sorriso:

— Não, não, fiquem onde estão. Form am assim um grupo encantador. Um a quarta pessoa estragaria o pitoresco. Adeus...

Em seguida ela se afastou correndo, satisfeita com a ideia de que daí a um ou dois dias estaria novam ente em casa. Jane estava tão m elhor que tencionava sair do quarto, naquela noite, durante algum as horas.

11

Quando as senhoras se retiraram depois do j antar, Elizabeth correu para perto da irm ã e, agasalhando-a contra o frio, conduziu-a até a sala, onde a convalescente foi saudada pelas suas duas am igas com grandes dem onstrações de alegria.

Elizabeth nunca vira aquelas senhoras se portarem tão am avelm ente com o durante a hora que decorreu antes de os cavalheiros aparecerem . Elas sabiam conversar adm iravelm ente, sabiam descrever um baile com todos os detalhes, contar um episódio com graça e caçoar espirituosam ente dos seus conhecidos.

Mas quando os cavalheiros entraram , Jane deixou de ser o centro das suas atenções. Os olhos de Miss Bingley se voltaram im ediatam ente para Darcy ; e encontrou logo o que dizer. Ele se dirigiu logo para Miss Bennet, dando-lhe am avelm ente os parabéns; Mr. Hurst tam bém se inclinou ligeiram ente e afirm ou que estava m uito contente. Mas Bingley foi o único que m ostrou realm ente entusiasm o e efusão. Cercou Miss Bennet de todas as atenções possíveis. Passou a prim eira m eia hora aum entando o fogo na lareira, para que ela não sofresse a diferença de tem peratura; fê-la m udar para o outro lado da lareira, para que ficasse o m ais distante possível da porta. Em seguida sentou-se a seu lado e conversou quase que exclusivam ente com ela. Elizabeth, que fazia o seu trabalho no canto oposto da sala, via tudo isto com grande prazer. Depois do chá, Mr.

Hurst sugeriu, em vão, à sua cunhada, que fizessem um a m esa de j ogo. Ela sabia que Mr. Darcy não desej ava j ogar. E a proposta pública de Mr. Hurst tam bém foi rej eitada. Miss Bingley lhe assegurou que ninguém queria j ogar. E o silêncio geral que acom panhou estas palavras pareceu j ustificá-las. Mr. Hurst não teve portanto outra coisa a fazer senão se estender num dos sofás da sala e dorm ir.

Darcy escolheu um livro para ler. Miss Bingley o im itou. E Mrs. Hurst, ocupada principalm ente em brincar com os seus braceletes e anéis, tom ava de vez em quando parte na conversa entre Miss Bennet e o seu irm ão.

Miss Bingley estava tão ocupada em observar os progressos da leitura de Mr.

Darcy quanto em ler o seu próprio livro; a todo m om ento fazia um a pergunta ou olhava a página do livro de Mr. Darcy , sem conseguir, entretanto, travar conversação. Ele se lim itava a responder às suas perguntas e continuava a ler.

Afinal, exausta da tentativa de se distrair com o seu próprio livro, que escolhera apenas porque era o segundo volum e da obra que

Darcy lia, deu um grande bocej o e disse...

— Com o é agradável passar a noite desse m odo... Declaro que não há divertim ento m elhor do que a leitura. A gente se cansa m enos facilm ente de um livro do que de qualquer outra coisa. Quando eu tiver um a casa própria, sentir-m e-ei infeliz enquanto não possuir um a grande biblioteca.

Ninguém respondeu. Ela tornou a bocej ar, pôs o seu livro de lado e relanceou o olhar pela sala, procurando outro divertim ento. Ouvindo o seu irm ão falar para

Miss Bennet acerca de um baile, virou-se subitam ente para ele e disse:

— Por falar nisto, Charles, você está realm ente resolvido a dar um baile em Netherfield? Aconselho-o, antes de tom ar qualquer decisão, a consultar os desej os dos presentes. Ficaria m uito surpreendida se não existisse um a pessoa aqui presente para quem um baile fosse antes um castigo do que um prazer.

— Se você se refere a Darcy — exclam ou Bingley —, ele pode ir para a cam a, se quiser, antes do baile com eçar. Mas quanto ao baile, é um a coisa decidida; e assim que Nicholls tiver feito os seus preparativos culinários, enviarei os m eus convites.

— A m eu ver, os bailes seriam infinitam ente m ais divertidos se fossem organizados de um a m aneira diferente; m as com o são feitos, em geral, há sem pre neles algo de insuportavelm ente enfadonho. Seria m uito m ais racional que, em vez de dança, a conversação estivesse na ordem do dia.

— Muito m ais racional, talvez, m inha cara Caroline, m as nem de longe tão divertido.

Miss Bingley não respondeu e pouco depois se levantou e saiu da sala. Sua figura era elegante, sabia andar bem ; m as Darcy , a quem se dirigiam essas exibições, continuava inflexivelm ente

absorto no seu livro. Desesperada, resolveu tentar um últim o esforço e, virando-se para Elizabeth, disse:

— Miss Eliza Bennet, deixe-m e persuadi-la a seguir o m eu exem plo. Venha dar um a volta pela sala. Asseguro-lhe que é m uito agradável depois de ter ficado tanto tem po na m esm a posição.

Elizabeth ficou surpreendida, m as concordou im ediatam ente. Miss Bingley alcançou o que realm ente tencionava com aquela am abilidade; m as Mr. Darcy levantou os olhos, não m enos surpreendido do que Elizabeth com a inesperada cortesia da sua inim iga, e inconscientem ente fechou o livro. Im ediatam ente foi convidado a reunir-se ao grupo, m as recusou, observando que só podia im aginar dois m otivos que j ustificassem aquela cam inhada pela sala, e que, com qualquer um deles, a sua presença só poderia interferir. Que quereria Darcy dizer com isto? — perguntou Miss Bingley a si m esm a. Em seguida perguntou a Elizabeth se ela com preendia aquilo.

— Absolutam ente — respondeu a outra. — Mas pode ficar certa de que ele nos quis criticar e a m elhor m aneira de desapontá-lo será não lhe pedir nenhum a explicação.

Miss Bingley , entretanto, sentia-se incapaz de desapontar Mr. Darcy e portanto insistiu para que explicasse os dois m otivos que invocara.

— Não faço a m enor obj eção — respondeu Darcy . —Se escolheram este m étodo de passar a noite, é porque têm com certeza algum a confidência a fazer, algum assunto secreto a discutir, ou então porque acham que andando exibem da m elhor m aneira as suas graciosas figuras; no prim eiro caso, eu m e tornaria indiscreto se aceitasse o seu convite, e no segundo posso adm irá-las m uito m elhor

na posição em que estou.

— Oh — exclam ou Miss Bingley —, nunca ouvi nada tão abom inável. Com o poderem os castigá-lo?

— Nada m ais fácil, se esta é a sua intenção — respondeu Elizabeth. —

Provoque-o, caçoe dele. Íntim os com o são, deve saber um m eio de fazê-lo.

— Juro-lhe que não sei. Asseguro-lhe que a m inha intim idade nunca m e ensinou tal coisa. Provocar pessoas im perturbáveis, dotadas de um a tal presença de espírito! Não, não! Acho que ele pode nos desafiar neste terreno. E quanto a caçoar dele, não vam os nos expor ao ridículo de rir sem m otivo.

— É im possível rir de Mr. Darcy ! — gritou Elizabeth. — Ele possui um a virtude m uito rara, que é de ser im perm eável ao ridículo. Espero que continue a ser rara, pois eu consideraria um a grande infelicidade possuir m uitas relações desse gênero. Gosto m uito de rir.

— Miss Bingley m e descreveu m elhor do que sou — respondeu Darcy . — O

m elhor e o m ais sábio dos hom ens, e m esm o a m ais sábia e a m elhor das ações pode ser ridicularizada por quem faz da ironia o seu único fim na vida.

— Existem certam ente pessoas assim — replicou Elizabeth. — Mas espero que eu não sej a um a delas. Espero que nunca hei de ridicularizar o que é sábio e bom . Loucuras e absurdos, m anias e inconsistências de fato m e divertem . E eu rio delas quando posso. Mas isto, penso eu, são coisas de que o senhor carece precisam ente.

— Talvez isto sej a im possível para qualquer um , m as sem pre m e esforcei por evitar estas fraquezas, capazes de expor ao ridículo um a grande inteligência.

— Tais com o a vaidade e o orgulho.

— Sim , a vaidade é de fato um a fraqueza, m as o orgulho pode ser bem -

controlado, quando existe um a verdadeira superioridade de inteligência.

Elizabeth se virou para esconder um sorriso.

— Presum o que o exam e a que subm eteu Mr. Darcy estej a term inado — disse Miss Bingley . — E qual é o resultado?

— Fiquei perfeitam ente convencida de que Mr. Darcy não tem defeitos. Ele, aliás, não esconde a opinião que tem de si próprio.

— Não — disse Darcy —, não tenho tal pretensão. Possuo bastantes defeitos, m as não de com preensão, assim o espero. Quanto ao m eu gênio, não garanto que sej a m uito bom , creio que é um pouco ríspido dem ais. Sim , certam ente ríspido dem ais para as conveniências do m undo. Não consigo esquecer as loucuras e os vícios dos outros tão rapidam ente com o devia. Nem as ofensas que m e fazem .

Meus sentim entos não se inflam am ao m enor esforço ou tentativa. Meu tem peram ento pode ser cham ado rancoroso. Um a vez perdida a boa opinião que tenho de um a pessoa, está perdida para sem pre.

— Isto é realm ente um defeito — exclam ou Elizabeth. — O ressentim ento im placável é um traço que m arca um caráter. O senhor soube escolher bem o

seu defeito. Realm ente, não posso m e rir dele. Não precisa ter m edo de m im .

— Acho que existe em todos os tem peram entos um a tendência para determ inada form a do m al, um vício natural que nem m esm

o a m elhor educação pode extinguir.

— E o seu defeito é um a propensão para odiar todo o m undo.

— E o seu — replicou ele, sorrindo — é o de se recusar a com preender os outros.

— Vam os fazer um pouco de m úsica — exclam ou Miss Bingley , cansada de um a conversa em que não tom ava parte. — Louisa, você não se im porta que eu acorde Mr. Hurst, não é?

Sua irm ã não fez a m enor obj eção e o piano foi aberto. Darcy , depois de refletir um instante, conform ou-se com isto. Ele com eçava a sentir o perigo que havia em prestar dem asiada atenção a Elizabeth.

12

Depois de com binar com a irm ã, Elizabeth escreveu na m anhã seguinte para a m ãe, pedindo-lhe que enviasse a carruagem naquele dia. Mas Mrs. Bennet, que tinha calculado que as suas filhas perm anecessem em Netherfield até a próxim a terça-feira, dia em que term inaria exatam ente a sem ana de Jane, resolveu que se sentiria aborrecida se as m eninas chegassem antes. Sua resposta portanto não foi propícia, pelo m enos aos desej os de Elizabeth, que estava im paciente por regressar. Mrs. Bennet m andou dizer que não poderia dispor da carruagem antes de terça-feira; e num post-scriptum acrescentava que se Mr. Bingley e sua irm ã insistissem para que Jane perm anecesse, ela daria licença, com todo o prazer.

Mas Elizabeth estava resolvida a não ficar m ais tem po. Nem tam pouco esperava um convite neste sentido. Tem erosa, ao contrário, de ser considerada intrusa, insistiu para que Jane pedisse afinal a carruagem de Mr. Bingley im ediatam ente.

E afinal ficou decidido que m anifestariam a sua intenção de deixar Netherfield naquela m anhã m esm o e que fariam desde logo o

pedido da carruagem .

A notícia arrancou m uitos protestos de pura form alidade. E tanto insistiram para que as m oças ficassem ao m enos até o dia seguinte, que Jane cedeu. E a partida foi adiada para a m anhã seguinte. Miss Bingley se arrependeu de ter feito sem elhante proposta, pois o ciúm e e a antipatia que tinha por um a das irm ãs excedia m uitíssim o a afeição que tinha pela outra.

O dono da casa sentiu sinceram ente que tivessem de partir tão cedo e procurou repetidam ente persuadir Miss Bennet de que a sua partida não era prudente, que ela não estava ainda restabelecida. Mas Jane era firm e quando sabia qual era o seu dever. Mr. Darcy ficou satisfeito. Elizabeth j á se dem orara bastante em Netherfield. Ela o atraía m ais do que desej ava. E Miss Bingley m ostrava-se pouco gentil para com ela, m ais provocante para com ele do que de costum e.

Resolveu aj uizadam ente m ostrar-se m ais cuidadoso e esconder os seus sentim entos. Não queria dar nenhum a esperança a Elizabeth e sabia que a sua atitude durante o últim o dia teria um a im portância decisiva neste sentido. Firm e neste propósito, quase não lhe dirigiu a palavra durante todo o sábado. E, em bora ficassem sozinhos durante m eia hora, não despregou os olhos do livro e nem um a só vez olhou para Elizabeth.

Dom ingo, depois do serviço da m anhã, houve a separação tão agradável para quase todos. A am abilidade de Miss Bingley para com Elizabeth cresceu de súbito rapidam ente, bem com o a sua afeição por Jane. E na hora da despedida, depois de assegurar a esta últim a do prazer que sem pre teria em tornar a vê-la em Longbourn ou em Netherfield, beij ando-a em seguida afetuosam ente, ela se dignou até a apertar a m ão de Elizabeth. Esta se despediu alegrem ente de todos.

Em casa, não foram recebidas m uito cordialm ente por sua m ãe. Mrs. Bennet ficou surpreendida com o regresso, achou que faziam m uito m al em lhe dar tanto

trabalho e afirm ou que Jane se tinha resfriado novam ente. Mas seu pai, em bora m uito lacônico nas suas expressões, ficou realm ente contente ao vê-las. Sentira a im portância que elas tinham no círculo da fam ília. As palestras da noite, quando todos estavam reunidos, tinham perdido grande parte da sua anim ação e quase todo o seu sentido, com a ausência de Jane e de Elizabeth. Encontraram Mary , com o sem pre, profundam ente absorta no estudo do contraponto e da natureza hum ana; tiveram que adm irar novas citações e ouvir novas observações de m oralidade convencional. Muito tinha sido feito e dito no regim ento desde a quarta-feira precedente. Vários oficiais tinham j antado com seu tio, um soldado tinha sido fustigado e correra o boato de que o coronel Forster ia se casar.

13

— Espero, m inha cara — disse Mr. Bennet para a sua esposa, ao se sentarem à m esa para a prim eira refeição da m anhã —, espero que você tenha encom endado um bom j antar para hoj e à noite, porque estou esperando um a visita.

— A quem se refere você, m eu caro? Não sei de ninguém que pudesse aparecer a não ser Charlotte Lucas, que pode chegar casualm ente. E espero que os m eus j antares sej am dignos dela. Não creio que em sua casa vej a m uito frequentem ente j antares iguais aos m eus.

— A pessoa a que m e refiro é um cavalheiro e um estranho. — Os olhos de Mrs.

Bennet brilharam .

— Um cavalheiro e um estranho! Então é Mr. Bingley ... Jane, e você nada disse!

Pequena astuciosa! Bem , eu estou certa que terei m uito prazer em ver Mr.

Bingley . Mas que pouca sorte! E im possível arranj ar peixe para hoj e. Ly dia, m eu bem , toque a cam painha. Preciso falar com Hill im ediatam ente.

— Não é Mr. Bingley — disse Mr. Bennet. — É um a pessoa que nunca vi em toda a m inha vida.

Todos ficaram espantadíssim os e Mr. Bennet teve o prazer de ser avidam ente interrogado por sua m ulher e pelas suas cinco filhas ao m esm o tem po.

Depois de se divertir algum tem po com a curiosidade delas, deu a seguinte explicação:

— Há um m ês recebi esta carta. E há 15 dias, respondi. Julguei que era um caso delicado, que exigia atenção im ediata. É do m eu prim o Mr. Collins, que, quando eu m orrer, poderá expulsá-las todas desta casa, assim que o desej ar.

— Oh, m eu caro — exclam ou Mrs. Bennet —, não suporto ouvir falar nisto. Por favor não m e fale neste hom em odioso! Acho que é a coisa m ais inj usta deste m undo a sua propriedade ser arrebatada dos seus filhos; estou certa de que se eu fosse você, j á teria tom ado um a providência há m uito tem po.

Jane e Elizabeth procuraram explicar à sua m ãe o aspecto j urídico do caso. Já o tinham tentado m uitas vezes antes, m as este era um assunto inatingível para Mrs.

Bennet. E ela continuava a queixar-se am argam ente da crueldade de arrebatar o seu patrim ônio a um a fam ília com cinco m oças em favor de um hom em indiferente a todos.

— É certam ente um a coisa iníqua — disse Mr. Bennet — e nada pode atenuar a culpa de Mr. Collins de herdar Longbourn. Mas se quiser ouvir esta carta, talvez se sinta um pouco abrandada pela m aneira com o ele se exprim e.

— Não, estou certa de que não m e sentirei assim . Acho que é um desaforo e um a hipocrisia da parte dele lhe escrever. Odeio os falsos am igos. Por que é que não continua brigado com você, com o o pai?

— Por que, não sei. Com o você verá, parece que ele tem alguns escrúpulos filiais

a esse respeito.

Hunsford, perto de Westerham , Kent

15 de outubro.

Caro senhor:

A desavença que existia entre o senhor e m eu falecido pai sem pre m e causou m uito m al-estar. E desde que tive a infelicidade de perdê-lo, desej ei m uitas vezes rem ediar este conflito. Mas durante algum tem po as m inhas dúvidas m e retiveram . Eu tem ia que fosse desrespeitoso para a m em ória do m eu pai estar de bem com um a pessoa de quem sem pre se m anteve afastado. (Está vendo, Mrs.

Bennet?) Cheguei agora com igo m esm o a um a decisão sobre o assunto, pois tendo sido ordenado pastor durante a Páscoa, tive a felicidade de ser distinguido com a proteção de Lady Catherine de Bourgh, viúva de Sir Lewis de Bourgh, cuj a grandeza e generosidade m e escolheram para preencher a im portante reitoria daquela paróquia, onde m e esforçarei por m e conduzir sem pre com o m aior respeito para com Sua Excelência Lady Catherine, e onde estarei sem pre preparado para cum prir os ritos e cerim ônias da Igrej a da Inglaterra. Além disso, com o clérigo, sinto que m e incum be o dever de prom over e lançar as bênçãos da paz sobre todas as fam ílias às quais possa se estender a m inha influência. E por este m otivo, espero que a m inha presente oferta de boa vontade sej a altam ente louvável. E que as circunstâncias que m e tornam o herdeiro m ais próxim o das terras de Longbourn não o

conduzirão a rej eitar o ram o de oliveira que lhe ofereço. Não posso deixar de m e afligir com um a situação que m e obriga a prej udicar as suas estim áveis filhas. Peço que aceitem as m inhas desculpas e asseguro-lhe que estou pronto a conceder-lhe todas as possíveis reparações; m as deste assunto tratarei depois. Se o senhor não fizer obj eção a receber-m e em sua casa, proponho-m e a satisfação de lhe fazer um a visita, na segunda-feira, 18 de novem bro, às quatro horas. E tom arei provavelm ente a liberdade de abusar da sua hospitalidade até o sábado próxim o, coisa que posso fazer sem inconveniência, pois Lady Catherine não faz nenhum a obj eção à m inha ausência ocasional num dom ingo, contanto que outro possa m e substituir nos deveres daquele dia. Com os m eus respeitosos cum prim entos à sua esposa e filhas, subscrevo-m e, seu atencioso am igo,

William Collins.

— Às quatro horas, portanto, poderem os esperar a visita desse cavalheiro pacífico — disse Mr. Bennet, dobrando a carta. — Ele parece ser um rapaz consciencioso e polido. E não duvidem que se torne um a relação valiosa, especialm ente se Lady Catherine tiver a indulgência de perm itir que ele nos venha ver pessoalm ente.

— O que diz a respeito das m eninas parece sensato e se está disposto a oferecer-

lhes reparação, não lhe servirei de em pecilho.

— Em bora sej a difícil adivinhar de que m aneira ele tenciona fazer o que diz —

disse Jane, duvidando —, o seu desej o é certam ente louvável.

O que m ais surpreendeu Elizabeth foi a extraordinária deferência que ele m anifestava por Lady Catherine e a sua louvável intenção de casar, crism ar e sepultar os seus paroquianos, em qualquer ocasião em que isto fosse necessário.

— Ele deve ser um a raridade — disse Elizabeth. — Não consigo form ar um a ideia a seu respeito. O estilo dele é m uito pom poso e acho estranho se desculpar por ser o herdeiro m ais próxim o. Que culpa lhe cabe nisto? Acha que ele pode ser um suj eito sensato, papai?

— Não, m eu bem , acho que não. Tenho grandes esperanças de que sej a exatam ente o contrário. Há um m isto de senilidade e de prosápia na carta, que prom ete m uita coisa. Estou im paciente para conhecê-lo.

— Quanto à com posição — disse Mary —, a carta não m e perece m uito deficiente. A ideia do ram o de oliveira talvez não sej a m uito nova, m as acho que a exprim iu bem .

Quanto a Katherine e a Ly dia, nem a carta nem o autor lhes pareceu ter o m enor interesse. Era praticam ente im possível que o seu prim o aparecesse num uniform e verm elho. E havia j á algum as sem anas que não encontravam nenhum prazer senão na sociedade de hom ens que se vestissem daquela cor. Quanto a Mrs. Bennet, a carta de Mr. Collins tinha abrandado em parte a sua m á vontade.

E se preparava para recebê-lo com um a distinção que assom brou o m arido e as filhas.

Mr. Collins chegou pontualm ente e foi recebido m uito am avelm ente por toda a fam ília. Mr. Bennet, aliás, pouco falou, m as as senhoras foram m ais com unicativas e Mr. Collins m ostrou que não tinha necessidade de encoraj am entos e não estava absolutam ente disposto a ficar calado. Era um rapaz alto e cheio de corpo, de 25 anos de idade. Tinha um ar grave e im ponente e m aneiras cerim oniosas. Pouco depois de se sentar com eçou a cum prim entar Mrs. Bennet por ter tantas filhas encantadoras; disse que m uito ouvira falar na beleza das m eninas, m as que naquele caso a fam a ficara aquém da verdade; e acrescentou que não duvidava que Mrs. Bennet as visse dentro em pouco todas casadas. Esse galanteio não agradou m uito a algum as das suas ouvintes, m as Mrs.

Bennet, sem pre disposta a receber elogios, respondeu prontam ente:

— É m uita bondade sua; espero de todo o coração que as suas previsões se realizem , pois de outra m aneira elas se encontrariam num a situação m uito difícil.

As coisas se arranj am de um m odo tão estranho...

— A senhora alude talvez à sucessão desta propriedade?

— Ah, m eu caro senhor, é isto m esm o. O senhor deve confessar que é um a triste situação para as m inhas pobres filhas: não que eu o culpe disto, pois sei que estas coisas são um a questão de sorte neste m undo...

— Sou m uito sensível às dificuldades das m inhas prim as, m inha cara senhora, e m uito poderia dizer sobre o assunto, se não tem esse ser precipitado. Mas posso garantir às j ovens que vim disposto a adm irá-las. No m om ento, não direi m ais nada; talvez quando nos conhecerm os m elhor...

Ele foi interrom pido pela cham ada para o j antar. E as m eninas sorriram um as para as outras. Elas não constituíram o único obj eto da adm iração de Mr. Collins.

O hall da sala de j antar e todos os m óveis foram exam inados e louvados; e estes elogios teriam tocado o coração de Mrs. Bennet, se não fosse a m ortificante suposição de que ele olhava para tudo aquilo com o para as suas futuras propriedades.

O j antar tam bém foi altam ente apreciado; e Mr. Collins desej ou saber a qual das suas belas prim as deveria atribuir a excelência daqueles m anj ares. Mrs. Bennet respondeu um tanto asperam ente que a fam ília podia perfeitam ente pagar um a cozinheira e que suas filhas nada tinham a fazer na cozinha. E ele pediu perdão por ter sido desagradável a Mrs. Bennet. Esta respondeu, num tom m

ais brando, que não estava ofendida, m as Mr. Collins continuou a se desculpar durante um quarto de hora.

14

Durante o j antar, Mr. Bennet quase não abriu a boca. Mas depois que os criados tiraram a m esa, achou que era tem po de palestrar com o seu hóspede. E iniciou um assunto em que esperava ver o outro brilhar, observando que ele tivera m uita sorte com a sua protetora, pois Lady Catherine parecia disposta a atender aos seus desej os e ter grande consideração pelo seu conforto. Ele, Mr. Bennet, não podia ter escolhido m elhor. Mr. Collins elogiou a sua protetora com eloquência. O

assunto o tornava ainda m ais pom poso e ele declarou com ar m uito im portante que nunca na sua vida encontrara tam anha virtude, tanta afabilidade e condescendência num a pessoa da nobreza com o em Lady Catherine. Ela lhe fizera a graça de elogiar am bos os serm ões que tivera a honra de pronunciar na sua presença. Convidara-o tam bém duas vezes para j antar e m andara-o cham ar no sábado anterior para organizar um a partida de cartas. Muita gente considerava Lady Catherine orgulhosa; no entanto nunca encontrara nela senão afabilidade.

Sem pre lhe dirigira a palavra com o a qualquer outro gentlem an; nunca lhe fizera a m enor obj eção sobre as pessoas das vizinhanças que frequentava, e nunca se opusera às suas ausências ocasionais, durante um a ou duas sem anas a fim de visitar as suas relações. Tivera m esm o a bondade de aconselhar que ele se casasse o m ais cedo possível, contanto que escolhesse com prudência; e se dignara fazer-lhe um a visita no seu hum ilde presbitério. Aprovara plenam ente todas as alterações que tinha introduzido na casa, tendo até sugerido que pusesse um as estantes nos quartos do sobrado.

— Tudo isto é m uito am ável — disse Mrs. Bennet —, e ela deve ser um a senhora m uito agradável; é pena que as m ulheres da nobreza não se pareçam todas com ela. E m ora perto do senhor?

— O j ardim em que fica situada a m inha hum ilde m ansão se acha separado apenas por um a alam eda do parque de Rosings, a residência de Sua Excelência.

— O senhor disse que ela era viúva. Tem fam ília?

— Possui apenas um a filha, a herdeira de Rosings e de um a grande fortuna.

— Ah — exclam ou Mrs. Bennet, sacudindo a cabeça —, então está em m elhor situação do que m uitas m oças. E que espécie de m oça é? Bonita?

— É realm ente encantadora. Lady Catherine diz até que Miss de Bourgh, em m atéria de pura beleza é m uito superior às m ais belas do seu sexo; pois existe em seus traços a m arca da j ovem de alto nascim ento. Infelizm ente é de constituição doentia e isso a im pediu de realizar progressos em certas m atérias, nas quais de outro m odo ela não seria deficiente. Isso foi o que m e inform ou a senhora que está encarregada da sua educação e que reside com elas. Miss de Bourgh é m uito am ável, m uitas vezes m e concede a honra de um a visita e vem até a m inha hum ilde habitação, no seu pequeno faéton, puxado por pôneis.

— Ela j á foi apresentada em St. Jam es? Não m e lem bro de ter visto o nom e dela

entre as dam as da Corte.

— O estado m edíocre da sua saúde, infelizm ente, não perm ite que ela resida na cidade; e com o eu disse a Lady Catherine certa vez, essas circunstâncias privaram a corte inglesa do seu m ais brilhante ornam ento. Sua Senhoria pareceu ter ficado m uito contente com a ideia. E o senhor pode im aginar que eu m e sinto feliz em oferecer de vez em quando esses pequenos cum prim entos delicados que as senhoras tanto apreciam . Mais de um a vez observei a Lady Catherine que a sua graciosa filha parecia ter nascido para ser um a duquesa, e que esta honra, a m ais alta que

pode ser conferida, em vez de lhe dar im portância, seria, ao contrário, adornada por ela. Esses são os pequeninos tributos que agradam a Sua Senhoria, e que eu m e considero obrigado a prestar.

— O senhor tem toda a razão — disse Mr. Bennet. — E felizm ente para o senhor, possui o talento de lisonj ear com delicadeza. Terei licença de perguntar se essas agradáveis atenções procedem de um im pulso m om entâneo ou são o resultado de um cálculo prévio?

— Elas se originam principalm ente do que ocorre no m om ento. E em bora eu às vezes m e divirta arranj ando e polindo esses pequenos galanteios a serem em pregados em certas ocasiões, procuro sem pre lhes dar um ar tão espontâneo quanto possível.

As suposições de Mr. Bennet se realizaram integralm ente. Seu prim o era tão absurdo quanto ele tinha esperado. Ouvia-o falar com o m aior prazer, m antendo ao m esm o tem po a m ais resoluta seriedade.

Deliciava-se sozinho com o espetáculo, e às vezes atirava um olhar furtivo e m alicioso para Elizabeth.

À hora do chá, porém , Mr. Bennet achou que a dose fora suficiente. E de bom grado acom panhou o seu hóspede até a sala, e term inado o chá, convidou-o a ler em voz alta para as senhoras. Mr. Collins consentiu prontam ente. Entregaram -lhe um livro, m as ao lançar um olhar sobre o volum e (tudo indicava que era de um a biblioteca circulante) ele recusou e, desculpando-se, declarou que nunca lia rom ances. Kitty olhou para ele fixam ente, e Ly dia teve um a exclam ação de espanto. Foram buscar outros livros. E depois de exam iná-los, escolheu os Serm ões, de Fordy ce. Ly dia olhou atônita para o volum e aberto e antes que ele tivesse lido três páginas com m onótona solenidade, interrom peu-o, dizendo:

— Você sabe, m am ãe, que m eu tio Philips está com vontade de despedir Richard? E que se o fizer, o coronel Forster ficará com ele?

Foi m inha tia quem m e disse sábado. Irei a Mery ton am anhã, a fim de m e inform ar m elhor. E saber quando Mr. Denny deve voltar da cidade.

As duas irm ãs m ais velhas disseram a Ly dia que calasse a boca. Mas Mr. Collins, m uito ofendido, pôs o livro de lado e disse:

— Já observei com o as m eninas se interessam pouco por livros sérios, escritos aliás para o seu benefício. Confesso que isto m e espanta, pois certam ente nada

pode haver de m ais vantaj oso para elas do que a instrução. Mas não im portunarei m ais a m inha j ovem prim a.

Em seguida, virando-se para Mr. Bennet, ofereceu-se para parceiro de gam ão.

Mr. Bennet aceitou o desafio, observando que ele fazia bem em deixar as m eninas se ocuparem com as suas futilidades. Mrs. Bennet e as suas filhas se desculparam com toda a civilidade pela interrupção de Ly dia, e prom eteram que isto não aconteceria novam ente, caso ele quisesse recom eçar a leitura. Mas Mr.

Collins, depois de lhes assegurar que não guardava rancor contra a sua j ovem prim a, e j am ais consideraria a sua conduta com o um insulto, sentou-se diante de outra m esa com Mr. Bennet e se preparou para a partida.

15

Mr. Collins não era um hom em sensato e as deficiências da sua natureza não tinham sido com pensadas pela educação ou pelo m eio; a m aior parte da sua vida tinha decorrido sob a direção de um pai ignorante e avarento. Em bora tivesse cursado um a das universidades, tinha apenas feito os cursos necessários, sem travar nenhum a relação vantaj osa. A suj eição em que seu pai o m antivera dotara-o, a princípio, de grande hum ildade de gênio, m as isto tinha sido em parte com pensado pela tola presunção do seu

espírito fútil, pelo isolam ento e pela sua súbita e prem atura prosperidade. Um acaso feliz fizera com que fosse recom endado a Lady Catherine de Bourgh no m om ento em que a reitoria de Hunsford estava vaga e o respeito que ele sentia pela posição social daquela senhora, a veneração que sentia pela sua protetora, de m istura com a sua vaidade, a sua autoridade com o clérigo e os seus direitos com o reitor tinham -no tornado um m isto de orgulho e servilidade, presunção e hum ildade.

Dispondo agora de um a boa casa e de um rendim ento m ais que suficiente, Mr.

Collins tencionava casar-se; e a sua intenção, ao se reconciliar com a fam ília de Longbourn, era j ustam ente escolher um a das filhas de seu parente, caso fossem tão bonitas e am áveis com o se dizia. Estas eram as reparações que tencionava oferecer em troca da sua futura apropriação de Longbourn. Achava esse plano excelente, conveniente, excessivam ente generoso e desinteressado da sua parte.

O contato com as m eninas não o fez alterar o seu plano. O lindo rosto de Miss Jane o confirm ou até nas suas intenções; e as suas preferências quadravam aliás com as severas noções que tinha do direito de prim ogenitura. E desde o prim eiro m om ento, a sua escolha recaiu sobre Jane. A m anhã seguinte, entretanto, trouxe um a alteração. Durante um a conversa tête-à-tête com Mrs. Bennet pelo espaço de um quarto de hora da prim eira refeição, a palestra que se iniciou acerca do seu presbitério conduziu-o naturalm ente a confessar as suas esperanças de encontrar um a dona de casa em Longbourn. Mrs. Bennet, entre sorrisos am áveis e outros encoraj am entos, procurou dissuadi-lo da escolha que parecia recair sobre Jane. Quanto às suas filhas m ais m oças, não podia responder positivam ente, m as não sabia ao certo de nenhum im pedim ento da parte delas.

Em relação à sua filha m ais velha, porém , sentia-se na obrigação de avisar que provavelm ente ficaria noiva dentro de pouco tem po.

Mr. Collins, com a m aior naturalidade, transferiu o seu proj eto de Jane para Elizabeth. E isto foi logo feito, enquanto Mrs. Bennet falava sobre o assunto.

Elizabeth, que vinha logo em seguida a Jane, em idade e beleza, era a sua sucessora natural.

Mrs. Bennet registrou a alusão, e nutriu esperanças de que em breve teria duas filhas casadas. E o hom em cuj o nom e ainda na véspera a enfurecera, conquistou um alto lugar nas suas boas graças.

O proj eto do passeio até Mery ton não foi esquecido. Todas as irm ãs concordaram , com exceção de Mary . E Mr. Collins, a pedido de Mr. Bennet, que estava ansioso para se ver livre dele, e dispor à vontade da sua biblioteca, prontificou-se a acom panhar as m eninas. Depois do café da m anhã, Mr. Collins acom panhara o dono da casa à biblioteca e lá continuaria, indefinidam ente, ocupado aparentem ente em exam inar um dos grandes in-folios da coleção, m as na verdade falando sem cessar sobre a sua casa e o seu j ardim de Hunsford, se Mr. Bennet não tivesse sugerido aquele passeio com as m eninas. Estas invasões dos seus dom ínios irritavam Mr. Bennet extraordinariam ente. Na sua biblioteca ele se sentia sem pre seguro da sua tranquilidade e um a vez declarara a Elizabeth que, em bora estivesse sem pre certo de encontrar a loucura e a vaidade em todos os dem ais quartos da sua casa, ali podia se considerar livre do espetáculo dessas fraquezas. A sua am abilidade, portanto, levou-o facilm ente a convidar Mr.

Collins a acom panhar suas filhas no passeio que elas haviam planej ado. E Mr.

Collins, que tinha m uito m aior vocação para andar do que para ler, ficou extrem am ente satisfeito, fechou o seu grosso volum e e partiu.

Entre pequenas frases pom posas da sua parte e am áveis assentim entos da parte de suas prim as, o tem po passou até que chegaram

em Mery ton. Aí Mr. Collins foi obrigado a desistir dos seus esforços para atrair a atenção das suas duas prim as m ais m oças. Im ediatam ente os olhares destas com eçaram a percorrer as ruas, à procura de oficiais e, a não ser um chapéu m uito elegante ou um novo corte de m ousseline num a vitrine, nada m ais seria capaz de atrair novam ente a sua atenção.

Aliás todos os olhares foram atraídos im ediatam ente por um rapaz que nunca tinham visto antes e que parecia extrem am ente distinto e elegante. Vinha com um oficial do outro lado da rua. O oficial era aquele Mr. Denny , cuj o regresso de Londres Ly dia viera investigar. Ao passar, ele cum prim entou-as. Todas ficaram im pressionadas com o aspecto do desconhecido. A curiosidade era enorm e. Kitty e Ly dia, resolvidas a investigar o caso, fizeram o grupo passar para o outro lado da rua, sob pretexto de um a com pra a fazer num a loj a fronteira. Por sorte, apenas tinham pisado a calçada do outro lado, os dois rapazes, voltando sobre seus passos, chegaram ao m esm o lugar. Mr. Denny se dirigiu im ediatam ente para as m oças e pediu perm issão para apresentar o seu am igo, Mr. Wickham , que viera com ele de Londres no dia anterior e que aceitara um a com issão no seu regim ento. Isto era realm ente a coisa desej ável, pois só lhe faltava um uniform e para ser o m ais encantador dos rapazes. Logo depois de apresentado, ele se pôs a conversar, pois era desem baraçado e ao m esm o tem po perfeitam ente correto e respeitoso. Todo o grupo se encontrava ainda na m esm a posição, conversando m uito agradavelm ente, quando se ouviu um rum or, e Darcy e Bingley apareceram a cavalo. Ao avistar as senhoras, eles im ediatam ente se adiantaram para o grupo e as cum prim entaram com as

cortesias de costum e. Bingley se dirigiu logo a Miss Bennet. Estava, explicou, a cam inho de Longbourn, a fim de saber notícias dela. Mr. Darcy confirm ou com um a reverência e estava a ponto de tom ar a resolução de não olhar para Elizabeth, quando a presença do estranho lhe cham ou a atenção. Elizabeth, que olhava para o rosto de am bos, viu com espanto que quando os seus olhos se encontraram , um corou e o outro em palideceu. Mr. Wickham ,

depois de alguns instantes tocou o seu chapéu: um a saudação que Mr. Darcy apenas se dignou responder. Que poderia significar aquilo? Era im possível saber, m as era im possível tam bém não sentir grande curiosidade.

Poucos m inutos depois Mr. Bingley , em bora sem parecer notar o que tinha se passado, despediu-se e partiu com o seu am igo.

Mr. Denny e Mr. Wickham acom panharam as m oças até a porta da casa de Mr.

Philips e aí fizeram as suas reverências, apesar das insistências de Miss Ly dia para que entrassem , e m esm o das instâncias de Mr. Philips em pessoa, que abriu de súbito um a das j anelas e confirm ou enfaticam ente o convite.

Mrs. Philips via sem pre com prazer as suas sobrinhas, especialm ente as duas m ais velhas, cuj a ausência se fizera sentir recentem ente. Ela exprim iu avidam ente a surpresa que lhe causara a notícia do seu súbito regresso de Netherfield e disse que de nada teria sabido se não tivesse encontrado por acaso o m enino da farm ácia que lhe dissera que não estavam m ais enviando rem édios para Netherfield porque as irm ãs Bennet tinham ido em bora. Nesse m om ento Jane cham ou a sua atenção para Mr. Collins, que ela desej ava lhe apresentar.

Mrs. Philips recebeu-o com a m aior am abilidade e esta lhe foi retribuída em dose ainda m aior. Mr. Collins se desculpou por ter vindo visitá-la sem apresentação prévia, coisa que no entanto se j ustificava plenam ente pelo seu parentesco com as j ovens senhoras que o tinham apresentado. Mrs. Philips ficou espantada com tal excesso de boa educação, m as o seu em bevecim ento diante do recém -chegado foi em breve interrom pido pelas exclam ações e perguntas a respeito do outro estranho. Quanto a este últim o, entretanto, só podia dizer às sobrinhas o que j á sabiam : que tinha chegado de Londres com Mr. Denny e que ia receber o posto de tenente com issionado no condado de X. Observara-o, explicou, durante a últim a hora, enquanto ele passeava de cim a para baixo

na rua. Se Mr. Wickham tivesse reaparecido, Kitty e Ly dia a teriam substituído nessa ocupação, m as infelizm ente ninguém passou pela j anela, e não ser alguns oficiais, que, em com paração com o estranho, se tinham tornado suj eitos

“estúpidos e desagradáveis”. Alguns deles deviam vir j antar com os Philips no dia seguinte, e a tia prom eteu que faria o seu m arido visitar Mr. Wickham e convidá-lo igualm ente, caso a fam ília de Longbourn pudesse vir depois do j antar.

Assim ficou com binado, e Mrs. Philips declarou que faria um j ogo de loteria e que ofereceria um a ceia m ais tarde.

A expectativa de tais prazeres era m uito agradável, e todos se separaram

extrem am ente felizes. Mr. Collins repetiu as suas desculpas e tornou a ser tranquilizado com incansável am abilidade por Mrs. Philips.

A cam inho de casa, Elizabeth contou a Jane a cena que presenciara entre os dois cavalheiros, m as Jane declarou que aquele procedim ento lhe parecia incom preensível. Mr. Collins, ao regressar, alegrou Mrs. Bennet, dizendo que tinha apreciado im ensam ente as m aneiras e a polidez de Mrs. Philips. Declarou que, a não ser Lady Catherine e sua filha, nunca vira um a m ulher tão elegante, pois Mrs. Philips não só o recebera com a m aior am abilidade, com o o tinha incluído especialm ente no seu convite para a próxim a noite, em bora o estivesse vendo pela prim eira vez. Em parte isso devia ser atribuído ao seu parentesco com a fam ília de Longbourn, m as m esm o assim nunca fora tratado com tanta atenção durante toda a sua vida.

16

Nenhum a obj eção foi feita quanto ao com prom isso que as m eninas tinham tom ado para a noite seguinte, e todos os escrúpulos que Mr. Collins m anifestou de deixar Mr. e Mrs. Bennet por um a

noite, durante a sua visita, foram vencidos com firm eza. Em hora oportuna a carruagem saiu de Longbourn conduzindo Mr.

Collins e suas cinco prim as a Mery ton. Ao entrarem na sala, as m eninas tiveram o prazer de saber que Mr. Wickham tinha aceitado o convite de Mr. Philips e j á se encontrava em sua casa.

Depois que todos se tinham sentado, Mr. Collins teve a oportunidade de olhar em torno e adm irar a casa. Ficou tão im pressionado com o tam anho e a m obília da sala que declarou que tinha quase a im pressão que estava num a pequena sala de alm oço de verão em Rosings, com paração que a princípio não foi m uito apreciada. Mas quando Mrs. Philips soube o que era Rosings e a quem pertencia, e depois que ouviu a descrição de um dos salões de Lady Catherine e soube que um a das lareiras por si só custara oitocentas libras, ela sentiu toda a força do elogio; não teria ficado ressentida se com parassem a sua sala com o quarto da caseira de Rosings. Mr. Collins se alongou na descrição das riquezas de Lady Catherine e da sua propriedade, com digressões ocasionais em louvor da sua própria e hum ilde residência e dos m elhoram entos que estavam sendo feitos nela; finalm ente outros cavalheiros se acercaram . Mr. Collins encontrou em Mrs.

Philips um a ouvinte m uito atenciosa. Ela estava cada vez m ais convencida da im portância do seu convidado e resolvida a passar adiante para todas as suas vizinhas, assim que pudesse, tudo o que estava ouvindo. Mas para as m eninas, que não queriam prestar atenção no seu prim o, que nada tinham a fazer senão exam inar as im itações de porcelana sobre a lareira, o intervalo pareceu m uito longo. E afinal os cavalheiros se aproxim aram , e quando Mr. Wickham entrou na sala, Elizabeth sentiu que a adm iração que desde o prim eiro m om ento sentira por ele não era de m odo algum exagerada. Os oficiais do condado de… eram todos pessoas m uito distintas e os m elhores dentre eles estavam presentes; m as Mr.

Wickham ultrapassava a todos, em aspecto, m aneiras, m odo de andar, do m esm o m odo que eles, os oficiais, eram superiores ao

gorducho do tio Philips, com o seu rosto redondo e o seu hálito cheirando a vinho do Porto.

Mr. Wickham era um felizardo para quem se dirigiam quase todos os olhares fem ininos, e Elizabeth foi a feliz eleita perto da qual se sentou. E o rapaz se pôs im ediatam ente a conversar da m aneira m ais agradável, em bora o assunto se lim itasse apenas à noite chuvosa que fazia, e à probabilidade de um a estação chuvosa. Elizabeth sentiu que o assunto m ais banal podia tornar-se interessante graças à arte do narrador.

Diante de rivais tão tem íveis com o Mr. Wickham e os oficiais, Mr. Collins parecia m ergulhar na insignificância. Para as m oças ele não tinha interesse

algum . Mr. Collins encontrava, entretanto, às vezes, em Mrs. Philips, um a ouvinte benévola. Graças à atenção desta senhora, recebeu um a abundante provisão de café e de biscoitos. Quando as m esas de j ogo foram colocadas, teve ocasião de retribuir aquelas am abilidades, oferecendo-se para seu parceiro de whist.

— Sou um pouco fraco no j ogo atualm ente — disse —, m as aproveitarei de boa vontade a presente ocasião para m e aperfeiçoar, pois na m inha atual situação...

Mrs. Philips ficou m uito grata com o convite, m as não quis esperar os m otivos.

Mr. Wickham não j ogava whist, porém a sua presença com o espectador na m esa em que j ogavam Elizabeth e Ly dia foi recebida com grande prazer. A princípio parecia haver um certo perigo de que Ly dia o absorvesse inteiram ente, pois esta conversava m uito; m as Ly dia tinha tam bém grande entusiasm o pelo whist e dentro em pouco estava tão absorta com as apostas e os prêm ios, que não prestava m ais atenção a ninguém . Mr. Wickham ficou portanto à vontade para falar com Elizabeth, que estava pronta a ouvi-lo com a m aior boa vontade, em bora não tivesse a esperança de que ele contasse o que m ais desej ava: a

história das suas relações com Mr. Darcy . Elizabeth não ousou sequer m encionar o nom e daquele cavalheiro. Mr. Wickham , ele próprio, introduziu o assunto e perguntou qual a distância que separava Netherfield de Mery ton e depois de ouvir a resposta, perguntou, hesitante, há quanto tem po Mr. Darcy estava habitando lá.

— Há um m ês, m ais ou m enos — respondeu Elizabeth.

E em seguida, para não deixar m orrer o assunto, acrescentou:

— Ouvi dizer que ele tem um a grande propriedade no Derby shire.

— Sim — replicou Wickham —, tem um a bela propriedade. Dez m il libras líquidas por ano. Aliás a senhora não poderia encontrar m elhor inform ante do que eu sobre esse assunto, pois desde a m inha infância conheço a fam ília bastante intim am ente.

Elizabeth não pôde se im pedir de m anifestar espanto.

— A sua surpresa, Miss Bennet, é m uito natural, pois viu com que frieza nos cum prim entam os ontem . Conhece intim am ente Mr. Darcy ?

— Não queria conhecê-lo m ais do que conheço. Passei quatro dias na m esm a casa que ele e o acho m uito desagradável.

— Não tenho direito de m anifestar a m inha opinião — disse Wickham —; não estou qualificado para form ar um j uízo, pois o conheço há tanto tem po e tão bem que m e é im possível falar com im parcialidade, m as acho que a sua opinião surpreenderia a todos e talvez nunca a exprim isse tão categoricam ente em outro lugar qualquer. Aqui a senhora está no m eio da sua própria fam ília.

— Dou-lhe a m inha palavra de honra que não falo aqui de m aneira diferente da que falaria em outra qualquer casa das redondezas, exceto Netherfield. Mr.

Darcy não é nada benquisto aqui no Hertfordshire. Todos o acham insuportavelm ente orgulhoso. Não encontraria um a opinião diferente a seu

respeito.

— Não posso dizer que m e entristece o fato de um hom em não ser apreciado além do que m erece — disse Wickham , depois de um a curta pausa. — Mas no caso de Mr. Darcy acho que isto não acontece frequentem ente. A sociedade se deixa cegar pela sua fortuna e pela sua im portância, e se deixa atem orizar pelas suas m aneiras altivas e despóticas e o vê apenas com o ele desej a ser visto.

— Mesm o conhecendo-o m uito pouco com o eu o conheço, acho que ele deve ser um hom em de m au gênio.

Mr. Wickham se lim itou a sacudir a cabeça.

— Não m e surpreenderia — disse Wickham — se não se dem orasse aqui m uito tem po m ais.

— Isto eu não sei, m as nada ouvi falar a respeito da sua partida. Espero que os seus planos, Mr. Wickham , não sej am afetados pela presença de Mr. Darcy nestas redondezas.

— Oh, não. Não há de ser ele que há de m e enxotar daqui. Se quiser evitar encontrar-se com igo, ele é quem deve partir. Não estam os em term os m uito am igáveis; é-m e desagradável encontrá-lo, m as não tenho outros m otivos para evitá-lo, senão aqueles que não m e pej o de proclam ar diante de todo m undo: a consciência de ter sido tratado inj ustam ente por ele e a pena que m e causa o seu feitio desagradável. O pai dele, Miss Bennet, o falecido Mr. Darcy , foi um dos hom ens m elhores que j á pisaram sobre a terra, e o m elhor am igo que j am ais tive; e nunca m e encontro com o atual Mr. Darcy sem que m e sinta ferido por m il lem branças tristes. A sua conduta para com igo foi sem pre

escandalosa, m as creio realm ente que lhe perdoaria tudo, contanto que ele não desm erecesse a m em ória do seu pai.

Elizabeth sentiu crescer o seu interesse e o ouvia com toda a atenção, m as a delicadeza do assunto im pedia m aiores investigações. Mr. Wickham abordou outros tem as de natureza m enos especial: Mery ton, as pessoas da redondeza, a sociedade e pareceu m uito satisfeito com tudo o que tinha visto, referindo-se especialm ente a esta últim a com m uita am abilidade.

— O que m ais m e induziu a aceitar o posto no regim ento — disse — foi a perspectiva da agradável sociedade que encontraria aqui. Sabia que era um dos regim entos m ais respeitáveis, e m eu am igo Danny m e convenceu ainda m ais, com a descrição que fez da sociedade de Mery ton, das grandes atenções que tinha recebido e das excelentes relações que fizera. Confesso que a sociedade m e é necessária. Sofri certos desenganos e não suporto a solidão. Preciso de um a ocupação e de um a com panhia. A vida m ilitar não é aquela para que m e sinto feito. Mas as circunstâncias a tornaram desej ável no m om ento. Minha carreira devia ter sido o clero. Fui educado para entrar na Igrej a e neste m om ento eu estaria de posse de um a posição im portante, se aquele cavalheiro de que falávam os o tivesse desej ado.

— Sim ?

— Sim . O falecido Mr. Darcy tinha m e prom etido a m elhor paróquia que prim eiro vagasse nos seus dom ínios. Ele era m eu padrinho e m e dedicava grande afeição. Nunca poderia pagar o que lhe devo. Ele tencionava velar sobre o m eu futuro e pensou que o tivesse feito. Mas quando o lugar vagou, foi dado a outra pessoa.

— Que horror! — exclam ou Elizabeth. — Com o pôde desrespeitar a vontade do pai? Por que é que o senhor não procurou um a reparação legal?

— Os term os da doação eram apenas verbais. Não havia fundam ento para um a ação legal. Um hom em de honra não hesitaria em

cum prir as disposições paternas, m as Mr. Darcy preferiu duvidar de que estas disposições existissem , ou tratá-las com o sim ples recom endações e afirm ou que eu tinha perdido todo o direito ao lugar que pleiteava pela m inha extravagância e pela m inha im prudência. O certo é que o lugar ficou vago há dois anos, no m om ento exato em que eu atingia a idade exigida para ocupá-lo. E creio que foi dado a outra pessoa; e não é m enos certo que eu nada tenho feito para desm erecê-lo. Tenho um gênio franco e im pulsivo e talvez m anifestasse com dem asiada liberdade aos outros e ao próprio Mr. Darcy a opinião que tenho dele. Não m e lem bro de ter feito nada m ais grave. Mas o fato é que som os hom ens de feitio m uito diferente e que ele m e odeia.

— Isto é revoltante. Ele m erece ser publicam ente condenado.

— Mais cedo ou m ais tarde o será, m as não por m eu interm édio. Enquanto a m em ória do pai dele viver em m im , não o denunciarei, nem m esm o o provocarei.

— Mas qual pode ser o m otivo que o levou a proceder tão cruelm ente? — disse Elizabeth, depois de um a pausa.

— A furiosa antipatia que tem por m im , um a antipatia que eu não posso deixar de atribuir em parte à invej a. Se o falecido Mr. Darcy tivesse gostado m enos de m im , o filho talvez m e suportasse m elhor. Mas a extraordinária afeição que o pai m anifestava por m im irritava-o quando ainda era m uito criança. Com o tem peram ento que ele tem , não podia tolerar a com petição em que nos defrontávam os e a preferência que frequentem ente m e era dada.

— Eu não supunha que Mr. Darcy fosse tão ruim assim , em bora nunca m e sentisse atraída por ele. Pensava que desprezasse os seus sem elhantes em geral, m as não suspeitava que fosse capaz de tom ar um a vingança tão baixa e se m ostrar tão inj usto e tão desum ano.

Depois de refletir alguns m inutos, ela continuou:

— Recordo-m e que ele se gabou certa vez em Netherfield de ser im placável nos seus ressentim entos. E de ser dotado de um tem peram ento rancoroso. Deve ter um gênio terrível.

— Quanto a isto nada posso dizer — replicou Wickham —, não m e sinto com

forças para j ulgá-lo com j ustiça.

Elizabeth tornou a m ergulhar nos seus pensam entos e, depois de algum tem po, exclam ou:

— Tratar desta m aneira o afilhado, o am igo, o favorito de seu pai...

E poderia ter acrescentado: um rapaz com o o senhor, cuj a aparência depõe tanto a seu favor. Mas se lim itou a dizer:

— E além disso um com panheiro de infância, um íntim o, com o o senhor m esm o disse...

— Nascem os na m esm a paróquia, dentro dos lim ites do m esm o parque, passam os j untos a m aior parte da infância, vivem os na m esm a casa, com partilham os os m esm os divertim entos e fom os obj etos da m esm a afeição paternal. Meu pai com eçou a vida na m esm a profissão em que o seu tio parece ter se distinguido, m as ele abandonou tudo para servir Mr. Darcy dedicando todo o seu tem po à adm inistração da propriedade de Pem berley . Era altam ente estim ado por Mr. Darcy , que fez dele o seu íntim o am igo e confidente. Mr.

Darcy , m ais de um a vez, reconheceu publicam ente que devia as m aiores obrigações a m eu pai, pelos serviços que este lhe prestara na adm inistração dos seus bens. E quando, um pouco antes da m orte de seu pai, Mr. Darcy lhe prom eteu espontaneam ente encarregar-se do m eu futuro, estou convencido de que sentia que essa prom essa era um a dívida de gratidão para com m eu pai, além de ser um a prova de afeição para com igo.

— Com o é estranho! — exclam ou Elizabeth. — Que coisa abom inável! Espanta-m e que o próprio orgulho de Mr. Darcy não o tenha levado a ser j usto para com o senhor. E se não houvesse outro m otivo, bastava este. Ele devia ser orgulhoso dem ais para ser desonesto.

— Espantoso — replicou Wickham —, pois quase todos os seus atos podem ser relacionados com o orgulho. E o orgulho tem sido o seu m elhor am igo. O orgulho o conduziu até m ais próxim o da virtude do que qualquer outro sentim ento. Mas nenhum de nós é coerente, e na sua conduta para com igo agiram ainda im pulsos m ais fortes do que o orgulho.

— Mas pode um orgulho tão abom inável lhe ter sido j am ais de algum a vantagem ?

— Sim . Levou-o frequentem ente a ser liberal e generoso, a despender grandes quantias, a ser hospitaleiro, a aj udar os seus colonos e a m itigar os sofrim entos dos pobres. O orgulho da fam ília e o orgulho filial, pois ele tem grande orgulho do pai, conduziram -no a isto. Não desm erecer a fam ília, não parecer ter degenerado quanto a certas qualidades que a tornaram fam osa, não deitar a perder a influência da casa de Pem berley , são m otivos poderosos. Ele possui tam bém orgulho fraternal, o qual, som ado a certa afeição, o faz zelar com carinho e cuidado pela sua irm ã; a senhora deve ter ouvido dizer que ele é o m elhor e o m ais atencioso dos irm ãos.

— Que espécie de m oça é Miss Darcy ?

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu desej ava responder que é am ável. Causa-m e m ágoa falar m al de um Darcy . Mas é extrem am ente parecida com o irm ão, m uito, m uito orgulhosa. Em criança era extrem am ente afetiva e agradável, e gostava m uito de m im . E a fim de distraí-la, perdi m uitas horas da m inha vida. Mas agora ela j á não representa nada para m im . É um a bonita m enina de 15 ou 16 anos e dizem que m

uito prendada. Desde a m orte do pai vive em Londres, em com panhia de um a senhora que dirige a sua educação.

Depois de m uitas pausas, em que tentou falar noutros assuntos, Elizabeth não pôde deixar de voltar ao prim eiro, e disse:

— Espanta-m e a intim idade dele com Mr. Bingley . Não sei com o este, que parece ser todo bom hum or e é realm ente extrem am ente sim pático, pode ter am izade por aquele hom em . Não entendo com o os seus gênios com binam .

Conhece Mr. Bingley ?

— Não.

— É um hom em am ável, bem -educado, encantador. Ele não deve conhecer a verdadeira natureza de Mr. Darcy .

— Provavelm ente não. Mas Mr. Darcy sabe agradar quando quer. Não lhe faltam qualidades. Ele sabe ser um com panheiro agradável, quando acha que vale a pena. Entre os seus iguais m ostra-se m uito diferente do que com os m enos afortunados. Seu orgulho nunca o abandona; m as com os ricos ele é liberal, j usto, sincero, razoável, honrado, e talvez agradável. Mesm o levando em conta a sua fortuna e a sua figura.

Pouco depois term inou a partida de whist. Os j ogadores se reuniram em torno da outra m esa e Mr. Collins se sentou entre a sua prim a Elizabeth e Mrs. Philips. Esta lhe fez as perguntas de costum e sobre o seu êxito no j ogo. A sorte não lhe tinha sido m uito favorável. Ele tinha perdido todos os pontos. Mas quando Mrs. Philips com eçou a exprim ir o seu pesar, Mr. Collins lhe assegurou, m uito grave, que isto não tinha a m enor im portância, que considerava o dinheiro um a coisa secundária, e pediu que não se preocupasse com o fato.

— Sei perfeitam ente, m inha senhora — disse — que quando um a pessoa se senta num a m esa de j ogo, deve correr o seu risco.

Felizm ente a m inha situação perm ite perder cinco shilings sem nenhum a preocupação. Muitos não podem dizer o m esm o, m as graças a Lady Catherine de Bourgh estou livre dessas pequeninas m isérias.

Mr. Wickham prestou atenção a estas palavras e, depois de observar Mr. Collins durante alguns m om entos, perguntou a Elizabeth se o seu parente era intim am ente relacionado com a fam ília de Bourgh.

— Lady Catherine de Bourgh — respondeu Elizabeth — concedeu-lhe recentem am ente um lugar de reitor. Não sei quando Mr. Collins lhe foi

apresentado pela prim eira vez. Mas estou certa de que não a conhece há m uito tem po.

— A senhora deve saber naturalm ente que Lady Catherine de Bourgh e Lady Anne Darcy eram irm ãs. E por conseguinte esta senhora é tia do atual Mr.

Darcy .

— Não, não sabia. Não sabia m esm o da existência de Lady Catherine até o dia de ontem .

— Sua filha, Miss de Bourgh, herdará um a grande fortuna. Acredita-se que ela e seu prim o reunirão as duas propriedades.

Esta inform ação fez Elizabeth sorrir, pois se lem brou da pobre Miss Bingley .

Todas as suas atenções, a sua afeição por Miss Darcy e os elogios a Mr. Darcy seriam inúteis se ele j á estivesse destinado a outra m ulher.

— Mr. Collins — disse Elizabeth — fala m uito bem tanto de Lady Catherine com o da sua filha, m as certos detalhes que referiu

acerca daquela senhora m e fazem suspeitar que a gratidão o torna cego e que, apesar de ser a sua protetora, ela é um a m ulher arrogante e convencida.

— Creio que é am bas estas coisas no m ais alto grau — replicou Wickham . — Há m uitos anos que não a vej o, m as lem bro-m e perfeitam ente que nunca sim patizei com ela e que as suas m aneiras eram autoritárias e insolentes. Ela tem fam a de ser extraordinariam ente sensata e esperta. Mas creio que essas habilidades são parte devidas à sua situação social e à sua fortuna, às suas m aneiras autoritárias e em parte tam bém ao orgulho do seu sobrinho, que j ulga só poder se dar com pessoas im portantes.

Elizabeth concordou que tinha tudo explicado m uito razoavelm ente e eles continuaram a conversar com m útua satisfação, até que o j antar pôs fim às partidas de cartas, cabendo às dem ais senhoras a sua quota nas atenções de Mr.

Wickham . Durante o j antar, o barulho foi tão grande que não se podia conversar; m as as m aneiras de Mr. Wickham agradaram a todo m undo. Tudo o que dizia era bem -dito e fazia tudo com graça. Elizabeth partiu m uito entusiasm ada com ele. Durante todo o cam inho para casa não podia pensar noutra coisa a não ser em Mr. Wickham e nas palavras que ele lhe dissera; m as não encontrou nenhum a ocasião de m encionar o seu nom e, pois nem Ly dia nem Mr. Collins calaram a boca um só instante. Ly dia falou ininterruptam ente no j ogo de peixe que tinha perdido e sobre o que ganhou. E Mr. Collins não cessou um só instante de descrever a am abilidade de Mr. e de Mrs. Philips, declarando que não se im portava absolutam ente com suas perdas no j ogo, enum erando todos os pratos do j antar, desculpando-se continuam ente por estar incom odando as suas prim as no assento estreito da carruagem . Estava longe de esgotar todos os seus assuntos, quando a carruagem parou diante da casa de Longbourn.

Elizabeth relatou a Jane, no dia seguinte, tudo o que se tinha passado entre ela e Mr. Wickham . Jane ouviu a irm ã com espanto e atenção. Não podia acreditar que Mr. Darcy fosse tão indigno da am izade de Mr. Bingley . E no entanto não estava na sua natureza duvidar da sinceridade de um rapaz tão bem -apessoado com o Wickham . A ideia de que ele tivera de suportar realm ente tanta ingratidão era suficiente para despertar-lhe todos os sentim entos ternos; e portanto nada lhe restava fazer senão pensar bem de am bos, defender a conduta dos dois e levar à conta do acaso e do erro tudo aquilo que não podia ser explicado de outra m aneira.

— Am bos foram enganados — disse ela — de um m odo ou de outro, em circunstâncias das quais não podem os ter nenhum a ideia. Pessoas interessadas se interpuseram talvez entre eles com as suas intrigas. Enfim , é-nos im possível conj eturar as causas ou circunstâncias que possam tê-los afastado um do outro, sem que a culpa recaia sobre nenhum a das partes.

— Muito bem , e agora m inha querida Jane, que é que você tem a dizer a favor dessas pessoas interessadas que provavelm ente se envolveram no assunto? Acha tam bém que são inocentes? Ou devem os atribuir a culpa a alguém ?

— Pode rir quanto quiser, m as não m e fará desistir das m inhas opiniões. Minha querida Lizzy , pensa só na horrível situação em que ficaria Mr. Darcy se ele tivesse tratado de um a tal m aneira o favorito de seu pai, um rapaz a quem o pai prom etera a sua proteção. E im possível. Nenhum hom em dos m ais indiferentes sentim entos, ninguém que tivesse estim a pelo seu caráter seria capaz disto.

Poderiam os seus m ais íntim os am igos se enganar a este ponto a seu respeito?

Oh, não.

— É m ais fácil eu acreditar que Mr. Bingley está sendo iludido do que supor que Mr. Wickham tenha inventado a história que m e

contou ontem à noite. Nom es, fatos, tudo m encionado sem cerim ônia. Se não for verdade, Mr. Darcy que o contradiga. Além disso, ele parecia sincero.

— É de fato difícil; a gente não sabe o que pensar.

— Desculpe, a gente sabe exatam ente o que pensar.

Mas Jane via apenas com clareza um único ponto: que caso Mr. Bingley tivesse sido iludido, teria m uito que sofrer, quando aqueles fatos se tornassem públicos.

Nesse m om ento as duas m oças, que passeavam no pequeno bosque, foram cham adas devido à chegada de um daqueles a respeito de quem estavam falando. Mr. Bingley e suas irm ãs vieram convidar pessoalm ente as m eninas para o tão esperado baile em Netherfield, cuj a data fora fixada para a próxim a terça-feira. As irm ãs de Mr. Bingley declararam que estavam m uito satisfeitas de falar com a sua querida am iga, pois não tinham ocasião de vê-la há m uito tem po. Perguntaram várias vezes o que é que ela fizera desde o seu regresso de

Netherfield. Ao resto da fam ília m al prestaram atenção. Evitaram Mrs. Bennet o m ais que puderam , falaram um pouco com Elizabeth e ignoraram a presença das outras pessoas. Partiram logo, levantando-se das cadeiras com um a energia que surpreendeu o irm ão e apressando-se com o se desej assem se ver livres das am abilidades de Mrs. Bennet. A perspectiva do baile em Netherfield era extrem am ente agradável para todas as m oças da fam ília. Mrs. Bennet achou que devia considerar o baile com o um a hom enagem à sua filha m ais velha e ficou extrem am ente lisonj eada pelo convite que recebera pessoalm ente de Mr.

Bingley , em vez de um sim ples e cerim onioso cartão. Jane im aginou a noite agradável que passaria em com panhia de suas duas am igas e as atenções que receberia de Mr. Bingley . Elizabeth encarava com prazer a perspectiva de dançar m uitas vezes com Mr. Wickham e de ler a confirm ação de tudo o que sabia no rosto e

nas m aneiras de Mr. Darcy . A felicidade que Katherine e Ly dia antecipavam não dependia de determ inada pessoa ou acontecim ento, pois, em bora com o Elizabeth tencionassem dançar m etade da noite com Mr.

Wickham , este não era de nenhum m odo o único par que as poderia satisfazer e para elas um baile era de qualquer m aneira um grande acontecim ento. E até Mary assegurou à fam ília que não se desinteressava da festa.

— Contanto que eu possa ter as m anhãs livres — disse ela —, é o que m e basta.

Não acho que sej a um sacrifício dedicar ocasionalm ente um a noite às diversões sociais. A sociedade tem certos direitos sobre nós. Sou da opinião daqueles que consideram certos intervalos de recreação e divertim ento desej áveis para todo o m undo.

Elizabeth sentia-se de tão bom hum or que, em bora não dirigisse m uitas vezes a palavra a Mr. Collins, exceto quando a isto era obrigada, não pôde deixar de perguntar se ele tencionava aceitar o convite de Mr. Bingley e se j ulgava apropriado tom ar parte naquele divertim ento m undano; com grande surpresa ficou sabendo que Mr. Collins não tinha o m enor escrúpulo a esse respeito e que nem de longe tem ia um a repreensão do arcebispo ou de Lady Catherine de Bourgh por tom ar parte num a dança.

— Sou de opinião — disse ele — que um baile desta espécie, oferecido por um rapaz de caráter a pessoas respeitáveis não pode ter nenhum a consequência m á.

Estou tão longe de fazer qualquer obj eção à dança, que m e sentirei honrado em dançar com todas as m inhas belas prim as, durante aquela noite. E aproveito a oportunidade de solicitar a sua m ão, Miss Elizabeth, para as duas prim eiras danças, preferência que, espero, a m inha prim a Jane atribuirá à sua verdadeira causa e não a qualquer desrespeito para com a sua pessoa.

Elizabeth ficou desolada. Ela tencionava com prom eter-se com Mr. Wickham para estas danças e agora tinha que trocá-lo por Mr. Collins. O seu contentam ento não poderia ter sido m ais inoportuno. Mas não havia m ais rem édio. A felicidade de Mr. Wickham e, portanto, a sua própria, teria de ser adiada. E a proposta de

Mr. Collins foi aceita com a m aior dose de am abilidade de que pôde dispor. E

outra ideia que aquela galanteria lhe sugeriu não foi de natureza a aum entar o seu contentam ento. Elizabeth com preendeu pela prim eira vez que havia sido escolhida entre as suas irm ãs para ser a esposa do reitor de Hunsford e para aj udar a com pletar um a m esa do j ogo de quadrille em Rosings, na falta de visitas m ais im portantes. A ideia logo se transform ou em certeza, quando observou as crescentes am abilidades com que Mr. Collins a cercava e as frequentes tentativas de elogiar o seu espírito e vivacidade. E em bora ela ficasse m ais surpresa do que contente com esses inesperados efeitos dos seus encantos, sua m ãe não tardou a dar a entender que a probabilidade daquele casam ento lhe era extrem am ente agradável. Elizabeth no entanto resolveu ignorar a indireta, com preendendo que qualquer recusa seria a causa de um a violenta disputa. Talvez Mr. Collins nunca fizesse a proposta. E até que o fizesse, era inútil brigar por sua causa.

Se não fossem os preparativos para o baile de Netherfield, as duas irm ãs m ais m oças se encontrariam num estado lam entável naquele dia, pois, desde a m anhã do convite até o dia do baile, houve um a tal sucessão de dias chuvosos que nem um a só vez puderam ir a Mery ton. Nem tia, nem oficiais, nem novidades...

Até Elizabeth se sentiu aborrecida. O m au tem po im pedia inteiram ente o progresso das suas relações com Mr. Wickham e, a não ser a perspectiva da festa na terça-feira, nada poderia ter tornado suportável para Kitty e Ly dia a m onotonia de um a sexta, de um sábado, de um dom ingo e de um a segunda-feira de chuva.

Até o m om ento em que Elizabeth entrou na sala, em Netherfield, e procurou em vão Mr. Wickham entre os grupos de túnicas verm elhas ali reunidas, nem um a só vez a dúvida de que ele pudesse não estar presente atravessara o seu espírito.

Nenhum a das lem branças que razoavelm ente a poderiam ter alarm ado tinha destruído a certeza de encontrá-lo ali. Vestira-se com cuidado especial e se preparara com o m elhor dos espíritos para a conquista de tudo aquilo que ainda não fora subm etido no coração de Mr. Wickham , certa de que naquela noite encontraria ocasião de vencer todos os obstáculos. Mas naquele instante levantou-se nela a horrível suspeita de que o seu nom e fora propositalm ente om itido nos convites enviados por Bingley aos oficiais, para fazer a vontade de Mr. Darcy . E

em bora o caso não fosse exatam ente aquele, o fato irreparável da sua ausência foi anunciado por seu am igo Mr. Denny , a quem Ly dia se dirigiu avidam ente e que lhe disse ter sido Wickham obrigado a partir para Londres, no dia anterior, em viagem de negócios, e que ainda não voltara; acrescentando, com um sorriso significativo:

— Não acredito que tais negócios o tivessem afastado daqui exatam ente neste m om ento, se não desej asse evitar um certo cavalheiro aqui presente.

Estas palavras, que Ly dia não ouviu, foram percebidas por Elizabeth e com o lhe dem onstravam que Darcy não era m enos responsável pela ausência de Wickham do que no caso de ser j usta a sua prim eira hipótese, todos os seus sentim entos de descontentam ento para com Mr. Darcy foram de tal m odo exacerbados pelo súbito desapontam ento que apenas conseguiu responder com fria civilidade às am áveis perguntas que aquele cavalheiro pouco depois lhe dirigiu. Toda atenção, tolerância e paciência que dem onstrasse para com Darcy significavam um a inj úria para com Wickham . Resolveu não entrar em conversação de nenhum a espécie com ele e não conseguiu esconder de todo o seu m au hum or, nem m esm o ao falar com Mr. Bingley , cuj a cega parcialidade a irritava.

Mas Elizabeth não era feita para ficar m uito tem po de m au hum or e, em bora todas as suas esperanças para aquela noite tivessem sido destruídas, em breve aquela nuvem se dissipou do seu espírito. Tendo desabafado todas as suas m ágoas com Charlotte Lucas, com a qual não estivera durante um a sem ana, m udou espontaneam ente de assunto e cham ou a atenção da sua am iga para as esquisitices do seu prim o. As duas prim eiras danças, no entanto, renovaram o seu desânim o. Mr. Collins, desaj eitado e solene, pedindo desculpas em vez de prestar atenção e dando frequentes passos errados sem perceber, trouxe-lhe toda a vergonha e infelicidade que pode causar um par desagradável durante duas danças seguidas. No m om ento em que conseguiu ver-se livre dele, o seu alívio não teve lim ites. Dançou em seguida com um oficial e teve o consolo de falar

em Wickham e de ouvir dizer que ele era apreciado por todos. Term inadas aquelas danças, ela voltou para perto de Charlotte Lucas e conversava com esta quando foi abordada subitam ente por Mr. Darcy , que a convidou para dançar.

Tom ada de surpresa sem saber bem o que fazia, Elizabeth aceitou. Logo depois, Mr. Darcy se afastou, dando tem po assim a Elizabeth para lam entar a sua falta de presença de espírito. Charlotte procurou consolá-la.

— Você o achará m uito agradável.

— Deus não perm ita tal coisa. Seria a m aior infelicidade de todas! Achar agradável um a pessoa que decidim os odiar! Não m e desej e esse m al.

Entretanto, quando a m úsica recom eçou e Darcy se aproxim ou, Charlotte não pôde se im pedir de prevenir a am iga, em voz baixa, que não tivesse a sim plicidade de perm itir que o seu entusiasm o por Wickham a tornasse desagradável aos olhos de um hom em dez vezes m ais im portante. Elizabeth não respondeu e tom ou o seu lugar na fila, espantada com a honra de ter sido a escolhida para ficar defronte de Mr. Darcy , lendo igual surpresa nos olhos das suas

vizinhas. Durante algum tem po não se falaram e ela com eçou a pensar que aquele silêncio ia se prolongar durante as duas danças. A princípio resolveu ficar calada. Mas de súbito, im aginando que seria ainda m aior castigo obrigar o seu com panheiro a conversar, fez algum as ligeiras observações sobre a dança. Ele respondeu e calou-se. Dez m inutos depois dirigiu-se novam ente a ele e disse:

— Agora é a sua vez de dizer algum a coisa, Mr. Darcy . Falei a respeito da dança e o senhor devia fazer algum as observações sobre o tam anho da sala e sobre o núm ero dos pares.

Ele sorriu e afirm ou que diria tudo o que desej asse.

— Muito bem , a resposta basta para o m om ento. Talvez a propósito eu possa observar que os bailes particulares são m uito m ais agradáveis do que os bailes públicos. Agora podem os ficar calados.

— Então a senhora fala por princípio, quando está dançando?

— Às vezes, é preciso falar um pouco, não acha? Pareceria estranho ficar em silêncio durante m eia hora. No entanto, para servir às preferências de certas pessoas, a conversação deveria ser entabulada com o m enor núm ero possível de palavras.

— Está falando a respeito de seus sentim entos no caso presente? Ou im agina que está j ustificando os m eus?

— As duas coisas — replicou Elizabeth, m aliciosam ente. — Já notei que tem os grandes sem elhanças de espírito. Am bos som os de feitio antissocial, taciturno, e não gostam os de falar senão para dizer algum a coisa capaz de causar assom bro a toda a sala e ser transm itida à posteridade com o brilho de um provérbio.

— Estou certo de que isto é um a im agem m uito fiel do seu próprio caráter —

disse ele. — Mas não posso dizer até que ponto sej a do m eu. Sem dúvida a senhora acha que é um a descrição fiel?

— Não devo j ulgar a m inha própria argúcia.

Ele não respondeu e ficaram novam ente em silêncio até que, term inada a dança, Mr. Darcy perguntou se as suas irm ãs não costum avam ir frequentem ente até Mery ton. Ela respondeu afirm ativam ente e, sem poder resistir à tentação, acrescentou:

— Quando nos encontrou lá outro dia, acabávam os de fazer um a nova relação.

O efeito foi im ediato. A expressão de altivez se acentuou no rosto de Darcy , m as ele nada respondeu. E Elizabeth, m aldizendo a sua própria fraqueza, não teve forças para continuar. Afinal Darcy falou, constrangido:

— Mr. Wickham é dotado de m aneiras tão agradáveis que lhe é fácil fazer am igos. Mas não é tão certo que sej a capaz de retê-los.

— Ele teve a infelicidade de perder a sua am izade — replicou Elizabeth, com ênfase. — E em circunstâncias que o farão provavelm ente sofrer durante toda a vida.

Darcy não respondeu e m ostrou desej o de m udar de assunto. Naquele m om ento Sir William Lucas se aproxim ou, com a intenção de atravessar a sala. Vendo porém Mr. Darcy , parou e, inclinando-se, cum prim entou-o pelo fato de estar dançando e pelo seu par.

— Acredite que fiquei m uito satisfeito. Não é com um ver-se dançar tão bem . O

senhor é um perito. Perm ita dizer-lhe, porém , que o seu belo par não lhe fica atrás. Espero que esse prazer se repita, especialm ente quando um certo acontecim ento m uito desej ável acontecer, m inha cara Miss Eliza.

E dizendo isto, olhou para Jane e Bingley .

— Com o afluirão os parabéns! — continuou ele. — Apelo para Mr. Darcy . Mas não quero interrom pê-los. E além disso, Mr. Darcy , não desej o privá-lo da conversa agradável desta m oça, cuj os belos olhos estão tam bém m e censurando.

A últim a parte da tirada foi m al-ouvida por Darcy , m as a alusão de Sir William a seu am igo Bingley pareceu im pressioná-lo. Seus olhos se voltaram para Bingley e Jane que dançavam j untos. Mas, voltando a si rapidam ente, virou-se para Elizabeth e disse:

— A interrupção de Sir William m e fez esquecer o assunto sobre o qual falávam os.

— Acho que não estávam os falando. Sir William não poderia ter interrom pido duas pessoas que tivessem m enos o que dizer nesta sala. Já tentam os dois ou três assuntos sem êxito; não sei do que podem os falar agora.

— Que pensa dos livros? — disse ele, sorrindo.

— Livros? Estou certa de que não lem os os m esm os livros. E nunca os encaram os com os m esm os sentim entos.

— Sinto que diga isto, m as se este é o caso, pelo m enos não haverá falta de assunto. Podem os com parar as nossas opiniões.

— Não, não posso falar em livros num salão de baile. Minha cabeça está cheia

de outras coisas.

— Sem pre a preocupa o que está acontecendo em torno de si, não é? — disse ele, com um a expressão de dúvida.

— Sim , sem pre — replicou ela, sem saber o que dizia, pois o seu pensam ento tinha voado para longe.

E, pouco depois, exclam ou, subitam ente:

— Lem bro-m e de que j á ouvi o senhor dizer, Mr. Darcy , que dificilm ente perdoava. E que o seu ressentim ento, um a vez despertado, j am ais se aplacaria.

Portanto, deve tom ar precauções para que ele não sej a despertado.

— É verdade — disse, com voz firm e.

— E nunca se deixa influenciar por j uízos antecipados?

— Espero que não.

— É particularm ente im portante para aqueles que nunca m udam de opinião ter a certeza de j ulgar com j ustiça desde o início.

— Posso indagar qual é a finalidade destas perguntas?

— Apenas inform ar-m e sobre o seu caráter — disse ela, procurando dissipar o seu ar de gravidade. — Estou tentando com preendê-lo.

— E tem conseguido?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não consigo form ar um a im agem que m e satisfaça. Ouço tantas coisas contraditórias a seu respeito que isto m e interessa extraordinariam ente.

— Acredito que as inform ações a m eu respeito sej am grandem ente contraditórias — respondeu ele, com gravidade. — Eu desej aria, Miss Bennet, que não tentasse desenhar o m eu caráter neste m om ento, pois tenho razões para acreditar que o resultado não seria m uito lisonj eiro.

— Mas se não o tom ar com o um m odelo agora, pode ser que nunca m ais encontre outra oportunidade.

— De m odo algum desej aria perturbar o seu prazer — disse ele, friam ente.

Elizabeth se calou e a segunda dança decorreu sem que trocassem outras palavras. Ao se separarem , am bos estavam descontentes, em bora em grau diferente, pois havia em Darcy um sentim ento m uito forte em relação a Elizabeth que o levou im ediatam ente a perdoá-la e a dirigir o seu m au hum or contra outra pessoa.

Não havia m uito que se tinham separado, quando Miss Bingley se aproxim ou de Elizabeth e com um a expressão am ável de desdém abordou-a da seguinte m aneira:

— Então, Miss Eliza, ouvi dizer que tinha ficado encantada com George Wickham ? Sua irm ã m e falou a respeito dele e m e fez m il perguntas. E eu soube que o rapaz se esqueceu de dizer, entre outras coisas, que era o filho do velho Wickham , o intendente do falecido Mr. Darcy . Deixe que lhe recom ende no entanto, com o am iga, que não dê inteira fé a todas as suas afirm ações, pois é

perfeitam ente falso que Mr. Darcy o tenha tratado m al. Ao contrário, sem pre foi m uito bondoso para com Mr. George Wickham , em bora este tenha correspondido da m aneira m ais infam e. Não conheço os detalhes, m as sei m uito bem que Mr. Darcy não tem culpa nenhum a, que ele não pode suportar Mr.

George Wickham , nem ouvir falar nessa pessoa e, em bora o m eu irm ão achasse que não podia om itir o seu nom e na lista dos oficiais convidados, ficou satisfeito por ele se encontrar ausente. Acho um a insolência sem nom e da parte de Mr.

Wickham ter-se m udado para cá e não sei com o teve tam anha ousadia. Sinto m uito ter de falar m al do seu favorito, Miss Eliza, m as considerando a fam ília de que ele descende, acho que as suas incorreções não são de estranhar.

— Sua culpa e sua origem m odesta parecem significar aos seus olhos a m esm a coisa — respondeu Elizabeth, enfurecida —, pois a única acusação que lhe fez foi de ser o filho do intendente de Mr. Darcy , e quanto a isto, posso lhe assegurar que ele foi o prim eiro a m e inform ar.

— Desculpe — replicou Miss Bingley , com expressão de despeito. — Perdoe a m inha interferência. Foi bem -intencionada.

“Que insolente”, disse Elizabeth para si m esm a. “Está m uito enganada se espera m e influenciar com ataques tão m esquinhos. Nada encontro neles a não ser a sua ignorância voluntária e a m alícia de Mr. Darcy .”

Em seguida Elizabeth procurou a sua irm ã m ais velha, que tinha pedido a Bingley inform ações sobre o m esm o assunto. Jane lhe dirigiu a palavra com um sorriso agradável e um a expressão feliz, que m ostrava o quanto estava satisfeita com as ocorrências daquela noite.

— Eu queria saber — disse Elizabeth, com um a expressão não m enos sorridente que a irm ã — o que você soube a respeito de Mr. Wickham . Mas talvez você achasse a com panhia tão agradável que não se tenha lem brado de um a terceira pessoa. Neste caso pode estar certa do m eu perdão.

— Não — replicou Jane —, não m e esqueci dele. Mas nada tenho de satisfatório a lhe com unicar. Mr. Bingley não sabe a história toda, nem conhece as circunstâncias que Mr. Darcy achou ofensivas; m as ele garante a boa conduta, a probidade e a honra do seu am igo Mr. Darcy . Está inteiram ente convencido de que Mr. Wickham não é de m odo algum um rapaz respeitável. Creio que ele foi m uito im prudente e m ereceu perder a estim a de Mr. Darcy .

— Mr. Bingley conhece Mr. Wickham pessoalm ente?

— Não. Nunca o tinha visto antes daquele nosso encontro em Mery ton.

— Então essas inform ações são as que recebeu de Mr. Darcy . Estou satisfeita.

Mas o que é que diz a respeito do posto?

— Não se lem bra exatam ente das circunstâncias, em bora Mr. Darcy lhe tenha falado nisto m ais de um a vez. Mas acredita que o posto tenha sido deixado apenas condicionalm ente.

— Não duvido da sinceridade de Mr. Bingley — disse Elizabeth com ênfase. —

Mas você m e desculpará de não poder m e contentar apenas com esta sim ples afirm ação. Não duvido que Mr. Bingley tenha defendido o seu am igo brilhantem ente, m as j á que ele desconhece m uitos lados da história e ouviu o resto do próprio Mr. Darcy , continuo a pensar exatam ente com o antes a respeito de am bos os cavalheiros.

Em seguida Elizabeth m udou para outro assunto m ais agradável, no qual não havia lugar para divergências. Ouviu com prazer o relato que Jane lhe fez das felizes, em bora m odestas esperanças que ela alim entava a respeito de Mr.

Bingley e respondeu procurando anim á-la nessas esperanças. Logo que Mr.

Bingley se j untou a elas, Elizabeth se dirigiu para sua am iga Miss Lucas, que lhe perguntou com o tinha achado o seu par. E antes que Elizabeth pudesse term inar a sua resposta, Mr. Collins se aproxim ou e disse, m uito entusiasm ado, que tinha feito um a notável descoberta.

— Descobri por um singular acaso — disse ele — que existe nesta sala um parente m uito próxim o da m inha protetora: ouvi este cavalheiro m encionar para a j ovem senhora que faz as honras desta casa os nom es da sua prim a, Miss de Bourgh, e de Lady Catherine. Estranho com o estas coisas ocorrem : quem pensaria

encontrar aqui um sobrinho de Lady Catherine? Estou contente por ter descoberto isto a tem po de apresentar m eus respeitos a este cavalheiro, pedindo-lhe que m e desculpe não o ter feito antes. Espero que a m inha total ignorância desse parentesco sej a o suficiente para m e fazer perdoar.

— O senhor não vai se apresentar pessoalm ente a Mr. Darcy !?

— Decerto. Pedirei desculpas por não o ter feito antes. Acredito que ele sej a o sobrinho de Lady Catherine. Estarei realm ente em situação de lhe afirm ar que Sua Senhoria ia m uito bem quando a deixei.

Elizabeth tentou dissuadi-lo da sua resolução, dizendo que Mr. Darcy consideraria o fato de alguém se dirigir a ele sem apresentação com o um a im pertinência.

Que não era absolutam ente necessário para am bos que eles travassem conhecim ento e que cabia a Mr. Darcy , em virtude da sua situação superior, qualquer iniciativa a este respeito.

Mr. Collins ouviu o que ela dizia, com ar de quem estava decidido a seguir as suas próprias inclinações, e quando ela cessou de falar, respondeu da seguinte form a:

— Minha cara Miss Elizabeth, tenho o m aior respeito pela sua opinião em tudo o que se refere a assuntos da sua com petência, m as perm ita-m e dizer-lhe que existe um a larga diferença entre as fórm ulas de cerim ônia usadas pelos leigos e aquelas que regulam as relações com as pessoas do clero. Dê-m e licença de observar que eu considero o m ister sacerdotal equivalente em dignidade aos dos m ais altos titulares do reino, desde que ao m esm o tem po se m antenha a devida hum ildade de conduta. Perm ita-m e, pois, seguir os ditam es da m inha consciência e realizar o que considero um dever. Perdoe-m e m enosprezar os seus conselhos que em todas as dem ais circunstâncias eu consideraria com o um precioso guia.

Mas no caso presente eu m e acho m ais capaz, pela educação e pelo estudo, para j ulgar o que é direito e o que é errado, do que um a j ovem com o a senhora.

E fazendo um a profunda reverência, deixou-a para ir abordar Mr. Darcy .

Elizabeth observou com atenção a acolhida que este prodigalizava a Mr. Collins.

A surpresa de ver-se assim interpelado era visível em Mr. Darcy .

Seu prim o iniciou a sua tirada com um a solene reverência. Em bora ela não pudesse ouvir nenhum a palavra, sentiu o que se passava com o se estivesse escutando. E distinguiu, pelo m ovim ento dos seus lábios, as palavras —

“desculpas”, “Hunsford” e “Lady Catherine de Bourgh”. — Sentia-se desapontada de ver o seu prim o ridicularizar-se assim diante daquele hom em .

Mr. Darcy o considerava com um espanto pouco contido e quando, afinal, Mr.

Collins lhe concedeu um a ocasião de falar, respondeu com ar distante de am abilidade. Mr. Collins entretanto não desanim ou e voltou à carga, enquanto o desprezo de Mr. Darcy parecia crescer rapidam ente com a extensão da segunda tirada. No fim ele apenas fez um ligeiro cum prim ento e se afastou. Mr. Collins voltou então para perto de Elizabeth.

— Asseguro-lhe que não tenho nenhum m otivo para ficar descontente com a acolhida que recebi. Mr. Darcy pareceu ficar m uito satisfeito com a atenção.

Respondeu-m e com a m aior am abilidade e m e fez até a honra de observar que estava tão convencido do discernim ento de Lady Catherine que tinha a certeza que ela nunca concederia os seus

favores a quem não os m erecesse. Foi realm ente um belo pensam ento. Estou m uito satisfeito com ele.

Com o Elizabeth não tinha m ais nenhum interesse especial naquela festa, voltou a sua atenção inteiram ente para a sua irm ã e Mr. Bingley . As agradáveis reflexões a que conduziram as suas observações tornaram -na quase tão feliz quanto Jane.

Na sua im aginação, viu-a instalada naquela casa, gozando toda a ventura que um casam ento realm ente feliz pode dispensar. E sentiu-se até capaz, em tais circunstâncias, de procurar gostar das duas irm ãs de Bingley . Viu que os pensam entos da sua m ãe se dirigiam para o m esm o lado e resolveu não se aproxim ar dela para não ouvi-la falar dem ais. Quando se sentaram para a ceia, Elizabeth considerou um a grande falta de sorte, quase um a perversidade, ter sido colocada perto de sua m ãe. Lady Lucas é que estava sentada entre Mrs. Bennet e Elizabeth e esta ficou profundam ente desapontada ao ver que sua m ãe falava a Lady Lucas abertam ente da sua esperança de ver em breve Jane casada com Mr. Bingley . Era um assunto interessante do qual Mrs. Bennet j am ais se cansaria.

E não se fatigava de enum erar as vantagens daquela aliança. Ele era um rapaz encantador, era rico e vivia apenas a três m ilhas de distância. Estes eram os três prim eiros pontos pelos quais se felicitava. E depois, era um grande conforto ver com o as duas irm ãs de Mr. Bingley gostavam de Jane e ter a certeza de que estas pessoas desej avam o casam ento tanto quanto ela. Além disso era um a coisa m uito im portante para as suas filhas m ais m oças, pois o casam ento de Jane com

um hom em de tão elevada posição as conduziria a conhecer partidos ricos. E

finalm ente era um grande conforto, na sua idade, poder confiar as suas filhas solteiras aos cuidados da irm ã casada. Isto a dispensaria da obrigação de frequentar a sociedade, na escala em que era agora obrigada a fazer.

Naquelas circunstâncias era necessário, por um a questão de etiqueta, fazer esta últim a observação. Mas ninguém m enos do que Mrs. Bennet encontrava prazer em ficar em casa. Ela concluiu desej ando que Lady Lucas tivesse a m esm a felicidade, em bora fosse evidente que acreditasse que não havia nenhum a possibilidade de acontecer tal coisa.

Elizabeth procurou em vão reprim ir o fluxo das palavras de sua m ãe e persuadi-la a descrever a sua felicidade num tom m ais discreto, pois viu com inexprim ível desapontam ento que Mr. Darcy , sentado defronte delas, ouvia quase todas as suas palavras. Sua m ãe até ralhou com ela por ser tão absurda.

— Que m e im porta Mr. Darcy ? Que m otivo tenho para ter m edo dele? Estou certa que não lhe devem os um respeito tal, que nos obrigue a nada dizer que possa descontentá-lo.

— Pelo am or de Deus, m am ãe, fale m ais baixo. Qual a vantagem de ofender Mr. Darcy ? Não é desta m aneira que se fará estim ar pelo seu am igo.

Nada do que disse, entretanto, teve a m enor influência. Sua m ãe continuou a expressar as suas opiniões no m esm o tom . Elizabeth enrubescia repetidam ente de vergonha e desapontam ento. Não podia deixar de lançar de vez em quando um rápido olhar a Mr. Darcy , em bora cada vez se convencesse m ais de que estava se realizando o que ela m ais tem ia, pois em bora Mr. Darcy não olhasse continuam ente para a sua m ãe, a sua atenção estava invariavelm ente presa ao que ela estava falando. A expressão do seu rosto m udou gradualm ente, do desprezo para a indignação e desta para um a severa gravidade.

No entanto, chegou um m om ento em que Mrs. Bennet nada m ais teve a dizer. E

Lady Lucas, que j á bocej ava há algum tem po, com a repetição dos prazeres que ela não tinha probabilidade de com partilhar, procurava se consolar com presunto frio e galinha. Elizabeth sentiu-se reviver.

Mas não durou m uito tem po a sua tranquilidade, pois acabado o j antar falaram em m úsica. E ela teve a m ortificação de ver Mary , depois de ligeira insistência, se preparar para responder ao apelo dos convidados. Tentou por olhares significativos e m udos apelos im pedir que a irm ã desse essa prova de boa vontade. Mas em vão. Mary não com preendia os seus sinais. Um a tal oportunidade de exibir-se era-lhe deliciosa e ela com eçou a cantar. Os olhos de Elizabeth se fixaram nela com os m ais dolorosos sentim entos. Ouviu as várias estrofes com um a im paciência m uito m alcontida, pois Mary , ao perceber entre os agradecim entos a sugestão de que ela pudesse ser instada a renovar o prazer que estava dando aos seus ouvintes, recom eçou a cantar, depois de um a pausa de m eio m inuto. As forças de Mary não estavam absolutam ente à altura de um tal feito; sua voz tornou-se

fraca, seus gestos afetados. Elizabeth sofria torturas. Olhou para Jane a fim de ver com o é que ela suportava aquilo, m as Jane conversava discretam ente com Bingley . Olhou para as suas duas outras irm ãs e viu que faziam sinais um a para a outra, caçoando de Mary . Darcy continuava, porém , im penetravelm ente grave.

Elizabeth olhou para o pai, a fim de suplicar a sua interferência, caso Mary se propusesse cantar a noite inteira. Ele com preendeu o seu gesto e quando Mary acabou de cantar pela segunda vez, disse, em voz alta:

— Isto basta, m inha filha. Você cantou m uito bem e nos deleitou a todos. Agora deixe as outras m oças brilharem .

Mary , em bora fingisse não ouvir, ficou um tanto perturbada. Elizabeth, penalizada por ela e descontente com a sem -cerim ônia de seu pai, teve m edo de que a sua ansiedade tivesse sido inútil. Outras m oças foram convidadas.

— Se eu tivesse a sorte de saber cantar — disse Mr. Collins —, estou certo de que teria o m aior gosto de dar aos ilustres presentes o prazer de um a ária, pois considero a m úsica um passatem po m uito inocente e perfeitam ente com patível com a profissão de um

sacerdote. Não quero afirm ar entretanto que sej a j usto dedicar todo o nosso tem po à m úsica, pois existem , é claro, outros deveres. O

reitor de um a paróquia tem m uito o que fazer. Em prim eiro lugar deve fazer um acordo sobre as contribuições, sem ser m uito pesado ao seu protetor. Ele deve escrever os seus próprios serm ões e o tem po que lhe sobra não será m uito para os deveres da paróquia e para o cuidado e conservação da sua casa, que deve tornar tão confortável quanto possível. E não creio que sej am de pouca im portância os cuidados que tom a para m ostrar-se atencioso e benévolo para com todo o m undo, especialm ente para aqueles a quem deve a sua situação. Não m e posso exim ir desta obrigação, nem posso estar de acordo com um hom em que faltasse à ocasião de apresentar os seus respeitos a qualquer m em bro da fam ília dos seus protetores.

E com um a reverência a Mr. Darcy , ele concluiu assim a sua tirada, pronunciando-a tão alto que m etade da sala o ouviu: m uitos o olharam surpresos e m uitos sorriram , m as ninguém pareceu se divertir m ais do que o próprio Mr.

Bennet, enquanto a sua m ulher, m uito séria, dava parabéns a Mr. Collins por ter falado tão sensatam ente e observou, num m eio sussurro a Lady Lucas, que ele era um rapaz notavelm ente inteligente e distinto. Elizabeth pensou que se toda a sua fam ília houvesse entrado em acordo para se expor ao ridículo naquela noite, não poderia ter desem penhado o seu papel com m ais espírito, nem com m aior êxito. E achou que Bingley e sua irm ã tinham sido bastante afortunados, pois parte daquela exibição escapara à atenção do prim eiro. Felizm ente os sentim entos de Bingley não eram de natureza a serem facilm ente alterados pelas loucuras que ele devia ter presenciado. Bastava que as suas duas irm ãs e Mr.

Darcy tivessem tido um a oportunidade de ridicularizar os seus parentes. E ela não sabia dizer qual das duas atitudes era m ais intolerável: se o desprezo

silencioso do cavalheiro ou o sorriso insolente das dam as.

O resto da noite trouxe-lhe poucas distrações. Mr. Collins, que perseverava ao seu lado, em bora não a obrigasse a dançar novam ente, im pediu que outros a tirassem . Em vão Elizabeth lhe suplicou que convidasse outra m oça. Chegou m esm o a se oferecer para apresentá-lo a qualquer das m oças que estavam na sala. Ele lhe assegurou que a dança propriam ente lhe era inteiram ente indiferente e que o seu fim era conquistar as boas graças de Elizabeth por m eio de pequenas atenções e que, portanto, considerava um dever ficar ao lado dela durante toda a noite. Não havia argum entos que o dem ovessem de um tal intento.

Se ela teve algum alívio foi graças a Miss Lucas que, para socorrer a sua am iga, procurou conversar com Mr. Collins.

Elizabeth se viu livre afinal da afronta que as atenções de Mr. Darcy lhe causariam . Em bora ele chegasse várias vezes a pouca distância da m oça, não se aproxim ou para conversar. Elizabeth sentiu que isto era devido provavelm ente às referências que fizera à pessoa de Mr. Wickham e sentiu um certo prazer.

A fam ília de Longbourn foi a últim a a partir. Graças a um a hábil m anobra, Mrs.

Bennet conseguiu retardar a sua carruagem durante 15 m inutos depois que todos os outros tinham partido. Isto deu ensej o a que Elizabeth constatasse que várias pessoas da fam ília ansiavam cordialm ente pela partida dos últim os convidados.

Mrs. Hurst e a sua irm ã só abriram a boca para se queixar do cansaço. Estavam im pacientes para terem a casa vazia. Repeliram todas as tentativas de Mrs.

Bennet, que desej ava conversar, e isto lançou um torpor em toda a sala, que nem m esm o as longas tiradas de Mr. Collins conseguiram dissipar. Mr. Collins deu parabéns a Mr. Bingley e às suas irm ãs, pela elegância da festa, pela hospitalidade e polidez

com que tinham tratado os seus convidados. Darcy ficou calado. Mr. Bennet, igualm ente silencioso, contem plava a cena com prazer. Mr.

Bingley e Jane estavam j untos, um pouco separados dos outros e conversavam entre si. Elizabeth ficou tão calada quanto Mrs. Hurst e Miss Bingley , e Ly dia se lim itava a exclam ar ocasionalm ente “Arre, com o estou cansada...”

acom panhando estas palavras com um bocej o violento. Quando afinal se levantaram para partir, Mrs. Bennet se desm anchou em am abilidades, na esperança de ver a fam ília toda brevem ente em Longbourn. Dirigiu-se particularm ente a Mr. Bingley para assegurar-lhe que teria o m aior prazer em recebê-lo a qualquer dia, para um j antar em fam ília, sem as form alidades de um convite. Bingley agradeceu com grande prazer e de boa vontade se com prom eteu a aparecer na prim eira oportunidade, depois de sua volta de Londres, para onde deveria partir no dia seguinte, dem orando-se lá pouco tem po.

Mrs. Bennet ficou inteiram ente satisfeita e deixou a casa na deliciosa convicção de que, contando com o prazo necessário para preparar os contratos, as novas carruagens e o enxoval, ela veria sem dúvida a sua filha instalada em Netherfield dentro de três ou quatro m eses no m áxim o. Pensava com igual certeza no

casam ento da outra filha com Mr. Collins e isto lhe dava um prazer apreciável, em bora não tão grande. De todas as suas filhas, Elizabeth era a de quem ela m enos gostava. Em bora o m arido e o casam ento fossem perfeitam ente dignos dela, o valor de am bas as coisas era eclipsado por Mr. Bingley e Netherfield.

19

No dia seguinte abriu-se um a nova cena em Longbourn. Mr. Collins fez a sua declaração em regra, tendo resolvido agir sem m ais perda de tem po, pois a sua licença se expirava no sábado seguinte, e com o não o em baraçassem certas delicadezas de sentim ento, fez

o seu pedido com todas as form alidades que supunha indispensáveis à transação.

Pouco depois do café da m anhã, encontrando j untas Elizabeth, Mrs. Bennet e um a das irm ãs m ais m oças, ele se dirigiu à m ãe com as seguintes palavras:

— Posso esperar, m inha senhora, que se entenda com a sua filha Elizabeth para solicitar-lhe em m eu nom e a honra de um a audiência privada esta m anhã?

Antes que Elizabeth, corando de surpresa, tivesse tem po de responder algum a coisa, Mrs. Bennet respondeu espontaneam ente:

— Oh, sim , pois não, certam ente. Tenho certeza que Lizzy terá grande prazer.

Acredito que ela não fará nenhum a obj eção. Vem , Kitty , vam os lá para cim a.

E apanhando os seus trabalhos, ela se afastava apressadam ente, quando Elizabeth exclam ou:

— Não vá j á, m am ãe, peço-lhe que não vá em bora. Mr. Collins terá que m e desculpar, ele nada tem a m e dizer que os outros não possam ouvir. Eu vou tam bém .

— Não, não, que tolice, Lizzy ! Desej o que você fique onde está.

E com o Elizabeth, com olhares em baraçados, parecesse disposta a fugir, ela acrescentou:

— Lizzy , eu insisto para que fique e ouça o que Mr. Collins tem a dizer.

Elizabeth não podia se opor a um a tal inj unção. Depois de refletir um instante, achou que seria realm ente m elhor acabar com aquilo o m ais depressa possível; tornou a sentar-se e, aplicando-se ao

trabalho, procurou disfarçar a sua agitação e a sua curiosidade. Assim que Mrs. Bennet e Kitt se afastaram , Mr. Collins com eçou:

— Acredite, m inha cara Miss Elizabeth, que a sua m odéstia, longe de prej udicá-la, acrescenta m ais um a a suas outras perfeições. A senhora teria sido m enos adorável aos m eus olhos, se não tivesse havido essa pequena resistência. No entanto, perm ita que lhe assegure que tenho a perm issão da sua respeitável m ãe para este em preendim ento. A senhora dificilm ente poderá ignorar o verdadeiro sentido das m inhas palavras. No entanto, a sua natural delicadeza pode levá-la a dissim ular. As m inhas atenções foram m arcadas dem ais para serem m alcom preendidas. Quase desde o prim eiro m om ento em que entrei nesta casa a escolhi para com panheira da m inha vida futura. Antes de m e deixar levar pelos m eus sentim entos a este respeito, talvez convenha dizer-lhe as razões que tenho para m e casar e além disso os m otivos que m e trouxeram ao Hertsfordshire com o propósito de escolher um a esposa.

A ideia de que Mr. Collins, com toda a sua solenidade, pudesse ser levado pelos seus sentim entos, provocou no espírito de Elizabeth tam anha hilaridade, que ela não pôde utilizar a curta pausa que se seguiu a fim de procurar detê-lo. Ele prosseguiu:

— Minhas razões para casar, são: prim eiro, penso que é um a obrigação para todos os pastores que se encontrem em boa situação, com o eu, o bom exem plo à sua paróquia. Em segundo lugar estou convencido de que isto contribuirá grandem ente para a m inha felicidade. E o terceiro m otivo, que eu devia talvez ter m encionado prim eiro, é o conselho e a expressa recom endação da m uito nobre senhora que eu tenho a honra de cham ar a m inha protetora. Duas vezes ela condescendeu em dar-m e a sua opinião sobre este assunto, sem que eu lha pedisse. E na noite que precedeu a m inha partida de Hunsford, durante um j ogo de cartas e enquanto Miss Jenkinson punha um tam borete sob os pés de Miss de Bourgh, Lady Catherine disse: “Mr. Collins, o senhor precisa se casar. Um pastor com o o senhor tem a obrigação de se casar.

Escolha um a m ulher educada, é o que lhe peço; e para seu interesse, escolha um a pessoa ativa, útil, que não tenha sido m im ada pelos pais, m as que saiba adm inistrar um a casa com econom ia.

Encontre um a pessoa nessas condições o m ais depressa possível, traga-a para Hunsford e eu irei visitá-la.” Perm ita-m e a propósito observar, m inha encantadora prim a, que eu não considero a atenção e a am abilidade de Lady Catherine um a das m enores vantagens que estão em m eu poder oferecer-lhe; penso que o seu espírito e a sua vivacidade a tornarão aceitável aos olhos de Lady Catherine, especialm ente se com binar estas qualidades com a veneração e o respeito que a posição de Lady Catherine hão de provocar inevitavelm ente em seu espírito. Isto quanto à m inha opinião geral a favor do m atrim ônio. Resta-m e explicar por que lancei as m inhas vistas sobre Longbourn de preferência ao lugar onde resido, em que, posso lhe assegurar, encontraria m uitas m oças encantadoras. Mas o fato é que sendo eu o herdeiro do seu honrado pai, que no entanto pode ainda viver longos anos, achei que era do m eu dever escolher um a esposa entre as suas filhas, para que o prej uízo destas pessoas pudesse ser o m enor possível, quando se der aquele triste acontecim ento; o qual entretanto, com o eu j á disse, pode dem orar ainda m uitos anos. Este foi o m eu m otivo principal, m inha estim ada prim a, e estou certo de que ele não m e dim inuirá aos seus olhos. E agora nada m e resta senão lhe exprim ir, na linguagem m ais apaixonada, a violência da m inha afeição. Sou perfeitam ente indiferente à fortuna e não farei nenhum a exigência dessa natureza a seu pai, pois sei perfeitam ente que ela não poderia ser atendida. Sei tam bém que as m il libras a quatro por cento, que só serão suas depois da m orte de sua m ãe, são tudo a que a m inha prim a tem direito. Sobre esse assunto, portanto, eu m e conservarei silencioso. Pode ficar certa de que nenhum a observação pouco generosa atravessará os m eus lábios depois que nos casarm os.

Tornava-se agora absolutam ente necessário interrom pê-lo.

— O senhor está se precipitando — gritou Elizabeth. — Esquece que eu ainda não lhe dei um a resposta. É o que vou fazer, sem m ais perda de tem po: aceite os m eus agradecim entos pela honra que está m e dando. Creia que eu o aprecio devidam ente, m as é-m e im possível fazer outra coisa senão recusar.

— Não é preciso que m e ensine — replicou Mr. Collins, com um largo gesto da m ão — que as m oças costum am rej eitar as propostas do hom em que secretam ente tencionam aceitar, da prim eira vez em que são feitas; e que às vezes até esta recusa se repete duas ou três vezes. Portanto, não estou absolutam ente desencoraj ado pelo que acabou de dizer e espero dentro em breve conduzi-la ao altar.

— Digo-lhe sinceram ente — exclam ou Elizabeth — que a sua esperança m e parece extraordinária depois da m inha declaração. Asseguro-lhe que não sou dessas m oças, se é que existem , que com etem a ousadia de arriscar a sua felicidade confiando nas possibilidades de um segundo pedido. Minha recusa é perfeitam ente séria. O senhor não m e poderia tornar feliz. E estou convencida de que sou a últim a m ulher do m undo capaz de fazê-lo feliz. Creio até que se a sua am iga Lady Catherine m e conhecesse, ela m e acharia sob todos esses aspectos m alqualificada para essa situação.

— Se eu tivesse certeza de que Lady Catherine pensaria assim ... — disse Mr.

Collins m uito gravem ente. — Mas não posso crer que Sua Senhoria desaprovasse a m inha escolha. E pode ficar certa de que, quando tiver a honra de tornar a vê-la, falarei com todo o entusiasm o na sua m odéstia, econom ia e outras estim áveis qualidades.

— Asseguro-lhe, Mr. Collins, que todos esses elogios serão desnecessários. E

preciso que m e conceda a licença de j ulgar por m im m esm a e m e faça o favor de acreditar no que digo. Desej o que se torne m uito

rico e m uito feliz e, recusando-lhe a m inha m ão, faço tudo que está em m eu poder para auxiliá-lo a atingir os seus fins. Fazendo-m e este oferecim ento, j á teve ocasião de m ostrar a delicadeza dos seus sentim entos e pode portanto tom ar posse da propriedade de Longbourn quando o m eu pai m orrer, sem nenhum escrúpulo. O assunto pode ser considerado encerrado.

E dizendo estas palavras Elizabeth se levantou e teria saído da sala, se Mr. Collins não tivesse se dirigido a ela:

— Quando eu tiver a honra de lhe falar pela segunda vez neste assunto, espero receber um a resposta m ais favorável. Longe de m im , no entanto, acusá-la de crueldade neste m om ento, pois sei que é um costum e do seu sexo rej eitar as prim eiras propostas de um hom em . E penso que m e deu agora todos os encoraj am entos com patíveis com a verdadeira delicadeza do caráter fem inino.

— Realm ente, Mr. Collins — gritou Elizabeth, com vivacidade —, o senhor m e surpreende. Se o que eu lhe disse até agora pode lhe parecer um encoraj am ento,

não sei de que m aneira lhe exprim ir a m inha recusa de m aneira a torná-la convincente.

— Peço licença, m inha encantadora prim a, para aceitar a sua recusa apenas com o um a questão de palavras. Minhas razões para acreditar nisto, são em sum a as seguintes: não m e parece que a m inha m ão sej a indigna da sua pessoa, nem tam pouco a situação que posso oferecer-lhe. Minha posição na vida, m inhas relações com a fam ília de Bourgh e m eu parentesco com a sua, são circunstâncias que falam altam ente em m eu favor. E além disso a m inha prim a devia tom ar em consideração tam bém que, apesar dos seus m uitos atrativos, não é certo que outra proposta de casam ento lhe sej a feita. O seu dote é infelizm ente tão pequeno, que provavelm ente contrabalançaria os efeitos da sua beleza e das suas qualidades. Devo portanto concluir que, ao m e rej eitar, não está falando seriam ente e prefiro atribuir a sua recusa ao desej o de

aum entar o m eu am or, deixando-m e na incerteza, de acordo com os costum es habituais das m ulheres elegantes.

— Asseguro-lhe que não tenho quaisquer pretensões a esta espécie de elegância, que consiste em torturar e atorm entar um hom em respeitável. Prefiro que m e dê a honra de acreditar na m inha sinceridade. Repito os m eus agradecim entos pela grande honra que m e deu, m as é-m e inteiram ente im possível aceitá-lo. Todos os m eus sentim entos o im pedem . Posso falar m ais claram ente: não m e considere um a m ulher elegante, que tem a intenção de atorm entá-lo, m as um a criatura racional, falando a verdade do coração.

— A m inha prim a é um encanto! — exclam ou ele, com um ar de desaj eitada galanteria. — Estou persuadido de que, depois de sancionadas pela autoridade expressa de seus excelentes pais, m inhas propostas não poderão deixar de se tornar aceitáveis.

Contra um a tal perseverança na vontade de se iludir, Elizabeth nada poderia fazer. Im ediatam ente se levantou e saiu, determ inada, caso ele persistisse em considerar as suas repetidas recusas com o suaves encoraj am entos, a apelar para o pai, cuj a recusa podia ser decisiva e cuj a atitude Mr. Collins não poderia tom ar com o afetação e artifício de m ulher elegante.

20

Mr. Collins não perm aneceu m uito tem po entregue à contem plação silenciosa do seu am or triunfante, pois Mrs. Bennet, que tinha ficado atenta no vestíbulo para surpreender o fim da conferência, assim que viu Elizabeth abrir a porta e se dirigir apressadam ente para a escada, entrou na sala de alm oço e cum prim entou Mr. Collins efusivam ente, felicitando-se igualm ente a si m esm a. Mr. Collins recebeu e retribuiu essas felicitações com igual prazer. Em seguida passou a relatar os detalhes da entrevista, cuj os resultados encarava com satisfação, j á que as recusas que sua prim a insistentem ente lhe opusera decorriam naturalm ente do seu pudor e da genuína delicadeza dos seus sentim entos.

Essa inform ação, entretanto, surpreendeu Mrs. Bennet. Ela desej ava poder pensar igualm ente que a sua filha tencionara encoraj á-lo opondo-se às suas propostas. Não pôde se im pedir, no entanto, de desconfiar, nem de exprim ir as suas desconfianças.

— Mas pode ficar certo, Mr. Collins — acrescentou ela —, que Lizzy será levada a adotar um a atitude m ais sensata. Falarei com ela pessoalm ente. É um a m enina teim osa e não sabe quais são os seus próprios interesses. Mas eu farei com que ela os reconheça.

— Perdoe a m inha interrupção, m inha senhora — exclam ou Mr. Collins —, m as se ela é realm ente teim osa e tola, não sei se neste caso será realm ente um a esposa desej ável para um hom em na m inha situação, que naturalm ente procura a felicidade no casam ento. Se portanto ela persistir na sua recusa, talvez fosse m elhor não forçá-la a aceitar-m e, pois se ela é suj eita a essas variações de gênio, não poderia contribuir m uito para a m inha felicidade.

— O senhor não está m e entendendo — disse Mrs. Bennet, alarm ada —; Lizzy é teim osa apenas em assuntos com o este. Em tudo m ais ela é a m ais dócil das criaturas. Vou falar im ediatam ente com Mr. Bennet e estou certa de que dentro em pouco arranj arem os tudo com Lizzy .

E sem dar a Mr. Collins tem po para responder, correu para o m arido, exclam ando, ao entrar na biblioteca:

— Oh, Mr. Bennet, precisam os do senhor im ediatam ente. Estam os todos aflitos.

Venha convencer Lizzy a se casar com Mr. Collins, pois ela declarou que não o quer. E a não ser que intervenha im ediatam ente, ele m udará de ideia e não a quererá m ais.

Mr. Bennet levantou os olhos do livro e fixou-os no rosto da sua esposa, com um a tranquilidade que as suas palavras aflitas não alteraram .

— Não tenho o prazer de com preendê-la — disse ele, depois que ela acabou de falar. — Não sei de que está falando.

— De Mr. Collins e Lizzy . Lizzy declara que não quer Mr. Collins. E ele com eça a achar que não quer Lizzy .

— Que é que eu poderei fazer? A situação parece ser irrem ediável.

— Fale com Lizzy pessoalm ente. Diga que quer que se case com ele.

— Cham e-a aqui. Eu darei a m inha opinião.

Mrs. Bennet tocou a cam painha e m andou dizer a Miss Elizabeth que viesse à biblioteca.

— Vem cá, m inha filha — disse o pai, ao ver Elizabeth entrar. — Mandei cham á-la para tratar de um assunto im portante. Disseram - m e que Mr. Collins lhe fez um a proposta de casam ento. E verdade?

Elizabeth respondeu que era.

— Muito bem . E você recusou essa proposta?

— Recusei.

— Muito bem , chegam os agora ao assunto. Sua m ãe insiste em que você aceite.

Não é assim , Mrs. Bennet?

— Sim , ou eu nunca m ais tornarei a vê-la.

— Você está diante de um a alternativa difícil, Elizabeth. De hoj e em diante você terá que se tornar um a estranha para um dos seus pais. Sua m ãe nunca m ais olhará para você, se não se casar com Mr. Collins. E eu nunca m ais a verei, se você se casar.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir diante da conclusão; m as Mrs. Bennet, que estava convencida de que o m arido considerava o assunto de um ponto de vista idêntico ao seu, ficou excessivam ente desapontada.

— Que é que você quer dizer com isto, Mr. Bennet? Você prom eteu que insistiria com Elizabeth para que ela se casasse.

— Minha cara Mrs. Bennet — replicou o m arido —, tenho dois pequenos favores a lhe pedir. Prim eiro, que m e perm ita usar o m eu próprio entendim ento no caso presente; e em segundo lugar a m inha biblioteca. Desej o tê-la a m eu inteiro dispor o m ais depressa possível.

Apesar de profundam ente desapontada com o m arido, Mrs. Bennet não cedeu ainda. Continuou a falar para Elizabeth, alternadam ente persuadindo e am eaçando. Tentou encaudilhar Jane. Mas esta, com toda a doçura possível, recusou interferir e Elizabeth resistiu aos seus ataques, às vezes com seriedade, outras vezes com bom hum or. No entanto, a sua determ inação perm aneceu inalterável.

Enquanto isto, Mr. Collins m editava na solidão sobre o que tinha acontecido. Ele possuía um a opinião dem asiado alta de si m esm o para com preender o m otivo por que a sua prim a o recusava. E em bora sofresse no seu orgulho, intim am ente continuava tranquilo. Seu interesse pela prim a era im aginário. E a possibilidade dela m erecer as repreensões da m ãe aplacava o seu rancor.

Enquanto a fam ília estava naquela confusão, Charlotte Lucas apareceu para passar o dia. Ly dia a encontrou no vestíbulo e, correndo para ela, disse-lhe, em voz baixa:

— Que bom você ter vindo! Aqui está m uito divertido. Sabe o que aconteceu hoj e de m anhã? Mr. Collins fez um a proposta de casam ento a Lizzy e ela recusou.

Antes que Charlotte tivesse tem po para responder, apareceu Kitty , que vinha contar-lhe a m esm a coisa. E m al tinham todas entrado

na sala de alm oço, onde Mrs. Bennet se encontrava sozinha, esta abordou im ediatam ente o assunto, apelando para a com paixão de Miss Lucas e suplicando-lhe que persuadisse a sua am iga Lizzy a ceder aos desej os da fam ília.

— Faça isto por m im , m inha cara Miss Lucas — acrescentou ela, num tom m elancólico —, pois ninguém está do m eu lado, todos estão contra m im .

Ninguém tem pena dos m eus pobres nervos.

Charlotte não pôde responder, pois Jane e Elizabeth entraram na sala.

— Aí vem ela — continuou Mrs. Bennet. — Tão despreocupada, com o se estivéssem os em York! Tudo lhe é indiferente, contanto que ela faça a sua vontade. Mas eu vou lhe dizer um a coisa, Miss Lizzy : se você continuar a recusar todas as propostas de casam ento deste m odo, nunca encontrará um m arido. E eu não sei quem vai sustentá-la depois que o seu pai m orrer. Eu não posso, estou lhe avisando. Não tenho m ais nada a ver com você a partir de hoj e. Já disse na biblioteca que nunca m ais lhe falaria. Pode ficar certa de que cum prirei a m inha palavra. Não tenho nenhum prazer em falar com filhos rebeldes. Aliás não tenho prazer em falar com ninguém . Pessoas que sofrem dos nervos com o eu não têm grande inclinação a falar. Ninguém pode saber o que eu sofro! Mas é sem pre assim , quem não se queixa não encontra com paixão.

Suas filhas ouviram em silêncio, com preendendo que qualquer tentativa para trazê-la à razão só serviria para irritá-la ainda m ais. Mrs. Bennet continuou, pois, a falar sem interrupção, até a chegada de Mr. Collins, que entrou na sala com ar m ais grave do que de costum e.

Ao vê-lo, Mrs. Bennet se virou para as m eninas:

— Agora insisto em que todos calem a boca. Deixem Mr. Collins conversar um pouco com igo.

Elizabeth saiu silenciosam ente da sala. Jane e Kitty a acom panharam . Mas Ly dia ficou onde estava, resolvida a ouvir tudo o que pudesse. E Charlotte, detida a princípio pelas poucas perguntas am áveis que lhe dirigiu Mr. Collins a respeito da sua fam ília, e em seguida m ovida por um pouco de curiosidade, contentou-se em ir até a j anela e fingir que não estava ouvindo. Num a voz chorosa, Mrs. Bennet deu início à palestra com as seguintes palavras:

— Oh, Mr. Collins!

— Minha cara senhora — replicou ele —, guardem os silêncio para sem pre sobre este assunto. Longe de m im ficar ressentido com o com portam ento da sua filha

— continuou ele, num a voz em que transparecia o seu aborrecim ento. —

Resignar-se aos m ales inevitáveis é um dever que nos cabe a todos. E um dever

que incum be particularm ente a um rapaz com o eu, tão afortunado no com eço da m inha carreira. E acredite que estou resignado. E talvez um dos m enores m otivos que m e levam a isso não sej a a dúvida que m e assalta sobre a m inha própria felicidade, caso a m inha prim a tivesse m e honrado com o seu consentim ento, pois observei m uitas vezes que a resignação nunca é tão perfeita com o nos casos em que a felicidade que nos é recusada com eça a perder um a parte do seu valor a nossos olhos. Espero, m inha cara senhora, que não considere a retirada do m eu pedido com o um desrespeito para com a fam ília, j á que não pedi a sua intervenção perante Miss Elizabeth. Minha conduta pode ser reprovável som ente porque aceitei a m inha recusa dos lábios da sua filha e não dos seus próprios. Mas todos estam os suj eitos ao erro. A m inha intenção sem pre foi boa. Meu obj etivo foi encontrar um a com panheira estim ável, sem perder de vista as vantagens que isto representava para a sua fam ília, e se a m inha atitude foi de qualquer m odo repreensível, apresento-lhe aqui as m inhas desculpas.

21

A discussão do oferecim ento de Mr. Collins estava agora quase encerrada.

Elizabeth sofria apenas do inevitável m al-estar que tudo aquilo lhe causava e ocasionalm ente das indiretas am argas da sua m ãe. Quanto a Mr. Collins, os seus sentim entos se exprim iam principalm ente, não por em baraço, ou depressão, nem pelo desej o de evitar a com panhia de Elizabeth, m as pela secura das suas m aneiras e por um silêncio rancoroso. Quase não dirigiu a palavra a Elizabeth e as assíduas atenções de que tinha tanta consciência foram transferidas durante o resto do dia para Miss Lucas, cuj a paciência e am abilidade foram um grande alívio para todos, especialm ente para Elizabeth.

No dia seguinte Mrs. Bennet continuou indisposta e m al-hum orada. Mr. Collins estava igualm ente no m esm o estado de orgulho ferido. Elizabeth tivera esperança de que o seu rancor pudesse abreviar a visita; m as esse sentim ento não pareceu alterar os seus planos. Ele tencionara partir no sábado e continuava decidido a ficar até aquele dia.

Depois do café da m anhã as m eninas foram a Mery ton indagar se Mr. Wickham j á tinha voltado e lam entar a sua ausência no baile de Netherfield. Encontraram -

no ao entrar na cidade, e ele as acom panhou até a casa da sua tia, onde exprim iu a decepção que sentira por não ter podido assistir ao baile. Suas palavras foram discutidas e com entadas por todos. Para Elizabeth, entretanto, ele adm itiu que a sua ausência tinha sido voluntária...

— À m edida que a hora do baile se aproxim ava — disse ele —, achei que era m elhor não m e encontrar com Mr. Darcy . Que necessidade tinha eu de ficar num salão com ele, na m esm a festa, durante tantas horas? Isto representava um esforço superior às m

inhas forças e poderia dar lugar a cenas desagradáveis para m im e para todo m undo.

Elizabeth aprovou calorosam ente a sua prudência; tiveram tem po para discuti-la plenam ente, bem com o para trocar m utuam ente todos os elogios, pois Wickham e outro oficial acom panharam as m eninas de volta para Longbourn. O fato de Mr. Wickham acom panhá-las oferecia um a dupla vantagem : não só isto revelava a Elizabeth a im portância que ela adquirira aos olhos de Mr. Wickham , com o lhe dava um a ocasião m uito favorável de apresentá-lo a seu pai e a sua m ãe.

Pouco depois do regresso, chegou um a carta para Miss Bennet. Vinha de Netherfield e foi aberta im ediatam ente. O envelope continha um a pequena folha de papel elegante, escrita em caracteres ornados, por m ão fem inina. Elizabeth viu que a expressão do rosto de sua irm ã se alterara, enquanto ela lia. E que fixava com atenção certos trechos. Jane dom inou logo os seus sentim entos, e pondo a carta de lado, procurou tom ar parte na conversa com a sua costum eira alegria, m as Elizabeth sentiu nela um a ansiedade que desviava a sua atenção até m esm o de Wickham . E assim que este e o seu com panheiro partiram , Jane, com

um olhar, convidou a irm ã a acom panhá-la ao seu quarto. Aí, m ostrou a carta, dizendo:

— É de Caroline Bingley . O seu conteúdo m e surpreendeu m uito. O grupo todo j á deve ter partido de Netherfield a esta hora, a cam inho de Londres. E eles não têm intenção de voltar. Ouça o que ela diz:

Jane leu então a prim eira frase: esta continha a inform ação de que Caroline havia resolvido acom panhar o seu irm ão e tencionava j antar naquele m esm o dia em “Grosvenor Street”, onde m orava Mr. Hurst. A frase seguinte continha estas palavras: “não vou m entir-lhe, dizendo que sentirei falta daquilo que deixo no Hertfordshire, a não ser da sua com panhia, m inha cara am iga. Espero que ainda

nos encontrarem os algum dia para gozar a repetição das m uitas conversas interessantes que tivem os e até lá procurem os atenuar a dor da separação com um a correspondência frequente e cordial. Conto com você para isto.” Elizabeth ouviu estas pretensiosas expressões com a frieza que lhe inspirava a sua desconfiança; e em bora o caráter súbito daquela partida a surpreendesse, nada encontrava nela que lam entar. Não era a ausência de suas irm ãs que im pediria Mr. Bingley de m orar em Netherfield. E, quanto à perda daquela com panhia, estava convencida de que Jane se consolaria facilm ente, gozando a do próprio Mr. Bingley .

— É de fato triste que você não tenha podido ver as suas am igas antes delas partirem — disse Elizabeth, depois de um a curta pausa. — Mas espero que o período de felicidade futura a que Miss Bingley se refere chegará m ais cedo do que ela pensa. Espero tam bém que os agradáveis m om entos que conheceram com o am igas serão repetidos com m aior satisfação ainda do que dantes. Mr.

Bingley não ficará retido em Londres por causa delas.

— Caroline diz claram ente que nenhum deles voltará para o Hertfordshire este inverno. Vou ler para você: “Quando o m eu irm ão nos deixou ontem , im aginava que o negócio que o cham ava a Londres pudesse ser concluído em três ou quatro dias, m as com o estam os certas de que isto não pode ser assim e ao m esm o tem po estam os convencidas de que, quando Charles chegar à cidade, não terá pressa em tornar a deixá-la, resolvem os acom panhá-lo, para que não sej a obrigado a passar as suas horas de folga num hotel sem conforto. Muitos dos nossos conhecidos j á estão lá para o inverno. Desej aria que v., m inha cara am iga, tivesse a intenção de fazer parte deste grupo, m as quanto a isto não tenho m uita esperança e desej o sinceram ente que o seu Natal no Hertfordshire sej a repleto das alegrias que esta festa em geral nos traz, e que seus adm iradores sej am tão num erosos que não sentirá falta dos três que lhe arrebatam os.” É

evidente, portanto, acrescentou Jane, que ele não voltará m ais este inverno.

— O que é evidente, apenas, é que Miss Bingley não quer que ele volte.

— Você pensa assim ? A iniciativa deve ter partido de Mr. Bingley . Ele é dono de si m esm o. Mas você não sabe de tudo. Vou ler a m ensagem que m e m agoou

particularm ente. Não esconderei nada de você: “Mr. Darcy está im paciente para ver a irm ã e, para falar a verdade, nós não estam os m enos im pacientes do que ele. Acho realm ente que Georgina Darcy não tem igual em elegância, beleza e cultura. E à afeição que ela inspira a Louisa e a m im m esm a acresce algum a coisa m ais im portante: a esperança que ousam os alim entar de que se torne m ais tarde a nossa irm ã; não sei se, antes, eu j á lhe m anifestei os m eus sentim entos a este respeito. Mas não quero deixar este lugar sem confiar a você os m eus desej os. E espero que não os considere insensatos. Meu irm ão j á a adm ira m uito

— ele terá agora frequentes oportunidades de travar íntim as relações com ela.

Todos os seus parentes desej am a aliança do m esm o m odo que nós, e penso que não m e deixo iludir pela afeição que dedico à irm ã, dizendo que acho Charles capaz de conquistar o coração de qualquer m ulher. Com todas estas circunstâncias a favor desse casam ento e nenhum a que lhe sej a contrária, acho, m inha cara Jane, que não erro ao alim entar a esperança de um acontecim ento que fará a felicidade de tantas pessoas.” O que é que você acha desta últim a frase? — indagou Jane, ao term inar a leitura. — Não é bastante transparente?

Não declara ela expressam ente que Caroline não espera nem desej a que eu m e torne sua irm ã? E que está perfeitam ente convencida da indiferença do seu irm ão e que suspeitando a natureza dos m eus sentim entos por ele, tenciona bondosam ente avisar-m e? Pode haver outra opinião a este respeito?

— Sim , pode. A m inha é totalm ente diferente. Quer ouvi-la?

— De boa vontade.

— Eu a direi em poucas palavras: Miss Bingley viu que o seu irm ão está apaixonado por você e quer que ele se case com Miss Darcy . Ela o acom panhou a Londres com a esperança de detê-lo lá e procurará persuadi-lo que não gosta de você.

Jane sacudiu a cabeça.

— É verdade, Jane, você deve m e acreditar. Nenhum a pessoa que os tenha visto j untos pode duvidar da afeição de Mr. Bingley por você. Estou certa de que Miss Bingley não pode ter nenhum a dúvida a este respeito. Não é tão sim plória assim .

Se ela tivesse recebido m etade das dem onstrações de am or que Mr. Bingley lhe dirigiu, teria encom endado o enxoval. Mas o caso é o seguinte: não som os suficientem ente ricos e im portantes para eles. E ela está tanto m ais ansiosa de casar Miss Darcy com seu irm ão que espera que esta aliança entre as duas fam ílias favoreça um a segunda no m esm o sentido; acho que há nisto um a certa ingenuidade. Ela teria algum a probabilidade de êxito se não houvesse Miss de Bourgh. Mas m inha querida Jane, você não pode im aginar seriam ente que só porque Miss Bingley disse que o seu irm ão adm ira Miss Darcy ele sej a agora m enos sensível aos seus m éritos do que quando se despediu de você na terça-feira. Ou que está nas m ãos de Miss Bingley fazer com que em vez de ter am or por você ele se apaixone por sua am iga.

— Se pensássem os a m esm a coisa de Miss Bingley — replicou Jane —, a ideia que você fez de tudo isto m e tranquilizaria. Mas eu sei que a base do seu raciocínio é inj usta. Caroline é incapaz de enganar alguém propositadam ente.

Tudo o que eu posso esperar no caso é que ela se tenha enganado a si m esm a.

— Está certo. Você não podia encontrar um a ideia m ais feliz, j á que não quer se consolar com a m inha. Acredite que ela se tenha

enganado. Você j á fez o seu dever quanto a ela e não precisa m ais se preocupar com isto.

— Mas, querida Lizzy , você acredita que m esm o no m elhor dos casos eu possa ser feliz aceitando um hom em cuj as irm ãs e am igos desej em todos que ele se case com outra pessoa?

— Você deve decidir por si m esm a — disse Elizabeth —; e se depois de m adura deliberação achar que a infelicidade de descontentar as suas duas irm ãs vale m ais do que a felicidade de ser a esposa de Mr. Bingley , aconselho-a a recusá-lo sem hesitação.

— Com o você pode falar assim ? — disse Jane, sorrindo levem ente. — Você sabe que em bora m e doesse excessivam ente a desaprovação delas, eu não hesitaria.

— Nunca acreditei que você hesitasse. É por isto m esm o que não posso considerar a sua situação com m uita piedade.

— Mas se ele não voltar m ais este inverno, m inha escolha nunca será solicitada.

Mil coisas podem acontecer em seis m eses.

Elizabeth considerou com o m aior desprezo essa ideia de que ele não voltasse m ais. Pareceu-lhe ser apenas um a sugestão do interesse de Caroline. E nem por um m om ento pôde supor que esses desej os, por m ais astutam ente que fossem m anifestados, pudessem influenciar um rapaz tão totalm ente diverso de todos.

Ela exprim iu à sua irm ã o que sentia com toda a convicção de que era capaz e teve o gosto de constatar dentro em pouco o efeito das suas palavras. Jane não tinha tendência a se deprim ir e aos poucos recuperou a esperança, em bora a sua desconfiança, às vezes, sobrepuj asse o anseio de que Bingley voltasse a Netherfield e correspondesse aos desej os do seu coração.

Elizabeth e Jane resolveram com unicar à sua m ãe apenas a partida da fam ília, sem alarm á-la quanto à conduta de Mr. Bingley . Mas, m esm o esta notícia incom pleta causou graves preocupações a Mrs. Bennet. E ela lam entou a infelicidade da fam ília ter partido j ustam ente quando todos estavam se tornando tão íntim os. Depois de se lam entar durante algum tem po, consolou-se com a ideia de que Mr. Bingley voltaria brevem ente para j antar em Longbourn e a conclusão de tudo aquilo foi a consoladora declaração de que, em bora tivesse sido convidado apenas para um j antar de fam ília, ela, Mrs. Bennet, tivera o cuidado de preparar um j antar de vários pratos.

22

Os Bennet foram convidados a j antar com os Lucas e novam ente, durante a m aior parte do dia, Miss Lucas teve a bondade de dar atenção a Mr. Collins.

Elizabeth achou um a oportunidade para agradecer à am iga.

— Conserve-o de bom hum or — disse ela. — Fico-lhe ais agradecida do que você im agina.

Charlotte assegurou à sua am iga que tinha m uita satisfação em lhe ser útil, e que isto lhe pagava plenam ente o pequeno sacrifício do seu tem po. Apesar destas palavras serem m uito am áveis, a bondade de Charlotte ia além do que Elizabeth supunha. O seu obj etivo era nada m enos do que preservar Elizabeth de qualquer possível recrudescim ento das atenções de Mr. Collins, provocando-as para si m esm a. Tal foi o plano de Miss Lucas. E aparentem ente foi tão bem -sucedida que, quando se separaram à noite, ela se teria sentido quase segura do seu êxito se Mr. Collins não tivesse de partir de Hertfordshire dentro de prazo tão curto.

Mas neste ponto fazia inj ustiça ao ím peto e à independência do caráter de Mr.

Collins, pois essas qualidades o levaram a escapar sorrateiram ente de Longbourn House na m anhã seguinte e a correr até Lucas Lodge para se atirar aos seus pés.

Mr. Collins evitou cuidadosam ente atrair a atenção das suas prim as, pois estava certo de que se o vissem partir não poderiam deixar de adivinhar a sua intenção.

E não queria que a tentativa fosse conhecida até que o seu êxito o pudesse ser igualm ente, pois, em bora estando quase seguro da vitória, e com razão, visto Charlotte o ter encoraj ado bastante, se sentia relativam ente tím ido desde a aventura de quarta-feira. Sua recepção, no entanto, foi das m ais am áveis. Miss Lucas o avistou de um a j anela de cim a e im ediatam ente saiu para encontrá-lo casualm ente na aleia. Apenas ela não ousara esperar que tanto am or e tanta eloquência aguardassem ali o seu aparecim ento.

Num espaço de tem po tão curto quanto o perm itiram os longos discursos de Mr.

Collins, tudo foi com binado satisfatoriam ente para am bos. E ao entrar em casa, pediu gravem ente que ela m arcasse o dia que o faria o m ais feliz dos hom ens.

Ainda que um a tal solicitação devesse ser afastada no m om ento, a m oça não se sentiu inclinada a arriscar a sua felicidade. A im perm eabilidade com que o dotara a natureza devia privar a sua corte de qualquer encanto que pudesse fazer um a m ulher desej ar prolongá-la. Miss Lucas, que o aceitara por puro e desinteressado desej o de firm ar a sua situação na vida, se preocupava pouco com a data em que isto acontecesse.

O consentim ento de Sir William e de Lady Lucas foi rapidam ente solicitado, e concedido com a m aior boa vontade. A situação atual de Mr. Collins o tornava um partido m uito desej ável para a sua filha, a quem só podiam deixar um a pequena fortuna e as probabilidades que tinha Mr. Collins de herdar um a fortuna eram

bastante evidentes. Lady Lucas com eçou a calcular diretam ente, com um

interesse que j am ais tivera pelo assunto, quantos anos provavelm ente viveria ainda Mr. Bennet, e Sir William m anifestou a opinião de que, quando Mr. Collins entrasse na propriedade de Longbourn, seria altam ente conveniente que am bos, ele e a esposa, se apresentassem em St. Jam es. Em sum a, toda a fam ília se sentiu profundam ente feliz. As filhas m ais m oças com eçaram a ter esperança de entrar na vida social, um ano ou dois m ais cedo do que de outro m odo poderiam fazê-lo e os rapazes se sentiram aliviados da sua apreensão de que Charlotte m orresse solteirona. Charlotte, pessoalm ente, se m ostrou bastante discreta. Conseguira o que alm ej ava e tinha tem po para refletir no assunto. Suas reflexões foram em geral satisfatórias. Mr. Collins não era a bem dizer nem sensato nem agradável.

A sua com panhia era cansativa. E a sua afeição por ela devia ser im aginária.

Mas m esm o assim seria seu m arido. Sem ter grandes ilusões a respeito dos hom ens ou do m atrim ônio, o casam ento sem pre fora o seu m aior desej o; era a única posição tolerável para um a m oça bem -educada, de pouca fortuna. E por m ais incertas que fossem as perspectivas de felicidade, era ainda a form a m ais agradável de ficar ao abrigo da necessidade. Esta proteção, agora a obtivera.

Tinha 27 anos e j am ais fora bela. Sabia portanto que tivera sorte. A circunstância m enos agradável era a surpresa que aquilo devia causar a Elizabeth Bennet, cuj a am izade ela precisava m ais do que a de qualquer outra pessoa. Elizabeth ficaria espantada e provavelm ente a censuraria. Em bora isto não afetasse a sua resolução, ela se sentiria ferida com sem elhante desaprovação. Resolveu com unicar-lhe pessoalm ente a sua decisão e, assim , recom endou a Mr. Collins, quando voltasse a Longbourn para j antar, que tivesse a m aior discrição. Mr.

Collins prom eteu guardar segredo. Mas um a tal prom essa só poderia ser cum prida com m uita dificuldade, pois a curiosidade produzida pela sua longa ausência explodiu em perguntas tão diretas, que era necessário um a grande habilidade a fim de iludi-las e ao m esm o tem po exigiam dele um grande sacrifício, pois ardia do desej o de revelar o seu êxito.

Com o ele estivesse de partida na m anhã seguinte m uito cedo, a cerim ônia da despedida foi realizada na hora em que as senhoras se retiravam para dorm ir; e Mrs. Bennet, com grande cortesia e cordialidade, exprim iu a felicidade que todos sentiriam em tornar a vê-lo em Longbourn, quando os seus deveres perm itissem um a nova visita.

— Minha cara senhora — replicou ele —, o convite é particularm ente agradável, porque é o que eu esperava receber, e pode estar certa de que eu o aceitarei tão depressa quanto m e for possível.

Todos ficaram surpresos. Mr. Bennet, que não desej ava de m odo algum um a volta tão rápida, disse im ediatam ente:

— Mas não haverá perigo da desaprovação de Lady Catherine? Seria m elhor desdenhar os seus parentes do que correr o risco de ofender a sua protetora.

— Meu caro senhor — replicou Mr. Collins —, agradeço-lhe a sua am ável

previdência; pode ficar certo de que não tom arei um a tal decisão sem o consentim ento de Sua Senhoria.

— Todo o cuidado é pouco. Arrisque tudo m enos incorrer no descontentam ento daquela senhora. E, se o senhor achar provável que o fato de nos tornarm os a ver possa acarretar algum aborrecim ento, coisa que eu acho extrem am ente provável, fique sossegado em sua casa e estej a certo de que não nos ofenderem os.

— Acredite, m eu caro am igo, que lhe fico m uito grato pela sua tão cordial atenção. E pode ficar certo de que o senhor receberá em breve um a carta m inha, agradecendo esta e todas as dem ais provas de afeição que recebi durante a m inha visita no Hertfordshire. Quanto às m inhas encantadoras prim as, em bora a m inha ausência sej a curta, tom o a liberdade de lhes desej ar saúde e felicidade, sem excetuar a m inha prim a Elizabeth.

As senhoras então se retiraram , com as cortesias habituais, m uito surpreendidas com a intenção que ele m anifestara de voltar em breve. Mr. Bennet interpretou-a com o o desej o de fazer a corte a um a das suas filhas m ais m oças. E Mary poderia ter sido levada a aceitá-lo. Ela prezava os talentos de Mr. Collins, m uito m ais do que qualquer um a das outras. Havia um a solidez nas reflexões de Mr.

Collins que frequentem ente a im pressionava. E em bora não o achasse nem de longe tão inteligente quanto ela própria, pensava que, se o encoraj asse a ler e a se ilustrar com o o fizera, ele poderia tornar-se um com panheiro m uito agradável.

Mas na m anhã seguinte todas as esperanças dessa natureza foram dissipadas.

Miss Lucas veio em visita pouco depois do café da m anhã e a sós com Elizabeth relatou os acontecim entos do dia anterior.

A possibilidade de im aginar Mr. Collins apaixonado pela sua am iga j á tinha ocorrido a Elizabeth nesses últim os dias, m as não podia crer que Charlotte o encoraj asse. Isto lhe parecia quase tão im possível para a sua am iga quanto para ela própria. E a sua surpresa foi assim tão grande que ultrapassou a princípio os lim ites da discrição e não pôde deixar de exclam ar:

— Noiva de Mr. Collins? Minha cara Charlotte, não é possível!

A expressão grave com que Miss Lucas contava a sua história se alterou m om entaneam ente com a confusão que sentia por receber

um a censura tão direta. Mas com o Charlotte j á contava com aquilo, recuperou logo a calm a e respondeu:

— Por que é que você está espantada, m inha cara Eliza? Acha incrível que Mr.

Collins agrade a um a m ulher? E isso só porque ele não teve a felicidade de lhe agradar?

Mas Elizabeth j á tinha recuperado o dom ínio sobre si m esm a. E fazendo um grande esforço — conseguiu assegurar a Charlotte com certa firm eza que a perspectiva de se tornarem parentes lhe era m uito agradável e que ela lhe desej ava todas as felicidades im aginá veis.

— Eu sei o que você está sentindo — replicou Charlotte —; você está adm irada porque Mr. Collins há tão pouco tem po ainda desej ava se casar com você. Mas quando você tiver tem po de pensar sobre o assunto, espero que aprovará a m inha decisão. Bem sabe que não sou rom ântica. Nunca fui. Desej o apenas um lar confortável. E considerando o caráter de Mr. Collins, as suas relações e a sua situação na vida, estou convencida de que tenho as m esm as possibilidades de ser feliz no casam ento que a m aioria das m ulheres.

Elizabeth respondeu calm am ente:

— Sem dúvida.

Depois de um a pausa em baraçosa, as duas am igas se reuniram ao resto da fam ília. Charlotte não se dem orou m ais por m uito tem po. E Elizabeth teve o ensej o de refletir sobre o que acabara de ouvir. Mas só m uito tem po depois é que se reconciliou com a ideia de um casam ento tão disparatado. A extravagância de Mr. Collins, fazendo duas propostas de casam ento em três dias, não era nada em com paração com o consentim ento de Charlotte. Elizabeth sem pre desconfiara de que a opinião de Charlotte sobre o casam ento não se parecia m uito com a sua.

Mas nunca poderia ter suposto que no instante de confrontar as suas ideias com a realidade ela fosse capaz de sacrificar todos os seus m elhores sentim entos às vantagens m undanas. Charlotte, m ulher de Mr. Collins, era um quadro hum ilhante. E à dor de ver um a am iga se rebaixar assim na sua estim a acrescia a triste convicção de que era im possível que aquela m esm a am iga fosse feliz no cam inho que escolhera.

23

Elizabeth estava sentada com sua m ãe e suas irm ãs, pensando no que ouvira e em dúvida sobre se devia m encioná-lo, quando Sir William Lucas em pessoa apareceu, enviado pela sua filha para anunciar o seu noivado. Depois de m uitos cum prim entos e congratulações pelas perspectivas da união entre as duas fam ílias, ele abordou o assunto, para um a audiência não som ente atônita, m as tam bém incrédula. Pois Mrs. Bennet, com m ais perseverança do que polidez, retrucou que ele devia estar com pletam ente enganado. E Ly dia, que era às vezes m uito atirada e quase sem pre m alcriada, exclam ou:

— Arre, Sir William , com o é que o senhor pode contar um a história destas?

Então não sabe que Mr. Collins quer se casar com Lizzy ?

Só um cavalheiro, m unido de toda a sua tolerância, poderia suportar um a tal desconsideração sem se zangar. Mas a boa educação de Sir William conseguiu fazer com que relevasse tudo aquilo. E em bora insistisse para que a fam ília acreditasse na verdade da sua inform ação, suportou todas aquelas im pertinências com a m ais perfeita cortesia.

Elizabeth, sentindo que lhe cabia o dever de salvá-lo daquela situação incôm oda, adiantou-se e confirm ou as suas palavras, m encionando o conhecim ento prévio que tivera de Charlotte pessoalm ente. E procurou pôr um term o às exclam ações de sua m ãe e de suas irm ãs, dando os m ais sinceros parabéns a Sir

William , atitude que Jane im ediatam ente secundou, fazendo diversas observações sobre a felicidade que poderia trazer aquela aliança, o caráter excelente de Mr. Collins e a distância conveniente que separava Hunsford de Londres.

Mrs. Bennet ficou tão ofuscada que nada pôde dizer enquanto Sir William estava presente. Mas apenas tinha saído, os seus sentim entos transbordaram . Em prim eiro lugar persistiu em duvidar da verdade daquelas afirm ações. Em segundo lugar ela tinha certeza de que Mr. Collins tinha sido iludido. Em terceiro lugar tinha certeza de que nunca seriam felizes. E em quarto, que o com prom isso poderia ser rom pido. Duas coisas no entanto se podiam claram ente deduzir do assunto: prim eiro, que era Elizabeth a causa de todo aquele m al e segundo, que ela, Mrs. Bennet, tinha sido tratada infam em ente por todos. E foi sobre estes dois pontos, principalm ente, que ela se expandiu durante o resto do dia. Nada a podia consolar ou aplacar e aquele dia passou sem que o seu ressentim ento dim inuísse.

Durante um a sem ana não pôde ver Elizabeth sem ralhar com ela. Só depois de decorrido um m ês pôde conversar novam ente com Sir William e Lady Lucas, sem ser grosseira, só perdoando Charlotte m uitos m eses depois.

Os sentim entos de Mr. Bennet eram m uito m ais tranquilos. Ele achou que a situação era m uito agradável, pois se sentia satisfeito, dizia, por descobrir que Charlotte Lucas, pessoa que ele j ulgara toleravelm ente sensata, era, na realidade, tão tola quanto a sua m ulher e m ais tola ainda do que a sua filha.

Jane se confessou um tanto surpreendida. Mas falou m enos em seu espanto do que no desej o sincero de que eles fossem felizes. Elizabeth não conseguiu persuadi-la de que aquela felicidade era pouco provável. Kitty e Ly dia estavam longe de invej ar Miss Lucas. Para elas Mr. Collins era apenas um pastor, e a notícia afetou-as apenas com o um a novidade que podiam espalhar em Mery ton.

Lady Lucas não poderia ter resistido ao triunfo de falar a Mrs. Bennet sobre o conforto que representava para ela o fato de ter um a filha bem -casada. Veio a Longbourn com m ais frequência do que de costum e, para dizer o quanto se sentia feliz, em bora os olhares irados de Mrs. Bennet e as suas observações rancorosas am eaçassem , por vezes, estragar a sua felicidade...

Entre Elizabeth e Charlotte havia certo constrangim ento, que as im pedia m utuam ente de abordar aquele assunto; e Elizabeth se sentiu persuadida de que nenhum a confiança real poderia subsistir daí por diante entre elas. O

desapontam ento que sofrera fez Elizabeth aproxim ar-se m ais da irm ã, em cuj a retidão e delicadeza de sentim entos tinha absoluta confiança e cuj a felicidade cada dia m ais a preocupava, pois fazia um a sem ana que Bingley partira e ainda ninguém falara na sua volta.

Jane enviara a Caroline um a resposta im ediata à sua carta e contava os dias que tinha de esperar, até que outra lhe chegasse. A prom etida carta de agradecim ento de Mr. Collins chegou na terça-feira. Era dirigida a Mr. Bennet e escrita com tanta solenidade e gratidão com o se ele tivesse residido um ano com a fam ília. Depois de tranquilizar a sua consciência quanto a este tópico, servindo-se das expressões m ais calorosas, Mr. Collins passava a inform á-lo da sua felicidade de ter conquistado o coração daquela vizinha tão am ável, Miss Lucas, e explicava que era apenas com a intenção de gozar a com panhia de sua prom etida que ele m anifestara com tanta insistência o desej o de voltar a Longbourn, onde esperava chegar daquela segunda-feira a 15 dias. Lady Catherine, acrescentava ele, aprovava tanto o seu casam ento, que desej ava que o acontecim ento se desse o m ais cedo possível. Com esse argum ento, que j ulgava decisivo, esperava convencer Charlotte a m arcar um a data próxim a para o dia que havia de torná-lo o m ais feliz dos hom ens.

A volta de Mr. Collins para o Hertfordshire j á não parecia m ais tão agradável a Mrs. Bennet. Ao contrário, estava m uito disposta a se

queixar ao m arido. Achava m uito curioso que ele viesse a Longbourn em vez de se hospedar em Lucas Lodge. A visita era tam bém m uito inconveniente e principalm ente incôm oda.

Não gostava de ter hóspedes em casa quando a sua saúde não era m uito boa. E os noivos eram as pessoas m ais desagradáveis do m undo. Esses m urm úrios de Mrs.

Bennet continuaram , até que surgiu a preocupação m uito m aior a respeito da ausência prolongada de Mr. Bingley . Nem Jane nem Elizabeth se sentiam tranquilas quanto a isto. Os dias passavam sem trazer nenhum a notícia dele, a não ser o boato que circulou em Mery ton de que Mr. Bingley não voltaria para

Netherfield durante todo o inverno. Boato esse que enfureceu Mrs. Bennet e que ela nunca deixava de contradizer com o se se tratasse da m ais escandalosa das m entiras.

Elizabeth, por sua vez, com eçou a tem er, não que Bingley fosse indiferente a Jane, m as que as suas irm ãs conseguissem im pedir o seu regresso. Apesar da sua relutância em adm itir um a hipótese tão desfavorável para a felicidade de Jane e tão pouco honrosa para o seu nam orado, não podia im pedir que tal ideia lhe ocorresse frequentem ente. Os esforços reunidos daquelas criaturas m aldosas que eram as suas duas irm ãs e do seu autoritário am igo, som ados aos atrativos de Miss Darcy e aos divertim entos de Londres, seriam talvez superiores ao seu interesse por Jane. Quanto a esta últim a, a sua ansiedade durante aquele período de incerteza era naturalm ente m ais dolorosa do que a de Elizabeth. Mas queria esconder tudo o que sentia e entre as duas irm ãs, portanto, nunca se fazia qualquer alusão àquele assunto. Mas com o nenhum a delicadeza daquela espécie refreava Mrs. Bennet, não se passava um a hora sem que ela falasse em Bingley , sem que exprim isse a sua im paciência pela sua chegada ou m esm o sem que exigisse que Jane declarasse de um a vez por todas que se Bingley não voltasse ela se consideraria ofendida. Foi necessária toda a doçura e firm eza de Jane para suportar esses ataques com relativa tranquilidade.

Mr. Collins voltou pontualm ente no dia m arcado, m as a sua recepção em Longbourn não foi tão am ável quanto da prim eira vez. Mas ele se sentia tão feliz que não precisava de m uita atenção e felizm ente para os outros as suas atribuições de noivo os aliviavam grandem ente da sua com panhia. Ele passava a m aior parte do tem po em Lucas Lodge e m uitas vezes voltava a Longbourn apenas o tem po de desculpar-se pela sua ausência antes da fam ília se retirar para os seus aposentos.

Mrs. Bennet estava realm ente num estado lam entável. A sim ples alusão a qualquer detalhe relativo ao casam ento precipitava-a num acesso de m au hum or.

Em qualquer lugar onde se encontrasse tinha certeza de ouvir falar naquele assunto. A presença de Miss Lucas era-lhe insuportável. Olhava-a com ciúm e, despeito e horror, com o a sua sucessora naquela casa. Cada vez que Charlotte vinha visitá-los, ela concluía que a sua intenção era antecipar a hora da posse e cada vez que Charlotte falava em voz baixa a Mr. Collins, tinha certeza de que falavam da propriedade de Longbourn e planej ava expulsá-la e às suas filhas da casa, assim que Mr. Bennet m orresse. Queixava-se am argam ente de tudo aquilo ao m arido.

— Realm ente, Mr. Bennet — dizia ela —, é m uito duro pensar que Charlotte Lucas será um dia dona desta casa e que eu serei forçada a lhe ceder o m eu lugar!

— Não pense nestas coisas tristes, m eu bem . Tenham os confiança no futuro.

Encarem os a possibilidade de que eu sobreviva a você.

Isto não era m uito consolador para Mrs. Bennet. E portanto, em vez de responder, continuou com o antes.

— Não posso suportar a ideia de que eles possuirão toda esta propriedade. Se não fosse esta questão de sucessão, eu não m e im portaria.

— De que é que você não se im portaria?

— De nada.

— Então vam os agradecer a Deus, porque você está preservada de cair num tal estado de insensibilidade.

— Não posso ser grata a nada que se refira a esta sucessão, Mr. Bennet. Com o é que alguém pode ficar tranquilo ao saber que suas filhas vão ficar privadas da propriedade que possuem ? E em favor de quem ? De Mr. Collins! Por que ele e não um a outra qualquer pessoa?

— Confio-lhe a resolução deste problem a — disse Mr. Bennet.

24

A carta de Miss Bingley chegou e pôs fim a todas as dúvidas. Logo à prim eira frase evidenciava que eles tinham se instalado em Londres para todo o inverno e concluía transm itindo os sentim entos do seu irm ão por não ter tido tem po de apresentar os seus respeitos aos seus am igos de Hertfordshire antes da sua partida.

Todas as esperanças estavam perdidas, com pletam ente perdidas. E quando Jane pôde continuar a leitura, nada encontrou para consolá-la a não ser as expressões de afeto da m issivista. O elogio de Miss Darcy era o assunto principal da carta.

Seus m uitos atrativos eram novam ente descritos. Caroline se gabava alegrem ente da crescente intim idade entre elas; arriscava-se a predizer a realização dos desej os que exprim ira na sua carta anterior. Com unicava tam bém , com grande alegria, que seu irm ão era hóspede de Mr. Darcy , e m encionava com entusiasm o os planos deste últim o, relativos a um a nova m obília que encom endara.

Elizabeth, a quem Jane com unicou tudo isso sem dem ora, ouviu-a, cheia de silenciosa indignação. Seus sentim entos estavam

divididos entre a preocupação pela irm ã e o seu ressentim ento contra todos os outros. Não deu crédito à afirm ação de Caroline de que seu irm ão se interessava por Miss Darcy .

Continuava a acreditar, m ais do que nunca, na sinceridade da afeição que Bingley tinha por Jane. Apesar da sim patia com que sem pre o considerara, não podia pensar, sem cólera e quase com desprezo, naquela m aleabilidade de gênio, na falta de iniciativa pessoal que o tornava um j oguete entre as m ãos dos seus intrigantes am igos e o levava a sacrificar a sua própria felicidade ao capricho das inclinações alheias. Se a única coisa em j ogo fosse a sua própria felicidade, poderia arriscá-la com o entendesse, m as a sua irm ã estava envolvida naquilo, e ele devia ter consciência disso. Enfim , era um assunto ao qual seria necessário dedicar um a longa reflexão sem que se pudesse chegar realm ente a nenhum resultado. Não encontrava outra hipótese. E no entanto, quer a afeição de Bingley tivesse realm ente declinado, sufocada ou não pela interferência dos seus am igos, quer ele tivesse consciência da afeição de Jane, ou ao contrário, a ignorasse, em qualquer um dos casos, e em bora a sua opinião acerca de Bingley variasse forçosam ente segundo essas hipóteses, a situação da sua irm ã perm anecia a m esm a, a sua paz de espírito igualm ente perturbada. Passaram -se um ou dois dias, antes que Jane adquirisse coragem para falar a Elizabeth acerca dos seus sentim entos; m as afinal, um dia em que Mrs. Bennet, depois de se queixar com m ais irritação do que de costum e sobre Netherfield e seu proprietário, as deixara sozinhas, Jane não pôde se im pedir de dizer à irm ã:

— Oh, eu queria que m am ãe tivesse m ais dom ínio sobre si m esm a. Ela não tem ideia da dor que m e causa, falando continuam ente nisto. Mas eu não m e

queixarei; não pode durar m uito tem po. Ele será esquecido e todos serem os felizes com o antes.

Elizabeth olhou para a irm ã com solicitude e incredulidade, m as não disse nada.

— Você duvida de m im ? — exclam ou Jane, corando ligeiram ente.
— Você não tem razão. Talvez ele continue a viver na m inha m em ória com o o hom em m ais atraente das m inhas relações. Mas é tudo. Nada tenho que esperar ou que tem er.

E não tenho nenhum m otivo para censurá-lo. Graças a Deus não tenho esta dor.

Dê-m e um pouco de tem po e certam ente eu tentarei esquecê-lo.

Num a voz m ais forte acrescentou, pouco depois:

— Eu tenho desde j á este consolo. É que tudo não foi m ais do que um erro da m inha im aginação, e que esse erro não fez m al a ninguém a não ser a m im m esm a.

— Minha querida Jane — exclam ou Elizabeth —, você é boa dem ais. Sua doçura e seu desinteresse são realm ente angélicos. Sinto que nunca lhe fiz a devida j ustiça e que nunca a am ei com o você m erece.

Miss Bennet protestou com veem ência contra os m éritos extraordinários que lhe conferiam e atribuiu o elogio à viva afeição da sua irm ã.

— Não — disse Elizabeth —, isto não está direito. Você quer pensar que todas as pessoas são respeitáveis e se sente ferida se eu falo m al de alguém . Quero apenas pensar que você é perfeita e você se volta contra m im . Não tenha m edo de que eu caia em algum excesso, nem lance m ão do seu privilégio de boa vontade universal. Seria inútil. São poucas as pessoas a quem eu quero realm ente, e m enos ainda aquelas das quais eu tenho um a boa opinião. Quanto m elhor eu conheço o m undo, m enos ele m e satisfaz; e cada dia vej o confirm ada a m inha crença na inconsistência de todos os caracteres hum anos e na pouca confiança que se pode depositar nas aparências do m érito ou do bom senso. Ultim am ente encontrei dois exem plos; um deles eu

não m encionarei — o outro é o casam ento de Charlotte. É inexplicável! Sob todos os pontos de vista, é inexplicável.

— Querida Lizzy , não se entregue a sentim entos desta espécie. Eles arruinarão a sua felicidade. Você não deixa nenhum a m argem para diferenças de situação e de tem peram ento. Pense na respeitabilidade de Mr. Collins, no caráter prudente e firm e de Charlotte. Lem bre-se de que a fam ília dela é m uito grande; que quanto à fortuna é um partido m uito desej ável. E m ostre-se pronta a acreditar, para bem de todo o m undo, que Charlotte possa sentir realm ente respeito e estim a pelo nosso prim o.

— Para lhe fazer a vontade, eu tentarei acreditar em quase tudo. Mas ninguém se beneficiará disto. Pois se eu estivesse persuadida de que Charlotte o respeita, realm ente ela desceria no conceito que tenho da sua inteligência, o m esm o que perdeu antes no valor que eu atribuía ao seu coração. Minha querida Jane, Mr.

Collins é um hom em tolo, pom poso, pretensioso e de ideias estreitas. Você sabe que ele é tudo isto tão bem quanto eu. E você deve sentir com o eu que um a

m ulher que se casar com ele não pode ter um a visão m uito j usta das coisas.

Você não há de querer defendê-la só porque ela é Charlotte Lucas. Você não pode, por causa de um caso individual, m udar o sentido das palavras “bom senso” e “integridade”, nem procurar persuadir a você m esm a ou a m im que o egoísm o é a prudência, e a insensibilidade diante do perigo, certeza de felicidade.

— Acho que as suas expressões são m uito fortes, e espero que você se convencerá disso, vendo-os casados e felizes. Quanto a isto, basta. Mas você aludiu a outra coisa. Você m encionou dois exem plos. Sei o que você está pensando. Mas eu lhe peço, querida Lizzy , que não m e cause m ágoa, j ulgando que aquela pessoa é culpada. Nem dizendo que ela perdeu no seu conceito. Não devem os ser precipitadas e j ulgar que fom os intencionalm ente feridas.

Não podem os exigir que um rapaz despreocupado sej a sem pre prudente e circunspecto. Muitas vezes é apenas a nossa vaidade que nos engana. As m ulheres sobre-estim am facilm ente a adm iração dos hom ens.

— E os hom ens fazem tudo para m antê-las nesta ilusão.

— Se o fazem propositadam ente, não pode haver j ustificativa. Mas eu creio que não há tanta m á vontade no m undo quanto as pessoas acreditam .

— Estou longe de atribuir qualquer aspecto da conduta de Mr. Bingley a um a intenção perversa — disse Elizabeth —; m as m esm o sem o propósito deliberado de errar, ou de tornar os outros infelizes, pode haver enganos e tristezas. Pouco caso, falta de atenção para com os sentim entos de outras pessoas, ou falta de firm eza, produzem os m esm os efeitos.

— E você atribui qualquer desses defeitos a ele?

— Sim , todos. Mas se continuar incorrerei no seu desagrado, dizendo o que penso acerca das pessoas que você estim a. Detenha-m e enquanto é tem po.

— Você persiste então em supor que as irm ãs dele o influenciaram ?

— Sim , de com binação com o am igo dele.

— Não posso acreditar nisto. Por que tentariam influenciá-lo? Só podem desej ar a sua felicidade, e se ele m e am a, nenhum a outra m ulher pode lhe trazer esta felicidade.

— A sua prim eira suposição é falsa. Podem desej ar m uitas coisas além da felicidade dele. Podem desej ar o aum ento da sua fortuna e da sua im portância.

Podem desej ar que ele se case com um a m oça que tenha im portância social, dinheiro, relações de alta classe e orgulho.

— Sem dúvida. Eles desej am que escolha Miss Darcy . Mas isto pode se originar de sentim entos m elhores do que você supõe. Eles a conhecem há m uito m ais tem po do que a m im . Não é de espantar que a prefiram . Mas quaisquer que sej am os seus desej os, é m uito pouco provável que elas pudessem se opor à vontade do irm ão. Que irm ã se sentiria j ustificada em fazer um a coisa destas, a não ser que existisse um m otivo m uito m ais forte? Se acreditassem que ele gosta realm ente de m im , não tentariam nos separar, pois se tal fosse o caso, não o

conseguiriam . Mas supondo tal afeição, você faz todo m undo agir m aldosa e erradam ente e a m im torna m uito infeliz. Não discuta esta m inha ideia. Não estou envergonhada por m e ter enganado, ou pelo m enos a vergonha é pouca.

Não é nada em com paração com o que eu sentiria se pensasse m al dele ou das suas irm ãs. Deixe-m e ver as coisas sob o seu m elhor aspecto, um aspecto capaz de esclarecê-las.

Elizabeth não podia se opor a um tal desej o. E a partir desse dia, o nom e de Mr.

Bingley quase nunca m ais foi m encionado entre elas. Mrs. Bennet continuou ainda a estranhar e a queixar-se de que ele não voltava m ais. E em bora não se passasse um dia sem que Elizabeth desse um a explicação razoável, parecia haver pouca probabilidade de que Mrs. Bennet j am ais considerasse aquele fato com m enos perplexidade. Sua filha procurava convencê-la de um a coisa em que ela m esm a não acreditava: de que as atenções de Bingley tinham sido o efeito de um a sim patia transitória, cessando depois que a perdera de vista. Mas em bora a probabilidade dessa afirm ação fosse adm itida no m om ento, Jane era obrigada a repeti-la no dia seguinte. O m elhor consolo de Mrs. Bennet era lem brar-se de que Bingley tornaria a voltar para o verão.

Mr. Bennet pensava de m aneira diferente.

— Então, Lizzy — disse um dia —, sua irm ã teve um desgosto am oroso, creio eu.

Ela m erece os m eus parabéns. Depois do casam ento, o que um a m oça m ais gosta é de um desgosto am oroso de vez em quando. É um a coisa que dá o que pensar e lhe confere um a espécie de distinção entre as suas com panheiras.

Quando chegará a sua vez? Você não há de querer ser suplantada por Jane.

Chegou a sua hora. Há bastantes oficiais em Mery ton, para desapontar todas as m oças da região. Escolha Wickham . É um suj eito sim pático e lhe daria o fora agradavelm ente.

— Obrigada, m eu pai, m as um hom em m enos agradável seria suficiente para m im . Não devem os todas esperar a boa sorte de Jane.

— É verdade — disse Mr. Bennet —, m as é um conforto pensar que o que quer que lhe suceda nesse gênero, você tem um a m ãe afetuosa que saberia tirar o m elhor partido disto.

A com panhia de Mr. Wickham aj udava eficientem ente a dissipar a tristeza que as últim as ocorrências tinham trazido para m uitos dos habitantes de Longbourn.

Viam -no frequentem ente agora e às suas outras qualidades acrescia a de um a franqueza absoluta. O que Elizabeth j á sabia, as suas queixas de Mr. Darcy e o que sofrera por sua causa, tudo era agora publicam ente discutido. E todos se sentiam contentes de pensar que sem pre tinham antipatizado com Mr. Darcy , m esm o antes de saber qualquer coisa contra ele.

Jane era a única criatura que supunha que pudessem existir circunstâncias atenuantes no caso, desconhecidas para a sociedade

do Hertfordshire. Com doce e firm e candura invocava sem pre a tolerância e a possibilidade de enganos. Mas

todos os outros condenavam Mr. Darcy com o ao pior dos hom ens.

25

Depois de um a sem ana passada em declarações de am or e proj etos de felicidade, a chegada do sábado veio privar Mr. Collins da com panhia da sua am ada Charlotte. A dor da separação, no entanto, poderia ser aliviada quando chegasse em Hunsford, pelos preparativos para a recepção da sua noiva. E logo em seguida ao seu próxim o regresso ao Hertfordshire, seria fixado o dia que havia de torná-lo o m ais feliz dos hom ens. Ele se despediu dos seus parentes em Longbourn com tanta solenidade quanto da prim eira vez; tornou a desej ar às suas encantadoras prim as saúde e felicidades e prom eteu a Mr. Bennet nova carta de agradecim entos.

Na segunda-feira seguinte, Mrs. Bennet teve o prazer de receber seu irm ão e sua cunhada, que vieram com o de costum e passar o Natal em Longbourn. Mr.

Gardiner era um hom em fino e sensato, m uito superior à sua irm ã, tanto em natureza com o em educação. As senhoras de Netherfield dificilm ente acreditariam que um hom em que vivia no com érci o e m orava próxim o aos seus arm azéns pudesse ser tão bem - educado e agradável. Mrs. Gardiner, que era m uitos anos m ais m oça do que Mrs. Bennet ou Mrs. Philips, era um a m ulher elegante, agradável e inteligente e m uito querida pelas suas sobrinhas de Longbourn. Entre ela e as duas m ais velhas, especialm ente, existia um a forte am izade. As m eninas tinham m orado m uitas vezes em casa dela na cidade.

A prim eira parte dessa atividade de Mrs. Gardiner ao chegar consistiu na distribuição dos presentes que trazia e na descrição das m odas m ais recentes.

Feito isto, o seu papel se tornou m enos ativo. Chegou a sua vez de ouvir. Mrs.

Bennet tinha m uitas queixas a relatar. Ela tinha sofrido grandes decepções desde a últim a vez em que vira a sua irm ã. Duas das suas filhas tinham estado a ponto de se casar e afinal tudo tinha dado em nada.

— Eu não culpo Jane — continuou ela —, pois Jane teria aceitado Mr. Bingley .

Mas Lizzy ! Oh, é m uito duro pensar que podia ser agora a esposa de Mr. Collins se não fosse tão insensata. Ele fez um a proposta aqui m esm o nesta sala. E ela o recusou. A consequência disto é que Lady Lucas casará um a das filhas antes de m im . E a propriedade de Longbourn está m ais do que nunca destinada a passar para m ãos estranhas. Os Lucas são gente m uito esperta, m inha irm ã, só pensam nas vantagens que podem obter. Sinto m uito dizer isto deles, m as é verdade.

Causa-m e um grande nervosism o ser assim contrariada na m inha própria fam ília e ter vizinhos que pensem m ais em si m esm os do que nos outros. No entanto, a sua visita neste m om ento é o m aior consolo que eu poderia receber, e m uito m e alegro de saber o que você acaba de nos contar a respeito das m angas com pridas.

Mrs. Gardiner, a quem a m aior parte dessas notícias j á fora transm itida por Jane e por Elizabeth na correspondência que m antinham com ela, deu à sua irm ã um a

resposta evasiva. E com pena das suas sobrinhas, m udou o assunto da palestra.

Mais tarde, sozinha com Elizabeth, tornou a abordar o assunto:

— É provável que tenha sido um partido desej ável para Jane — disse ela. —

Sinto que o proj eto tenha fracassado. Mas estas coisas acontecem tanto! Um rapaz com o Mr. Bingley , a j ulgar pela descrição que m e fizeram , se apaixona facilm ente por um a m oça bonita durante algum as sem anas e quando um acaso os separa, esquece-a facilm ente. Inconstâncias dessa espécie são m uito frequentes.

— De certo m odo isso é um excelente consolo — disse Elizabeth. — Mas não serve para nós. Não sofrem os por acaso. Não acontece assim tão frequentem ente que um rapaz independente se deixe persuadir pelos am igos a esquecer um a m oça que ele am ava apaixonadam ente poucos dias antes.

— Mas esta expressão am ar apaixonadam ente é tão gasta, tão duvidosa, tão indefinida... Ela não m e faz nenhum a im agem clara. Muitas vezes é aplicada a sentim entos que surgem depois de m eia hora apenas de contato, com o igualm ente a afeições reais e fortes. Diga-m e, qual era o grau de violência do am or de Mr. Bingley ?

— Nunca vi um a inclinação m ais prom issora. Ele estava se tornando esquecido das outras pessoas e inteiram ente absorto por Jane. Cada vez que se encontravam , isto se tornava m ais claro. No baile que ele próprio ofereceu, ofendeu duas ou três m oças, esquecendo-se de tirá-las para dançar! E eu m esm a falei com ele duas vezes sem ter resposta. Podem existir m elhores sintom as? Não é a desatenção geral a própria essência do am or?

— Oh, sim , dessa espécie de am or que suponho tenha sido o dele. Pobre Jane!

tenho pena dela, porque com o seu feitio talvez não o esqueça im ediatam ente.

Seria m elhor que isto lhe tivesse acontecido, Lizzy , pois graças ao seu bom hum or, você teria esquecido m ais depressa. Mas você acha que podem os convencê-la a voltar conosco? As m udanças de lugar podem ser úteis. E talvez a sua ausência de casa, por algum tem po, faça um grande bem a Jane.

Elizabeth ficou extrem am ente contente com esta proposta e plenam ente convencida da pronta aquiescência da sua irm ã.

— Espero — acrescentou Mrs. Gardiner — que nenhum a consideração por esse rapaz a influencie. Moram os em pontos tão afastados da cidade, todas as nossas relações são tão diferentes e, com o você sabe, saím os tão raram ente, que é m uito pouco provável que se encontrem . A não ser que ele venha realm ente visitá-la.

— E isto é inteiram ente im possível, pois ele está sob a vigilância do seu am igo, e Mr. Darcy não toleraria que ele fosse visitá-la num quarteirão de Londres tão pouco elegante. Minha cara tia, com o pode a senhora supor tal coisa? Mr. Darcy talvez tenha ouvido falar em Gracechurch-Street, m as se algum a vez entrasse lá, creio que levaria bem um m ês se purificando.

— Tanto m elhor. Espero que eles não se encontrarão. Mas Jane não se corresponde com a irm ã de Mr. Bingley ? Esta pessoa não poderá deixar de visitá-la.

— Ela cortará relações com pletam ente.

Mas apesar da certeza com que Elizabeth fingia acreditar no que diziam , bem com o na possibilidade de Bingley ser im pedido de visitar Jane, esse assunto a preocupava de tal m aneira que, depois de refletir, convenceu-se de que não considerava o caso inteiram ente perdido. Parecia-lhe possível e algum as vezes até m esm o provável que a afeição de Mr. Bingley recrudescesse e que a influência dos seus am igos pudesse ser contrabalançada com êxito pelas influências m ais naturais dos atrativos de Jane.

Miss Bennet aceitou o convite da tia com prazer. E se ao m esm o tem po se lem brava dos Bingley , era apenas para desej ar que lhe fosse possível ocasionalm ente passar um a ou outra m anhã com a sua am iga. E podia fazê-lo sem correr o perigo de ver Bingley , j á que Caroline não m orava com o irm ão.

Os Gardiner ficaram um a sem ana em Longbourn. E não se passou um dia sem com prom issos sociais, sem visitarem ou receberem visitas dos Philips, dos Lucas e dos oficiais. Mrs. Bennet tinha planej ado tão cuidadosam ente esses divertim entos para os seus parentes, que nem um a só vez eles se sentaram j untos para um j antar de fam ília. Quando havia convidados em casa, entre eles se encontravam sem pre alguns oficiais e um deles era sem pre Mr. Wickham . E

nessas ocasiões, Mrs. Gardiner, em cuj o espírito os calorosos elogios de Elizabeth tinham despertado suspeitas, observava os dois com grande atenção. Sem supor, pelo que estava vendo, que eles estivessem seriam ente apaixonados, a preferência que m anifestavam um pelo outro era suficiente para inquietá-la; resolveu falar a Elizabeth sobre o assunto antes de partir do Hertfordshire e fazer-lhe ver a im prudência que ela com etia, encoraj ando aquela inclinação. Wickham possuía um m eio de interessar a Mrs. Gardiner, independente dos seus m últiplos encantos. Há uns dez ou 12 anos, antes do seu casam ento, Mrs. Gardiner residira m uitos anos na m esm a região do Derby shire em que nascera Mr. Wickham .

Tinham portanto m uitos conhecidos em com um . E em bora Mr. Wickham só tivesse ido lá poucas vezes, depois da m orte do pai de Mr. Darcy , há cinco anos, ele podia dar notícias m ais recentes dos antigos am igos de Mrs. Gardiner do que as que ela poderia obter de outro m odo. Mrs. Gardiner tinha estado em Pem berley e conhecia de nom e o falecido Mr. Darcy ; aí estava portanto um assunto inesgotável. Com parando as suas lem branças de Pem berley com as descrições m inuciosas que Wickham lhe fazia, e prestando ao caráter do seu antigo possuidor o seu tributo de adm iração, Mrs. Gardiner deliciava a si m esm a e a seu interlocutor. Ao ser inform ada do tratam ento que o atual Mr. Darcy lhe dispensara, ela procurou se lem brar da reputação que ele tinha em criança. E

acreditou afinal recordar-se de ter ouvido dizer que Mr. Fitzwilliam Darcy tinha

sido um m enino m uito orgulhoso e de m au caráter.

26

As recom endações de Mrs. Gardiner a Elizabeth foram transm itidas cordialm ente na prim eira oportunidade favorável que encontrou de falar a sós com a sua sobrinha; depois de dizer francam ente o que pensava, continuou da seguinte m aneira:

— Você é um a m oça sensata dem ais, Lizzy , para se apaixonar por um rapaz apenas porque alguém lhe previne de que não o faça. E portanto, não tenho m edo de falar abertam ente. Seriam ente, queria que você estivesse prevenida. Não se com prom eta nem procure com prom etê-lo num a afeição que a ausência de fortuna tornaria m uito im prudente. Nada tenho contra o rapaz. É dos m ais interessantes. E se ele tivesse a situação que deveria ter, acho que você não poderia encontrar m elhor. Mas não sendo este o caso, você não deve se deixar levar pela sua im aginação. Você tem bom senso e todos nós esperam os que você o utilize. Seu pai confia na sua resolução e na sua boa conduta. Você não pode desapontá-lo.

— Minha cara tia, a senhora está tom ando as coisas m uito a sério.

— Sim , e espero que você as considere com a m esm a seriedade.

— Bem , neste caso não precisa se alarm ar. Eu tom arei conta de m im m esm a e de Mr. Wickham tam bém . Se isto depender de m im , ele não se apaixonará.

— Elizabeth, você não está falando sério.

— Desculpe, vou tentar novam ente. No m om ento, não estou apaixonada por Mr.

Wickham ; não, certam ente não estou. Mas, ele é sem com paração, o hom em m ais agradável que eu j am ais conheci. E se realm ente se interessar por m im , acredito que é m elhor que ele não se apaixone. Vej o perfeitam ente a im prudência que há nisto.

Oh, aquele abom inável Mr. Darcy ! A opinião que m eu pai tem de m im m e orgulha m uito. E eu seria um a criatura indigna se a traísse.

No entanto, m eu pai sim patiza m uito com Mr. Wickham . Em sum a, m inha cara tia, eu ficaria m esm o m uito triste se causasse algum aborrecim ento a algum de vocês. Mas com o estam os vendo todos os dias que, quando existe um a afeição real, os j ovens dificilm ente se deixam separar pelas condições im ediatas de fortuna, com o poderei lhe prom eter que serei m ais prudente do que tantas das m inhas sem elhanças, se eu for tentada, com o posso m esm o saber que a prudência consiste em resistir? Tudo o que posso lhe prom eter, portanto, é que não agirei precipitadam ente. Não terei pressa em m e considerar o m ais alto obj eto da afeição de Mr. Wickham . Em sum a, farei o possível.

— Talvez fosse m elhor que você não o encoraj asse a vir aqui tantas vezes. Pelo m enos você não devia lem brar a sua m ãe de convidá-lo.

— Com o fiz no outro dia — disse Elizabeth, com um sorriso intencional. — E

verdade, será m ais prudente não o fazer. Mas não im agine que ele vem aqui tão frequentem ente assim . Foi só por sua causa que ele foi convidado tantas vezes

esta sem ana. A senhora sabe que m am ãe gosta de ter m uita gente em casa a fim de distrair os seus convidados. Mas eu lhe dou a m inha palavra de honra que seguirei o cam inho que achar m ais prudente. E agora espero que estej a satisfeita.

Sua tia lhe assegurou que estava, e Elizabeth agradeceu o carinho das suas sugestões. Em seguida elas se separaram . Belo exem plo de conselhos referentes a um tal assunto, serem aceitos sem ressentim entos.

Mr. Collins voltou para o Hertfordshire pouco depois da partida de Jane e dos Gardiner. E desta vez a sua chegada não causou grandes transtornos a Mrs.

Bennet, pois ele se hospedou em casa dos Lucas.

O dia do seu casam ento estava próxim o. Mrs. Bennet se resignara enfim ao inevitável. Costum ava até dizer com insistência, num tom am argo, que ela desej ava que eles fossem felizes. O casam ento seria realizado na quinta-feira seguinte. E na quarta, Miss Lucas veio fazer a sua visita de despedidas. Quando ela se levantou para sair, Elizabeth, envergonhada com os parabéns forçados de sua m ãe, e sinceram ente com ovida, acom panhou a sua antiga am iga até a porta.

Quando desciam as escadas, j untas, Charlotte disse:

— Espero que você m e escreva frequentem ente, Eliza.

— Você pode contar com isto.

— E eu tenho outro favor a lhe pedir. Você virá m e visitar?

— Espero que nos encontrem os m uitas vezes aqui no Hertfordshire.

— Não é provável que eu possa sair do Kent durante algum tem po. Prom eta-m e portanto que você virá a Hunsford.

Elizabeth não pôde recusar, em bora não encarasse aquela visita com prazer.

— Meu pai e Maria irão m e visitar em m arço — acrescentou Charlotte. — E

espero que você consinta em ir na com panhia deles. Realm ente, Eliza, você será tão bem -recebida quanto qualquer um deles.

Enfim aconteceu o casam ento. O noivo e a noiva partiram para o Kent diretam ente da igrej a. E todos tiveram m uita coisa que dizer e que ouvir, com o de costum e nessas ocasiões. Elizabeth recebeu logo um a carta da sua am iga, e a correspondência entre elas continuou tão regular e frequente com o sem pre. Mas era-lhe im possível m anter o m esm o tom de franqueza de antigam ente. Elizabeth nunca se dirigia à sua am iga sem sentir que todo o prazer e intim idade que havia nas suas relações tinham cessado. E, em bora decidida a não desleixar da sua correspondência, quando escrevia, pensava no passado m ais do que no presente.

As prim eiras cartas de Charlotte foram recebidas com m uita ansiedade.

Elizabeth estava curiosa para saber com o a sua am iga falaria da nova casa, o que tinha achado de Lady Catherine e até que ponto ela ousaria se declarar feliz.

Porém , quando as cartas chegaram , Elizabeth sentiu que Charlotte se externava sobre todos esses pontos, exatam ente com o tinha previsto. Escrevia alegrem ente, parecia rodeada de conforto e só m encionava o que podia louvar. A casa, a m obília, a vizinhança, as estradas, tudo achava a seu gosto. E Lady Catherine se

m ostrara benevolente e am ável. Era o m esm o quadro de Hunsford e de Rosings que Mr. Collins pintara. Apenas, m ais esbatido. Elizabeth com preendeu que teria de esperar até o dia da sua visita para saber o resto.

Jane j á tinha escrito algum as linhas à sua irm ã, anunciando a sua chegada a Londres, sem novidades. Elizabeth tinha esperança de que quando ela tornasse a escrever pudesse transm itir algum a notícia dos Bingley .

A sua im paciência pela segunda carta foi recom pensada com o costum a sê-lo.

Jane tinha estado um a sem ana em Londres sem ver Caroline e sem ter notícias dela. Explicava o fato, no entanto, supondo que a sua últim a carta de Longbourn para a am iga se extraviara. “Minha tia”, continuou ela, “vai am anhã para aqueles lados da cidade. E eu terei a oportunidade de fazer um a visita em Grosvenor Street.” Depois da visita ela tornou a escrever dizendo que tinha visto Miss Bingley . “Não creio que Caroline estivesse de bom hum or”, dizia ela. “Mas pareceu m uito contente de m e ver e censurou-m e por não a ter avisado da m inha chegada a Londres. Portanto eu tinha razão. Ela não recebeu a m inha últim a carta. Perguntei com o estava o seu irm ão, é claro. Estava bem , m as tão ocupado com Mr. Darcy que quase nunca suas irm ãs tinham ocasião de vê-lo. Soube que Miss Darcy estava sendo esperada para o j antar. Eu desej ava conhecê-la. Minha visita não foi longa, pois Caroline e Mrs. Hurst estavam para sair. Espero que elas virão em breve visitar-m e aqui.”

Elizabeth sacudiu a cabeça. A carta lhe provava que só por um acaso Mr.

Bingley descobriria que sua irm ã estava em Londres.

Passaram -se as quatro sem anas e Jane nem um a só vez o viu. Tentou persuadir a si m esm a de que não o lam entava. Mas não podia continuar cega às intenções de Miss Bingley . E depois de esperar em casa todas as m anhãs durante 15 dias, recebendo todas as noites novas desculpas, finalm ente a visitante apareceu. Mas a brevidade da visita, e sobretudo a m udança das suas m aneiras não deixaram a Jane nenhum a ilusão. A carta que escreveu à sua irm ã naquela ocasião m ostrava bem o que sentia:

Minha querida Lizzy :

Estou certa de que você é incapaz de regozij ar-se à m inha custa se eu lhe confessar que m e enganei inteiram ente quanto à afeição de Miss Bingley por m im . Mas, m inha cara irm ã, em bora o que se passou tenha provado que você tinha razão, não m e acuse de obstinação se eu continuo a sustentar que, considerando a conduta

antiga de Caroline, a m inha confiança era tão natural quanto as suas suspeitas. Não com preendo absolutam ente as razões que ela tinha para desej ar ter relações íntim as com igo, m as se estas m esm as circunstâncias se repetissem , estou certa de que eu tornaria a ser iludida. Caroline não retribuiu a visita senão ontem ; não recebi no intervalo nem um a nota, nem um bilhete, nem um a linha. E quando ela veio tornou-se evidente que não tinha nenhum prazer em

m e ver. Deu ligeiras desculpas, inteiram ente form ais e não disse um a só vez que desej ava tornar a ver-m e; achei-a sob todos os aspectos tão indiferente que, quando ela partiu, eu estava perfeitam ente resolvida a cortar relações. Tenho pena dela m as não posso deixar de culpá-la. Fez m uito distinguindo-m e a princípio, com o aconteceu. Posso dizer com certeza que tom ou todas as iniciativas, m as tenho pena dela porque deve sentir que procedeu erradam ente e porque tenho plena certeza de que a causa de tudo isso foi a preocupação que tem com o irm ão. Não preciso m e explicar m elhor. E em bora eu e você saibam os que esta preocupação é inteiram ente inútil, se ela a sente de fato, ficará facilm ente explicada a sua conduta para com igo. E se tem tanta afeição pelo irm ão, afeição que ele aliás m erece, qualquer preocupação que sinta por ele será natural e louvável. No entanto espanta-m e que continue ainda a ter estes receios, pois se ele gostasse realm ente de m im j á nos teríam os encontrado há m uito tem po. Ele sabe que eu estou em Londres, pois ouvi-a se referir a isto. E no entanto, a m aneira com o fala dá a entender que desej a persuadir a si m esm a de que o irm ão se interessa realm ente por Miss Darcy . Não posso com preendê-la.

Se eu não tivesse receio de fazer um j ulgam ento precipitado, estaria quase tentada a dizer que em tudo isto há um a forte aparência de duplicidade. Mas procurarei banir todos os pensam entos dolorosos e pensar som ente no que m e pode tornar feliz: a sua afeição, e a inalterável bondade dos m eus caros tios.

Escreva-m e breve. Miss Bingley disse algum a coisa a respeito de nunca m ais voltar a Netherfield, de desistir da casa, m as não deu toda a certeza. É m elhor não falar nisto. Estou extrem am ente satisfeita por você ter recebido notícias tão agradáveis dos nossos am igos de Hunsford. Peço-lhe que vá visitá-los com Sir William e Maria. Estou certa de que você se sentirá m uito bem lá.

Sua. etc.

Esta carta causou certa tristeza a Elizabeth; m as a coragem lhe voltou ao considerar que, pelo m enos, Jane não seria m ais enganada pela irm ã de Bingley .

Quanto a este, todas as esperanças estavam agora perdidas. Jane nem sequer desej aria tornar a receber as suas atenções. Sob todos os pontos de vista ele baixava no conceito dos outros. E com o castigo para Mr. Bingley , bem com o para um a possível com pensação para Jane, Elizabeth desej ava sinceram ente que na verdade ele se casasse com a irm ã de Mr. Darcy , pois segundo a descrição que da m esm a lhe fizera Wickham , ela o faria se arrepender am argam ente de ter rej eitado Jane.

Nessa ocasião Mrs. Gardiner relem brou por carta a Elizabeth a prom essa que esta lhe fizera a respeito de Wickham . E as notícias que Elizabeth lhe m andou em resposta eram m ais satisfatórias para a sua tia do que para ela m esm a. O

interesse de Mr. Wickham parecia ter-se desvanecido. Suas atenções, dedicava-as a outra pessoa. Elizabeth observara tudo, m as podia escrever a respeito disto

com certo desprendim ento. O seu coração fora apenas ligeiram ente afetado. E

seu am or próprio se aplacava com a reflexão de que se a fortuna o tivesse perm itido, ela, Elizabeth, teria sido a escolhida. A súbita aquisição de dez m il libras era o encanto m ais notável da j ovem que ele agora cortej ava.

Mas Elizabeth, m enos arguta neste caso do que no de Charlotte, não censurou a Wickham o seu desej o de independência. Nada, ao contrário, poderia ser m ais natural. E em bora tivesse razões para supor que Mr. Wickham não renunciara a ela sem algum as lutas, estava pronta a adm itir que aquela renúncia era um a m edida sensata e desej ável para am bos. E queria sinceram ente a felicidade do seu antigo adm irador.

Tudo isto foi com unicado a Mrs. Gardiner; e depois de relatar estas circunstâncias continuou da seguinte m aneira:

Estou convencida, agora, m inha cara tia, de que nunca m e apaixonei realm ente.

Pois se eu tivesse experim entado essa paixão pura e elevada, detestaria agora a sim ples m ação do seu nom e. E desej aria a Mr. Wickham todos os m ales. Mas não só os m eus sentim entos continuam cordiais para com ele, m as são até m esm o im parciais para com Miss King. Não consigo encontrar em m im nenhum ódio para com ela e continuo a pensar que ela é um a m oça m uito decente. Em tudo isto não pode haver am or. Minha intenção foi coroada de êxito. Em bora eu m e tornasse um obj eto de m aior interesse por todos os m eus conhecidos, caso estivesse perdidam ente apaixonada, não posso dizer que lam ente a m inha com parativa insignificância. A im portância custa às vezes um preço dem asiado elevado. Kitty e Ly dia tom am essa traição m uito m ais a sério do que eu. São ainda m uito ignorantes acerca dos cam inhos do m undo e não chegaram ainda à m ortificante convicção de que os belos rapazes precisam tanto de dinheiro para viver quanto os m enos favorecidos pela beleza.

27

E sem m aiores acontecim entos na fam ília de Longbourn, j aneiro e fevereiro, algum as vezes frios e não raro lam acentos, passaram sem outras diversões senão passeios ocasionais a Mery ton. Março deveria levar Elizabeth para Hunsford. Ela não tinha encarado a princípio com m uita seriedade a possibilidade de ir, m as Charlotte

contava com ela e aos poucos Elizabeth se habituou a pensar na visita com m ais interesse, bem com o com m ais certeza. A ausência aum entara o desej o de rever Charlotte e enfraquecia a sua repugnância por Mr. Collins. Havia tam bém o sabor da novidade. E além disso, com a m ãe que tinha, e irm ãs tão pouco cam aradas, a sua casa não seria um lugar m uito divertido. Além disso a viagem lhe daria a oportunidade de se avistar com Jane. Em sum a, à m edida que o dia se aproxim ava, m enos desej ava adiar a partida. Tudo pois ficou com binado de acordo com os planos de Charlotte. E Elizabeth iria em com panhia de Sir William e da sua segunda filha. Ao plano prim itivo acrescentou-se um novo detalhe: eles passariam a noite em Londres.

Elizabeth sentia apenas ter de deixar o seu pai, que certam ente sentiria a sua falta; e que, chegado o dia, se m ostrou tão pouco satisfeito com a sua partida, que recom endou à filha que lhe escrevesse e quase prom eteu responder a sua carta.

A despedida entre Elizabeth e Mr. Wickham foi perfeitam ente cordial. E da parte dele, ainda m ais do que isto. Os seus planos atuais não o faziam esquecer que Elizabeth fora a prim eira a despertar e a m erecer a sua adm iração. A prim eira que o ouvira e se com padecera dele; e quando disse adeus a Elizabeth, desej ou-lhe todos os prazeres, lem brou-lhe a descrição que fizera de Lady Catherine de Bourgh e disse que esperava que a opinião de am bos a respeito daquela senhora, bem com o sobre todas as outras pessoas, coincidisse. Em todas as suas palavras transpareciam , enfim , solicitude e interesse. Elizabeth sentiu que esses sentim entos sem pre a uniriam a ele num a sincera afeição. E separou-se de Mr.

Wickham convencida de que, casado ou solteiro, ele sem pre representaria a seus olhos o ideal de um a pessoa agradável e sedutora.

Os seus com panheiros de viagem não eram capazes de fazer em palidecer a lem brança de Mr. Wickham . Sir William Lucas e sua filha Maria, m oça bem -

hum orada m as de cabeça tão oca quanto o pai, nada tinham a dizer que fosse digno de atenção, e o que eles falavam produzia em Elizabeth o m esm o prazer que o arrastar de um a cadeira. Elizabeth gostava de observar os ridículos, m as conhecia Sir William dem asiado bem . Nenhum a das m aravilhas que contava a respeito do seu título e de sua apresentação na Corte eram novidades para ela. E

as suas am abilidades eram tão gastas quanto as suas inform ações.

Era um a viagem de 24 m ilhas apenas. E eles partiram tão cedo que chegaram a Gracechurch Street ao m eio-dia. Ao se aproxim arem da casa de Mr. Gardiner, avistaram Jane na j anela da sala. Quando chegaram na entrada, ela estava lá

para saudá-los. Elizabeth, perscrutando ansiosam ente a fisionom ia da irm ã, teve o prazer de constatar que o seu rosto continuava saudável e lindo com o sem pre.

Sobre os degraus da escada, estavam vários m eninos e m eninas, que não tinham podido resistir à tentação de ver a sua prim a chegar e não tinham tido a paciência de esperar na sala. Mas, tím idos, pois há um ano não a viam , não ousavam descer. Tudo foi alegria e doçura. O dia passou da form a m ais agradável. De m anhã, fizeram com pras e à noite foram ao teatro.

Afinal Elizabeth conseguiu conversar com a sua tia. O seu prim eiro assunto foi Jane. E sentiu m ais tristeza do que espanto, ao ouvir, em resposta às suas m inuciosas perguntas, que em bora Jane sem pre lutasse para conservar a sua coragem , atravessava períodos de depressão. Era razoável no entanto acreditar que não durariam m uito tem po. Mrs. Gardiner deu tam bém os detalhes da visita de Miss Bingley . E repetiu conversas que ela, Mrs. Gardiner, tinha tido com Jane, e que provavam que esta últim a tinha renunciado de coração àquelas relações.

Mrs. Gardiner, então, gracej ou com a sobrinha a respeito da deserção de Wickham e deu-lhe os seus parabéns por suportá-la tão bem .

— Mas, m inha querida Elizabeth — acrescentou ela —, que espécie de m oça é Miss King? Ficaria triste de pensar que o nosso am igo é interesseiro.

— Por favor, m inha tia, diga-m e qual é a diferença para os negócios m atrim oniais entre os m otivos interesseiros e os m otivos da prudência? Até onde vai a discrição e onde com eça a cobiça? No Natal passado, a senhora tinha m edo de que Wickham se casasse com igo porque seria um a im prudência. E agora quer achá-lo interesseiro porque ele está tentando conquistar um a m oça que tem dez m il libras de fortuna.

— Se você m e disser que espécie de m oça é Miss King, eu saberei o que pensar.

— É um a m oça m uito boa, creio eu; nada sei de m al a seu respeito.

— Mas Wickham não lhe deu a m enor atenção, até que a m orte do avô a tornou herdeira da sua fortuna.

— Não, nada m ais natural. Se não lhe era perm itido conquistar a m inha afeição porque eu não tinha dinheiro, por que iria ele fazer a corte a um a m oça de quem não gostava e que era igualm ente pobre?

— Mas parece pouco delicado da parte dele ter-se lançado a isto tão pouco tem po depois de lhe ter feito a corte.

— Um hom em em situação desesperada não tem tem po para todas essas delicadezas elegantes que outros podem m anter. Se ela não se im porta, por que nos im portarem os nós?

— O fato dela não se im portar não o j ustifica. Mostra apenas que lhe falta tam bém algum a coisa. Bom senso ou delicadeza de sentim entos.

— Bem — exclam ou Elizabeth —, faça a sua escolha. Ele é interesseiro e ela doida.

— Não, Lizzy , isto é o que eu não escolho. Muito m e entristeceria, você sabe,

pensar m al de um rapaz que viveu tanto tem po no Derby shire.

— Oh, se isto é tudo, tenho um a fraca opinião a respeito dos rapazes que m oram no Derby shire. E seus íntim os am igos que m oram no Hertfordshire não são m uito m elhores. Estou farta deles todos. Graças a Deus irei am anhã para um lugar onde não encontrarei nenhum hom em am ável e de belas m aneiras. Os hom ens estúpidos são os únicos que vale a pena conhecer.

— Cuidado, Lizzy , essas suas palavras cheiram fortem ente a despeito.

Antes que o fim da peça a que assistiam os separasse, Elizabeth teve o prazer inesperado de receber um convite para acom panhar os seus tios num a excursão de recreio que eles se propunham fazer no verão.

— Ainda não decidim os onde term inará o nosso passeio — disse Mrs. Gardiner.

— Mas talvez irem os até os lagos.

Nenhum plano poderia ter sido m ais agradável a Elizabeth e o seu aceite ao convite foi pronto e entusiasta.

— Minha querida tia — exclam ou ela, deliciada. — Que encanto, que felicidade!

A senhora m e inspira nova vida e vigor. Adeus, desapontam entos e tristezas. Que im portam os hom ens aos rochedos e às m ontanhas? Oh, quantas horas agradáveis vam os passar! E quando voltarm os, não farem os com o os outros viaj antes que nada podem descrever com precisão. Nós nos lem brarem os dos lugares que visitam os e das coisas que vim os. Lagos, m ontanhas e rios não se confundirão nas nossas lem branças. Nem quando tentarm os descrever um a cena, discutirem os a respeito da sua localização. E que as nossas prim eiras efusões sej am m enos insuportáveis do que as da m aioria dos viaj antes!

28

No dia seguinte, durante a viagem , tudo pareceu a Elizabeth novo e interessante.

Sua disposição era excelente. Encontrara a sua irm ã tão bem , que todas as preocupações sobre a sua saúde se tinham dissipado. E as perspectivas da sua viagem para o Norte eram um a fonte perm anente de prazer.

Quando deixaram a estrada principal para entrar no cam inho que levava a Hunsford, todos os olhos estavam atentos para divisar a reitoria, e a cada volta esperavam vê-la surgir. A cerca do parque de Rosings lim itava a estrada de um lado. Elizabeth sorria ao lem brar-se de tudo o que lhe tinham dito a respeito de seus habitantes.

Afinal a reitoria apareceu. O j ardim , descendo em ram pa suave pela estrada, a casa que o encim ava, a cerca verde, as sebes de loureiro, tudo declarava que estavam chegando. Mr. Collins e Charlotte apareceram à porta e a carruagem parou j unto ao pequeno portão; um a aleia ensaibrada conduzia até à casa. Num instante saltaram todos do carro, contentes de se reverem . Mrs. Collins acolheu a sua am iga com m uita alegria e Elizabeth, ao ver-se tão afetuosam ente recebida, estava cada vez m ais satisfeita de ter vindo. Viu im ediatam ente que os m odos do seu prim o não se tinham alterado com o casam ento. A sua am abilidade convencional perm anecia exatam ente a m esm a. E ele a deteve alguns

instantes no portão, para fazer perguntas a respeito de cada um a das pessoas da sua fam ília. Foram então conduzidos ao interior da casa. Mr. Collins fez ressaltar a beleza da entrada, e assim que chegaram à sala, tornou a dar as boas vindas com pom posa form alidade e repetiu m eticulosam ente todas as recom endações da sua esposa para que os visitantes se pusessem à vontade.

Elizabeth estava preparada para vê-lo em toda a sua glória. E não pôde deixar de im aginar, ao ouvi-lo elogiar o tam anho da sala, seu aspecto e sua m obília, que se dirigia a ela particularm ente, com o se desej asse fazer-lhe sentir tudo o que tinha perdido ao recusar a sua m ão. Mas em bora tudo tivesse bom aspecto, Elizabeth não podia contentá-lo m ostrando qualquer sinal de arrependim ento, antes se espantava de que a sua am iga pudesse se m ostrar tão alegre, vivendo com um tal com panheiro. Quando Mr. Collins dizia algum a coisa de que sua m ulher podia, com razão, se envergonhar, o que aliás era bastante frequente, Elizabeth voltava os olhos involuntariam ente para Charlotte. Um a ou duas vezes ela pôde perceber um leve rubor. Mas em geral Charlotte, sensatam ente, fingia que não tinha ouvido. Depois de ficarem sentados na sala o tem po suficiente para adm irar cada peça da m obília, desde o guarda-louça até a grade da lareira, e contarem a sua viagem e tudo o que tinha acontecido em Londres, Mr. Collins convidou-os para um passeio no j ardim , que era grande e bem -traçado, e de cuj o trato se encarregava pessoalm ente. Trabalhar no j ardim era um dos seus prazeres m ais respeitáveis. E Elizabeth se adm irou da seriedade com que Charlotte se referiu

àquele exercício saudável e adm itiu que ela o encoraj ava nisto o m ais que podia.

Aí, conduzindo-os através de todos os cam inhos e atalhos, sem lhes deixar tem po de exprim ir os elogios que ele próprio desej ava, fazia ressaltar cada detalhe do j ardim com um a m inúcia que destruía toda a beleza. Sabia enum erar os cam pos em todas as direções e sabia quantas árvores havia nos m aciços m ais distantes.

Mas de todas as vistas de que o seu j ardim , o condado ou o reino inteiro se podiam gabar, nenhum a se podia com parar com a vista de Rosings descortinada através das árvores que bordej avam o parque, quase defronte da sua casa. Era um belo edifício m oderno, bem -situado num a elevação. Do j ardim , Mr. Collins queria conduzi-los para um a volta em torno dos seus dois prados. Mas as senhoras, que não tinham os sapatos adequados para andar nos cam pos, ainda recobertos por um resto de geada, preferiam voltar. E enquanto Sir William acom panhava Mr. Collins, Charlotte conduziu a sua irm ã e a sua am iga para lhes m ostrar a casa, contente por ter um a oportunidade de fazê-lo sem o auxílio do m arido. A casa era pequena, porém bem -construída e côm oda. E tudo estava arrum ado com um a sim plicidade e um a lógica que Elizabeth atribuiu inteiram ente a Charlotte. Abstraindo a presença de Mr. Collins, reinava realm ente em tudo um ar de conforto. E a j ulgar pelo prazer com que Charlotte m ostrava tudo aquilo, Elizabeth supôs que a presença de Mr. Collins era frequentem ente esquecida.

Já lhe tinham inform ado que Lady Catherine continuava ainda no cam po.

Tornaram a falar nisto ao j antar e Mr. Collins observou:

— Sim , Miss Elizabeth terá a honra de ver Lady Catherine de Bourgh dom ingo que vem na igrej a. E não preciso dizer que ficará encantada com Lady Catherine. Ela é toda afabilidade e condescendência. E eu não duvido de que Miss Elizabeth sej a honrada com a sua atenção, depois que term inar o serviço.

Não hesito em afirm ar que ela a incluirá, bem com o a m inha irm ã Maria, em todos os convites com que nos honrar durante a sua visita aqui. A sua atitude para com a m inha cara Charlotte é encantadora. Costum am os j antar em Rosings duas vezes por sem ana e Lady Catherine nunca perm ite que voltem os a pé para casa.

Sem pre nos oferece a sua carruagem , ou m elhor, um a das suas carruagens, pois tem várias.

— Lady Catherine é um a senhora m uito respeitável e de m uita sensibilidade —

acrescentou Charlotte. — E um a vizinha m uito atenciosa.

— É verdade, m inha cara, é exatam ente o que eu digo. Ela é dessas senhoras que a gente não pode deixar de tratar com a m aior deferência.

Passaram a m aior parte da noite falando sobre as novidades do Hertfordshire, e repetindo verbalm ente o que j á tinha sido com unicado por carta. E m ais tarde, na solidão do seu quarto, Elizabeth teve que m editar sobre o extraordinário contentam ento de Charlotte, a fim de com preender a serenidade e a habilidade com que ela conduzia o m arido; pensou tam bém nos dias que passaria ali, nos

calm os divertim entos que os encheriam , nas irritantes interrupções de Mr. Collins e nas alegrias das visitas a Rosings. A sua im aginação traçou um a im agem viva de tudo isto.

No dia seguinte, depois do alm oço, enquanto Elizabeth se aprontava no seu quarto para o passeio, um ruído súbito lá em baixo pareceu lançar a casa em confusão.

Depois de ficar atenta um m inuto, Elizabeth ouviu alguém subir as escadas correndo, gritando o seu nom e. Abriu a porta e no patam ar encontrou Maria, que, sem fôlego, de tanta agitação, exclam ou:

— Oh, Eliza, apronte-se depressa e desça para a sala de j antar. Você não sabe quem está aí. Não vou lhe dizer quem é. Venha depressa, desça im ediatam ente.

Elizabeth fez várias perguntas em vão. Maria se recusou a lhe dar resposta.

Correram para baixo e entraram na sala de j antar que ficava defronte da alam eda. No portão do j ardim estava estacionado um

faéton baixo com duas senhoras.

— É só isto? — exclam ou Elizabeth. — Eu supus no m ínim o que os porcos tinham entrado no j ardim . E nada vej o a não ser Lady Catherine e sua filha.

— Oh — exclam ou Maria, escandalizada com o engano. — Não é Lady Catherine; aquela senhora é Mrs. Jenkinson, que m ora com eles. A outra é Miss de Bourgh. Olha para ela, com o é pequena, quem im aginaria que pudesse ser assim tão m iúda e tão m agra?

— Eu acho um a grande falta de cortesia da parte dela obrigar Charlotte a ficar lá fora com esse vento. Por que é que ela não entra?

— Charlotte disse que quase nunca entra. É o m aior favor que pode conceder.

— A sua aparência m e agrada — disse Elizabeth, a quem outros pensam entos tinham ocorrido. — Ela parece doentia e triste. Sim , serve para ele m uito bem .

Convém -lhe perfeitam ente com o esposa.

Mr. Collins e Charlotte estavam am bos em conversa com as senhoras. E para alegria de Elizabeth, Sir William estava postado na porta de entrada, absorto pela grandeza que tinha diante de si, e inclinando-se constantem ente, cada vez que Miss de Bourgh olhava para aquele lado.

Finalm ente a conversação se esgotou; o carro partiu e os outros voltaram para casa. Assim que Mr. Collins avistou as duas m oças, pôs-se a cum prim entá-las pela sorte que tinham ; Charlotte explicou que todos tinham sido convidados para j antar em Rosings no dia seguinte.

O triunfo de Mr. Collins com aquele convite foi com pleto. A possibilidade de m ostrar a grandeza da sua protetora e a am abilidade com que Lady Catherine o tratava, bem com o a sua esposa, era exatam ente o que tinha desej ado. O que m ais lhe agradava, lançando-o num a adm iração sem lim ites, era a condescendência que Lady Catherine m ostrara, convidando-os tão cedo.

— Confesso — disse ele — que eu não teria ficado surpreso se Lady Catherine nos convidasse para tom ar chá e passar a tarde em Rosings no sábado. A experiência que tenho da sua afabilidade m e autorizava a fazer essa suposição.

Mas quem poderia ter previsto tam anha atenção? Quem poderia ter im aginado que iríam os receber um convite para j antar, um convite aliás que abrange todo o grupo, tão im ediatam ente depois da vossa chegada?

— A m im não m e surpreende tanto — replicou Sir William —, pois eu conheço os hábitos dos grandes, graças à m inha situação na vida. Na corte, por exem plo, essas coisas não são raras.

Durante o resto do dia, e na m anhã seguinte, não se falou quase em outro assunto.

Mr. Collins teve a precaução de lhes descrever as m aravilhas que os esperavam para que o espetáculo dos salões, dos inúm eros criados e do opulento j antar não os ofuscasse inteiram ente.

Antes das senhoras se retirarem para os seus quartos a fim de se preparar, ele disse a Elizabeth:

— Não fique inquieta, m inha cara prim a, a respeito da sua toalete. Lady Catherine está longe de exigir de nós a elegância que ela e sua filha ostentam . Eu lhe aconselho apenas a pôr o seu vestido m ais elegante. Não é necessário m ais do que isto. Lady Catherine não ficará aborrecida de vê-la vestida com sim plicidade. Ela gosta de m anter as distinções de classe.

Enquanto as m oças se vestiam , Mr. Collins veio bater duas ou três vezes em cada porta, para recom endar que se apressassem , pois Lady Catherine não gostava que a fizessem esperar para o j antar. Maria Lucas, que tinha pouca prática da sociedade, estava assustada com as form idáveis descrições da suntuosidade de Lady Catherine e do seu estilo de vida. E a sua apreensão não era m enor do que a que seu pai sentira antes da sua apresentação em St. Jam es.

Com o o tem po estava bom , o passeio através do parque foi m uito agradável.

Todos os parques têm as suas belezas e as suas perspectivas. Elizabeth o achou bonito, em bora não visse m otivos para os êxtases de Mr. Collins. A enum eração que este fez das j anelas da fachada da frente e a sua revelação da som a que tudo aquilo custara a Sir Lewis de Bourgh a im pressionaram pouco.

Enquanto subiam as escadas para o hall, a em oção de Maria crescia a olhos vistos. E m esm o Sir William não parecia perfeitam ente calm o. A coragem de Elizabeth não lhe faltou. Pelo que ouvira falar a respeito de Lady Catherine, não

acreditava que ela im pusesse graças a talentos extraordinários ou virtudes m iraculosas. E acreditava poder contem plar sem desfalecer a sim ples pom pa do dinheiro e da ostentação social.

Do hall de entrada, cuj as belas proporções e ricos ornam entos Mr. Collins fez ressaltar com ar extático, as visitas acom panharam os criados através de um a antecâm ara até um a sala onde estavam Lady Catherine, sua filha e Mrs.

Jenkinson. Ao vê-los entrar, Lady Catherine, com grande condescendência, levantou-se para recebê-los. E com o Mrs. Collins tinha com binado com o m arido que a form alidade das apresentações deveria ficar a cargo da esposa, a cerim ônia decorreu corretam ente, sem todas aquelas desculpas e agradecim entos que Mr. Collins teria j ulgado necessários.

Apesar de j á ter sido recebido em St. Jam es, Sir William estava tão im pressionado que se lim itou a fazer profundas reverências e a sentar na sua cadeira sem dizer um a palavra. E sua filha, quase fora de si de m edo, sentou na beirada da sua cadeira, sem saber para que lado olhar. Elizabeth não se sentiu absolutam ente perturbada e pôde observar serenam ente as três dam as à sua frente.

Lady Catherine era um a senhora alta, bastante gorda, com traços fortem ente m arcados, que outrora deveriam ter sido bonitos. O seu ar não era conciliador, nem a sua m aneira de receber as visitas era tal que lhes fizesse esquecer a sua inferioridade social. Os seus silêncios não a tornavam form idável, m as tudo o que ela dizia era pronunciado num tom tão autoritário que revelava a sua pretensão; Elizabeth lem brou-se im ediatam ente da descrição de Mr. Wickham . E achou que Lady Catherine deveria ser exatam ente com o ele a tinha descrito.

Quando, depois de exam inar a m ãe, em cuj o rosto e gestos percebeu logo um a forte parecença com Mr. Darcy , voltou os olhos para a filha, achou-a tão m irrada que quase lhe escapou dos lábios a m esm a exclam ação de espanto que Maria tivera. Não havia a m enor sem elhança entre a m ãe e a filha, nem no tipo nem no rosto. Os traços de Miss de Bourgh, em bora não fossem desagradáveis, eram insignificantes. Falava m uito pouco e só em voz baixa para Mrs. Jenkinson, cuj a aparência nada tinha de excepcional e que se ocupava exclusivam ente em ouvir o que ela dizia e em colocar um quebra-luz em situação conveniente diante dos olhos da m oça.

Depois de ficarem sentados durante alguns m inutos, eles se dirigiram até a j anela para adm irar a vista; Mr. Collins se encarregava de lhes detalhar as belezas enquanto Lady Catherine tinha a bondade de inform ar a seus convidados que a vista era m uito m ais bela no verão.

O j antar foi dos m elhores. Mr. Collins não tinha exagerado o núm ero de pratos e de criados. Com o previra igualm ente, ele se sentou na extrem idade da m esa, por desej o expresso de Lady Catherine,

m as a sua atitude era a de um hom em a quem nada de m elhor na vida pudesse suceder. Serviu-se, com eu e elogiou tudo

com deliciada alegria; e todos os pratos foram louvados, prim eiro por ele, em seguida por Sir William que, agora m ais tranquilo, repetia tudo o que o seu genro dizia, com o um eco, de tal m odo que Elizabeth perguntou a si m esm a se Lady Catherine não o acharia cacete. Mas Lady Catherine parecia satisfeita com a adm iração excessiva dos seus hóspedes e sorria da m aneira m ais graciosa, especialm ente quando era servido algum prato que eles não conheciam . Os outros conversavam pouco. Elizabeth estava sem pre pronta para falar quando encontrava um a ocasião. Estava sentada entre Charlotte e Miss de Bourgh. A prim eira seguia com atenção as palavras de Lady Catherine, e a segunda não deu um a palavra durante todo o j antar. Mrs. Jenkinson fiscalizava o apetite de Miss de Bourgh, e se m ostrava preocupada porque ela com ia tão pouco, insistindo para que provasse dos vários pratos e tem erosa de que Miss de Bourgh estivesse indisposta. Maria nunca se atreveria a falar. E os cavalheiros nada m ais faziam senão com er e adm irar.

Em seguida as senhoras voltaram para a sala. E até a hora do café tiveram que ficar ouvindo Lady Catherine falar. Ela falava sem interrupção, dando a sua opinião sobre cada assunto, com um a segurança que m ostrava que não estava habituada a que lhe contestassem as palavras. Fez perguntas a Charlotte a respeito de assuntos dom ésticos, com fam iliaridade e m inúcia. E deu-lhe m uitos conselhos; disse-lhe com o tudo deveria ser regulado num a fam ília pequena com o a sua e ensinou-lhe a cuidar das vacas e das aves dom ésticas. Elizabeth verificou que nenhum assunto, por m ais hum ilde que fosse, escapava à atenção de Lady Catherine, contanto que encontrasse neles um a oportunidade para doutrinar. Nos intervalos das recom endações a Mrs. Collins, fazia um a série de perguntas a Maria e Elizabeth, especialm ente a esta últim a, que conhecia m enos e que, observou ela para Mrs. Collins, era um a m ocinha m uito gentil e bonita.

Perguntou-lhe várias vezes quantas irm ãs tinha, se eram m ais m oças ou m ais velhas do que ela, se era provável que algum a se casasse, se eram bonitas, onde tinham sido educadas, qual era a situação do seu pai e qual o nom e de solteira de sua m ãe. Elizabeth sentiu toda a im pertinência contida nessas perguntas, m as respondeu com grande sim plicidade. Lady Catherine então observou:

— A propriedade do seu pai está destinada, pela sucessão, a cair nas m ãos de Mr.

Collins. Alegro-m e por sua causa — continuou ela, virando-se para Charlotte. —

Mas não vej o a necessidade de privar a descendência fem inina do direito de herdar propriedades. Na fam ília de Sir Lewis de Bourgh, isto não foi j ulgado necessário. Sabe tocar piano e cantar, Miss Bennet?

— Um pouco.

— Então, um dia destes precisa nos dar este prazer. O nosso instrum ento é dos m elhores. Provavelm ente superior ao... Precisa experim entá-lo qualquer dia. As suas irm ãs tam bém sabem tocar e cantar?

— Um a delas sabe.

— Por que as outras tam bém não aprenderam ? Deviam todas saber m úsica. As irm ãs Webb todas sabem tocar. E o pai delas não tinha tanto rendim ento quanto o seu. Sabe desenhar?

— Não, senhora.

— O quê? Nenhum a de vocês?

— Nenhum a.

— Isto é m uito curioso. Mas com certeza não tiveram oportunidade. Sua m ãe devia ter levado vocês todas as prim averas para a cidade, para tom ar lições.

— Minha m ãe não faria obj eção a isto, m as m eu pai detesta Londres.

— A sua governanta foi despedida?

— Nós nunca tivem os governanta.

— Nunca tiveram governantas? Com o é isto possível! Educar cinco filhas sem um a governanta! Nunca ouvi tal coisa! Sua m ãe deve ter ficado escravizada à educação de vocês!

Elizabeth não pôde deixar de sorrir ao responder que este não fora o caso.

— Então quem ensinou a vocês? Quem se encarregou da sua educação? Sem um a governanta, ela deve ter sido relaxada.

— Em com paração com a de certas fam ílias, acredito que sim . Mas lá em casa, às m eninas que quiseram aprender nunca lhes faltou m eios para isto. Sem pre nos encoraj aram a ler e tivem os todos os professores necessários. Mas às que preferiram não estudar foi-lhes feita a vontade.

— Sem dúvida, m as isto j ustam ente é o que um a governanta teria evitado. Se tivesse conhecido a sua m ãe, eu a teria aconselhado com m uita insistência a que tom asse um a governanta. Eu sem pre digo que não é possível fazer nada em educação sem um a instrução constante e regular, e só um a governanta pode fazer isto. É espantoso o núm ero de fam ílias para as quais eu arranj ei governantas. É sem pre com prazer que eu coloco um a m oça bem -educada.

Graças aos m eus cuidados, quatro sobrinhas de Mrs. Jenkinson foram m agnificam ente colocadas. E outro dia m esm o eu recom

endei outra j ovem cuj o nom e ouvi apenas acidentalm ente e a fam ília ficou m uito satisfeita com ela. Mrs.

Collins, eu j á lhe contei que Lady Metcalf veio m e visitar ontem para m e agradecer? Ela acha Miss Pope um tesouro. “Lady Catherine”, disse ela, “a senhora m e deu um tesouro.” Algum a das suas irm ãs m ais m oças j á foi apresentada à sociedade, Miss Bennet?

— Sim , m inha senhora, todas.

— O quê? Todas cinco de um a vez? É m uito estranho. E você é apenas a segunda! As m ais m oças j á frequentam a sociedade antes das m ais velhas se casarem ! Suas outras irm ãs são m uito m oças?

— A m ais m oça ainda não fez dezesseis anos. Talvez sej a um pouco cedo dem ais para fazer vida social. Mas realm ente, m inha senhora, eu acho que seria um a crueldade recusar-lhes a sua parte de distrações e sociedade, só porque a

m ais velha não teve os m eios ou a inclinação para se casar m ais cedo. As m ais m oças têm os m esm os direitos aos prazeres da m ocidade que as m ais velhas. E

trancá-las em casa, creio que não seria um bom m eio de prom over a afeição fraternal ou delicadeza de sentim entos.

— Sob m inha palavra — disse Lady Catherine —, você dá a sua opinião m uito decididam ente para um a pessoa de tão pouca idade. Diga-m e, quantos anos tem ?

— Com três irm ãs m ais m oças j á crescidas — replicou Elizabeth —, Vossa Senhoria não pode esperar que eu lhe dê um a resposta.

Lady Catherine pareceu ficar atônita com a resposta e Elizabeth suspeitou que ela tinha sido a prim eira pessoa que j am ais ousara fazer pouco de um a tão pom posa im pertinência.

— Você não pode ter m ais de vinte anos, portanto não precisa esconder a sua idade.

— Ainda não fiz 21 anos.

Depois do chá, quando os cavalheiros se reuniram a elas, as m esas de j ogo foram colocadas. Lady Catherine, Sir William , Mr. e Mrs. Collins sentaram -se para j ogar quadrille. E com o Miss de Bourgh preferisse j ogar casino, as duas m oças e Mrs. Jenkinson tiveram a honra de form ar um a segunda m esa com ela.

Esta m esa foi extrem am ente cacete.

Não se ouviu um a sílaba que não se referisse ao j ogo, exceto quando Mrs.

Jenkinson exprim ia os seus receios de que Miss de Bourgh estivesse agasalhada dem ais ou de m enos ou que a luz estivesse deficiente ou em excesso. A outra m esa era m uito m ais anim ada. Lady Catherine em geral estava sem pre falando, apontando os erros dos três outros, ou contando algum caso a respeito de si m esm a. Mr. Collins estava ocupado em concordar com tudo o que Lady Catherine dizia, agradecendo-lhe cada ponto que ganhava e pedindo desculpas se achava que estava ganhando dem ais. Sir William pouco dizia. Ele estava sondando na sua m em ória anedotas e nom es nobres que conhecia.

Quando Lady Catherine e sua filha se fartaram de j ogar, as m esas foram carregadas, a carruagem foi oferecida a Mrs. Collins, aceita com gratidão e im ediatam ente cham ada. Todos se reuniram em torno da lareira para ouvir Lady Catherine lançar os seus oráculos sobre o tem po que faria no dia seguinte.

A chegada da carruagem a interrom peu.

E depois de m uitas tiradas de agradecim entos da parte de Mr. Collins e outras tantas reverências de Sir William , partiram . Mal tinham passado a porta, Mr.

Collins pediu à sua prim a que desse a sua opinião sobre tudo o que tinham visto em Rosings. Para o bem de Charlotte, Elizabeth deu um a resposta m ais favorável do que realm ente tinha vontade de dar. Os seus louvores, em bora lhe custassem algum trabalho, de nenhum m odo foram j ulgados suficientes por Mr. Collins e im ediatam ente ele se sentiu obrigado a tom ar a seu cuidado o elogio de Lady Catherine.

30

Sir William ficou apenas um a sem ana em Hunsford; m as sua visita foi suficiente para convencê-lo de que sua filha estava instalada da m aneira m ais confortável e que possuía um m arido e um a vizinha difíceis de encontrar iguais. Enquanto Sir William ficou em Hunsford, Mrs. Collins lhe consagrou as suas m anhãs.

Passeava com ele no seu cabriolé para lhe m ostrar a região; m as depois que ele partiu, a fam ília voltou para as suas ocupações habituais e Elizabeth ficou satisfeita porque não tinha que ficar tão constantem ente com seu prim o, pois a m aior parte das horas, entre o café da m anhã e o alm oço, ele passava agora trabalhando no j ardim , lendo ou escrevendo e olhando pela j anela da biblioteca, que confrontava a estrada. A sala das senhoras ficava nos fundos. Elizabeth a princípio se espantou de que Charlotte não preferisse a sala de alm oço para uso com um ; era m aior e de aspecto m ais agradável. Mas logo com preendeu que a sua am iga tinha um excelente m otivo para o que fazia, pois sem dúvida Mr.

Collins passaria m uito m enos tem po na sua biblioteca se elas ficassem num a sala igualm ente agradável.

Da sala de visitas nada se podia ver da estrada. E dependiam de Mr. Collins para saber quais as carruagens que surgiam e quantas vezes Miss de Bourgh passava no seu faéton, coisa que ele j am ais deixava de anunciar. E em bora isto acontecesse quase todos os dias, m uitas vezes Miss de Bourgh parava na reitoria e conversava alguns m inutos com Charlotte. Mas quase nunca ela descia. Poucos dias decorriam sem que Mr. Collins fosse a Rosings. E

frequentem ente a sua esposa achava que devia acom panhá-lo. E Elizabeth só com preendeu o sacrifício de tantas horas quando se lem brou que possivelm ente existiam outros cargos eclesiásticos que dependiam da fam ília. De vez em quando Lady Catherine os honrava com um a visita. E nessas ocasiões, nada do que se passava na sala escapava à sua atenção. Ela observava as ocupações das m oças, olhava para os seus trabalhos e aconselhava que os fizessem de m aneira diferente. Achava errada a disposição dos m óveis ou descobria um a negligência da criada. E se ficava às vezes para as refeições, era só para observar que os assados de Mrs.

Collins eram grandes dem ais para a fam ília.

Elizabeth logo descobriu que a grande senhora, em bora não fosse com issionada com o título de j uiz de paz para o condado, era um m agistrado m uito ativo para a sua própria paróquia e levava as m enores coisas ao conhecim ento de Mr. Collins; e quando qualquer dos aldeões se m ostrava descontente ou caía na m iséria, ou quando surgia um a contenda, ela corria para a aldeia, a fim de dirim ir as questões, silenciar as queixas e harm onizar as disputas e as desgraças com reprim endas e dinheiro. Os j antares em Rosings foram repetidos duas vezes por sem ana e se não fosse a ausência de Sir William e o fato de só haver um a m esa de j ogo seriam um a repetição exata do prim eiro. Os outros com prom issos sociais

eram m ínim os, pois o gênero de vida das fam ílias da vizinhança estava em geral além dos m eios da fam ília Collins. Isto entretanto não desagradava a Elizabeth que, em sum a, passava o tem po bastante agradavelm ente. Havia horas de conversação interessante com Charlotte e com o fizesse um tem po excepcionalm ente belo para aquela época do ano, podia passear frequentem ente ao ar livre. O seu passeio favorito, que fazia em geral enquanto os outros visitavam Lady Catherine, era no bosque aberto que lim itava aquele lado do parque, onde havia um a bela alam eda coberta que ninguém m ais parecia apreciar e onde se sentia protegida da curiosidade de Lady Catherine.

Dessa m aneira tranquila, passaram os prim eiros 15 dias da visita. A Páscoa estava se aproxim ando e durante a sem ana que a precedia devia chegar um a pessoa a Rosings; e com o a fam ília era tão pequena, esse acréscim o devia ser im portante. Pouco depois da sua chegada, Elizabeth ouviu dizer que Mr. Darcy estava sendo esperado em Rosings daí a poucas sem anas. E em bora ela preferisse qualquer outra pessoa do seu conhecim ento, a chegada de Mr. Darcy viria contribuir para o aparecim ento de um rosto com parativam ente novo nos j antares em Rosings. Além disso teria ocasião de observar pela sua atitude para com a prim a, a quem ele estava evidentem ente destinado por Lady Catherine, até que ponto os desígnios de Miss Bingley eram infundados. Lady Catherine falava na sua chegada com a m aior satisfação, referia-se a ele nos term os m ais elogiosos e quase ficou zangada ao saber que Miss Lucas e Elizabeth j á o conheciam . Sua chegada foi logo sabida na reitoria, pois Mr. Collins passou a m anhã inteira passeando perto dos portões do parque, a fim de ser o prim eiro a ver. Ao surgir a carruagem , fez um a reverência e depois correu para casa.

Na m anhã seguinte, apressou-se a visitar Rosings para apresentar os seus respeitos. E teve que apresentá-los duas vezes, pois havia dois sobrinhos de Lady Catherine. Mr. Darcy tinha trazido consigo o coronel Fitzwilliam , o filho m ais m oço do seu tio, o Lord...; com grande surpresa para todos, quando Mr. Collins voltou para casa, vira-os atravessar a estrada. E, im ediatam ente, correndo para o outro quarto, avisou as m eninas da honra que as esperava, acrescentando:

— É a você, Eliza, que agradeço esta am abilidade. Mr. Darcy não viria aqui tão cedo por m inha causa.

Elizabeth ainda não acabara de protestar contra esta hom enagem , quando a chegada dos dois cavalheiros foi anunciada pela cam painha da porta e pouco depois eles entraram na sala. O coronel Fitzwilliam , que vinha na frente, parecia ter aproxim adam ente trinta anos de idade; não era bem -apessoado m as tinha as atitudes

e os m odos de um verdadeiro gentlem an. Mr. Darcy não tinha m udado.

Apresentou os seus cum prim entos a Mrs. Collins com a reserva habitual e quaisquer que fossem os seus sentim entos para com a am iga da dona da casa, ele a cum prim entou discretam ente. Elizabeth fez um a curta reverência, sem dizer um a só palavra. O coronel Fitzwilliam com eçou a palestrar im ediatam ente, com

a sim plicidade de um hom em bem -educado. A sua conversa era m uito agradável, m as seu prim o, depois de dirigir um a ligeira observação sobre a casa e o j ardim , perm aneceu sentado durante algum tem po em silêncio. E afinal ele j ulgou que devia indagar da saúde dos parentes de Elizabeth. Ela lhe respondeu com a sim plicidade de sem pre e depois de um a curta pausa, acrescentou:

— Minha irm ã m ais velha tem estado em Londres nestes últim os três m eses.

Nunca lhe aconteceu encontrá-la?

Sabia perfeitam ente que nunca a tinha encontrado. Mas queria ver se ele deixaria transparecer que estava inform ado do que se tinha passado entre os Bingley e Jane. Pareceu-lhe que Mr. Darcy se m ostrava um pouco confuso ao responder que nunca tivera a boa sorte de encontrar Miss Bennet. O assunto não foi m ais m encionado e pouco depois os dois cavalheiros partiram .

31

As m aneiras do coronel Fitzwilliam foram m uito apreciadas na reitoria. Todas as senhoras acharam que ele contribuiria consideravelm ente para alegrar os j antares em Rosings. Passaram -se alguns dias, no entanto, antes que recebessem novo convite, pois havendo visitas em casa, eles não eram m ais necessários. E foi só no dom ingo de Páscoa, quase um a sem ana depois da chegada dos cavalheiros, que o tal convite foi feito, ao saírem da igrej a; assim m esm o foram apenas convidados para ir a Rosings

depois do j antar. Durante a últim a sem ana não tinham tido quase ocasião de ver Lady Catherine ou a sua filha. O coronel Fitzwilliam tinha estado de visita à reitoria m ais de um a vez neste intervalo. Mas Mr. Darcy fora visto apenas na igrej a. O convite naturalm ente foi aceito e à hora designada eles se reuniram ao grupo que j á se encontrava na sala de Lady Catherine. Esta os recebeu am avelm ente, m as era evidente que a com panhia daquela gente não era nem de longe tão aceitável agora com o nos dias em que não havia m ais ninguém lá. Lady Catherine era toda atenção com os seus sobrinhos e falava com eles, especialm ente com Darcy , m uito m ais do que com qualquer outra pessoa na sala.

O coronel Fitzwilliam pareceu realm ente contente de vê-los. Em Rosings, tudo o que aparecesse de fora para ele era um alívio bem - vindo e a bela am iga de Mrs.

Collins o interessava m uito. Sentou-se ao lado dela e falou m uito agradavelm ente acerca do Kent, do Hertfordshire, de viagens, livros e m úsica; Elizabeth sentiu que j am ais se divertira tanto naquela sala; a conversa era tão anim ada que atraiu a atenção de Lady Catherine, bem com o a de Mr. Darcy . Os olhos deste últim o se voltaram repentinam ente para eles com um a expressão de curiosidade; e dentro em pouco tornou-se evidente que Lady Catherine com partilhava dos sentim entos do seu sobrinho, pois exclam ou, sem nenhum a reserva:

— Que é que você estava dizendo, Fitzwilliam ? De que é que vocês conversavam ? Que é que você estava contando para Miss Bennet? Queria saber o que é.

— Estávam os falando de m úsica — disse ele, im possibilitado de esquivar um a resposta.

— De m úsica? Então fale em voz alta. É de todos os assuntos, o m eu favorito. Se estão falando de m úsica quero tom ar parte na conversa. Creio que existem poucas pessoas na Inglaterra que apreciam m ais a m úsica do que eu. Ou que tenham um gosto m ais fino. Se eu j am ais tivesse aprendido m úsica, seria um a grande

intérprete. E Anne tam bém , aliás, se a saúde dela o tivesse perm itido.

Estou certa de que ela tocaria adm iravelm ente. Georgiana tem feito m uitos progressos, Darcy ?

Mr. Darcy louvou afetuosam ente o talento da sua irm ã.

— Estou m uito satisfeita com isto — disse Lady Catherine. — Diga-lhe que

nunca poderá brilhar se não estudar m uito.

— Eu lhe asseguro, m inha tia — replicou ele —, que não precisa de tal conselho.

Estuda com m uita constância.

— Tanto m elhor. Nunca é dem ais. E na próxim a vez que escrever para ela, recom endarei que não se descuide do seu piano. Eu sem pre digo às m oças que nenhum a distinção pode ser alcançada sem um estudo constante. Já disse a Miss Bennet várias vezes que nunca tocará realm ente bem se não estudar m ais. E

com o não há piano em casa de Mrs. Collins, ela está convidada, com o j á disse m uitas vezes, a vir a Rosings todos os dias estudar piano no quarto de Mrs.

Jenkinson. Naquela parte da casa ela não incom odaria a ninguém .

Mr. Darcy pareceu um pouco envergonhado da grosseria da sua tia e nada respondeu. Depois do café, o coronel Fitzwilliam lem brou a Elizabeth a sua prom essa de tocar para ele; e a m oça se sentou im ediatam ente ao piano. Ele aproxim ou a sua cadeira. Lady Catherine ouviu m etade de um a canção e em seguida continuou a conversar com o antes com o outro seu sobrinho, até que este últim o se afastou e, dirigindo-se resolutam ente para o piano, colocou-se de m aneira a poder observar o rosto da bela executante. Elizabeth

percebeu o que estava fazendo e na prim eira pausa virou-se para ele e disse, com um sorriso m alicioso:

— É para m e assustar, Mr. Darcy , que se aproxim ou com toda esta im ponência?

Mas eu não ficarei alarm ada, em bora a sua irm ã toque tão bem . Tenho um a persistência que a vontade dos outros é incapaz de intim idar. Nesses m om entos a m inha coragem sem pre m e socorre.

— Eu não direi que a senhora está enganada — replicou ele —, porque é im possível que acredite realm ente que eu tivesse a intenção de alarm á-la. Eu tenho o prazer de conhecê-la j á há bastante tem po para saber que gosta m uito de exprim ir de vez em quando opiniões que de fato não são as suas.

Elizabeth riu cordialm ente com essa descrição da sua pessoa e disse para o coronel Fitzwilliam :

— Seu prim o vai lhe dar um a bela ideia a m eu respeito, ensinando-lhe a não acreditar num a só palavra do que eu falo. É um a falta de sorte ter encontrado um a pessoa capaz de expor aos outros o m eu caráter real num lugar onde eu tinha tido a esperança de deixar um a boa im pressão. Realm ente, Mr. Darcy , é um a falta de generosidade da sua parte m encionar aqui tudo o que descobriu sobre as m inhas fraquezas no Hertfordshire. E além disso acho a sua atitude m uito pouco política, pois m e incita a represálias. Neste caso podem sair coisas que escandalizarão os seus parentes.

— Eu não tenho m edo da senhora — disse ele sorrindo.

— Não deixe de dizer as coisas de que o acusa — exclam ou o coronel Fitzwilliam . — Queria saber com o é que ele se com porta entre os estranhos.

— O senhor o saberá. Mas prepare-se para ouvir coisas horríveis. Na prim eira

vez em que eu o vi no Hertfordshire foi num baile. E nesse baile o que é que o senhor acha que ele fez? Dançou apenas quatro danças. Sinto m uito causar-lhe essa desilusão, m as é verdade. Ele dançou apenas quatro danças, em bora faltassem cavalheiros. E sei que m ais de um a m oça ficou sentada por falta de um par. Mr. Darcy , o senhor não pode negar o fato.

— Naquela ocasião eu não tinha a honra de conhecer outras m oças no salão a não ser as do m eu próprio grupo.

— É verdade, e ninguém pode ser apresentado a um a pessoa estranha num salão de baile. Bem , coronel Fitzwilliam , que devo eu tocar agora? Meus dedos esperam a sua ordem .

— Talvez — disse Darcy — eu teria feito m elhor se houvesse solicitado um a apresentação. Mas eu m e considero m alqualificado para m e recom endar pessoalm ente aos estranhos.

— Devem os perguntar a seu prim o a razão para isto — disse Elizabeth, continuando a se dirigir ao coronel Fitzwilliam . — Devem os perguntar-lhe por que um hom em bem -educado e sensato, que tem a experiência do m undo, está m alqualificado para se recom endar às pessoas estranhas?

— Posso responder a sua pergunta sem consultá-lo — respondeu Fitzwilliam . —

E porque ele não quer se dar ao trabalho.

— É certo que eu não tenho um talento que m uita gente possui — disse Darcy —: o de conversar facilm ente com pessoas que não conheço. Não consigo encontrar o tom apropriado nem m e fingir interessado pelos assuntos dos outros, com o vej o acontecer frequentem ente.

— Meus dedos não se m ovem sobre este instrum ento de um a m aneira tão m agistral quanto os de m uitas outras m ulheres. Eles não têm a m esm a força e a m esm a rapidez, nem possuem a m

esm a força de expressão. Mas disso eu sem pre m e acusei com o de um defeito. Porque eu nunca m e dei ao trabalho de estudar; não é que eu não acredite que os m eus dedos sej am inferiores aos de outra qualquer m ulher.

Darcy sorriu e disse:

— Tem toda a razão. Em pregou o seu tem po m uito m elhor. Ninguém que tenha tido o privilégio de ouvi-la pode pensar que lhe falta algum a coisa. Nenhum de nós dois executa para os estranhos.

Nesse m om ento foram interrom pidos por Lady Catherine, que perguntou qual era o assunto da conversa. Elizabeth im ediatam ente recom eçou a tocar. Lady Catherine se aproxim ou e depois de ouvir durante alguns m inutos, disse para Darcy :

— Miss Bennet não estaria tão fora de form a se estudasse m ais e tivesse a vantagem de ter um professor de Londres. Ela articula bem , m as não tem tanta expressão quanto Anne. Anne seria um a pianista notável se a sua saúde tivesse perm itido.

Elizabeth olhou para Darcy , para ver com o ele acolhia aquele elogio à sua prim a; m as nem naquele m om ento, nem em outra qualquer ocasião pôde discernir qualquer sintom a de am or. E a j ulgar pela atitude geral de Mr. Darcy , Elizabeth pôde fazer a seguinte reflexão consoladora para Miss Bingley : que se esta fosse tam bém sua prim a teria a m esm a possibilidade de se casar com ele.

Lady Catherine continuou com as suas observações sobre a execução de Elizabeth, alternando-as com conselhos sobre técnica e expressão. Elizabeth os recebeu com toda a paciência e am abilidade; e a pedido dos cavalheiros, continuou tocando, até que a carruagem de Lady Catherine foi cham ada a fim de conduzir as visitas para casa.

No dia seguinte, de m anhã, Elizabeth estava sentada sozinha escrevendo para Jane, quando a cam painha da porta a fez sobressaltar-se. Mrs. Collins e Maria tinham ido fazer com pras na aldeia. Com o Elizabeth não tinha escutado nenhum a carruagem se aproxim ar, pensou que provavelm ente a visita seria Lady Catherine e, apreensiva, estava escondendo a carta que escrevia, a fim de escapar a perguntas indiscretas, quando a porta se abriu e Mr. Darcy , sozinho, entrou na sala.

Ele pareceu tam bém surpreendido ao encontrá-la só. Desculpou-se pela sua intrusão, dizendo que pensava estarem todas as senhoras em casa.

Em seguida sentaram -se e, depois das perguntas de estilo, estavam a ponto de cair num silêncio total. Era absolutam ente necessário, pois, encontrar assunto. E

nessa em ergência, Elizabeth, lem brando-se da últim a vez que o vira no Hertfordshire, e curiosa de saber o que ele diria para j ustificar a sua súbita partida, observou:

— Com que rapidez todos partiram de Netherfield em novem bro passado, Mr.

Darcy ! Deve ter sido um a surpresa m uito agradável para Mr. Bingley revê-los todos tão cedo depois que partiu. Se não m e engano, ele saiu no dia anterior, não?

Espero que o tenha deixado bem , a ele e a suas irm ãs, agora quando deixou Londres.

— Perfeitam ente, obrigado.

Elizabeth com preendeu que não receberia outra resposta. E depois de um a curta pausa, acrescentou:

— Se não m e engano, ouvi dizer que Mr. Bingley não tenciona voltar m ais a Netherfield.

— Nunca ouvi dizer tal coisa; m as é provável que ele passe lá m uito pouco tem po, de cada vez, daqui para o futuro. Ele tem m uitos am igos e está num a idade em que os am igos e os com prom issos aum entam continuam ente.

— Se ele tenciona ficar tão pouco em Netherfield seria m elhor para a vizinhança que desistisse inteiram ente do lugar. Pois neste caso outra fam ília poderia se instalar lá. Mas talvez Mr. Bingley a tenha tom ado pensando m enos na conveniência dos vizinhos do que na sua própria. E naturalm ente não devem os esperar que se guie agora por outros princípios.

— Eu não ficaria surpreso se ele passasse a propriedade a outros assim que se oferecesse um a oportunidade vantaj osa — respondeu Darcy .

Elizabeth não respondeu. Tinha m edo de falar m ais longam ente sobre Mr.

Bingley . E nada m ais tendo a dizer, resolveu deixar a cargo de Mr. Darcy o trabalho de encontrar um novo assunto.

Ele percebeu aquela intenção e logo com eçou:

— Esta casa parece m uito confortável. Creio que Lady Catherine a reform ou

bastante depois da vinda de Mr. Collins.

— Acredito que sim . E estou certa de que ela não poderia ter dispensado a sua bondade a um a pessoa m ais reconhecida.

— Mr. Collins parece ter tido m uita sorte na escolha da esposa.

— Realm ente. Seus am igos têm m otivos para satisfação, pois ele encontrou um a das poucas m ulheres sensatas que o teriam aceito. E tendo-o aceito, capaz de torná-lo feliz. A m inha am iga é m uito com preensiva, e em bora eu não considere o seu casam ento com

Mr. Collins o seu ato m ais aj uizado, reconheço no entanto que parece perfeitam ente feliz. E considerando as coisas com prudência, parece de fato que ela fez um bom casam ento.

— Deve ser certam ente m uito agradável para ela ter a sua casa a um a distância relativam ente tão curta da sua fam ília e dos seus am igos.

— O senhor cham a isto um a distância curta? São quase cinquenta m ilhas.

— E o que são cinquenta m ilhas num a boa estrada? Pouco m ais do que m eio dia de viagem . Considero isto um a distância fácil.

— Nunca consideraria a distância com o um a das vantagens do casam ento —

exclam ou Elizabeth. — Eu j am ais teria dito que Mrs. Collins está instalada perto da sua fam ília.

— É um a prova da sua afeição pelo Hertfordshire. Qualquer lugar que não se encontre nas proxim idades de Longbourn deve lhe parecer longínquo.

Enquanto falava, havia nele um a espécie de sorriso que Elizabeth j ulgou com preender. Devia supor que ela estava pensando em Jane e enrubesceu, ao responder:

— Não quero dizer com isto que um a m ulher não deva m orar um pouco longe da fam ília. O longe e o perto são relativos e dependem de várias circunstâncias.

Quando existe fortuna e as despesas de viagem são pouco im portantes, as distâncias não têm inconveniência. Mas este não é o caso aqui. Mr. e Mrs. Collins têm um rendim ento que lhes perm ite um a vida confortável, porém não é suficiente para viagens frequentes. Estou persuadida de que m inha am iga só se

consideraria perto da fam ília se m orasse na m etade da atual distância.

Mr. Darcy aproxim ou um pouco a sua cadeira e disse:

— Mas a senhora não tem direito de ser tão bairrista. A senhora não pode ter m orado sem pre em Longbourn.

Elizabeth olhou para ele, surpresa.

Mr. Darcy pareceu m udar de ideia. Recuou a cadeira, tom ou um j ornal em cim a da m esa e percorrendo-o, num tom m ais frio:

— Agrada-lhe o Kent?

Seguiu-se um curto diálogo sobre o condado, calm o e conciso de am bas as partes, que a chegada de Charlotte e da sua irm ã, um pouco depois, veio interrom per. O tête-à-tête pareceu surpreendê-las. Mr. Darcy relatou o engano que ocasionara a sua intrusão, e depois de ficar sentado m ais alguns m inutos sem

dizer quase nada, foi-se em bora.

— Qual pode ser a significação dessa visita? — disse Charlotte, depois que ele partiu. — Minha cara Eliza, ele deve estar apaixonado por você. Sem o que nunca nos teria visitado dessa form a pouco cerim oniosa.

Mas quando Elizabeth contou que ele ficara em silêncio, a hipótese não pareceu m uito plausível, m esm o para Charlotte que a desej ava. E depois de várias conj eturas, elas supuseram afinal que a visita era devido apenas à dificuldade de encontrar ocupação, coisa que naquela época do ano não era nada de estranhar.

Todos os j ogos em cam po aberto estavam fora de questão. Dentro de casa havia Lady Catherine, livros e um a m esa de bilhar. Mas os cavalheiros não podem ficar sem pre trancados dentro de casa; e fosse porque a reitoria era tão próxim a, ou porque a cam inhada

fosse agradável, ou os seus m oradores interessantes, o fato é que os dois prim os se acharam tentados a cam inhar até lá quase todas as m anhãs. Eles chegavam em horas diferentes, ora j untos, outras vezes separados, e de vez em quando acom panhados pela sua tia. Era evidente para todos que o coronel Fitzwilliam vinha porque achava agradável a com panhia dos habitantes de Hunsford, coisa que naturalm ente o recom endava ainda m ais. E a satisfação que Elizabeth experim entava ao vê-lo, bem com o aquela com que recebia a sua evidente adm iração, lem brava-lhe o seu antigo favorito George Wickham . E

em bora, ao com pará-los, visse que havia m enos doçura cativante nas m aneiras do coronel Fitzwilliam , acreditava que ele fosse dos dois o m ais culto.

Era m ais difícil com preender por que Mr. Darcy vinha tão frequentem ente à reitoria. Não podia ser pela com panhia, pois ficava a m aior parte do tem po calado, às vezes durante dez m inutos seguidos. E quando falava, parecia fazê-lo m ais pela dura obrigação de ser polido do que por prazer. Raram ente parecia ficar de fato anim ado. Mrs. Collins não sabia o que fazer com ele. E o fato do coronel Fitzwilliam caçoar ocasionalm ente da casm urrice do seu prim o, provava que havia m udado; o pouco que Charlotte sabia a respeito de Mr. Darcy não era suficiente para que com preendesse, por si, este fato. Teria ficado satisfeita se descobrisse que esta m udança era o efeito do am or, e o obj eto daquele am or a sua am iga Eliza. Portanto dispôs-se seriam ente a encontrar a causa daquela m udança. Observava-o todas as vezes que o encontrava em Rosings, ou quando ele vinha a Hunsford, m as sem grande sucesso. Ele olhava decerto bastante para a sua am iga, m as a expressão daquele olhar era duvidosa. Era um olhar sério, fixo, e Charlotte perguntava m uitas vezes se havia realm ente nele algum a adm iração. Outras vezes, parecia-lhe apenas um olhar distraído. Um a ou duas vezes sugerira a Elizabeth a possibilidade de Mr. Darcy se achar interessado por ela, m as esta sem pre ria de sem elhante ideia. E Mrs. Collins achou que era m elhor não despertar esperanças que pudessem acabar em desapontam ento;

pois na sua opinião, toda a relutância da sua am iga se desvaneceria no m om ento em que o supusesse em seu poder.

Nos planos afetuosos que às vezes fazia para Elizabeth, pensava em casá-la com o coronel Fitzwilliam ; ele era, sem com paração, o m ais agradável dos dois. Era evidente que sentia adm iração por Elizabeth, e a sua situação na vida era das m elhores; m as para contrabalançar as suas vantagens, Mr. Darcy tinha um a influência considerável na igrej a, e seu prim o não podia ter nenhum a.

33

Mais de um a vez, durante os seus passeios pelo parque, Elizabeth teve a surpresa de se encontrar com Mr. Darcy . Ela percebeu a perversidade do acaso, que o trazia aonde ninguém m ais costum ava aparecer. E para im pedir que isto tornasse a suceder, deu-se ao trabalho de preveni-lo de que aqueles passeios constituíam um dos seus hábitos favoritos. Achou m uito estranho portanto que o acaso se repetisse um a segunda vez, e m esm o um a terceira. Parecia o efeito de um a vontade m aléfica, ou então de um a voluntária m ortificação, pois nessas ocasiões Mr. Darcy não se lim itava a fazer sim ples perguntas de cortesia, e depois de um a pequena pausa em baraçosa ir em bora; ele voltava sobre os seus passos e a acom panhava. Falava pouco e Elizabeth não se dava ao trabalho de ouvi-lo com m uita atenção. Mas da terceira vez, Mr. Darcy lhe fez um as perguntas estranhas e desconexas, sobre o prazer de estar em Hunsford, o gosto que ela parecia encontrar naqueles passeios solitários, e a opinião de Elizabeth sobre a felicidade do casal Collins; e disse tam bém que, por falar em Rosings, e j á que parecia que ela não com preendia bem aquela casa, esperava que quando voltasse novam ente para o Kent fosse hospedar-se lá tam bém . Era isto que as suas palavras pareciam subentender. Estaria ele pensando no coronel Fitzwilliam ? Elizabeth pensou que se aquilo fosse um a indireta tal seria o seu sentido m ais provável. Ficou um pouco perturbada e deu graças a Deus porque naquele instante estavam se aproxim ando do portão da reitoria.

Certo dia em que Elizabeth estava cam inhando, relendo a últim a carta de Jane, especialm ente um determ inado trecho que parecia provar que Jane estava deprim ida, viu, ao levantar os olhos, que se encontrava diante do coronel Fitzwilliam , e não de Mr. Darcy , com o ela tinha suposto. Guardando a carta im ediatam ente e forçando um sorriso, disse:

— Eu não sabia que o senhor costum ava passear por esses lados.

— Estive fazendo a volta do parque — respondeu ele —, com o o faço todos os anos, e tencionava encerrá-la com um a visita à reitoria. Tenciona ir m ais adiante?

— Não, eu ia voltar logo.

E dizendo isto virou-se. Juntos voltaram até a casa.

— Está m esm o decidido a deixar o Kent sábado? — perguntou Elizabeth.

— Sim , a m enos que Darcy torne a adiar a partida. Estou a seu dispor. Ele que decida com o lhe aprouver.

— Ele parece ter grande prazer em exercer a faculdade de escolha. Não conheço ninguém que pareça ter tanto prazer em fazer as suas vontades com o Mr. Darcy .

— É verdade, ele gosta m esm o de fazer o que quer — respondeu o coronel Fitzwilliam . — Mas todos nós gostam os. Som ente, ele tem em geral m ais m eios

de realizar os seus desej os do que o com um dos hom ens. Falo com sinceridade.

Com o filho caçula, tenho que estar preparado para o sacrifício e a obediência.

— Na m inha opinião o filho m ais m oço de um nobre pouco sabe a respeito dessas virtudes. Agora fale seriam ente, que é que o

senhor sabe a respeito do sacrifício e da obediência? Quando foi o senhor im pedido, por falta de dinheiro, de se locom over livrem ente ou de obter as coisas que desej ava?

— Isto são perguntas privadas. E talvez eu não possa dizer que tenha experim entado m uitas dificuldades desta natureza, m as em outras questões de im portância, é possível que eu sofra falta de dinheiro. Os filhos m ais m oços não podem se casar com o desej am .

— A não ser que se apaixonem por m ulheres ricas e eu creio que m uitas vezes isto acontece.

— O hábito que tem os de gastar dinheiro nos torna dependentes dem ais. E não há m uitos na m inha situação que se podem casar sem considerar a questão m onetária.

“Será isto um a indireta para m im ?” — pensou Elizabeth. E esta ideia fê-la enrubescer; m as, dom inando-se, disse, num tom alegre:

— E diga-m e, qual é o preço usual para o filho m ais m oço de um nobre? A não ser que o irm ão m ais velho sej a m uito doente, não creio que possam exigir além de cinquenta m il libras.

Ele respondeu no m esm o tom e o assunto m orreu. Para interrom per um silêncio que poderia fazer crer ao coronel que ela se sentira afetada pelo que acabavam de dizer, Elizabeth disse, pouco depois:

— Im agino que o seu prim o deve tê-lo trazido consigo com o intuito principal de ter alguém à sua disposição. Não sei por que não se casa. Teria desse m odo um a pessoa sem pre à sua disposição. Mas talvez a sua irm ã preencha esses requisitos no m om ento. E com o ela se encontra sob os seus cuidados exclusivos, Mr. Darcy pode fazer com ela o que quiser.

— Não — disse o coronel Fitzwilliam —, esta é um a vantagem que tem que com partilhar com igo. Exerço j untam ente com ele a tutela de Miss Darcy .

— Ah, sim ? Diga-m e, que espécie de tutores são os senhores? A sua tutelada lhes dá m uito trabalho? As m oças naquela idade são às vezes difíceis de governar. E

se ela possui o verdadeiro espírito dos Darcy , deve ser voluntariosa.

Enquanto falava, Elizabeth via que o coronel estava olhando para ela seriam ente e pela m aneira com que lhe perguntou pouco depois por que é que supunha que Miss Darcy lhes pudesse causar preocupações, ficou convencida de que tinha chegado próxim o à verdade.

Elizabeth respondeu diretam ente:

— Não precisa se assustar. Nunca ouvi nada de m al a seu respeito. E ouvi dizer até que é um a das pessoas m ais tratáveis do m undo. Duas senhoras m inhas conhecidas gostam m uito dela: Mrs. Hurst e Miss Bingley . Penso que j á ouvi o

senhor dizer que tam bém as conhece.

— Conheço-as um pouco. O irm ão delas é um cavalheiro m uito agradável e bem -educado. É um grande am igo de Darcy .

— Oh, sim — disse Elizabeth, secam ente. — Mr. Darcy é m uito atencioso para com Mr. Bingley . Tem um cuidado realm ente prodigioso com ele.

— Sim , acredito realm ente que Darcy cuide de certas coisas dele que na verdade precisam de cuidados. Por um fato que ele citou durante a nossa viagem para cá, tenho razões para pensar que Bingley deve m uita coisa a Darcy . Mas tenho de desculpar-m e com ele, pois não tenho o direito de pensar que Bingley sej a a pessoa a que se refere a história. E um a sim ples conj etura.

— Qual é essa história?

— É um caso que Darcy naturalm ente não pode desej ar que se espalhe, pois se chegasse aos ouvidos da fam ília da m oça poderia ser um a coisa desagradável.

— Pode ficar certo de que nunca falarei a este respeito.

— E lem bre-se que não tenho m uitas razões para supor que esta pessoa sej a Bingley . O que ele m e contou foi apenas o seguinte: que se felicitava a si m esm o por ter salvo um am igo dos inconvenientes de um casam ento dos m ais im prudentes, m as sem m encionar nom es ou outros quaisquer detalhes. E eu suspeitei que fosse Bingley , apenas porque acredito que é desses rapazes que se m etem em aventuras dessa espécie e porque sei que eles estiveram j untos durante todo o verão passado.

— E Mr. Darcy apresentou os m otivos dessa interferência?

— Com preendi que havia obj eções m uito fortes contra a m oça.

— E de que artifícios usou para separá-los?

— Ele não m e falou a respeito dos artifícios que tinha usado — disse Fitzwilliam sorrindo. — Disse-m e apenas o que acabo de lhe contar.

Elizabeth não respondeu e continuou a andar, com o coração repleto de indignação. Depois de observá-la durante alguns instantes, Fitzwilliam perguntou-lhe por que estava tão pensativa.

— Estive pensando no que acaba de m e contar — disse ela. — A conduta do seu prim o não se coaduna com os m eus sentim entos. Por que é que ele se arrogou o direito de j ulgar?

— Parece que a senhora está disposta a considerar a interferência dele inoportuna.

— Não sei com que direito Mr. Darcy pode decidir a respeito da legitim idade das inclinações do seu am igo, ou baseado apenas no

próprio j ulgam ento determ inar de que m aneira aquele am igo poderia ser feliz. Mas — continuou, voltando a si

—, com o não conhecem os as circunstâncias, não é j usto condená-lo. Não suponho que existisse grande afeição naquele caso.

— A suposição não é im provável — disse Fitzwilliam —, porém dim inui bastante o triunfo do m eu prim o.

Estas palavras foram ditas em tom de gracej o; m as pareceu a Elizabeth que traçavam um retrato tão j usto de Mr. Darcy que resolveu refrear a sua resposta.

E portanto, m udando abruptam ente de assunto, falou de coisas indiferentes até que chegaram à reitoria. Aí, logo depois que o visitante partiu, ela se trancou no quarto para pensar sem interrupção em tudo o que tinha ouvido. Não era de supor que fossem outras as pessoas envolvidas. Não poderiam existir no m undo dois hom ens sobre os quais Mr. Darcy exercesse um dom ínio tão absoluto. Nunca duvidara de que ele tivesse tido a sua parte nas m edidas que tinham sido adotadas para separar Mr. Bingley de Jane. Mas sem pre atribuíra a Miss Bingley a iniciativa do plano e a parte m ais im portante da execução. Se ele não tivesse sido portanto iludido pela sua própria vaidade, Mr. Darcy , com o seu orgulho e seu capricho era a causa de tudo o que Jane tinha sofrido. Ele tinha arruinado por algum tem po todas as esperanças de felicidade para o coração m ais afetuoso e m ais generoso do m undo. E ninguém poderia dizer quão duradouro era o m al que tinha causado.

Havia obj eções m uito fortes contra a m oça, tais tinham sido as palavras do coronel Fitzwilliam . E estas fortes obj eções eram provavelm ente as seguintes: o fato dela ter um tio que era advogado no cam po e outro que era com erciante em Londres. “Contra Jane em pessoa”, pensou, “não poderia haver possibilidade de obj eção. Ela é toda doçura e bondade. É inteligente, educada e suas m aneiras são cativantes. Nada pode ser obj etado tam pouco

contra m eu pai, que em bora um pouco excêntrico, tem qualidades que nem Mr. Darcy pode desdenhar. E um a respeitabilidade que ele provavelm ente nunca alcançará.” Quando pensava na sua m ãe, com efeito a sua confiança declinava um pouco. Mas não era crível que quaisquer obj eções desse gênero pesassem aos olhos de Mr. Darcy , cuj o orgulho, pensou Elizabeth, seria m ais facilm ente ferido pela falta de im portância das relações do seu am igo do que pela falta de senso dessas m esm as pessoas. E

finalm ente Elizabeth chegou à conclusão de que Mr. Darcy se deixara levar em parte pelo seu desm edido orgulho e em parte pelo desej o de reter Mr. Bingley para sua irm ã. As agitações e as lágrim as que o assunto causara trouxeram a Elizabeth um a dor de cabeça que à noite se agravou. Esta circunstância e a sua repugnância em ver Mr. Darcy determ inaram -na a não acom panhar as suas prim as a Rosings, onde deviam tom ar chá. Mrs. Collins, vendo que ela realm ente não estava bem , não insistiu, im pedindo o m ais que pôde o seu m arido de insistir.

Mr. Collins não pôde esconder a sua apreensão de que Lady Catherine se m ostrasse aborrecida por Elizabeth ter ficado em casa.

34

Depois que os seus am igos partiram , Elizabeth, com o se tencionasse exasperar-se o m ais que podia contra Mr. Darcy , escolheu com o ocupação a leitura de todas as cartas que Jane lhe enviara, desde que ela, Elizabeth, estava no Kent. Essas cartas não continham nenhum a queixa expressa. Não relem bravam acontecim entos passados nem com unicavam sofrim entos presentes. Mas em todas elas, em quase cada linha, sentia-se a falta daquela anim ação que sem pre caracterizara o estilo de Jane, e que procedia da serenidade de um espírito tranquilo e bem -disposto para consigo m esm o e para com todos. Elizabeth observou com um a atenção que não tivera durante a prim eira leitura cada frase que traía algum a inquietude. A vergonhosa j actância de Mr. Darcy a respeito dos sofrim entos que ele pudera causar fazia com que sentisse m ais

agudam ente os sofrim entos da sua irm ã. Era um consolo pensar que a sua visita a Rosings term inaria daí a dois dias. E outro, ainda m aior, a ideia de que em m enos de 15

dias ela estaria novam ente j unto de Jane, preparada para contribuir com toda a afeição de que era capaz para o restabelecim ento da sua tranquilidade.

Não podia pensar na partida de Darcy sem se lem brar de que o prim o tam bém iria com ele. Mas o coronel Fitzwilliam dera a entender claram ente que não tinha nenhum a intenção em relação a ela e, em bora fosse um hom em agradável, Elizabeth não estava disposta a ficar triste por sua causa.

Decidira este ponto, quando teve a sua atenção despertada pelo som da cam painha da porta. A princípio ficou um pouco em ocionada com a ideia de que pudesse ser o coronel Fitzwilliam , que j á um a vez aparecera tarde à noite, e que viesse agora para se inform ar da sua saúde. Mas esta ideia foi logo banida e a sua em oção foi inteiram ente diversa quando viu com im ensa surpresa Mr. Darcy entrar na sala. Ele com eçou apressadam ente a fazer perguntas sobre a sua saúde, atribuindo a sua visita ao desej o de se tranquilizar. Ela respondeu com fria am abilidade. Darcy ficou sentado durante alguns instantes e depois, levantando-se, pôs-se a cam inhar pela sala. Elizabeth ficou espantada, m as não disse nada.

Depois de um silêncio de alguns m inutos, aproxim ou-se agitado, e disse:

— Em vão tenho lutado com igo m esm o; nada consegui. Meus sentim entos não podem ser reprim idos e preciso que m e perm ita dizer-lhe que eu a adm iro e am o ardentem ente.

O espanto de Elizabeth não teve lim ites. Olhou fixam ente para ele, enrubesceu, duvidou e ficou calada. Mr. Darcy considerou esta atitude com um encoraj am ento e im ediatam ente fez-lhe a confissão de tudo o que sentia e j á desde há m uito vinha sentindo.

Declarou-se bem , m as através das suas palavras outros sentim entos além dos do coração podiam ser percebidos. E ele não falava com m ais eloquência da sua ternura do que do seu orgulho. O sentim ento da inferioridade de Elizabeth, do rebaixam ento que aquele am or constituía, os

obstáculos de fam ília que a razão sem pre opusera à inclinação foram descritos com um ardor que parecia devido ao seu am or-próprio ferido, m as que recom endava m uito pouco as suas pretensões.

Apesar da sua profunda antipatia, Elizabeth não podia deixar de ficar desvanecida pela afeição de um tal hom em . E em bora as suas intenções nem por um só instante m udassem , a princípio teve pena de ser obrigada a lhe causar um a tal decepção. Mas as palavras seguintes de Mr. Darcy tornaram a provar o seu ressentim ento. Encolerizada, perdeu toda a com paixão. Procurou no entanto dom inar-se, para responder com paciência, assim que ele acabasse de falar. Ele concluiu descrevendo-lhe a força daquela afeição que, apesar dos seus esforços, não conseguira dom inar. E exprim iu a sua esperança de que essa afeição seria agora recom pensada pela aceitação de Elizabeth. Enquanto Mr. Darcy falava, era evidente para Elizabeth que ele não duvidava de que a resposta fosse favorável. Ele falava em apreensão e ansiedade, m as o seu rosto exprim ia realm ente a certeza. Isto ainda a exasperou m ais, e quando term inou, o sangue subiu ao rosto de Elizabeth, que disse:

— Em casos com o estes creio que é costum e estabelecido exprim ir a nossa gratidão pelos sentim entos que nos são confessados, em bora esses sentim entos não possam ser retribuídos. É natural que essa gratidão sej a sentida. E se eu a experim entasse agora, eu lhe agradeceria. Mas eu não posso desej ar e nunca desej ei a sua boa opinião e aliás o senhor a confere a m im contra a sua vontade.

Sinto m uito ter de causar decepção a qualquer pessoa, não o faço de propósito, entretanto espero que ela será de curta duração. Os sentim entos que, segundo o senhor m e disse, o im pediram

durante m uito tem po de reconhecer a sua afeição hão de socorrê-lo facilm ente depois da presente explicação.

Mr. Darcy , que estava apoiado contra a lareira, com os olhos fixos no rosto de Elizabeth, parecia receber as suas palavras com tanta surpresa quanto ressentim ento. O seu rosto se tornou pálido de cólera e a perturbação era visível em cada um dos seus traços. Ele lutava para dar aos seus gestos um a aparência de calm a e não queria falar antes de ter conseguido o que desej ava. A pausa era insuportável para Elizabeth. Afinal, num a voz em que transparecia o esforço para torná-la calm a, respondeu:

— E esta é a única reposta a que eu tinha direito e com a qual tenho de m e contentar! Desej aria talvez que m e inform asse por que sou assim rej eitado, sem a m enor tentativa de cortesia da sua parte. Mas isto tem pouca im portância.

— Por m inha vez, eu poderia perguntar — replicou ela — por que, com o intuito tão evidente de m e ofender e de insultar, o senhor resolveu dizer que gostava de m im contra a sua vontade, contra a sua razão e m esm o contra o seu caráter? Não é essa um a escusa suficiente para a m inha falta de cortesia? Se é que realm ente eu com eti essa falta... Mas tenho outros m otivos para m e sentir ferida. E o senhor bem o sabe. Mesm o que os m eus sentim entos não lhe fossem contrários, se lhe

fossem indiferentes ou m esm o favoráveis, o senhor acha que qualquer consideração m e inclinaria a aceitar um hom em que arruinou talvez para sem pre a felicidade de um a irm ã querida?

Enquanto ela pronunciava estas palavras, Mr. Darcy m udou de cor. Mas a em oção foi curta e ele continuou a ouvir sem tentar interrom pê-la.

— Tenho todas as razões do m undo para pensar m al do senhor — prosseguiu Elizabeth. — Nenhum m otivo poderá escusar o ato inj usto e m esquinho que praticou. O senhor não ousará negar que foi o m eio principal, senão o único, de separar aquelas duas pessoas e

de expô-las à censura e ao ridículo do m undo, um a delas por capricho e instabilidade, outra pela decepção das suas esperanças, causando-lhe um grande m al.

Fez um a pausa e viu, com grande indignação, que ele a ouvia com ar de quem não sentia o m enor rem orso. Olhou m esm o para ela com um sorriso de incredulidade afetada.

— O senhor pode negar o que fez? — repetiu.

Ele então respondeu com fingida tranquilidade:

— Não desej o negar que fiz tudo o que podia para separar m eu am igo da sua irm ã. Nem tam pouco negarei que m e alegro desse êxito. Fui m ais previdente para com ele do que para com igo próprio.

Elizabeth não quis m ostrar que com preendia esta observação, m as o seu sentido não lhe escapou. Nem tam pouco era de natureza a aplacá-la.

— Mas não é apenas nessa história que se funda a m inha antipatia — continuou.

— Muito antes dela acontecer eu j á tinha opinião form ada a seu respeito. A narrativa que j á há m uitos m eses m e fez Mr. Wickham m e revelou o seu caráter.

Que tem o senhor a dizer sobre este assunto? Que ato im aginário de am izade poderá o senhor alegar para se j ustificar? Que falsos m otivos poderá inventar para iludir os outros?

— A senhora parece se interessar extraordinariam ente pelas m ágoas daquele cavalheiro.

— Nenhum a pessoa que conheça o seu infortúnio pode deixar de se interessar por ele.

— Seu infortúnio! — repetiu Darcy , num tom de desprezo. — Sim , o seu infortúnio foi realm ente grande.

— E foi o senhor quem o infligiu — exclam ou Elizabeth, com energia. — Foi o senhor quem o reduziu ao seu estado atual de pobreza, de com parativa pobreza.

O senhor lhe recusou os direitos que lhe cabiam , as vantagens que lhe tinham sido destinadas. Privou-o, durante os m elhores anos da sua vida, da independência a que tinha direito e que aliás m erecia. Tudo isso o senhor fez! E agora ouve o relato do seu infortúnio com desprezo e ironia.

— Então é esta a opinião que tem de m im ! — exclam ou Darcy , cam inhando apressado pela sala. — É este o valor que m e dá! Agradeço-lhe por se ter

explicado tão claram ente. Minhas faltas, tais com o as descreve, são realm ente pesadas. Mas talvez — acrescentou detendo-se e voltando-se para Elizabeth —, talvez essas ofensas pudessem ter sido relevadas, se eu não tivesse ferido o seu orgulho, confessando-lhe com toda a franqueza os escrúpulos que m e im pediram durante tanto tem po de tom ar um a resolução. Eu poderia ter evitado as suas am argas acusações, se m e tivesse m ostrado m ais hábil, escondendo-lhe as m inhas lutas e fazendo crer que era m ovido por um a inclinação a que nada se opunha, nem a razão, nem a reflexão, nem outro qualquer m otivo. Mas eu odeio toda a espécie de fingim ento. Nem tam pouco m e envergonham os sentim entos que lhe exprim i. São naturais e j ustos. Pode exigir de m im que m e felicite pela inferioridade social dos seus parentes? Ou que m e alegre com a esperança de m e relacionar com pessoas de condição inferior à m inha?

Elizabeth sentia a sua cólera crescer de m om ento a m om ento; apesar disso procurou falar com toda a calm a:

— O senhor está enganado, Mr. Darcy . A sua atitude pouco cavalheiresca apenas m e poupou o desgosto de recusar o seu

pedido, se tivesse sido feito de outra form a.

Elizabeth percebeu que ele se sobressaltava ao ouvir estas palavras. Mas Mr.

Darcy nada disse e ela prosseguiu:

— Eu o teria recusado de qualquer form a. Nada m e poderia ter persuadido a aceitar a sua m ão.

Novam ente o seu espanto foi evidente. Mr. Darcy olhou para Elizabeth com incredulidade e m ortificação. Ela continuou:

— Posso dizer que desde o princípio, desde o prim eiro instante quase em que o conheci, as suas m aneiras m e convenceram de que era um hom em arrogante, pretensioso, e de que tinha a m aior indiferença pelos sentim entos dos outros. Esta im pressão foi tão profunda que constituiu, por assim dizer, o alicerce sobre o qual os acontecim entos subsequentes elevaram um a indestrutível antipatia; e m enos talvez de um m ês depois de conhecê-lo, estava convencida de que o senhor seria o últim o hom em no m undo com o qual eu m e casaria.

— Não precisa acrescentar m ais nada — disse Darcy . — Com preendo perfeitam ente os seus sentim entos, e nada m e resta senão m e envergonhar dos m eus. Perdoe-m e ter tom ado o seu precioso tem po, e aceite os m eus m ais sinceros votos de felicidade.

E dizendo estas palavras, saiu apressadam ente da sala e, depois de alguns instantes, Elizabeth o ouviu abrir a porta da frente e sair. O tum ulto das suas ideias lhe era tão doloroso, que, incapaz de recuperar o seu equilíbrio, deixou-se cair sobre um a cadeira e chorou durante m eia hora sem cessar. A sua surpresa aum entava cada vez que recordava o que se tinha passado. Recebera um a proposta de casam ento de Mr. Darcy ! Há vários m eses estava apaixonado por ela! Am ava-a tanto que desej ava desposá-la, apesar de todas as obj eções que o

levaram a im pedir o casam ento do seu am igo. Era agradável saber que ela tinha inspirado um a afeição tão forte. Mas a piedade, que a ideia de um a tal paixão por um m om ento tinha inspirado a Elizabeth foi logo sufocada pelo orgulho de Mr.

Darcy , o seu abom inável orgulho, pela cínica confissão de sua atitude para com Jane, a sua im perdoável tranquilidade ao reconhecer o que tinha feito, em bora não o pudesse j ustificar, e pela m aneira desapiedada com que se referira a Mr.

Wickham , sem que tentasse negar a crueldade com que o tinha tratado.

Essas reflexões agitadas prosseguiram até que Elizabeth ouviu o ruído da carruagem de Lady Catherine. Sentindo que não estava em condições de enfrentar a perspicaz atenção de Charlotte, correu para o quarto.

35

Na m anhã seguinte, ao despertar, Elizabeth encontrou no seu espírito os m esm os problem as que debatera na véspera até adorm ecer. Ainda não voltara a si da surpresa. Era im possível pensar em outro assunto; incapaz de encontrar um a ocupação que a distraísse, resolveu, logo depois da prim eira refeição, fazer um pouco de exercício ao ar livre. Estava se encam inhando para o seu lugar favorito, quando a lem brança de que Mr. Darcy costum ava aparecer lá a deteve. E em vez de entrar no parque, Elizabeth tom ou a vereda que a bordej ava. A cerca do parque lim itava a estrada de um lado e pouco depois ela passou por um dos portões. Depois de andar duas ou três vezes naquela parte do cam inho, sentiu-se tentada pela beleza da m anhã a parar nos portões e contem plar o parque.

Durante as cinco sem anas que tinha passado no Kent, um a grande transform ação se operara, e cada dia as árvores ficavam m ais verdes. Elizabeth estava a ponto de continuar o passeio, quando avistou de relance, no pequeno bosque que bordej ava o parque,

um hom em que vinha na sua direção. Tem erosa de que fosse Mr. Darcy , ela recuou. Mas a pessoa se encontrava agora tão próxim a que podia vê-la. Apressando o passo, esta pessoa se aproxim ou e pronunciou o nom e de Elizabeth. Ela estava de costas m as ao ouvir o seu nom e, em bora reconhecesse a voz de Mr. Darcy , voltou a se acercar do portão. Mr. Darcy , do outro lado fizera o m esm o. Ele lhe estendeu um a carta, que ela aceitou instintivam ente. Em seguida disse, com um olhar altivo:

— Estive passeando no bosque na esperança de encontrá-la. Quer m e dar a honra de ler esta carta?

Em seguida, depois de inclinar-se levem ente, voltou-se e partiu. Sem esperança de prazer m as com a m aior curiosidade, Elizabeth abriu a carta; com espanto sem pre crescente viu que o envelope continha duas folhas de papel, inteiram ente recobertas por um a letra apertada. Continuando o seu cam inho pela alam eda, Elizabeth com eçou a ler. A carta estava datada de Rosings, das oito horas da m anhã, e dizia o seguinte:

Não fique alarm ada, Miss Eliza, ao receber esta carta, pela apreensão de que ela contenha a repetição daqueles sentim entos ou a renovação daquelas propostas que ontem à noite tanto lhe repugnaram . Escrevo-lhe sem nenhum a intenção de aborrecê-la ou de m e hum ilhar, insistindo em exprim ir esperanças que para a felicidade de am bos não podem ser esquecidas cedo dem ais. E o esforço da m inha parte ao escrever esta carta e da sua em percorrê-la teria sido poupado se o m eu caráter não exigisse que ela fosse escrita e lida. É preciso, pois, que m e perdoe a liberdade com que exij o a sua atenção; sei que os seus sentim entos a concederão com relutância. Mas eu a exij o da sua j ustiça. Duas foram as acusações que m e fez ontem à noite, de natureza m uito diferente e de

im portância igualm ente desigual. A prim eira foi: que eu tinha separado Mr.

Bingley da sua irm ã, indiferente aos sentim entos de am bos. E a outra, de ter arruinado a possibilidade im ediata e as probabilidades futuras de Mr. Wickham , ferindo vários direitos, desafiando a honra e a hum anidade. Ter repudiado voluntária e gratuitam ente o com panheiro da m inha infância, o favorito declarado de m eu pai, um rapaz que dependia exclusivam ente da nossa proteção e a quem esta fora prom etida seria um a perversidade incom paravelm ente m ais grave do que a separação de duas pessoas cuj a afeição, em bora real, não poderia ter crescido excessivam ente, no espaço das poucas sem anas que estiveram j untas. Espero estar a salvo para o futuro da severidade das censuras que m e foram feitas com tanta veem ência, a respeito destes dois casos, depois de ter lido a seguinte explicação dos m eus atos e dos seus m otivos. Se durante esta explanação eu m e encontrar na necessidade de exprim ir sentim entos que possam ser ofensivos aos seus, posso dizer apenas que isto m e entristece sinceram ente. A necessidade de expô-los deve ser obedecida. E outras quaisquer desculpas serão supérfluas. Pouco depois da m inha chegada ao Hertfordshire, percebi, j untam ente com outras pessoas, que Bingley preferia a sua irm ã m ais velha a qualquer outra m oça da região. Mas foi só por ocasião do baile de Netherfield que fiquei pela prim eira vez apreensivo de que ele se apaixonasse seriam ente.

Muitas vezes antes eu j á o tinha visto apaixonado. Naquele baile, enquanto eu tinha a honra de dançar com a senhora, soube através da inform ação acidental de Sir William , que as atenções de Bingley para com a sua irm ã tinham dado lugar a um rum or geral acerca do seu casam ento. Sir William falou naquilo com o num acontecim ento positivo, acerca do qual só a data era incerta. A partir desse m om ento observei a atitude do m eu am igo com m uita atenção. E vi que a sua inclinação por Miss Bennet era m ais forte do que qualquer um a das que lhe tinha visto antes. Observei tam bém a sua irm ã; seu olhar, suas m aneiras, eram francas, alegres e atraentes com o sem pre, m as sem qualquer sintom a especial de afeição. E a partir desta noite fiquei convencido de que em bora ela aceitasse as atenções de Bingley com prazer, não as provocava porque participasse do m esm o sentim ento. Quanto a este ponto,

se a senhora não se enganou, enganei-m e eu. Com o conhece m elhor a sua irm ã, a últim a hipótese parece ser m ais provável. Se este é o caso, se este erro m e levou a infligir um desgosto à sua irm ã, o seu ressentim ento é incom preensível. Mas eu não tenho receio de afirm ar que a serenidade do rosto da sua irm ã e a tranquilidade da sua expressão são tais, que o observador m ais agudo concluiria que, por m ais am ável que sej a o seu gênio, seu coração não é dos m ais fáceis de atingir; é certo que eu desej ava acreditar na indiferença dela, m as arrisco-m e a afirm ar que as m inhas investigações e as m inhas decisões não são geralm ente influenciadas pelas m inhas esperanças ou pelos m eus receios. Não foi porque o desej asse que acreditei na indiferença da sua irm ã, foi porque cheguei a esta convicção

im parcial e ela é tão sincera quanto o m eu desej o. Minhas obj eções contra aquele casam ento não foram apenas as que lhe descrevi ontem à noite e que no m eu próprio caso exigiram toda a força da paixão para serem vencidas; a desigualdade social não seria um m al tão grande para o m eu am igo quanto para m im . Mas existiam outras causas para a m inha resistência; causas que, em bora ainda existentes, e existentes do m esm o m odo, eu tentara esquecer porque não as via de m aneira im ediata diante de m im . Essas causas precisam ser ditas em bora sum ariam ente. A situação da fam ília da sua m ãe, em bora pouco recom endável, não era nada em com paração com aquela falta total de delicadeza tão frequente e quase perm anentem ente dem onstrada por sua m ãe, por suas três irm ãs m ais m oças e às vezes até por seu pai. Perdoe-m e, dói-m e ter de ofendê-la. Mas no m eio dos aborrecim entos que os defeitos dos seus parentes m ais próxim os lhe causam e o desprazer que a presente descrição não pode deixar de lhe dar, a seguinte reflexão lhe sirva de consolo: saiba que o fato universalm ente reconhecido de que tanto a senhora com o a sua irm ã m ais velha sem pre se com portaram de m odo a evitar um a censura sem elhante é o m elhor elogio que se poderia fazer à sensatez e ao caráter de am bas. Acrescentarei apenas que os fatos que se passaram naquela noite confirm aram a m inha opinião sobre todas as pessoas em questão e fortaleceram a m inha resolução de

proteger o m eu am igo de um a aliança que eu considerava a m ais desastrada. Ele deixou Netherfield no dia seguinte, com o decerto está lem brada, com a intenção de regressar breve.

Agora devo explicar a parte que tom ei no caso. A inquietude da irm ã de Bingley fora igualm ente despertada e logo descobrim os que os nossos sentim entos coincidiam a esse respeito; convencidos am bos de que devíam os agir rapidam ente, resolvem os acom panhá-lo a Londres. Foi o que fizem os. E lá tom ei a m eu cargo a incum bência de revelar ao m eu am igo as consequências desastradas da escolha que fizera. No entanto, por m ais que esta advertência possa ter abalado a sua resolução, não creio que ela teria sido suficiente para im pedir o casam ento, se não tivesse sido apoiada pela afirm ação, que não hesitei em fazer, de que a sua irm ã lhe era indiferente. Ele acreditava até aquele m om ento que Miss Jane correspondia à sua afeição sinceram ente, senão com igual intensidade. Mas Bingley é por natureza m uito m odesto, e além disso tem m ais confiança no m eu j ulgam ento do que no seu próprio. Convencê-lo, portanto, de que ele se tinha enganado não foi m uito difícil. Persuadi-lo, em seguida, de que não devia voltar para o Hertfordshire, depois de firm ado o prim eiro ponto, foi coisa de um instante. Não m e arrependo de tê-lo feito. Existe apenas um a parte da m inha conduta que não m e satisfaz. É que eu condescendi em usar de certos artifícios para esconder de Bingley o fato de sua irm ã se encontrar em Londres. Sabia dessa presença, bem com o Miss Bingley , m as o seu irm ão até agora ainda não sabe. É possível que eles pudessem ter-se encontrado sem outras consequências; m as o seu afeto não m e pareceu suficientem ente extinto para que

ele pudesse ver a sua irm ã sem correr algum perigo. Talvez esse artifício sej a indigno de m im . Mas o que está feito está feito. E a m inha intenção foi a m elhor possível. Sobre este assunto nada m ais tenho a dizer, nem outra explicação a dar.

Se feri os sentim entos da sua irm ã, foi sem a intenção de fazê-lo, e em bora os m otivos que inspiraram a m inha conduta lhe pareçam naturalm ente insuficientes, não vej o ainda razões para condená-

los. Com relação à outra acusação, a m ais grave, a que diz respeito a Mr. Wickham , só poderei refutá-la, expondo-lhe toda a história das suas relações com m inha fam ília. Ignoro se ele form ulou algum a acusação particular à m inha pessoa; m as acerca da verdade do que vou relatar posso dar m ais de um a testem unha insuspeita. Mr. Wickham é o filho de um hom em m uito respeitável, que durante m uitos anos geriu todos os bens da propriedade de Pem berley ; a fidelidade com que sem pre se desincum biu das suas funções m ereceu naturalm ente a gratidão do m eu pai. E para com George Wickham , que era o seu afilhado, m eu pai se m ostrou sem pre generoso, dedicando-lhe um a grande afeição. Pagou os seus estudos num colégio e m ais tarde em Cam bridge. Auxílio im portante, pois o pai de Mr. Wickham , que as extravagâncias da sua esposa privavam quase sem pre do necessário, não estava em condições de dar ao filho um a educação liberal. Meu pai não só gostava m uito da com panhia de George Wickham , cuj as m aneiras, aliás, eram sem pre m uito atraentes, m as tinha por ele a m aior adm iração e, alim entando a esperança de que o rapaz abraçasse a carreira eclesiástica, tencionava reservar-lhe um lugar na m esm a. Quanto a m im , há j á m uitos anos que com ecei a pensar de m aneira diferente a respeito dele. As suas inclinações viciosas, a falta de escrúpulos, que ele tinha o cuidado de esconder do seu m elhor am igo, não poderiam passar despercebidas a um rapaz da sua idade, que o observava e tinha a oportunidade de vê-lo em m om entos de descuido, coisa que m eu pai não tinha.

Aqui, novam ente, terei de m agoá-la. Até que ponto não sei. Só a senhora m esm a poderá dizê-lo. Mas quaisquer que sej am os sentim entos que Mr. Wickham lhe tenha inspirado, a suspeita que alim ento acerca da natureza desses sentim entos não m e im pedirá de lhe revelar o verdadeiro caráter daquela pessoa. Acrescento m esm o um outro m otivo. Meu excelente pai m orreu há cerca de cinco anos e a sua afeição por Mr. Wickham foi até o fim tão firm e que m e recom endou particularm ente no seu testam ento que m e encarregasse de prom over o seu adiantam ento na carreira que tinha escolhido, e m anifestou o desej o de que um posto im portante, à disposição da fam ília, lhe fosse dado, assim

que vagasse, caso Mr. Wickham se ordenasse. Deixou-lhe tam bém um legado de m il libras. O pai dele não sobreviveu m uito tem po ao m eu, e m eio ano depois desses acontecim entos Mr. Wickham m e escreveu, inform ando-m e que resolvera não tom ar ordens. Dizia-m e tam bém que esperava que eu não achasse despropositado o desej o de um a com pensação pecuniária m ais im ediata, em lugar do posto do qual não poderia agora se beneficiar. Acrescentou que tinha

intenção de estudar direito, e que eu devia com preender que os j uros de m il libras não eram suficientes para o seu sustento e os seus estudos. Apesar do m eu desej o de acreditar na sinceridade dele, não o conseguia. Mas de qualquer m odo m ostrei-m e perfeitam ente disposto a ceder à sua proposta. Eu sabia que Mr.

Wickham não devia ser pastor. O negócio foi portanto logo arranj ado. Ele desistiu de toda proteção relativa à sua entrada na igrej a, m esm o se estivesse algum dia em situação de recebê-la, e aceitou em troca a quantia de três m il libras. Todas as nossas relações a partir dessa época ficaram interrom pidas. O que eu sabia a respeito dele era suficiente para não o desej ar com o am igo. E portanto eu não o convidava para vir a Pem berley , nem andava em sua com panhia na cidade.

Creio que durante esse tem po ficou em Londres, m as o seu estudo de direito foi um m ero pretexto. Livre agora de toda obrigação, levava um a vida de dissipação. Durante três anos pouco ouvi falar nele. Mas ao falecer a pessoa que ocupava o posto que outrora lhe fora destinado, tornou a escrever, solicitando a sua apresentação para o dito lugar. Sua atual situação, dizia ele, e eu não tive dificuldade em acreditá-lo, era extrem am ente precária. Descobrira que o estudo de direito era pouco proveitoso e estava agora absolutam ente resolvido a tom ar ordens, se eu o apresentasse para o posto em questão, coisa de que não duvidava, pois estava inform ado de que não havia outro pretendente e eu não poderia ter esquecido as intenções do m eu venerando pai; creio que não há de m e censurar por lhe ter recusado aquela pretensão e rej eitado

todas as novas tentativas no m esm o sentido. O ressentim ento que m anifestou foi m uito violento, dada a situação precária em que se encontrava. E, sem dúvida, os insultos de que m e cobriu ao falar a m eu respeito com outras pessoas foram tão violentos quanto as recrim inações que m e dirigiu. Depois desse período, todas as relações de m era form alidade foram cortadas. Com o ele viveu, não sei. Mas no últim o verão tornou a aparecer no m eu cam inho da form a m ais desagradável possível. Devo agora m encionar certas circunstâncias que eu m esm o desej aria esquecer e que só um a obrigação tão forte quanto a atual m e poderia induzir a relatar para qualquer outra pessoa. Depois de ter dito isto, confio inteiram ente na sua discrição. Minha irm ã, que é dez anos m ais m oça do que eu, foi deixada em tutela ao sobrinho de m inha m ãe, o coronel Fitzwilliam , e a m im próprio. Há um ano ela saiu do colégio e foi m orar em Londres em com panhia de um a senhora encarregada de superintender a sua educação; e no verão passado, foi com aquela senhora para Ram sgate. Mr. Wickham , sem dúvida propositadam ente, partiu para o m esm o lugar; depois descobriu-se que havia um relacionam ento anterior entre ele e Mrs. Jounge, sobre cuj o caráter infelizm ente nos enganam os.

Graças ao auxílio e conivência desta pessoa, aproxim ou-se de Georgiana, em cuj o coração por natureza afetivo ainda era m uito vívida a im pressão da bondade com que ele a tratava em criança. Ela se deixou persuadir de que estava apaixonada e consentiu em ser raptada. Com o a m oça tinha apenas 15 anos, essa

loucura é até certo ponto escusável. Tenho o consolo de poder acrescentar que soube disto por ela própria. Cheguei a Ram sgate inesperadam ente um ou dois dias antes da proj etada fuga. E Georgiana, incapaz de suportar a ideia de desgostar e ofender um irm ão que considerava quase com o um pai, confessou-m e tudo. A senhora pode bem im aginar com o m e senti e com o agi. Para não prej udicar a reputação da m inha irm ã e não ofender os seus sentim entos, eu m e abstive de qualquer ato de represália em público. Mas escrevi para Mr.

Wickham , que partiu im ediatam ente. Mrs. Younge foi naturalm ente despedida.

Sem dúvida, o fito principal de Mr. Wickham era de se apoderar da fortuna da m inha irm ã, que é de trinta m il libras. Mas não posso deixar de pensar que o desej o de se vingar de m im tenha tam bém influído fortem ente nele.

Esta é um a narrativa fiel desses acontecim entos que nos concerne a am bos; e se não a rej eitar com o absolutam ente falsa, espero que m e absolverá daqui por diante da falta de ter agido com crueldade para com Mr. Wickham . Não sei de que m aneira se im pôs à sua atenção, nem as falsidades que usou para isto. Mas o êxito que alcançou não é de espantar, dada a sua ignorância de tudo o que acontecera antes. Não estava em seu poder desm ascarar estas falsidades e o seu tem peram ento não é inclinado à desconfiança. Talvez a senhora se surpreenda de não lhe ter dito ontem , m as naquele m om ento não tinha suficiente dom ínio sobre m im m esm o para decidir o que devia e o que não devia revelar. Quanto à verdade de tudo o que ficou aqui relatado, posso apelar particularm ente para o testem unho do coronel Fitzwilliam , que, dado o nosso parentesco e constante intim idade e sobretudo a sua qualidade de executor testam entário de m eu pai, conhece necessariam ente todos os detalhes desses acontecim entos. Se a antipatia que tem por m im privar de valor as m inhas asserções, a m esm a causa não a poderia im pedir de confiar no m eu prim o, e para que haj a a possibilidade de consultá-lo, procurarei entregar-lhe a presente carta de m anhã. Acrescentarei apenas: Deus a abençoe!

Fitzwilliam Darcy .

36

Ao receber a carta de Mr. Darcy , Elizabeth não esperava que contivesse um a repetição das suas propostas; por outro lado, não tinha a m enor ideia a respeito do conteúdo da carta. E fácil im aginar com quanta avidez se inteirou dos seus term os e quantas

em oções contraditórias eles produziram no seu espírito. Durante a leitura os seus sentim entos não podiam ser definidos. Prim eiro constatou com assom bro que ele acreditava poder se desculpar; estava persuadida de que um j usto pudor o im pediria de dar qualquer explicação; fortem ente prevenida contra tudo o que ele pudesse dizer, com eçou a ler o seu relato do que tinha acontecido em Netherfield. Leu com um a ansiedade que quase a im pedia de com preender, a im paciência de saber o que a próxim a frase deveria trazer a incapacitava de aprofundar o sentido daquela que tinha diante dos olhos. Elizabeth im ediatam ente resolveu que era falsa a alegação de Mr. Darcy de que ele acreditara na insensibilidade da sua irm ã. As outras obj eções contra o casam ento, as piores, a enfureciam de tal form a que aboliam todo o seu desej o de ser j usta. As palavras de Darcy não exprim iam nenhum arrependim ento; seu estilo não era de quem se quisesse desculpar. Era arrogante, orgulhoso e insolente.

Mas, quando passou para o outro assunto, depois de ter lido, com m ais atenção, o relato de acontecim entos que, se verdadeiros, j ogariam por terra toda a sua boa opinião de Mr. Wickham , e que aliás tinham um a sem elhança alarm ante com a história que Mr. Wickham contara a seu próprio respeito, os seus sentim entos cresceram em intensidade e se tornaram ainda m ais difíceis de definir. O

assom bro, a apreensão e até o horror a oprim iam . Ela se recusava a acreditar naquilo, exclam ando repetidam ente: “deve ser falso, não pode ser! É a m aior das m entiras!” E depois de ter percorrido toda a carta, em bora não se lem brasse de quase nada que tinha lido nas duas últim as páginas, Elizabeth pôs a carta de lado, dizendo a si m esm a que nunca m ais a leria. Nesse confuso estado de espírito, cheio de pensam entos que não repousavam em coisa algum a, continuou a andar, até que m eio m inuto depois, incapaz de resistir a um im pulso que se form ara nela, tornou a desdobrar a carta, e concentrando o m ais que podia a sua atenção, exigiu de si m esm a o esforço m ortificante de reler toda a parte que se referia a Wickham , pesando o sentido de cada frase. A história das suas

relações com a fam ília de Pem berley era exatam ente a que Wickham lhe tinha contado e a bondade do falecido Mr. Darcy , em bora até então não lhe conhecesse toda a extensão, concordava igualm ente com as suas palavras. Até este ponto as duas narrativas coincidiam ; m as quando ela chegou ao testam ento, a diferença era grande. Ainda tinha frescas na m em ória as palavras de Wickham ; era im possível, portanto, não sentir que havia um a grosseira duplicidade de um dos lados. E durante algum tem po ela teve a esperança de que a verdade coincidisse com os seus desej os. Mas depois de ler e reler com a m aior atenção os detalhes

que se seguiam im ediatam ente à desistência que Wickham fizera de todos os direitos ao posto, recebendo em troca a som a considerável de três m il libras, novam ente ela foi forçada a hesitar. Pesou cada circunstância com a m aior im parcialidade de que era capaz, calculou a probabilidade de cada afirm ação, tudo sem chegar a um resultado. De am bos os lados havia apenas afirm ações.

Tornou a ler. Mas cada linha provava m ais claram ente que a história, que a princípio achara im possível interpretar de m aneira a tornar a conduta de Mr.

Darcy m enos infam e, podia ser vista sob um aspecto que o inocentava inteiram ente. A extravagância e a dissolução que Mr. Darcy não hesitava em atribuir ao caráter de Mr. Wickham a feriam extrem am ente. E tanto m ais que não podia apresentar um a prova de que essas acusações eram inj ustas. Elizabeth nunca ouvira falar em Wickham antes da sua entrada na m ilícia do condado de..., na qual ele se engaj ara, obedecendo à sugestão de um rapaz que encontrara acidentalm ente em Londres. Nada se sabia no Hertfordshire a respeito da sua vida anterior, a não ser o que ele próprio tinha contado. Quanto ao seu caráter real, m esm o que tivesse m eios para isto, Elizabeth nunca sentira o desej o de fazer investigações a respeito. A sua figura, a sua voz, os seus m odos haviam sido suficientes para que lhe atribuísse todas as virtudes. Ela procurou se lem brar de algum exem plo de bondade, de algum

traço m arcante de integridade ou de benevolência que o pudesse salvar dos ataques de Mr. Darcy . Ou pelo m enos de um a virtude que prevalecesse sobre aquilo que o seu desafeto tinha descrito com o sendo ociosidade e vício e em que ela procurava ver apenas um a série de erros casuais. Mas não lhe foi possível encontrar nenhum a lem brança dessa natureza. Podia vê-lo instantaneam ente diante de si, com todo o encanto das suas boas m aneiras, m as não podia se lem brar de nenhum ato concreto de virtude que m erecesse a aprovação geral da sociedade e a consideração que ele desfrutava entre os oficiais. Depois de refletir consideravelm ente sobre este ponto, m ais um a vez recom eçou a ler. Mas, infelizm ente, a história que se seguia, relativa aos seus desígnios de raptar Miss Darcy , era confirm ada pela conversa havida entre ela própria e o coronel Fitzwilliam na m anhã anterior; e finalm ente Mr. Darcy havia apresentado o testem unho do coronel Fitzwilliam , a fim de que ela pudesse obter a confirm ação de cada detalhe da sua versão. Sabia por inform ação prévia do coronel que ele estava intim am ente ligado a todas as circunstâncias da vida do seu prim o, e não tinha nenhum m otivo para duvidar do seu caráter. Por um m om ento esteve quase resolvida a apelar para o coronel, m as esta ideia foi afastada, porque exigiria um a explicação em baraçosa, e porque sabia que Mr.

Darcy j am ais a teria sugerido se não se tivesse previam ente assegurado da colaboração do seu prim o.

Ela se lem brava perfeitam ente de toda a conversa que tivera com Mr. Wickham , na prim eira noite, em casa de Mr. Philips. Muitas das expressões que ele usara ainda estavam frescas na sua m em ória. Com preendia agora, de súbito, toda a

im propriedade que havia naquelas confidências a um a pessoa estranha, e espantou-se de nunca haver pensado nisto antes. Viu a indelicadeza daquela exibição e a incom patibilidade entre as suas afirm ações e a sua conduta.

Lem brava-se de que ele se gabara de não tem er um encontro com Mr. Darcy —

que Mr. Darcy poderia se m udar, caso se sentisse m al, m as ele não o faria. No entanto ele tinha se furtado de com parecer ao baile de Netherfield, na sem ana seguinte. Recordou-se tam bém de que, até o m om ento da partida da fam ília de Netherfield, ele se abstivera de contar a sua história para outra pessoa, m as em seguida fora discutida em todos os lugares; que ele não tivera então nenhum escrúpulo em denegrir o caráter de Mr. Darcy , apesar de lhe ter declarado que o respeito pela m em ória do pai sem pre o im pedira de acusar o filho.

Com o tudo lhe parecia agora diferente! Suas atenções para com Miss King eram a consequência de odiosas intenções puram ente m ercenárias. Mas o fato dessa m oça possuir apenas um a pequena fortuna não provava a m oderação dos desej os do pretendente, m as a avidez de se lançar sobre a prim eira oportunidade que lhe aparecesse. Quanto à sua atitude para com ela, Elizabeth, ou ele se enganara a respeito da sua fortuna ou agira por pura vaidade, encoraj ando um a preferência que ela tivera a im prudência de revelar. Todos os esforços de Elizabeth para j ustificá-lo se tornavam cada vez m ais fracos. E com o um a j ustificação adicional ao que dissera Mr. Darcy , não podia se esquecer do que dissera Mr. Bingley quando, inquirido por Jane, afirm ara a inocência do seu am igo na questão. As m aneiras de Mr. Darcy eram orgulhosas e desagradáveis, m as durante todo o curso das suas relações com ele e do contato frequente que ultim am ente haviam tido, concedendo-lhe um a espécie de intim idade, nunca presenciara nenhum fato que provasse que ele era inescrupuloso e inj usto ou que possuía hábitos irreligiosos ou im orais. Todos os seus am igos o prezavam , e até Wickham lhe havia reconhecido qualidades com o irm ão. Ouvira-o várias vezes falar afetuosam ente da sua irm ã, o que provava que ele era capaz de sentim entos ternos. Se os seus atos fossem tais com o Wickham os havia descrito, se houvesse violado tão brutalm ente todos os direitos, dificilm ente os poderia ter ocultado do m undo. E se ele fosse capaz de tam anha inj ustiça, não se explicaria a sua am izade com um hom em tão estim ável quanto Mr. Bingley . Elizabeth sentiu um a grande vergonha de si m esm a. Não podia pensar em Darcy nem em Wickham sem sentir

que ela tinha sido cega, parcial, inj usta e absurda. “Com o foi m esquinha a m inha conduta!”, exclam ou, “eu que m e orgulhava tanto do m eu discernim ento, da m inha habilidade! Eu, que tantas vezes desdenhei a generosa candura da m inha irm ã, e gratifiquei a m inha vaidade com inúteis e censuráveis desconfianças. Com o é hum ilhante esta descoberta! Mas com o é j usta esta hum ilhação! Eu não poderia ter agido m ais cegam ente se estivesse apaixonada!

Mas a vaidade, não o am or, foi a m inha loucura! Lisonj eada com a preferência de um a pessoa e ofendida com a negligência da outra, logo no início das nossas

relações cortej ei a parcialidade e a ignorância e expulsei a razão. Até este m om ento eu não conhecia a m inha verdadeira natureza.”

Enquanto o seu pensam ento ia de si m esm a para Jane e de Jane para Bingley , logo lhe ocorreu a ideia de que a explicação de Mr. Darcy quanto àquele ponto lhe parecera m uito insuficiente. E ela leu novam ente. Muito diferente foi o efeito desta segunda leitura. Com o dar valor às afirm ações de Mr. Darcy em um ponto e lho negar no outro? Ele declarava que nem de longe suspeitava da afeição de sua irm ã. E Elizabeth não podia deixar de se lem brar da opinião constante de Charlotte. Nem tam pouco podia negar que fosse j usta a sua descrição de Jane.

Ela sabia que Jane, em bora capaz de fervor nos seus sentim entos, pouco os exteriorizava. E que havia sem pre nas suas m aneiras um a placidez que raram ente se encontra unida a um a grande sensibilidade.

Quando chegou ao lugar da carta em que a sua fam ília era m encionada, em term os m ortificantes, porém m erecidos, ficou profundam ente envergonhada. No entanto, a j ustiça daquela afirm ação era inegável e as circunstâncias que ele m encionava, particularm ente as que se referiam ao baile de Netherfield, confirm ando as suas prim eiras im pressões desfavoráveis, não haviam causado um a im pressão m ais forte na m ente dele do que na sua.

Elizabeth não ficou insensível ao elogio com que Darcy a gratificara, bem com o à sua irm ã. E esse elogio suavizava a sua m ortificação, m as não com pensava o desprezo que o resto da sua fam ília atraíra pela sua conduta. E ao refletir que o desapontam ento de Jane tinha sido de fato causado pelos seus parentes m ais próxim os, cuj a extravagância prej udicava a reputação de am bas, ela se sentiu deprim ida com o nunca anteriorm ente se sentira.

Depois de passear pela alam eda durante duas horas, entregando-se a toda espécie de pensam entos, relem brando acontecim entos, determ inando probabilidades e reconciliando-se da m elhor form a que podia a um a m udança tão súbita e tão im portante, o cansaço e a lem brança de que ficara m uito tem po ausente fizeram com que voltasse para casa; e ao entrar fez um esforço sobre si m esm a, a fim de parecer alegre com o de costum e, reprim indo todas a reflexões que a poderiam tornar inapta para a conversação.

Disseram -lhe im ediatam ente que os dois cavalheiros de Rosings tinham aparecido durante a sua ausência, Mr. Darcy apenas durante alguns m inutos para se despedir, m as o coronel Fitzwilliam ficara pelos m enos um a hora, esperando pelo seu regresso, e quase resolvera sair a pé para ir procurá-la. Elizabeth fingiu que isto lhe produzia um a grande decepção; m as na verdade ela se alegrava. O

coronel Fitzwilliam tinha perdido todo o interesse; ela só podia pensar na carta.

37

Os dois prim os partiram de Rosings na m anhã seguinte, e Mr. Collins, que tinha ido esperá-los perto da casa do vigia para apresentar as suas despedidas, voltou pouco depois, trazendo a boa notícia de que eles pareciam estar de m uito boa saúde e relativam ente de bom hum or, apesar da cena m elancólica que se tinha passado em Rosings. Mr. Collins então se dirigiu apressadam ente para Rosings, a fim de consolar Lady Catherine e sua filha e, de volta, trouxe, com grande satisfação, um recado de Lady

Catherine: ela se sentia tão entediada que desej ava vê-los todos em sua casa para j antar.

Elizabeth não pôde deixar de se lem brar, ao ver Lady Catherine, de que se o tivesse desej ado, poderia agora ser-lhe apresentada com o a sua futura sobrinha, e sorriu ao im aginar a indignação com que Sua Senhoria receberia a notícia.

O prim eiro assunto abordado foi a dim inuição que sofrera o grupo de Rosings.

— Asseguro-lhes que sinto m uito — disse Lady Catherine —, creio m esm o que ninguém sinta tanto a ausência dos am igos quanto eu. Sou m uito ligada àqueles rapazes e sei que tam bém gostam m uito de m im . Ficaram tristíssim os de partir, e todos os anos acontece o m esm o. O coronel conseguiu dom inar os seus sentim entos até o fim , m as Darcy parecia estar consternado. Mais do que no ano passado. Vê-se que ele gosta cada vez m ais de Rosings.

Mr. Collins aproveitou a ocasião para fazer um elogio, que foi recebido com um sorriso pela m ãe e pela filha.

Lady Catherine observou depois do j antar que Miss Bennet parecia m elancólica.

E atribuindo im ediatam ente esta tristeza à proxim idade da sua partida, acrescentou:

— Mas se este é o caso, escreva à sua m ãe pedindo-lhe para ficar m ais um pouco. Estou certa de que Mrs. Collins terá grande prazer em ter por m ais tem po a sua com panhia.

— Eu lhe fico m uito agradecida pelo seu am ável convite — replicou Elizabeth

—, m as infelizm ente não posso aceitar. Preciso estar em Londres no sábado vindouro.

— Mas neste caso só terá ficado aqui seis sem anas. Contava que perm anecesse pelo m enos dois m eses. Foi o que eu disse a Mrs. Collins antes da sua vinda. Não pode haver m otivo para um a partida tão prem atura. Mrs. Bennet lhe concederia outros 15 dias.

— Mas m eu pai não o faria. Ele m e escreveu na sem ana passada, dizendo que apressasse a m inha volta.

— Oh, se sua m ãe deixa, seu pai tam bém deixará. Um a filha nunca é m uito necessária para um pai. E se quiser ficar m ais um m ês, eu poderei levá-la com igo até Londres. Preciso de ir lá em com eço de j unho. Dem orar-m e-ei um a sem ana e na m inha carruagem haverá espaço para um a de vocês. E até, se o

tem po estiver frio, poderiam ir as duas, pois am bas são m agrinhas.

— Muito m e desvanece a sua bondade, Lady Catherine, m as creio que serei obrigada a seguir o m eu plano anterior.

Lady Catherine pareceu ficar resignada.

— Mrs. Collins — disse —, é preciso que m ande um a criada com elas. Sabe que eu sem pre falo o que penso. Eu não posso tolerar a ideia de duas m oças viaj arem sozinhas na diligência. É m uito im próprio. É preciso que m ande um a pessoa. São coisas que eu não suporto. As m oças devem sem pre ser acom panhadas e protegidas, de acordo com a sua situação na vida. Quando m inha sobrinha Georgiana foi para Ram sgate no verão passado, fiz questão que dois criados hom ens a acom panhassem . Miss Darcy , a filha de Mr. Darcy de Pem berley e de Lady Anne, não poderia viaj ar de m aneira diferente. Dou m uita atenção a estas coisas. Mrs. Collins, m ande John acom panhar as m oças. Estou satisfeita de m e ter lem brado disto, pois seria pouco recom endável para o senhor m andá-las sozinhas.

— Meu tio vai m andar um criado para nos acom panhar.

— Oh, o seu tio... Ele tem um criado? Ainda bem que tem alguém na sua fam ília que pense nestas coisas. Onde trocarão os cavalos? Oh, Brom ley , naturalm ente.

Se falarem lá no m eu nom e, serão m uito bem -servidas.

Lady Catherine fez m uitas outras perguntas a respeito da viagem . E com o ela própria não respondia a todas, era necessário prestar atenção, coisa que Elizabeth apreciou, pois de outra m aneira, com as preocupações que a absorviam , ela poderia até se esquecer do lugar onde estava. Era necessário deixar suas reflexões para as horas solitárias. Sem pre que se encontrava sozinha, entregava-se a elas com alívio. E todos os dias saía a passeio sozinha, para poder se dar ao consolo de recordar as coisas desagradáveis.

Dentro de pouco tem po j á sabia a carta de Mr. Darcy quase de cor. Estudava cada frase, e os seus sentim entos para com o m issivista variavam frequentem ente. Quando se lem brava do seu estilo, ficava cheia de indignação, m as quando considerava a inj ustiça com que o tinha condenado e tratado, a sua cólera se voltava contra si m esm a. Enquanto o desapontam ento que ele tinha sofrido o tornava obj eto de sua com paixão, o afeto de Mr. Darcy despertava a sua gratidão, e o caráter dele, respeito. Mas Elizabeth não podia concordar com o que tinha feito. Nem podia arrepender-se da sua recusa. Tam pouco sentia a m enor vontade de vê-lo. A sua conduta passada era um a fonte constante de am arguras e de ressentim entos. E os infelizes defeitos da sua própria fam ília eram um m otivo ainda m ais forte de aborrecim ento. Eram falhas irrem ediáveis.

Seu pai se lim itava a rir e nunca faria nenhum esforço para corrigir as leviandades das suas filhas m ais m oças, e sua m ãe, cuj as m aneiras não eram m uito m elhores, continuava naturalm ente insensível a esse m al. Elizabeth frequentem ente reunia os seus esforços aos de Jane, num a tentativa de reprim ir

as im prudências de Katherine e de Ly dia. Mas fortalecidas pela indulgência da m ãe, elas resistiam e não havia esperança de m

elhorarem . Katherine, espírito im pressionável e fraco, com pletam ente sob o dom ínio de Ly dia, sem pre tom ava a m al os conselhos das suas irm ãs m ais velhas, e Ly dia, voluntariosa e descuidada, nem sequer lhes dava ouvidos. Am bas eram ignorantes, indolentes e vaidosas. Enquanto existisse um oficial em Mery ton, elas continuariam a nam orar. E enquanto Mery ton ficasse a um a m ilha de distância de Longbourn, viveriam em cam inhadas para lá. Outra das suas m aiores preocupações era o futuro de Jane. A explicação de Mr. Darcy , inocentando Bingley , realçava o valor daquilo que Jane tinha perdido e dem onstrava a sinceridade da sua afeição.

E sua conduta ficava livre de toda censura, a não ser, talvez, a de um a dem asiada confiança em seu am igo. Com o era triste, pois, pensar que Jane fora privada de um a situação tão desej ável, tão cheia de vantagens e de prom essas de felicidade, pela extravagância e loucura da sua própria fam ília! Quando a essas recordações se acrescentava a decepção que sofrera com Wickham , era fácil acreditar que a coragem e o bom hum or de Elizabeth, tão difícil de se reprim ir, estavam agora tão afetados que lhe era quase im possível m anter com as outras pessoas o m esm o tom de antigam ente.

Os convites para Rosings foram tão frequentes durante a últim a sem ana com o durante a prim eira. A últim a noite foi passada lá. E Lady Catherine tornou a se inform ar m inuciosam ente de todos os detalhes da viagem . Deu conselhos sobre a m elhor m aneira de fazer as m alas e insistiu tanto na necessidade de em pacotar direito os vestidos, que de volta Maria se sentiu obrigada a desfazer todo o trabalho da m anhã e fazer novam ente a sua m ala.

Quando se despediram , Lady Catherine, com grande am abilidade, desej ou um a boa viagem . Convidou-as a voltarem a Hunsford no ano seguinte. E Miss de Bourgh levou a sua benevolência ao ponto de fazer um a reverência e estender a m ão a am bas.

Sábado de m anhã, Elizabeth e Mr. Collins se encontraram para a prim eira refeição, alguns m inutos antes dos outros aparecerem . E ele aproveitou a oportunidade para apresentar as suas despedidas com todas as form alidades que j ulgava indispensáveis.

— Não sei, Miss Elizabeth — disse ele —, se Mrs. Collins j á lhe exprim iu os seus sentim entos de gratidão pela visita que nos fez. Mas estou certo de que não deixará esta casa sem receber todos os seus agradecim entos. Asseguro-lhe que o privilégio da sua com panhia foi m uito apreciado. Sei que a nossa hum ilde casa possui poucos atrativos, a nossa m aneira sim ples de viver, a exiguidade dos nossos côm odos, o pequeno núm ero dos nossos criados e o pouco que vem os do m undo devem tornar Hunsford um a residência extrem am ente aborrecida para um a m oça. Mas espero que acreditará que tenham os feito tudo em nosso poder para que não passasse o seu tem po de um a m aneira pouco agradável e que a nossa gratidão sej a sincera.

Elizabeth respondeu, exprim indo-lhe os seus calorosos agradecim entos e assegurando-lhe que tinha sido m uito feliz. Tinha passado seis sem anas m uito agradáveis. O prazer de estar com Charlotte e as grandes atenções que tinha recebido faziam com que fosse ela que estivesse na obrigação de apresentar agradecim entos. Mr. Collins ficou satisfeito e replicou com solenidade, sorridente:

— Dá-m e a m aior alegria saber que não passou o seu tem po de um a m aneira desagradável. Fizem os tudo o que estava ao nosso alcance. E tivem os a felicidade de ter podido apresentá-la à m ais alta sociedade. E graças às nossas relações com Rosings, tivem os m eios de variar frequentem ente a hum ilde cena dom éstica. Penso portanto que podem os nos gabar de que a sua visita a Hunsford não foi cansativa para a senhora. Nossa situação relativam ente à fam ília de Lady Catherine é realm ente um a dessas extraordinárias vantagens de que poucos se podem gabar. Viu a intim idade que tem os e os convites frequentes que recebem os. Na verdade é preciso reconhecer que apesar de todos os inconvenientes desta hum ilde reitoria não penso que os seus hóspedes possam ser um

obj eto de com paixão, enquanto com partilham da nossa intim idade com Rosings.

As palavras eram insuficientes para traduzir a elevação dos seus sentim entos. E

na sua agitação ele se pôs a cam inhar de um lado para outro na sala, enquanto Elizabeth procurava um as frases curtas que pudessem servir ao m esm o tem po à verdade e à cortesia.

— Creio que poderá levar um relato m uito favorável a nosso respeito para o Hertfordshire, m inha cara prim a — continuou. — Presenciou as grandes atenções com que Lady Catherine cum ula Mrs. Collins quase todos os dias; e

espero que se tenha tornado evidente que a sua am iga não fez m á... Mas sobre este ponto é m elhor silenciar. Deixe apenas que eu lhe assegure, m inha cara Miss Elizabeth, que eu lhe desej o do fundo do coração um a felicidade igual no casam ento. Minha cara Charlotte e eu só tem os um espírito e um pensam ento.

Existe sob todos os aspectos entre nós um a notável sem elhança de caráter e de ideias. Parece que nascem os um para o outro.

Elizabeth afirm ou, aliás com razão, que isto era um a grande felicidade e com igual sinceridade acrescentou que acreditava firm em ente na sua felicidade dom éstica, coisa que m uito a alegrava. Não se aborreceu contudo por ter de interrom per a sua frase devido à entrada da pessoa cuj a felicidade com entavam .

Pobre Charlotte! Era triste deixá-la em tal com panhia. No entanto, não se podia deixar de reconhecer que ela escolhera de olhos abertos. E em bora triste porque os seus hóspedes iam em bora, não parecia agora querer solicitar a sua com paixão. A casa, os trabalhos dom ésticos, a paróquia, a sua criação de aves dom ésticas e todos os dem ais trabalhos ainda não tinham perdido o seu encanto.

Finalm ente a carruagem chegou, as m alas foram am arradas, os em brulhos levados para o interior e foi-lhes anunciado que tudo estava pronto. Depois de um a despedida afetuosa, Elizabeth foi levada até a carruagem por Mr. Collins e, enquanto cam inhavam pelo j ardim , ele a encarregava de levar os seus m ais respeitosos cum prim entos para a fam ília, sem se esquecer dos seus agradecim entos pelas atenções que recebera em Longbourn quando lá estivera e as suas saudações para Mr. e Mrs. Gardiner, em bora não os conhecesse. Então ele a aj udou a subir para a carruagem . Maria acom panhou-a e a porta estava a ponto de ser fechada quando de súbito ele lem brou que elas se tinham esquecido de deixar qualquer m ensagem para as senhoras de Rosings. Naturalm ente, acrescentou, desej arão que eu transm ita os seus hum ildes respeitos com os seus m ais cordiais agradecim entos pelas bondades de que foram obj eto enquanto aqui m oraram . Elizabeth não fez obj eção a isto. A porta pôde ser fechada finalm ente e a carruagem se afastou.

— Arre! — exclam ou Maria, depois de alguns m inutos de silêncio. — Parece que chegam os ontem . E no entanto quanta coisa aconteceu!

— Muita coisa de fato — concordou Elizabeth, com um suspiro.

— Jantam os nove vezes em Rosings e tom am os chá duas vezes lá. Quanta coisa terei para contar!

Elizabeth acrescentou consigo: e quanta coisa eu terei que esconder! A viagem decorreu sem m uita conversação e sem nenhum incidente. Quatro horas depois de terem saído de Hunsford, chegaram à casa de Mr. Gardiner, onde deviam passar alguns dias.

Jane tinha boa aparência e entre os vários divertim entos que a sua tia tivera a bondade de organizar para as m eninas, Elizabeth teve pouca oportunidade de observar as disposições da sua irm ã. Mas Jane devia regressar com ela, e em

Longbourn teria oportunidade de observá-la detidam ente. Não foi sem esforço entretanto que ela esperou até Longbourn para contar à sua irm ã as propostas de Mr. Darcy . Sabia que estava em seu poder fazer um a revelação que assom braria Jane e viria agradar ao m esm o tem po o que lhe restava de vaidade. Era um a tentação a que nada se poderia opor senão o estado de indecisão em que ela se encontrava sobre a quantidade exata de fatos que deveria revelar e o m edo de ter que repetir certas coisas a respeito de Bingley que poderiam ferir Jane ainda m ais.

39

Foi na segunda sem ana de m aio que as três m oças partiram j untas de Gracechurch Street para a cidade de... no Hertfodshire. E ao se aproxim arem do lugar em que a carruagem de Mr. Bennet as devia encontrar, elas avistaram , com o garantia da pontualidade do cocheiro, Kitty e Ly dia num a das j anelas de cim a de um a hospedaria. Havia um a hora essas duas m eninas esperavam naquele lugar, fazendo visitas frequentes a um a m odista em frente, para passar o tem po, observando a sentinela de plantão e preparando um m olho para a salada.

Depois de dar as boas-vindas às suas irm ãs, elas exibiram um a m esa posta com as várias espécies de carnes frias que tinham conseguido encontrar no guarda-com ida da hospedaria.

— Então, que tal, não está bem , não é um a surpresa agradável?

— E nós convidam os vocês todas — acrescentou Ly dia. — Mas é preciso que nos em prestem dinheiro, pois gastam os tudo naquela loj a ali defronte.

Em seguida, m ostrando as com pras que tinha feito:

— Olha, com prei este chapéu. Não acho que sej a m uito bonito, m as achei que era m elhor com prar do que não com prar. Vou desm anchá-lo assim que chegar em casa e ver se eu posso fazer um a coisa m elhor.

E quando as suas irm ãs disseram que era m uito feio, ela acrescentou, com perfeita indiferença:

— Oh, m as havia dois ou três ainda m ais feios na loj a. E depois que eu com prar um bonito cetim para enfeitá-lo, ele vai ficar tolerável. Além disso não tem m uita im portância a roupa que a gente usar este verão, pois o regim ento vai sair de Mery ton daqui a 15 dias.

— Ah, vai? — exclam ou Elizabeth, com a m aior despreocupação.

— Eles vão acam par perto de Brighton. Eu queria tanto que papai nos levasse até lá para passar o verão... Seria um ótim o plano. Creio que não custaria nada e m am ãe, principalm ente, ficaria encantada de ir. Pensa só que verão m iserável nós teríam os se ficássem os aqui.

“Sim ”, pensou Elizabeth, “isto seria realm ente um proj eto estupendo. Im agina estas m eninas lá em Brighton, com o acam pam ento cheio de soldados. Elas que j á ficaram de cabeça virada com um pobre regim ento de m ilícia e um baile m ensal em Mery ton.”

— Agora tenho outras novidades para você — disse Ly dia ao se sentar à m esa.

— Im agina só: é um a notícia excelente. E é sobre um a pessoa de que todas gostam os m uito.

Jane e Elizabeth olharam um a para a outra. O garçom foi inform ado de que podia ir em bora. Ly dia pôs-se a rir e disse:

— É engraçada esta sua form alidade e discrição. Você achou que o garçom não devia ouvir, com o se ele se im portasse com isto. Ele deve ter ouvido coisas m uito

piores do que o que eu vou dizer; m as é um suj eito tão feio, foi bom m esm o ter ido em bora. Nunca vi um queixo tão com prido na

m inha vida. Bem , agora passem os às novidades. São acerca do nosso caro Wickham . Bom dem ais para o garçom , não é? Não há perigo de Wickham se casar com Mary King. Ela foi m orar com um tio em Liverpool, definitivam ente. Wickham está salvo.

— E Mary King está salva — acrescentou Elizabeth. — Salva de um casam ento im prudente, só pelo lado pecuniário.

— Ela é um a grande tola de partir, se gosta dele.

— Mas espero que não haj a um a paixão m uito forte de am bos os lados, — disse Jane.

— Estou certa de que não há do lado dele. Garanto que nunca se im portou com ela. Quem pode se interessar por um a bobinha daquelas? Além disso tem o rosto cheio de sardas.

Elizabeth pensou, com certa am argura, que em bora ela fosse incapaz de se exprim ir com tanta brutalidade, aqueles sentim entos não eram m enos grosseiros do que os que ela m esm a tinha abrigado anteriorm ente no seu coração e que ainda por cim a pensara fossem generosos.

Depois que todas tinham com ido, as m ais velhas pagaram a despesa e as m eninas m andaram cham ar a carruagem ; instaladas todas as m alas, caixas e em brulhos, além dos obj etos que Kitty e Ly dia tinham com prado, todas tom aram os seus respectivos assentos.

— Com o vam os apertadas! — gritou Ly dia. — Estou contente de ter com prado o m eu chapéu. Só pelo prazer de ter ainda m ais um a caixa. Bem , agora vam os ficar à vontade, conversar e rir até chegar em casa. Em prim eiro lugar, contem tudo o que aconteceu a vocês desde que saíram de casa. Conheceram rapazes agradáveis? Arranj aram algum nam orado? Eu tinha esperanças que um a de vocês arranj asse um m arido. Jane daqui a pouco vai ficar solteirona. Ela tem quase 23 anos! Eu ficaria envergonhadíssim a se não m e casasse antes disto!

Minha tia Philips quer que você arranj e um m arido, você nem im agina! Ela disse que Lizzy devia ter aceitado Mr. Collins. Mas acho que isto não teria graça nenhum a. Bem que eu gostaria de m e casar antes de vocês. Eu serviria de pau de cabeleira para vocês em todos os bailes. Nós nos divertim os tanto, no outro dia, em casa do coronel Forster... Kitty e eu fom os passar o dia lá. Entre parênteses, Mrs. Forster e eu som os am icíssim as. Então ela convidou as duas Harrigton, m as Harriet estava doente, e portanto Pen foi obrigada a vir sozinha. Sabem o que nós fizem os? Vestim os o Cham berlay ne com roupas de m ulher. Foi engraçadíssim o.

Ninguém sabia, só o coronel, Mrs. Forster, eu e tam bém m inha tia, pois fom os obrigadas a pedir em prestado um vestido dela. E você não im agina com o ele ficou bem ! Quando Denny , Wickham , Prett e dois ou três m ais chegaram , nenhum deles o reconheceu. Eu m orria de tanto rir. Mrs. Forster tam bém . Rim os tanto que eles ficaram desconfiados e descobriram então do que é que se tratava.

Com histórias deste gênero e diversas anedotas, procurou Ly dia, auxiliada pelas sugestões de Kitty , distrair as suas com panheiras durante todo o cam inho até Longbourn. Elizabeth ouviu o m enos que pôde. Mas a sua atenção era despertada pelas frequentes alusões ao nom e de Wickham .

A recepção em casa foi das m ais afetuosas. Mrs. Bennet ficou satisfeita de ver Jane bonita com o sem pre. E m ais um a vez durante o j antar, Mr. Bennet disse espontaneam ente para Elizabeth:

— Estou contente que você tenha voltado, Lizzy .

O grupo que se sentou para j antar era grande, pois quase todos os Lucas tinham vindo para rever Maria e ouvir as novidades. Vários foram os assuntos que os ocuparam . Lady Lucas atirava perguntas a Maria, que estava do outro lado da m esa, acerca da prosperidade e das aves dom ésticas da sua filha m ais velha.

Mrs. Bennet estava duplam ente ocupada. De um lado indagava quais eram as novidades da m oda e repetia essas inform ações para as filhas m ais m oças dos Lucas; e Ly dia, num a voz m ais alta do que a de qualquer outra pessoa, enum erava os vários acontecim entos da m anhã para todos os que desej assem ouvir.

— Oh, Mary — disse ela —, eu queria que você tivesse vindo conosco, pois nos divertim os im ensam ente. Durante o cam inho Kitty e eu fecham os todas as cortinas do carro e fingim os que não ia ninguém lá dentro. Teríam os continuado assim até chegar, m as Kitty ficou enj oada. E quando chegam os à hospedaria, acho que nos com portam os m uito bem , pois regalam os as outras três com o m elhor alm oço frio do m undo, e se você tivesse ido, tam bém teríam os convidado você. E depois, na volta, tam bém foi m uito divertido. Eu pensei que nunca iríam os caber naquele carro. Quase m orri de tanto rir. Falam os e rim os tão alto que qualquer pessoa nos ouviria a dez m ilhas de distância.

Mary replicou, gravem ente:

— Longe de m im depreciar tais prazeres, m inha cara irm ã; são os que m elhor se enquadram geralm ente nos tem peram entos fem ininos. Mas confesso que não têm encantos para m im . Prefiro infinitam ente um bom livro.

Ly dia não ouviu nem um a só palavra desta resposta. Ela não dava atenção a ninguém durante m ais de m eio m inuto. E nunca ouvia o que Mary dizia.

De tarde Ly dia insistiu com o resto das m eninas para que fossem todas a Mery ton saber das novidades; m as Elizabeth se opôs firm em ente a esse plano.

Não se deveria dizer que as irm ãs Bennet não podiam ficar um dia em casa sem ir correndo atrás dos oficiais. Havia tam bém outro m otivo para esta oposição.

Ser-lhe-ia extrem am ente penoso encontrar-se com Wickham e estava resolvida a evitá-lo o m ais que pudesse. A próxim a partida do regim ento era um im enso consolo para ela. Daí a 15 dias partiriam os oficiais e esperava ficar livres deles para sem pre.

Poucas horas depois de chegar em casa, Elizabeth descobriu que o plano de

Brighton a que Ly dia aludira na hospedaria estava frequentem ente em discussão entre os seus pais. Viu im ediatam ente que o seu pai não tinha a m enor intenção de ceder. Mas as suas respostas eram ao m esm o tem po tão vagas e equívocas que sua m ãe, em bora m uitas vezes desanim ada, ainda não tinha perdido as esperança de triunfar afinal.

40

Elizabeth não conseguiu refrear por m ais tem po a im paciência em que estava para contar a Jane o que tinha acontecido. E afinal, resolvendo om itir todos os detalhes que dissessem respeito à sua irm ã, e prevenindo-a de que ia ficar surpresa, contou-lhe na m anhã seguinte a m aior parte da cena que se tinha passado entre Mr. Darcy e ela própria.

A surpresa de Miss Bennet a princípio foi grande, m as aos poucos com eçou a achar natural o que tinha acontecido, pois j ulgava que todos deviam com partilhar a adm iração que sentia por Elizabeth. Era realm ente lam entável que Mr. Darcy tivesse m anifestado os seus sentim entos de um a form a que os recom endava tão pouco. Mas o que m ais a entristeceu foi o desgosto que a recusa de sua irm ã lhe devia ter causado.

— A certeza que ele tinha do seu êxito era falsa — disse Jane. — E sobretudo não devia ter transparecido. Mas não se esqueça de que isto torna ainda m ais cruel o seu desapontam ento.

— Realm ente — disse Elizabeth —, eu sinto m uito por ele. Mas Mr. Darcy tem outros sentim entos que provavelm ente expulsarão

dentro de m uito pouco tem po a adm iração que tem por m im . Mas você não m e censura por tê-lo recusado?

— Censurar você? Oh, não...

— Mas você m e censura por ter tom ado tão a peito o partido de Wickham ?

— Não, não sei o que haveria de errado no que você disse.

— Mas você saberá, depois que lhe contar o que aconteceu no dia seguinte.

Elizabeth falou então na carta, repetindo tudo o que ela continha, na parte que se referia a George Wickham . Foi um grande choque para a pobre Jane, que de bom grado passaria pelo m undo sem saber que existia nele todo tanta m aldade, com o a que se concentrava aqui num só indivíduo. Nem m esm o a j ustificação de Darcy , grata aos seus sentim entos, era suficiente para a consolar de um a tal descoberta. Com a m aior seriedade, Jane procurou provar que havia um a possibilidade de erro, tentando inocentar um deles sem acusar o outro.

— Isto não pode ser — disse Elizabeth —; você nunca conseguirá fazer com que am bos tenham razão. Faça a sua escolha, m as é preciso que se contente com um deles. As qualidades dos dois reunidas chegam apenas para fazer um hom em bom . Ultim am ente as situações se têm invertido várias vezes. Quanto a m im estou inclinada a acreditar em Mr. Darcy , m as você pode escolher o que quiser.

Passou-se algum tem po, entretanto, antes que um sorriso aparecesse no rosto de Jane.

— Não m e lem bro j am ais de ter sofrido um tão grande desapontam ento — disse ela. — Wickham é tão ruim assim ? É quase inacreditável! E coitado de Mr.

Darcy ... Pensa, Lizzy , em tudo o que ele deve ter sofrido. Que decepção! E ficou sabendo o que você pensa dele... E ter de contar um a coisa daquelas da sua

própria irm ã! É realm ente m uito triste. Creio que você deve sentir a m esm a coisa.

— Oh, não, m inha com paixão e m eu arrependim ento se dissipam quando vej o você toda cheia dos m esm os sentim entos! Tenho tanta certeza que você lhe fará toda a j ustiça, que cada vez m e sinto m ais despreocupada e indiferente. A sua generosidade dispensa a m inha. E se você continuar a lam entá-lo m uito m ais tem po, m eu coração ficará tão leve com o um a pena.

— Pobre Wickham ! O rosto dele exprim e tanta bondade... Suas m aneiras são tão francas e am áveis...

— Houve certam ente um grande erro na educação desses dois rapazes. Um tem todas as qualidades e outro todas as boas aparências.

— Eu nunca achei que as aparências de Mr. Darcy eram tão m ás assim .

— E no entanto, ao tom ar partido tão violentam ente contra ele, sem nenhum a razão, eu m e vangloriava da m inha agudeza. Um a antipatia tão forte com o a que eu tinha por ele é um grande incentivo para a inteligência e para a ironia. A gente pode falar m al de um hom em continuam ente, sem nada exprim ir de j usto, m as não se pode rir a vida inteira de alguém , sem de vez em quando se esbarrar num a coisa espirituosa.

— Lizzy , estou certa de que quando leu a carta pela prim eira vez não encarava as coisas do m esm o m odo.

— Realm ente, eu não podia. Estava m uito perturbada. Posso dizer até infeliz. E

depois eu não tinha ninguém com quem falar, não tinha Jane para m e consolar, assegurando-m e que eu não tinha sido tão fraca e leviana quanto eu sabia que realm ente fora. Oh, com o eu desej ava que você estivesse j unto de m im .

— Foi pena que você tenha usado de expressões tão fortes falando de Wickham para Mr. Darcy . Pois agora vê-se claram ente que foram im erecidas.

— Certam ente. Mas a infelicidade de falar am arguradam ente é um a consequência natural da parcialidade de que m e tinha tornado culpada. Há um ponto sobre o qual eu quero o seu conselho. Quero saber se devo ou não revelar aos nossos conhecidos qual é o caráter real de Wickham .

Miss Bennet fez um a pequena pausa e depois respondeu:

— Acho que não há m otivo para um a tão terrível denúncia. Que pensa você?

— Acho que isto não deve ser feito. Mr. Darcy não m e autorizou a tornar públicas as suas declarações; pelo contrário, ele m e recom endou que guardasse exclusivam ente para m im todos os detalhes relativos à sua irm ã. E se eu não m encionar este fato central, quem m e acreditará? A m á vontade geral contra Mr. Darcy é tão violenta que m etade dos habitantes de Mery ton m orreria se eu tentasse colocá-lo sob um a luz m ais favorável. Não tenho forças para isto.

Wickham dentro em pouco partirá. E portanto, pouco im porta que ninguém aqui saiba o que ele é realm ente. Algum dia será descoberto, e então nós poderem os rir da estupidez dos outros por não terem adivinhado há m ais tem po. No

m om ento eu não direi nada.

— Tem toda a razão. Se denunciarm os publicam ente os seus erros, podem os arruinar a sua vida para sem pre. Talvez estej a

arrependido do que fez e ansioso em refazer a sua reputação. Não devem os fazê-lo desesperar.

Esta conversação aj udou Elizabeth a pôr em ordem os seus tum ultuosos pensam entos. Ela se tinha libertado de dois segredos que lhe haviam pesado durante 15 dias. Tinha a certeza de que Jane a tornaria a ouvir com a m esm a boa vontade, quando desej asse falar novam ente. Mas ainda havia outra coisa que se escondia na som bra e que a prudência de Elizabeth im pedia de desvendar. Não ousava relatar a Jane a outra m etade da carta de Mr. Darcy , nem lhe revelar que Bingley correspondera sinceram ente ao seu afeto. Aí estava um segredo que ninguém podia com partilhar. E ela com preendia que só o restabelecim ento da m ais perfeita com preensão entre eles poderia desobrigá-la desse silêncio. E

refletiu que se este acontecim ento tão pouco provável ocorrese, tudo o que poderia fazer era repetir o que o próprio Bingley diria de um a form a m uito m ais agradável. “Só ficarei livre desse segredo”, pensou Elizabeth, “quando ele tiver perdido todo o valor.”

Agora, instalada em casa, tinha toda a oportunidade de observar o estado real dos sentim entos de sua irm ã. Jane não estava feliz. Ela conservava m uito viva a sua afeição por Bingley . Com o nunca anteriorm ente ela se im aginara apaixonada, esses sentim entos tinham todo o calor e toda a frescura do prim eiro am or, e devido ao seu caráter e idade, m aior firm eza do que essas prim eiras paixões em geral possuem . Cultuava com tanto fervor a lem brança de Bingley e de tal m odo o preferia a qualquer outro hom em , que precisava lançar m ão de todo o seu bom senso e de toda a sua consideração dos sentim entos alheios para dom inar aquelas tristezas que poderiam se tornar prej udiciais para a sua própria saúde e para a tranquilidade dos seus am igos.

— Bem — disse Mrs. Bennet um dia para Elizabeth —, que é que você pensa agora desse insucesso de Jane? Quanto a m im , estou decidida a não falar m ais nisto com ninguém . Foi o que disse à m inha irm ã Philips no outro dia. Mas eu não consigo saber se Jane se avistou com ele em Londres. Bem , é um rapaz m uito pouco m

erecedor. E não creio que haj a a m enor probabilidade de Jane reavê-lo.

Nada se fala a respeito da sua volta a Netherfield no verão. Eu j á indaguei de todas as pessoas que poderiam saber.

— Eu creio m esm o que nunca virá a Netherfield.

— Ah, bem , ele fará o que quiser. Ninguém desej a que volte. Mas eu continuaria a dizer que foi m uito desleal para com a m inha filha. E se eu fosse ela, não teria suportado isto; m as o m eu consolo é que Jane m orrerá de desgosto. E ele então se arrependerá do que fez.

Mas com o Elizabeth não via nenhum consolo neste prognóstico, nada respondeu.

— Bem , Lizzy — continuou a sua m ãe, pouco depois. — Os Collins vivem lá

m uito confortavelm ente, não é? Bem , bem , eu só desej o que isto dure. E com o é a m esa deles? Charlotte é um a excelente dona de casa. Se é tão econôm ica quanto a m ãe, deve estar pondo dinheiro de lado. Não há extravagância nenhum a na casa dos pais dela.

— Não, nenhum a.

— A boa adm inistração de um a casa depende principalm ente disto. Sim , sim , aqueles não correm o risco de gastar m ais do que têm . Nunca terão atrapalhações de dinheiro. Bem , que sej am felizes. E naturalm ente fazem m uitos planos a respeito de Longbourn depois que o seu pai m orrer, não? Já consideram isto naturalm ente com o um a propriedade sua.

— Foi um assunto que nunca m encionaram na m inha frente.

— Mas tam bém era só o que faltava. Mas não tenho a m enor dúvida de que falam nisto constantem ente entre si. Bem , se a consciência não lhes dói, tanto m elhor para eles. Eu teria vergonha de herdar um a propriedade que não fosse m inha, legalm ente.

41

Tinha passado a prim eira sem ana depois do regresso das m eninas. A segunda com eçou. Chegara o dia da partida do regim ento de Mery ton. E todas as m oças da redondeza definhavam de desgosto. A tristeza era geral. Apenas as duas m ais velhas da fam ília Bennet conseguiam ainda com er, beber, dorm ir e passar o seu tem po com o de costum e. Frequentem ente recebiam adm oestações de Kitty e Ly dia por causa daquela insensibilidade. O desgosto daquelas duas era extrem o.

Elas não podiam com preender tam anha dureza de coração.

— Que é que nós vam os fazer? — exclam avam frequentem ente, im pelidas pela sua am argura. — Com o é que você pode se m ostrar tão sorridente, Lizzy ?

Mrs. Bennet, que era um a m ãe afetuosa, com partilhava a tristeza das filhas.

Recordava-se do que tinha sofrido há 25 anos.

— Eu m e lem bro — disse ela —; chorei durante dois dias seguidos quando o regim ento do coronel Miller foi em bora. Pensei que ia m orrer de desgosto.

— Estou certa de que isto acontecerá com igo — disse Ly dia.

— Se a gente pudesse ir a Brighton! — observou Mrs. Bennet.

— Oh, sim , se a gente pudesse ir a Brighton... Mas papai é tão desagradável!

— Alguns banhos de m ar m e restabeleceriam para sem pre.

— E m inha tia Philips disse que isto haveria de m e fazer m uito bem —

acrescentou Kitty .

Tais eram as lam entações que se ouviam perpetuam ente em Longbourn.

Elizabeth procurava se distrair com aquilo. Mas a sua vergonha lhe roubava todo o prazer. Ela tornava a sentir a retidão das obj eções de Mr. Darcy . E nunca antes estivera tão disposta a perdoar a sua interferência no caso do seu am igo.

Mas as som brias perspectivas de Ly dia foram logo dissipadas, pois Mrs. Forster, a m ulher do coronel do regim ento, a convidou para ir a Brighton, em sua com panhia. Essa inestim ável am iga era m uito m oça e estava casada há m uito pouco tem po. Era alegre e anim ada com o Ly dia. E essa sem elhança as tornara m uito íntim as depois de três m eses de relações.

O êxtase de Ly dia, a sua adoração por Mrs. Forster, a alegria de Mrs. Bennet e a m ortificação de Kitty são im possíveis de descrever. Inteiram ente indiferente aos sentim entos da sua irm ã, Ly dia corria pela casa num a felicidade inextinguível, exigindo que todos lhe dessem parabéns, rindo e falando com m ais violência do que nunca; enquanto isto, a infeliz Kitty perm anecia na sala, lam entando o seu destino em term os despropositados, num a voz ressentida:

— Não com preendo por que Mrs. Forster não m e convidou tam bém — disse ela.

— Em bora eu não sej a a sua am iga particular, tenho tanto direito a ser convidada quanto Ly dia. Mais até, pois sou dois anos m ais velha.

Elizabeth procurou em vão lhe incutir sentim entos m ais sensatos e Jane m aior resignação. Quanto a Elizabeth, esse convite estava

longe de lhe produzir os

m esm os sentim entos que em sua m ãe e em Ly dia, pois o considerava com o um a espécie de sentença de m orte para todas as possibilidades de sua irm ã vir um dia a ter bom senso. E não pôde deixar de aconselhar secretam ente a seu pai que não deixasse Ly dia ir, apesar da repugnância que lhe inspirava um tal em preendim ento. Ela lhe descreveu todas as im propriedades da conduta de Ly dia e as poucas vantagens que lhe poderiam advir da intim idade com um a m ulher com o Mrs. Forster e a probabilidade de que Ly dia se tornasse ainda m ais im prudente em com panhia de um a tal pessoa e num lugar onde as tentações seriam m aiores do que em casa. Ele a ouviu atentam ente, e respondeu:

— Ly dia nunca ficará tranquila enquanto não lhe acontecer algum a. E ela nunca encontrará m elhor ocasião de fazer um a tolice do que a atual, sem dar despesas e trabalho à fam ília.

— Se o senhor soubesse — disse Elizabeth — dos grandes inconvenientes que esta conduta leviana de Ly dia em público, pode nos trazer, ou m elhor, as que j á nos trouxe, encararia esta questão de m aneira diferente.

— Já trouxe? — repetiu Mr. Bennet. — Será que ela j á afugentou um dos seus nam orados? Minha pobre Lizzy ... Mas não fique desanim ada. Estes rapazes difíceis que não suportam o contato de pequenos ridículos não são dignos de saudade. Vam os, dê-m e a lista dos pobres coitados que foram postos em fuga pelas loucuras de Ly dia.

— Realm ente, o senhor está enganado. Não tenho desgostos destes a lam entar.

Não é de dissabores particulares m as de inconvenientes que eu m e queixo. A nossa reputação deve sofrer necessariam ente com a leviandade de Ly dia, a im prudência e o desdém de toda restrição que m arcam o seu caráter. Desculpe, m as eu preciso falar claram ente. Se o senhor não se der ao trabalho de reprim ir essas loucuras

e não lhe ensinar que as suas atuais ocupações não são a finalidade da sua vida, em breve não haverá m ais possibilidade de corrigi-la. Seu caráter estará fixado e com 16 anos ela será um a terrível nam oradeira, cobrindo a si m esm a e a sua fam ília de ridículo. E um a nam oradeira no pior sentido, sem outros atrativos a não ser a sua m ocidade e sua boa aparência. A sua ignorância e futilidade a tornarão incapaz de vencer o desprezo geral que o seu apetite im oderado de adm iração há de provocar. E Kitty tam bém corre o m esm o perigo. Ela acom panhará de olhos fechados os passos de Ly dia. Vaidosa, ignorante, ociosa, e absolutam ente descontrolada! Oh, m eu querido pai, acha o senhor possível que elas não sej am censuradas e desprezadas em qualquer lugar em que se tornem conhecidas? E que as suas irm ãs não serão frequentem ente envolvidas nesse m esm o desprezo?

Mr. Bennet viu que todo o coração da sua filha estava com prom etido no assunto.

E tom ando-lhe afetuosam ente a m ão, respondeu:

— Não se preocupe, m eu bem . Onde quer que você e Jane sej am conhecidas, serão respeitadas e apreciadas. E vocês não serão m enos adm iradas porque têm

duas, ou m elhor, três irm ãs bastante tolas. Não terem os um instante de sossego em Longbourn se Ly dia não for a Brighton. Portanto, deixe-a ir. O coronel Forster é um hom em sensato e tom ará precauções para que nada de m al lhe aconteça. E felizm ente ela é pobre dem ais para ser um obj eto de grandes cobiças. Em Brighton terá m enos im portância, m esm o com o nam oradeira vulgar, do que aqui. Os oficiais encontrarão m oças m ais dignas de atenção.

Esperem os portanto que a sua estada lá lhe m ostre a sua insignificância. E de qualquer form a ela não pode piorar m uito de conduta sem nos autorizar a trancá-la em casa para o resto da vida.

Elizabeth foi obrigada a se contentar com esta resposta. Mas a sua opinião continuou inalterada, e deixou o pai, desapontada e triste. Não estava na sua natureza, no entanto, rem oer os seus desgostos, tornando-os assim ainda m aiores.

Bastava-lhe o consolo de ter feito o seu dever. E inquietar-se com m ales inevitáveis, ou aum entá-los pela ansiedade eram coisas que não com binavam com o seu feitio.

Se Ly dia e sua m ãe tivessem sabido o assunto da conversa que Elizabeth tivera com Mr. Bennet, toda a sua volubilidade som ada não teria sido suficiente para exprim ir a indignação que as possuiria. Na im aginação de Ly dia, um a visita a Brighton com preendia todos as possibilidades de felicidade terrena. Ela via com o olhar criador da ficção, as ruas daquela alegre cidade balneária repletas de oficiais. Im aginava-se o centro de atenção de dezenas e centenas deles. Via todos os esplendores do cam po m ilitar, as barracas, estendendo-se em belas filas regulares, povoadas de j ovens alegres, resplandecentes nas suas túnicas verm elhas; para com pletar a cena via-se a si m esm a sentada sob um a dessas barracas, nam orando pela m enos seis oficiais ao m esm o tem po.

Se tivesse sabido que a sua irm ã procurara arrancá-la de tais possibilidades e de tais realidades, qual não teria sido a sua indignação? Ela só poderia ter sido com preendida pela sua m ãe, cuj os sentim entos seriam aproxim adam ente os m esm os. A ida de Ly dia para Brighton era a única coisa que a consolava da certeza m elancólica de que seu m arido não tencionava tam bém ir.

Mas elas ignoravam tudo o que se tinha passado. E seus êxtases continuaram com pequenos intervalos, até o dia da partida de Ly dia.

Elizabeth veria então Mr. Wickham pela últim a vez. Tendo-o encontrado frequentem ente em sociedade desde a sua volta, a sua agitação j á se tinha acalm ado. As em oções da sua antiga preferência, estas se tinham desvanecido de todo. Conseguira m esm o distinguir um a certa afetação e m onotonia nas próprias

gentilezas que a princípio a tinham deliciado. Além disso, na conduta atual de Wickham para com ela, Elizabeth encontrava um a nova fonte de desprazer, pois a inclinação que ele m anifestou para renovar aquelas atenções que tinham caracterizado os prim eiros tem pos das suas relações agora serviam apenas para irritá-la ainda m ais. Perdeu todo o respeito por ele, vendo-se assim

escolhida com o obj eto de tão fúteis galanteios. E enquanto os repelia com firm eza, não podia deixar de sentir a censura im plícita na convicção de Wickham de que quaisquer que tivessem sido as causas que tinham feito cessar as suas atenções, e por m aior que tivesse sido o período de tem po em que o fizera, a vaidade de Elizabeth seria gratificada e a sua preferência reconquistada no m om ento em que quisesse renovar as suas gentilezas.

No últim o dia que o regim ento passou em Mery ton, Wickham veio j antar em Longbourn com outros oficiais. Elizabeth estava tão pouco disposta a se despedir dele de bom hum or que, quando Wickham lhe fez algum as perguntas sobre a m aneira com o passara o seu tem po em Hunsford, respondeu que o coronel Fitzwilliam e Mr. Darcy tinham passado três sem anas em Rosings e perguntou-lhe se conhecia o prim eiro.

Ele pareceu surpreendido, aborrecido, alarm ado. Mas depois de se concentrar um instante, respondeu sorrindo que outrora estivera frequentem ente com ele. E

depois de observar que era um cavalheiro m uito fino, perguntou se Elizabeth tinha gostado dele. A resposta de Elizabeth foi calorosam ente afirm ativa. Com ar de indiferença, pouco depois ele acrescentou:

— Quanto tem po disse que haviam passado em Rosings?

— Quase três sem anas.

— Esteve com ele frequentem ente?

— Sim , quase todos os dias!

— Suas m aneiras são bem diferentes das de seu prim o.

— Sim , m uito diferentes. Mas acho que Mr. Darcy ganha m uito quando o conhecem os m elhor.

— Realm ente — exclam ou Wickham , com um olhar que não escapou a Elizabeth. — E posso perguntar...

Porém , m udando de ideia, acrescentou, num tom m ais alegre:

— Será na sua m aneira de falar que ele m elhora? Ter-se-ia dignado a acrescentar um pouco de cortesia ao seu estilo habitual? Pois não ouso esperar que tenha realm ente m elhorado nas coisas essenciais — continuou Wickham , num tom m ais grave.

— Oh, não — disse Elizabeth —, quanto às coisas essenciais, creio que continua exatam ente o que era.

Enquanto ela falava, a expressão de Wickham indicava que não sabia se se devia alegrar com as suas palavras ou desconfiar do sentido das m esm as. Havia qualquer coisa no rosto de Elizabeth que o obrigava a seguir com atenção ansiosa as suas palavras. Elizabeth acrescentou:

— Quando disse que ele m elhorava à m edida que se conhecia m elhor o seu tem peram ento, não queria dizer que seu espírito, nem tam pouco as suas m aneiras estavam em vias de aperfeiçoam ento, m as que conhecendo-o m elhor o seu caráter se tornava m ais com preensível.

A inquietude de Wickham transparecia agora no rubor que lhe subira ao rosto e no seu olhar desassossegado. Durante alguns m inutos ficou em silêncio e finalm ente, vencendo o seu em baraço, ele tornou a se virar para Elizabeth e disse, num tom m uito grave:

— A senhora, que conhece tão bem os m eus sentim entos para com Mr. Darcy , há de com preender quanto eu m e alegro sinceram ente de que ele assum a, pelo m enos, a aparência de j ustiça. Nisso o orgulho dele pode ser útil, senão para ele próprio, pelo m enos para os outros, pois o im pedirá de com eter tão flagrantes inj ustiças com o as que eu tive de sofrer. Tem o apenas que essas precauções, às quais, im agino, a senhora acaba de aludir, sej am apenas adotadas durante as visitas em casa da sua tia, de cuj a opinião e j ulgam ento ele tem o m aior respeito.

O m edo que a sua tia lhe causa sem pre atuou sobre ele, quando estão j untos; e um a grande parte disto deve ser atribuída ao desej o que tem de favorecer o seu proj etado casam ento com Miss de Bourgh, pois sei com certeza que ele leva isto m uito a sério.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir, m as respondeu apenas com um ligeiro aceno de cabeça. Com preendeu que ele desej ava arrastá-la para o assunto das suas m ágoas e não estava disposta a tolerá-lo. Durante o resto da noite, Wickham procurou se m ostrar alegre e despreocupado com o sem pre, porém cessou as suas atenções para com Elizabeth. Separaram -se com m útua cortesia e possivelm ente um desej o igual de nunca m ais se encontrar.

Quando chegou a hora das visitas se retirarem , Ly dia regressou com Mrs. Forster para Mery ton, de onde deveriam partir no dia seguinte de m anhã cedo. A separação entre ela e o resto da fam ília foi m ais ruidosa do que patética. Kitty foi a única que chorou, m as as suas lágrim as eram de hum ilhação e invej a. Mrs.

Bennet foi eloquente nos seus desej os de felicidade para a filha, e nas suas inj unções para que ela não perdesse nenhum a oportunidade de se divertir, conselho que, tudo levava a crer, seria seguido à risca. E no m eio dos clam ores com que Ly dia exprim ia a sua felicidade, os adeuses m enos ruidosos das suas irm ãs quase não foram ouvidos.

Se as opiniões de Elizabeth se originassem do exem plo dado pela sua própria fam ília, a sua ideia da felicidade conj ugal e de conforto dom éstico não poderia ser das m ais lisonj eiras. Seu pai, cativado pela m ocidade, beleza e aparência de bom hum or que a j uventude em geral confere às m ulheres, tinha se casado com um a pessoa de débil com preensão e de ideias estreitas; m uito pouco tem po depois do casam ento, esses defeitos haviam extinguido toda a afeição sincera que tinha por ela. O respeito, a estim a, a confiança, tinham -se desvanecido para sem pre. E todos os seus anseios de felicidade dom éstica foram destruídos. Mas Mr. Bennet não era desses hom ens que procuram se consolar das desilusões causadas pelas suas próprias im previdências entregando-se a esses prazeres em que os infelizes procuram um a com pensação para as suas loucuras e os seus vícios. Ele gostava do cam po e dos livros; disso tirava as suas principais distrações, e quanto à sua m ulher, pouco m ais lhe devia do que os divertim entos que o espetáculo da sua ignorância e a sua falta de senso lhe tinham proporcionado. Essa não é a espécie de felicidade que os hom ens em geral desej am encontrar no casam ento. Mas na falta de outros dons, o verdadeiro filósofo se contentará com os poucos que lhe são dados.

Elizabeth, no entanto, nunca fora cega aos defeitos de seu pai com o m arido.

Aquilo sem pre lhe doera, m as adm irando as suas qualidades e grata pela m aneira afetuosa com que a tratava, Elizabeth se esforçava por esquecer o que não podia deixar de perceber e bania dos seus pensam entos essas contínuas irregularidades de conduta conj ugal que, expondo a sua m ãe ao desprezo das suas próprias filhas, era portanto altam ente repreensível. Mas nunca sentira tão fortem ente com o agora as desvantagens que devem sofrer os filhos de um casal tão pouco unido, nem com preendera antes tão claram ente os m ales provenientes de um a defeituosa aplicação de talentos; talentos que, bem -em pregados, poderiam proteger a respeitabilidade das suas filhas, m esm o se não conseguissem alargar a m entalidade da sua esposa.

Após o alívio que lhe causara a partida de Wickham , Elizabeth encontrou m enos prazer do que esperava na partida do regim ento. As reuniões em que tom ava parte eram m enos variadas do que antes. E em casa tinha um a m ãe e um a irm ã cuj as continuas lam entações sobre o tédio da vida que levavam proj etavam um a tristeza real sobre o círculo da fam ília. E em bora Kitty se m ostrasse às vezes m ais sensata, pois as causas que perturbavam o seu cérebro tinham sido rem ovidas, em com pensação, Ly dia, cuj as tendências eram m ais perigosas, m orando agora num lugar tão im próprio, a um tem po caserna e balneário, acentuaria provavelm ente os seus defeitos e a sua inconsciência. Em sum a, portanto, descobriu, com o anteriorm ente j á m uitas vezes acontecera, que os acontecim entos esperados com im paciência não produziam , ao se realizarem ,

toda a satisfação que deles esperava. Era portanto necessário m arcar um outro período para o com eço da sua verdadeira felicidade, ter outros pontos de apoio para os seus desej os e esperanças. E consolava-se atualm ente com o prazer de antecipar futuras felicidades. A sua viagem para os lagos constituía agora o obj eto dos seus pensam entos m ais felizes. Era o seu m elhor consolo para as horas desagradáveis que o descontentam ento de Kitty e de sua m ãe tornavam inevitável. E para tornar o seu plano perfeito, só faltava incluir nele Jane.

“Felizm ente eu tenho algum a coisa a desej ar”, pensou Elizabeth. “Se tudo no m eu plano fosse perfeito, a m inha decepção seria certa. Mas assim , levando com igo um a fonte contínua de tristeza, a saudade de m inha irm ã, posso razoavelm ente esperar que todas as m inhas expectativas de prazer se realizem .

Um plano perfeito nunca pode ser realizado.”

Ly dia, ao partir, prom eteu que escreveria frequentem ente e m inuciosam ente para sua m ãe e para Kitty . Mas as cartas, ansiosam ente esperadas, eram sem pre m uito curtas. As que eram dirigidas a Mrs. Bennet continham pouco m ais do que fatos com o estes: tinham acabado de regressar da biblioteca, onde tais ou quais

oficiais as haviam acom panhado e onde tinham visto toaletes de enlouquecer; tinham visto um vestido novo ou um a nova som brinha que ela desej aria descrever com m ais detalhes, m as não podia, devido à grande pressa que tinha, pois Mrs. Forster a estava cham ando; deviam passear para os lados do acam pam ento. As cartas de Kitty não eram m ais inform ativas, em bora m ais longas; a m aior parte do sentido estava contido nas entrelinhas.

Depois das três prim eiras sem anas de ausência de Ly dia, a saúde, o bom hum or e a alegria recom eçaram a aparecer em Longbourn. Tudo tom ou um aspecto m ais agradável. As fam ílias que tinham ido passar o inverno em Londres com eçaram a regressar. Reiniciaram -se os divertim entos de verão. Mrs. Bennet voltou à sua volubilidade habitual e no m eio de j unho, Kitty havia m elhorado tanto que j á lhe era possível entrar em Mery ton sem chorar, acontecim ento tão prom issor que deu a Elizabeth a esperança de que no próxim o Natal ela tivesse j uízo suficiente para não m encionar o nom e de um oficial m ais de um a vez por dia, a não ser que, por um a ordem m aliciosa e cruel do Departam ento de Guerra, outro regim ento viesse acam par em Mery ton.

A data fixada para a sua viagem pelo Norte estava se aproxim ando rapidam ente.

Faltavam apenas 15 dias quando chegou um a carta de Mrs. Gardiner, que ao m esm o tem po adiava a partida e abreviava a duração do passeio. Os negócios im pediam Mr. Gardiner de sair de Londres até 15 dias depois da data m arcada. E

ele era obrigado a regressar dentro de um m ês. Esse período era curto dem ais para que fossem m uito longe e vissem tudo o que tinham planej ado. Pelo m enos im pedia que visitassem tudo com o vagar e o conforto que haviam ideado.

Portanto eram obrigados a desistir de vez dos lagos. Era preciso fazer um circuito m ais reduzido. De acordo com o novo plano, não iriam além do Derby shire.

Naquele condado havia m uita coisa a ver e isto dava para encher as três sem anas que tinham . E para Mrs. Gardiner esse plano possuía um encanto particular.

Julgava a cidade onde passara alguns anos da sua vida tão digna de atenção quanto a célebre região dos lagos.

Elizabeth ficou extrem am ente desapontada. Tinha um grande desej o de ver os lagos e continuava a pensar que havia tem po suficiente.

Mas Elizabeth era resignada e certam ente tinha bom gênio. Em breve essa decepção tinha passado.

Muitas ideias estavam associadas a esse condado do Derby shire.

Era im possível ler a palavra sem pensar em Pem berley e no seu proprietário.

Mas certam ente, pensou, poderei penetrar naquela região sem que ele m e vej a.

O período de expectativa fora agora duplicado. Ela teria de esperar quatro sem anas até a chegada de seus tios. Mas estas sem anas passaram , e Mr. e Mrs.

Gardiner apareceram finalm ente em Longbourn, acom panhados dos quatro filhos. As crianças, duas m eninas de seis e oito anos de idade e dois m eninos m enores, seriam entregues aos cuidados da prim a Jane, que era a grande favorita. O seu bom senso, a doçura de seu gênio, pareciam destiná-la à m issão de cuidar das crianças.

Os Gardiner ficaram apenas um a noite em Longbourn, e partiram na m anhã seguinte com Elizabeth, em busca de aventuras. Um prazer pelo m enos era certo: o de ter bons com panheiros de viagem , com saúde, bom gênio para suportar pequenos contratem pos, bom hum or para realçar todos os prazeres, afeição e

inteligência capazes de sugerir novas distrações, caso lhes adviessem decepções no cam inho.

Não tem os a intenção de fazer a descrição do Derby shire, nem dos vários lugares notáveis por que passaram no cam inho. Oxford, Blenheim , Warwick, Kenilworth, Birm ingham , etc. são suficientem ente conhecidos. Um a pequena parte do Derby shire é o que nos interessa. Eles se dirigiram para a pequena cidade de Lam bton, onde Mrs. Gardiner residira. Recentem ente descobrira que ainda se encontravam lá alguns dos seus velhos conhecidos. E aí Elizabeth soube da sua tia que Pem berley ficava situada a cinco m ilhas de Lam bton. Pem berley não ficava na estrada direta que deviam tom ar, m as a um a ou duas m ilhas dessa estrada. Na véspera, ao conversarem sobre o itinerário, Mrs. Gardiner tornou a m anifestar o desej o de rever a propriedade. Mr. Gardiner concordou e perguntaram a Elizabeth se aprovava a ideia.

— Meu bem , você gostaria de ver esse lugar de que tanto j á ouviu falar? —

perguntou sua tia. — Um lugar onde m uitos conhecidos seus j á m oraram ?

Wickham passou lá toda a sua m ocidade, com o você sabe.

Elizabeth ficou em baraçada. Com preendia que não tinha nenhum interesse em ver Pem berley e foi obrigada a m anifestar a pouca disposição que sentia.

Declarou que estava cansada de ver grandes casas.

Depois de percorrer tantas, não encontrava m ais nenhum prazer em belos tapetes ou cortinas de cetim .

Mrs. Gardiner zom bou da sua ingenuidade.

— Se Pem berley fosse apenas um a casa ricam ente m obiliada — disse —, eu tam pouco faria questão de ir. Mas o parque é lindíssim

o, e os bosques são dos m ais belos do país.

Elizabeth não respondeu, m as no seu espírito não podia concordar.

Im ediatam ente lhe ocorreu a possibilidade de encontrar Mr. Darcy enquanto visitava o lugar. Seria horrível. A sim ples ideia a fazia corar.

Talvez fosse preferível contar tudo claram ente à sua tia, do que correr um tal risco. Mas contra isto havia obj eções. E finalm ente decidiu que lançaria m ão dessa ideia com o últim o recurso, caso as indagações particulares que fizesse lhe revelassem a presença da fam ília em Pem berley .

Por isso, quando foi se deitar à noite, perguntou à criada se Pem berley não era um lugar m uito bonito, qual era o nom e do proprietário e, com íntim o alarm e, se a fam ília não estava lá para passar o verão.

Felizm ente, a últim a pergunta foi respondida de m odo negativo. E cessada a causa das suas inquietações, ela sentia agora um a grande curiosidade em ver a casa. E quando o assunto tornou a ser ventilado no dia seguinte, e novam ente lhe perguntaram a sua opinião, respondeu prontam ente, com ar de indiferença, que não fazia nenhum a obj eção ao plano.

43

No cam inho, Elizabeth esperava em ocionada a prim eira aparição do bosque de Pem berley . E quando afinal chegaram à casa do vigia e entraram no parque, a sua agitação cresceu ainda m ais.

O parque era m uito grande e tinha os aspectos m ais variados. Entraram nele pela sua parte m ais baixa e durante algum tem po cam inharam através de um belo e extenso bosque.

Apesar da conversa anim ada que m antinha com os seus tios, Elizabeth viu e adm irou todas as vistas e lugares pitorescos.

Durante m eia m ilha o cam inho subia suavem ente e depois de algum tem po se encontraram no topo de um m orro bastante alto, onde o bosque term inava.

No outro lado do parque se avistava im ediatam ente a casa de Pem berley e a estrada, encurvando-se bruscam ente, descia em direção a ela. Era um grande e belo edifício, situado na encosta de um a colina, por detrás da qual se elevava um a outra série de belas colinas arborizadas. Defronte da casa, corria um riacho de regular tam anho que, represado, form ava um pequeno lago. As suas m argens não tinham sido adornadas pela m ão do hom em . Elizabeth ficou encantada.

Nunca vira um lugar tão bem -dotado pela natureza. Ali, essa beleza natural não fora ainda prej udicada por artifícios de um gosto duvidoso. Todos m anifestaram a sua adm iração. Naquele m om ento Elizabeth sentiu que ser a proprietária de Pem berley significava algum a coisa.

Desceram a colina, atravessaram a ponte e se aproxim aram da casa. Enquanto a exam inavam de perto, voltaram a Elizabeth as suas apreensões quanto a um possível encontro com o dono da casa. Tinha m edo de que a criada pudesse ter-se enganado. Depois de pedirem para ver a casa, foram conduzidos ao hall. E

enquanto esperavam a caseira, Elizabeth teve tem po bastante para voltar a si, perguntando a si própria por que m otivo se encontrava naquele lugar. A caseira chegou afinal. Era um a senhora idosa, de aspecto respeitável, m uito m ais sim ples e am ável do que esperavam . Acom panharam -na até à sala de j antar. Era um a sala grande, bem -proporcionada e m obiliada com elegância. Elizabeth, depois de exam iná-la sum ariam ente, foi até um a das j anelas para apreciar a vista. A colina de onde tinham descido, com as suas grandes árvores, parecendo m ais abrupta, era porém m ais bela de longe. Tudo naquelas terras tinha sido bem -

aproveitado. Elizabeth contem plou a paisagem com encanto, o rio, as árvores espalhadas pelas suas m argens, o vale serpenteando

até onde a sua vista podia alcançar.

Nos outros quartos, a cena variava. Mas de todas as j anelas a vista era linda. Os quartos eram grandes e elegantes. E a m obília revelava a fortuna do proprietário; m as Elizabeth adm irou o bom gosto dos m óveis, que não eram nem vistosos dem ais, nem desnecessariam ente com plicados. Tinham m enos esplendor e m ais

elegância do que os de Rosings.

“Eu poderia ter sido a dona deste lugar”, pensou ela. “Estes quartos, eu os conheceria intim am ente. E em vez de vê-los com o um a estranha, eu poderia alegrar-m e de possuí-los e receber aqui com o visitantes m eu tio e m inha tia.”

Mas voltando a si, continuou: “m as não, isto não poderia ser. Meu tio e m inha tia estariam perdidos para m im . Jam ais m e perm itiriam convidá-los.”

Foi esta um a lem brança oportuna. Evitava que Elizabeth se arrependesse do que tinha feito.

Estava ansiosa para perguntar à caseira se o seu patrão estava realm ente ausente.

Mas a coragem lhe faltava. Afinal, a pergunta foi feita pelo seu tio. Elizabeth desviou o rosto, assustada, enquanto Mrs. Rey nolds respondia que estava ausente, acrescentando:

— Mas nós o esperam os am anhã com um grande grupo de am igos.

Elizabeth deu graças a Deus de ter vindo naquele dia e não no seguinte.

Sua tia cham ou-a para olhar um quadro. Ela se aproxim ou e viu sobre a lareira um retrato de Mr. Wickham entre várias outras m

iniaturas. Mrs. Gardiner perguntou, sorrindo, se Elizabeth gostava do retrato. Mrs. Rey nolds se aproxim ou e disse que era o retrato do filho do intendente do seu falecido patrão, que o tinha educado a suas expensas.

— Ele agora entrou para o exército — acrescentou ela. — Mas creio que não deu boa coisa.

Mrs. Gardiner olhou para a sobrinha com um sorriso que Elizabeth não pôde retribuir.

— E este — disse Mrs. Rey nolds, apontando para outra m iniatura — é o m eu patrão. O retrato é m uito parecido. Foi feito ao m esm o tem po que o outro, há oito anos.

— Já ouvi dizer que o seu patrão é um belo rapaz — disse Mrs. Gardiner, olhando para o retrato. — O rosto é sim pático. Mas, Lizzy , você pode dizer se é parecido ou não.

O respeito de Mrs. Rey nolds por Elizabeth pareceu aum entar depois desta alusão às suas relações com o patrão.

— A senhora conhece Mr. Darcy ?

Elizabeth corou e respondeu:

— Um pouco.

— E não acha que ele é um a bela figura de hom em ?

— Realm ente.

— Estou certa de que não conheço outro que lhe sej a superior. Mas na galeria lá em cim a hão de ver um outro retrato m elhor e m aior do que este. Esta sala era o lugar favorito do m eu falecido patrão, e essas m iniaturas estão exatam ente no lugar onde estavam quando era vivo. Gostava m uito delas.

Isto explicou a Elizabeth o fato da m iniatura de Mr. Wickham se encontrar entre

as outras.

Mrs. Rey nolds, então, cham ou a atenção dos visitantes para um retrato de Miss Darcy pintado quando tinha apenas oito anos de idade.

— E Miss Darcy tam bém é bonita? — perguntou Mr. Gardiner.

— Oh, sim , é a m enina m ais bonita que eu j am ais vi. É tão instruída! Ela toca piano e canta o dia inteiro. Na sala ao lado, tem um novo instrum ento que acaba de chegar para ela. Um presente do m eu patrão. Ela virá am anhã tam bém .

Mr. Gardiner, que tinha m aneiras m uito agradáveis e com unicativas, encoraj ava Mrs. Rey nolds com perguntas e observações; esta, fosse por orgulho ou afeição, tinha evidentem ente m uito prazer em falar do seu patrão e da irm ã deste.

— Seu patrão vem m uitas vezes a Pem berley , durante o ano?

— Não tanto quanto eu queria, m as creio que ele passa m etade do ano aqui. E

Miss Darcy vem sem pre para os m eses de verão.

“Exceto”, pensou Elizabeth, “quando ela vai para Ram sgate.”

— Se o seu patrão se casasse, a senhora o veria m ais do que agora.

— Sim , senhora, m as não sei quando isto acontecerá. Não conheço ninguém que estej a à altura dele.

Mr. e Mrs. Gardiner sorriram . Elizabeth não pôde se im pedir de dizer:

— Sem dúvida, é um grande elogio que está lhe fazendo.

— Não digo m ais do que a verdade. E todos que o conhecerem dirão a m esm a coisa — replicou Mrs. Rey nolds.

Elizabeth achou que isto era ir dem asiado longe. E ouviu com assom bro a caseira acrescentar:

— Nunca ouvi o m eu patrão dizer um a palavra ríspida em toda a m inha vida. E

eu o conheço desde que tinha quatro anos de idade.

Este era o elogio m ais extraordinário de todos, m ais oposto às ideias de Elizabeth.

Ela acreditava firm em ente que Mr. Darcy era um hom em de m au gênio. A sua curiosidade cresceu extraordinariam ente. Queria outras inform ações. E ficou grata ao tio, porque este disse:

— São poucas as pessoas de quem se pode dizer outro tanto. Tem m uita sorte em ter um patrão destes.

— Sim , senhor, sei disto m uito bem . Se eu saísse por este m undo, não encontraria outro m elhor. Mas j á notei que as pessoas de bom caráter em criança tam bém o são quando adultos. E Mr. Darcy , em m enino, tinha um gênio de anj o e um coração de ouro.

Elizabeth ficou boquiaberta. “Será m esm o Mr. Darcy ?”, pensou.

— O pai dele era um hom em excelente — disse Mrs. Gardiner.

— Era m esm o; e o filho será exatam ente com o ele. Igualm ente afável para com os pobres.

Elizabeth ouviu, espantou-se, duvidou, e ficou im paciente por ouvir m ais. Mrs.

Rey nolds não a poderia interessar noutro ponto. Em vão ela falou sobre os

personagens que os quadros representavam , as dim ensões da sala e o preço dos m óveis. Mr. Gardiner, que achava m uito divertida aquela parcialidade pela fam ília, a que ele atribuía os excessivos louvores de Mrs. Rey nolds, tornou a introduzir o assunto. E Mrs. Rey nolds discorreu com energia sobre as qualidades do seu patrão, enquanto subiam todos a grande escadaria.

— Ele é o m elhor proprietário e o m elhor patrão que j am ais existiu — disse. —

Não é com o os rapazes loucos de hoj e que só pensam em si próprios. Não existe um só dos seus rendeiros ou criados que não fale nele com adm iração. Muitos dizem que é orgulhoso; m as eu nunca vi nada disto. Quanto a m im , penso que é porque ele não é tagarela com o os outros rapazes.

“Sob que luz favorável ela o coloca”, pensou Elizabeth.

— Estas inform ações não concordam com o seu procedim ento com o nosso pobre am igo — sussurrou a sua tia, enquanto cam inhavam . — Talvez estej am os enganadas.

— Não é provável. O testem unho é dos m elhores.

Depois de chegarem ao espaçoso hall em cim a, foram conduzidos a um a linda sala de j antar, decorada recentem ente, com m aior elegância e graça do que os apartam entos e salas de baixo. E foram inform ados de que tudo aquilo tinha sido feito para dar prazer a Miss Darcy , que tinha m anifestado preferência por aquela sala, da últim a vez que estivera em Pem berley .

— Ele é certam ente um bom irm ão — disse Elizabeth, enquanto se dirigia para um a das j anelas.

Mrs. Rey nolds antecipava a surpresa de Miss Darcy , quando ela entrasse no aposento.

— Tudo o que pode fazer para agradar a sua irm ã, m anda executar im ediatam ente. E é sem pre assim que age; não existe nada que não faça para lhe dar um prazer.

A galeria de retratos e os dois ou três quartos de dorm ir principais eram tudo que lhes restava a ver. A galeria continha m uitos quadros interessantes, m as Elizabeth não entendia de pintura. Já quando lhe tinham m ostrado os outros, em baixo, desviara o rosto para exam inar uns desenhos a cray on de Miss Darcy , cuj os assuntos eram geralm ente m ais interessantes e tam bém m ais fáceis de entender.

Na galeria havia tam bém m uitos retratos de fam ília. Estes quadros, porém , tinham pouco interesse para um a estranha. Elizabeth procurou neles, apenas, os traços que conhecia. Afinal, um desses retratos lhe despertou a atenção. Era de um a pessoa cuj o rosto se parecia notavelm ente com o de Mr. Darcy e tinha um sorriso que j á se lem brava de ter visto tam bém no seu rosto, quando ele a contem plava. Deteve-se durante vários m inutos diante do retrato, olhando-o fixam ente. E antes de sair da galeria, voltou para exam iná-lo; e Mrs. Rey nolds inform ou-a de que fora pintado ainda em vida do falecido Mr. Darcy .

Havia naquele m om ento, no espírito de Elizabeth, um sentim ento de

benevolência para com o atual proprietário de Pem berley , com o j am ais tivera no período em que m elhor o conhecera. Os elogios de que Mrs. Rey nolds o tinha cum ulado não eram de pouca m onta. Nenhum louvor é m ais valioso do que o de um criado inteligente. A felicidade de m uitas pessoas dependia dele com o irm ão, com o proprietário e com o patrão. Ele tinha o poder de dispensar o prazer e a dor, e a faculdade de praticar em larga escala o bem e o m al. Tudo o que Mrs.

Rey nolds dissera a seu respeito tinha sido favorável. E diante da tela em que o seu rosto fora retratado e cuj os olhos pareciam fitá-la, Elizabeth pensou na adm iração de Mr. Darcy por ela própria, com um a gratidão que j am ais sentira.

Recordou a força daquela afeição e suavizou as expressões com que ele a exteriorizara.

Depois de terem visto a casa toda, tornaram a descer as escadas, e ao se despedirem da caseira, foram entregues aos cuidados do j ardineiro, que os encontrou na porta do hall. Enquanto atravessavam o gram ado em direção ao riacho, Elizabeth voltou-se para tornar a ver a casa; sua tia tam bém se detivera, e enquanto a prim eira fazia conj eturas sobre a data em que fora construído o edifício, o proprietário em pessoa surgiu de repente na estrada que conduzia às cocheiras, do outro lado da casa.

Estavam a cerca de vinte m etros um do outro, e seu aparecim ento fora tão repentino que era im possível a Elizabeth se esconder. Seus olhos se encontraram im ediatam ente. E am bos coraram de um m odo intenso. Ele teve um sobressalto e por um m om ento a surpresa o paralisou; m as, voltando im ediatam ente a si, adiantou-se em relação ao grupo e se dirigiu a Elizabeth, senão com absoluta calm a, pelo m enos com toda a am abilidade.

Elizabeth tinha se virado instintivam ente, m as vendo-o aproxim ar-se, deteve-se e recebeu os seus cum prim entos com um em baraço im possível de dom inar. Se a sua aparência a princípio, ou a sua sem elhança com o retrato que tinham acabado de exam inar, j á não tivessem dem onstrado por si a Mr. e Mrs. Gardiner que avistaram agora Mr. Darcy em pessoa, a expressão de surpresa do j ardineiro ao ver o seu patrão teria sido suficiente para o revelar. Ficaram um pouco afastados, enquanto ele conversava com a sua sobrinha, e esta, atônita e em baraçada, m al ousava levantar os olhos, e respondia inconscientem ente às perguntas de cortesia que lhe fazia sobre a sua fam ília. E extrem am ente surpresa com a m udança nas m aneiras de Mr. Darcy , cada frase que ele pronunciava agora aum entava a sua confusão. Voltavam -lhe à m

ente todas as ideias a respeito da inconveniência de encontrá-lo ali e os poucos m inutos em que estiveram j untos foram os m ais penosos na sua vida. Ele não parecia tam bém estar m uito à vontade. Quando falava, a sua expressão não tinha a calm a habitual. Perguntou várias vezes em que dia Elizabeth saíra de Long bourn e quanto tem po se dem oraria no Derby shire, de um a m aneira tão apressada, que se tornara evidente que os seus pensam entos estavam longe. Afinal todas as

ideias pareceram faltar-lhe. E depois de ficar parado e m udo durante alguns instantes, Mr. Darcy voltou a si de súbito e se despediu.

Os outros então se aproxim aram dela e exprim iram a sua adm iração pela figura do rapaz; m as Elizabeth, inteiram ente absorta em seus pensam entos, não ouviu um a só palavra. Acom panhou-os em silêncio; sentia-se esm agada de vergonha e de contrariedade. A sua vinda ali fora a ideia m ais infeliz e m ais irrefletida do m undo. Com o aquele encontro deveria parecer estranho a Mr. Darcy ! E sob que luz desfavorável não a colocaria aos olhos de um hom em tão vaidoso! Poderia até parecer que ela se tinha atirado no seu cam inho! Oh, por que tinha vindo? Ou por que tinha ele vindo na véspera do dia em que era esperado? Se tivessem saído dez m inutos m ais cedo de Pem berley , ele não a teria reconhecido de longe, pois era evidente que chegava naquele m om ento e que tinha acabado de saltar do cavalo ou da carruagem . Ela enrubesceu várias vezes ao recordar a perversidade daquele acaso. E que poderia significar aquela alteração que vira nos seus m odos? Era espantoso que ele lhe tivesse dirigido a palavra. Mas falar com tanta am abilidade e perguntar pela sua fam ília! Nunca, na sua vida, Elizabeth lhe vira m aneiras tão cordiais e tão pouco cerim oniosas. Nunca lhe falara com tanta doçura quanto durante aquele encontro inesperado. Que diferença daquela ocasião em que se dirigira a ela no parque de Rosings, a fim de lhe entregar a carta. Não sabia o que pensar, nem com o explicar aquilo.

Tinham agora penetrado num belo cam inho que acom panhava as m argens do riacho e cada passo que davam os aproxim ava de um a das m ais belas partes do bosque. Mas só algum tem po depois é que Elizabeth com eçou a notar o que a cercava, e em bora respondesse m ecanicam ente aos repetidos apelos dos seus tios para que contem plasse os aspectos que lhe apontavam , não distinguia perfeitam ente nenhum detalhe da paisagem . Seus pensam entos se voltavam para a casa de Pem berley e procuravam adivinhar o lugar em que Mr. Darcy agora se encontrava. Ansiava por saber o que lhe passava pela m ente naquele m om ento, de que m aneira pensava nela, e se apesar de tudo ainda lhe era cara.

Talvez ele tivesse se m ostrado tão am ável porque se sentisse indiferente. No entanto, na sua voz, não havia transparecido aquela tranquilidade. Elizabeth não sabia se ele sentira aborrecim ento ou prazer ao vê-la. Mas, certam ente, não perm anecera indiferente. Afinal, as observações dos seus com panheiros sobre a sua distração fizeram -na voltar a si e com isto lhe ocorreu a ideia de que era necessário se m ostrar m ais natural.

Penetraram no bosque e, dizendo adeus ao riacho por algum tem po, subiram para um a região m ais elevada; e aí, através de clareiras ocasionais, descobriram encantadoras vistas do vale, das colinas do outro lado, recobertas de extensos bosques e ocasionalm ente do riacho. Mr. Gardiner exprim iu o desej o de fazer a volta do parque, caso fosse possível percorrê-lo a pé. Mas o j ardineiro inform ou-os com um sorriso triunfante de que o parque tinha m ais de dez m ilhas de

circunferência. Teriam portanto de se contentar com o circuito habitual.

Tornaram a descer a colina por entre os bosques que lhe revestiam a encosta, até voltar ao riacho num dos pontos em que as suas m argens eram m ais estreitas.

Atravessaram -no por um a ponte rústica; era um a região m ais selvagem do que as que tinham visitado até agora. E o vale,

estreitando-se, tornava-se um a várzea dim inuta, ocupada pelo curso d’água e por um cam inho estreito, cercado de m oitas de arbustos selvagens. Elizabeth desej ava explorar os m eandros do riacho, m as depois de atravessarem a ponte e perceberem a distância em que se encontravam da casa, Mrs. Gardiner, que não gostava m uito de cam inhar, declarou que não podia ir m ais adiante e que desej ava voltar para a carruagem o m ais depressa possível. Elizabeth foi portanto obrigada a se subm eter, e o grupo voltou em direção à casa, do outro lado do rio, tom ando o cam inho m ais curto.

Mas a cam inhada foi lenta, pois Mr. Gardiner, que gostava m uito de pescar, m as raram ente tinha oportunidade de fazê-lo, se detinha a todo instante para observar as trutas, e fazer perguntas ao hom em que os acom panhava. Enquanto cam inhavam assim lentam ente, tiveram novam ente a surpresa de avistar Mr.

Darcy , que se aproxim ava a pequena distância. O espanto de Elizabeth foi igual ao que sentira durante o prim eiro encontro. O cam inho, que era m enos protegido do que do outro lado, perm itiu que o vissem antes de encontrá-lo. Elizabeth, em bora espantada, estava pelo m enos m ais preparada para a entrevista.

Resolveu que falaria com calm a se Mr. Darcy tencionasse realm ente abordá-los.

Durante alguns instantes, pensou que ele ia dobrar por outro cam inho, m as a ideia durou enquanto um a volta da estrada o ocultava das suas vistas. Feita a volta, ele surgiu diretam ente diante deles. Com um rápido olhar, Elizabeth viu que Mr.

Darcy nada tinha perdido da sua recente am abilidade; e para im itar a sua polidez, logo depois que se encontraram , ela com eçou a louvar as belezas do lugar. Mas apenas as palavras “lindo” e “encantador” lhe tinham saído dos lábios, um a infeliz recordação a assaltou e ela im aginou que aqueles elogios a Pem berley podiam ser m al-interpretados. Em palideceu e não disse m ais nada.

Mrs. Gardiner estava parada um pouco atrás. E quando Elizabeth cessou de falar, Mr. Darcy lhe perguntou se queria lhe fazer a honra de apresentá-lo aos seus am igos. Elizabeth não esperava esta dem onstração de cortesia e não pôde deixar de sorrir, ao vê-lo agora procurar o conhecim ento daquelas m esm as pessoas contra as quais o seu orgulho se tinha revoltado quando lhe propusera casam ento.

“Com o vai ficar espantado”, pensou ela, “quando souber quem são eles. Im agina naturalm ente que são pessoas de im portância...”

A apresentação, no entanto, foi feita im ediatam ente. E ao m encionar o parentesco que os unia, Elizabeth não pôde deixar de olhar de soslaio para Mr.

Darcy , esperando vê-lo fugir o m ais depressa que pudesse da com panhia de gente tão m odesta. Era evidente que o parentesco o surpreendia. No entanto nada deixou perceber e longe de se voltar para partir, regressou com eles e entrou em

conversação com Mr. Gardiner. Elizabeth não pôde deixar de se sentir lisonj eada. Mas não experim entava nenhum sentim ento de triunfo; em todo caso era consolador ter a certeza de que Mr. Darcy sabia agora que ela não precisava se envergonhar dos seus parentes. Ouvia com a m aior atenção tudo o que se passava entre eles e ficava radiante cada vez que um a expressão ou um a frase do seu tio revelava a sua inteligência, o seu bom gosto e as suas belas m aneiras.

Dentro em pouco conversavam sobre a pesca. Ela ouviu Mr. Darcy convidar o seu tio, com a m aior cortesia, para pescar no parque todas as vezes que quisesse, oferecendo-lhe ao m esm o tem po os necessários acessórios, e indicando-lhe as partes do riacho onde a pesca em geral era m ais proveitosa. Mrs. Gardiner, que cam inhava de braços com Elizabeth, lançou para a sua com panheira um expressivo olhar de surpresa. Elizabeth nada disse, m as ficou extrem am ente satisfeita. Aquele ato de galanteria lhe era provavelm ente dirigido; o seu espanto, entretanto,era extrem o, e

repetia continuam ente: “por que é que ele está tão alterado? Qual será o m otivo disto? Não pode ser por m inha causa, pois m inhas adm oestações em Hunsford não poderiam efetuar nele um a tão grande alteração; é im possível que ainda m e am e.”

Depois de cam inhar algum tem po desse m odo, as duas senhoras na frente, os dois cavalheiros atrás, ao chegarem à m argem do rio onde iam exam inar um a curiosa planta aquática, houve um a pequena alteração: Mrs. Gardiner, fatigada pelo exercício daquela m anhã, achou o braço de Elizabeth inadequado para nele se apoiar e preferiu o do seu m arido. Mr. Darcy tom ou o seu lugar ao lado de Elizabeth e eles continuaram a cam inhar. Depois de um curto silêncio, Elizabeth foi quem prim eiro falou. Desej ava que Mr. Darcy soubesse que antes de vir tinha feito indagações e lhe tinham afirm ado que ele estaria ausente, e por isso se decidira a vir visitar o lugar. Com eçou, portanto, observando que a sua chegada tinha sido inesperada.

— A sua caseira — acrescentou — nos inform ou que o senhor não chegaria antes de am anhã. E aliás, antes de sairm os de Bakewell, disseram -nos que o senhor não era esperado im ediatam ente.

Mr. Darcy reconheceu a verdade do que ela dizia e respondeu que, por causa dos negócios que tinha a tratar com o seu intendente, adiantara-se algum as horas aos seus com panheiros de viagem .

— Chegarão am anhã cedo — continuou. — Aliás, virão algum as pessoas que a conhecem : Mr. Bingley e suas irm ãs.

Elizabeth respondeu com um leve aceno da cabeça. Seus pensam entos a levaram im ediatam ente para a ocasião em que o nom e de Mr. Bingley fora pronunciado entre eles pela últim a vez. E se lhe era dado j ulgar pela expressão do rosto de Mr.

Darcy , seus pensam entos tinham tom ado um rum o sem elhante.

— Existe tam bém outra pessoa no grupo — continuou ele, depois de um a pausa

— que desej a particularm ente conhecê-la. Se m e perm ite, eu lhe apresentarei a

m inha irm ã, durante a sua estada em Lam bton. Ou será que lhe peço dem ais?

A surpresa que causava a Elizabeth um tal pedido era realm ente grande. Na sua perturbação ela concordou, m as sem saber de que m aneira o fazia.

Com preendeu im ediatam ente que esse desej o de Miss Darcy só poderia ter sido inspirado pelo seu irm ão. E não era preciso fazer m uitas indagações para descobrir que isto era bastante satisfatório. Era agradável saber que o ressentim ento de Mr. Darcy não o levara a pensar m al a seu respeito.

Continuaram a cam inhar em silêncio, am bos m ergulhados nas suas reflexões.

Elizabeth não se sentia m uito à vontade. Isto era im possível. Mas sentia-se lisonj eada e contente. O seu desej o de lhe apresentar a irm ã era um a hom enagem de grande delicadeza. Em pouco eles haviam se distanciado bastante dos outros. E quando chegaram à carruagem , Mr. e Mrs. Gardiner estavam a uns duzentos m etros atrás. Mr. Darcy então convidou-a a entrar. Mas Elizabeth declarou que não estava cansada. Eles perm aneceram de pé no gram ado. Num a ocasião com o aquela, m uitas coisas podiam ser ditas e o silêncio era em baraçoso. Elizabeth queria conversar, m as parecia haver um obstáculo em quase todos os assuntos. Afinal se lem brou de que estivera viaj ando e eles falaram de Matlock e de Dove Dale com grande perseverança. No entanto, o tem po e a sua tia cam inhavam lentam ente. E a sua paciência e as suas ideias estavam com pletam ente esgotadas antes do tête-à-tête term inar. Quando Mr. e Mrs. Gardiner se aproxim aram , foram convidados a entrar, m as isto foi recusado e todos se separaram com a m aior polidez. Mr. Darcy aj udou as senhoras a entrar na carruagem e quando esta se afastou Elizabeth o viu cam inhando lentam ente em direção à casa.

As observações dos seus tios tiveram então início. Am bos declararam que o tinham achado infinitam ente superior ao que esperavam .

— Ele é perfeitam ente cortês e m odesto — disse Mr. Gardiner.

— Existe certam ente um pouco de dureza nas suas m aneiras — replicou Mrs.

Gardiner —, m as ela se lim ita à sua atitude e não lhe vai m al. Agora eu posso dizer com o Mrs. Rey nolds que, em bora m uitas pessoas o cham em de orgulhoso, não vi nada disto.

— O que m e surpreendeu m ais foram as suas m aneiras para conosco. Eram m ais do que polidas, eram realm ente atenciosas. Suas relações com Elizabeth são m uito recentes.

— Naturalm ente, Lizzy — disse Mrs. Gardiner —, ele não é tão bonito quanto Wickham , em bora os seus traços sej am perfeitam ente regulares. Mas não entendo por que você nos disse que ele era tão desagradável.

Elizabeth se desculpou da m elhor form a possível; disse que o achara m ais sim pático da últim a vez que estivera com ele no Kent, e que nunca o vira tão am ável quanto naquela m anhã.

— Mas talvez ele sej a um pouco excêntrico nas suas am abilidades — replicou

Mr. Gardiner. — Os hom ens im portantes em geral o são. E portanto não tom arei ao pé da letra o convite que m e fez para pescar, pois é possível que m ude de ideia am anhã e m e expulse do seu parque.

Elizabeth sentiu que eles se tinham enganado redondam ente sobre o caráter de Mr. Darcy , m as não disse nada.

— Pelo que vim os dele — continuou Mrs. Gardiner —, eu j am ais poderia pensar que fosse capaz de agir tão cruelm ente com qualquer pessoa com o fez com o pobre Wickham . A sua expressão não revela m au caráter, pelo contrário, tem um m odo de m over os lábios, quando fala, que m uito m e agrada. E há um a dignidade no seu rosto que dificilm ente daria a alguém um a ideia desfavorável do seu coração. Aliás, a boa m ulher que nos m ostrou a casa atribuiu-lhe o m ais brilhante dos caracteres. Às vezes eu não podia m e im pedir de rir alto. Creio que ele deve ser um patrão condescendente e aos olhos de um criado isto resum e todas as virtudes.

Elizabeth sentiu então que deveria dizer algum a coisa para j ustificar o procedim ento de Darcy em relação a Wickham . E portanto deu a entender a seus tios, da form a m ais reservada que podia, que, pelo que ouvira dos seus parentes no Kent, os seus atos eram susceptíveis de um a interpretação inteiram ente diferente. E que o seu caráter nem de longe era tão defeituoso quanto o tinham suposto no Hertfordshire; por outro lado o de Wickham estava longe de ser tão perfeito. E para confirm ar o que lhes dizia, relatou os detalhes de todas as transações pecuniárias em que se tinha envolvido, sem dar o nom e da pessoa que a inform ara, porém acrescentando que era digna de todo o crédito.

Mrs. Gardiner ficou surpreendida e preocupada. Mas com o se aproxim avam agora do lugar onde residira na sua m ocidade, ela se entregou toda ao encanto das suas recordações, e estava tão preocupada em m ostrar ao m arido as m aravilhas das redondezas, que se esqueceu do resto. Apesar de todas as fadigas da m anhã, logo depois do j antar tornaram a sair em procura dos antigos conhecidos de Mrs. Gardiner, e esta passou a noite entregue ao prazer de reatar antigos laços de am izade.

As ocorrências daquele dia eram dem asiado interessantes para que Elizabeth pudesse dar m uita atenção a esses novos am igos. E ela não podia fazer outra coisa senão pensar e refletir com assom bro

nas am abilidades de Mr. Darcy e sobretudo no seu desej o de lhe apresentar a irm ã.

44

Elizabeth tinha com binado com Mr. Darcy que ele traria a irm ã para visitá-la logo no dia seguinte ao da sua chegada em Pem berley . E decidiu portanto não se afastar da hospedaria durante toda aquela m anhã. Mas a sua conclusão foi falsa, pois logo na m anhã seguinte à sua chegada em Lam bton, surgiram esses visitantes. Elizabeth e seus tios tinham estado passeando pela cidade com alguns dos seus novos am igos e acabavam de regressar à hospedaria, a fim de se vestirem para j antar com a m esm a fam ília, quando o ruído de um a carruagem os atraiu para a j anela. Elizabeth im ediatam ente reconheceu a libré, com preendeu do que se tratava e relatou, com grande surpresa para seus parentes, a honra que a estava esperando. Seu tio e sua tia ficaram extraordinariam ente surpreendidos, e o em baraço de Elizabeth ao lhes com unicar aquilo, som ado à circunstância em si, e à lem brança de m uitas outras do dia precedente, lhes deu um a nova visão do que se passava. Nada o havia sugerido anteriorm ente, m as sentiam que agora não havia outra m aneira de explicar as atenções de Mr. Darcy sem supor um interesse dele pela sua sobrinha. Enquanto essas novas ideias lhes atravessavam o pensam ento, a perturbação de Elizabeth crescia a cada m om ento. Ela m esm a ficou espantada com o seu nervosism o. Além de outras inquietações, tem ia que Mr. Darcy , com a sua parcialidade, houvesse exagerado as suas qualidades. E ansiosa com o nunca por agradar, desconfiava naturalm ente de que todos os seus recursos seriam escassos.

Elizabeth recuou da j anela com m edo de ser percebida. E enquanto cam inhava de um lado para outro, procurando se acalm ar, percebeu os olhares curiosos de seus tios, o que tornou tudo ainda pior.

Miss Darcy e seu irm ão apareceram . E aquela tem ível apresentação ocorreu afinal. Com espanto Elizabeth percebeu que a

sua nova conhecida estava tanto ou m ais em baraçada do que ela. Desde que chegara a Lam bton, Elizabeth ouvira dizer várias vezes que Miss Darcy era extrem am ente orgulhosa. Mas agora, a observação de poucos m inutos lhe bastou para constatar que ela era apenas extrem am ente tím ida. Foi m uito difícil obter dela outras palavras a não ser sim ples m onossílabos. Miss Darcy era alta e m ais corpulenta do que Elizabeth, e em bora tivesse pouco m ais de 16 anos, suas form as eram bem desenvolvidas e sua aparência graciosa. Seus traços eram m enos regulares do que os do seu irm ão, m as havia bom senso e cordialidade na sua expressão. E as suas m aneiras eram perfeitam ente m odestas e polidas. Elizabeth, que esperava encontrar nela um a observadora tão aguda e im passível quanto Mr. Darcy , sentiu-se extrem am ente aliviada ao discernir tam anha diferença de feitio.

Poucos m om entos depois de chegar, Darcy avisou que Bingley tam bém viria lhe apresentar os seus cum prim entos, e Elizabeth m al tivera tem po de exprim ir a sua

satisfação, quando ouviu na escada os passos rápidos de Bingley e no m esm o instante ele apareceu na sala. Há m uito j á se tinha acalm ado todo o ressentim ento de Elizabeth contra ele. Mesm o porém que conservasse ainda um resto daqueles sentim entos, teria sido im possível resistir à singela cordialidade com que ele se exprim iu ao tornar a vê-la. Bingley perguntou pela sua fam ília de m aneira cordial, em bora vaga, falando com a m esm a tranquilidade bem -

hum orada de sem pre.

Mr. e Mrs. Gardiner o olharam tam bém com m uito interesse. Há m uito que desej avam conhecê-lo. O grupo todo, aliás, despertava neles a m ais viva curiosidade. As suspeitas que a atitude de sua sobrinha acabara de provocar fez com que observassem cada um dos presentes com curiosidade, em bora reservadam ente. E chegaram im ediatam ente à conclusão de que um a daquelas pessoas presentes, pelo m enos, sabia o que era o am or. Quanto aos sentim entos de Elizabeth, perm aneceram um pouco em

dúvida. Mas era evidente que o rapaz tinha por ela um a fervorosa adm iração.

Elizabeth, por sua vez, tinha m uito o que fazer. Queria se certificar dos sentim entos de cada um dos visitantes. Queria dom inar os seus e tornar-se agradável para todos. E neste últim o ponto, acerca do qual eram m aiores as suas apreensões, podia estar m ais certa do seu êxito, pois aqueles a quem desej ava agradar estavam dispostos a seu favor. Em Bingley encontrou a m elhor das disposições, Georgiana ansiava por satisfazê-la e Darcy estava sequioso das suas atenções.

Ao ver Bingley , Elizabeth se lem brou naturalm ente da sua irm ã e ela teria dado m uita coisa para saber se os pensam entos dele tinham tom ado o m esm o rum o que os seus. As vezes parecia-lhe que ele falava m enos do que antigam ente. E

outras vezes parecia a Elizabeth que ao olhar para ela, procurava encontrar no seu rosto a sem elhança de outra pessoa. Mas em bora esta im pressão pudesse ser im aginária, Elizabeth não poderia se enganar quanto ao com portam ento de Miss Darcy , em quem certas pessoas tinham esperado encontrar um a rival para Jane.

Nem de um lado nem de outro, um só olhar deixou transparecer qualquer interesse especial. Nada ocorreu entre eles que pudesse j ustificar as esperanças de Miss Bingley . Quanto a este ponto, ela poderia ficar inteiram ente tranquila. E

antes dos visitantes irem em bora, ocorreram dois ou três pequenos fatos que, segundo a interpretação ansiosa de Elizabeth, denotavam um a recordação de Jane, não desacom panhada de ternura da parte de Bingley e de um desej o de dizer outras coisas que pudessem conduzir à m ução do seu nom e, sem que ele o ousasse. No m om ento em que os outros estavam conversando, Bingley observou para Elizabeth, num tom que denotava um a certa m ágoa, que há longo tem po não tinha o prazer de vê-la. E antes que pudesse responder, ele acrescentou:

— Faz m ais de oito m eses. Não nos vem os desde o dia 26 de novem bro, quando estávam os todos dançando j untos em Netherfield.

Elizabeth ficou satisfeita ao ver que a m em ória de Bingley era exata. E depois, quando os outros estavam distraídos, ele encontrou ocasião de perguntar se todas as irm ãs de Elizabeth estavam em Longbourn. A pergunta nada tinha de excepcional, com o tam pouco a observação precedente. Era o seu olhar e as suas m aneiras que lhe em prestavam toda a sua significação.

Elizabeth não teve m uitas ocasiões de voltar os seus olhos para Mr. Darcy , m as todas as vezes que o olhava de relance, surpreendia um a expressão de contentam ento, e tudo o que ele dizia era num tom tão diferente da sua antiga altivez e desdém que Elizabeth ficou convencida que a m elhoria das suas m aneiras, que presenciara na véspera, por m ais tem porária que se m ostrasse, durava pelo m enos m ais do que um só dia. Quando o via assim ocupado em procurar a com panhia e a boa opinião de pessoas com as quais há poucos dias passados ele teria j ulgado desonroso m anter relações, quando o ouvia tratar com a m aior am abilidade não só a ela, Elizabeth, m as aos próprios parentes que tinha tão abertam ente desdenhado, durante aquela cena na reitoria de Hunsford, a m udança parecia tão grande, e a im pressionava de tal m aneira, que só com o m aior esforço ela conseguia esconder a sua surpresa. Nunca o vira tão desej oso de agradar, tão livre de orgulhosas e rígidas reservas com o agora, nem m esm o na com panhia dos seus queridos am igos de Netherfield, ou de seus im portantes parentes em Rosings. E agora, precisam ente, nada poderia resultar dos seus esforços, e o sim ples conhecim ento daquelas pessoas para as quais dirigia agora as suas atenções provocaria a censura e o sarcasm o das senhoras de Netherfield e de Rosings.

Os visitantes dem oraram cerca de m eia hora. E quando se levantaram para partir, Mr. Darcy se dirigiu à sua irm ã, pedindo que apoiasse o convite que fazia a Mr. e Mrs. Gardiner e a Miss Bennet para que fossem j antar em Pem berley antes de partirem . Miss

Darcy prontam ente acedeu, em bora com um a tim idez que revelava o pouco hábito que tinha de fazer convites. Mrs. Gardiner olhou para a sobrinha, desej osa de saber se Elizabeth, a quem o convite principalm ente se dirigia, estava disposta a aceitá-lo. Mas a sua sobrinha desviara a cabeça.

Presum indo portanto que esta atitude estudada exprim ia m ais um m om entâneo em baraço do que qualquer desagrado da proposta, e vendo que o seu m arido, que apreciava a sociedade, estava disposto a aceitar, ela consentiu, e o j antar foi m arcado para daí a dois dias.

Bingley disse então que o seu prazer em tornar a ver Elizabeth seria im enso, pois tinha ainda m uito o que lhe dizer e m uitas perguntas a lhe fazer sobre os seus am igos de Hertfordshire. Elizabeth, interpretando aquilo tudo com o um desej o de ouvir falar em Jane, ficou satisfeita. Graças àquela e a outras coisas, depois que os visitantes partiram , ela se pôs a pensar naquela últim a m eia hora com algum a satisfação, em bora tivesse sido pequeno o seu prazer durante todo o decurso da visita. Desej osa de ficar a sós e tem erosa das perguntas e alusões dos seus tios,

perm aneceu em com panhia destes apenas o tem po necessário para ouvir as suas opiniões favoráveis sobre Bingley . Em seguida deixou-os apressadam ente, sob o pretexto de se vestir.

Elizabeth não tinha razão de tem er a curiosidade de Mr. e de Mrs. Gardiner. Eles não desej avam forçar as suas confidências. Com preendiam que Elizabeth conhecia Mr. Darcy m uito m ais intim am ente do que tinham suposto. Era evidente que estava m uito apaixonado por ela. Viam naquilo um m otivo de interesse porém nada que j ustificasse indagações.

Quanto a Mr. Darcy , ansiavam por im aginar as m elhores coisas a seu respeito.

Até onde se estendiam as suas relações, não encontravam nele nenhum defeito.

Não podiam deixar de se sentir tocados pela sua polidez. Se tivesse im aginado o caráter de Darcy pelas suas próprias im pressões e pelas inform ações da sua criada, a sociedade do Hertfordshire, onde ele tinha residido, não o teria reconhecido. Havia agora, entretanto, interesse em acreditar nas palavras de Mrs. Rey nolds. E em pouco chegaram à conclusão de que a opinião de um a criada que o conhecera desde os quatro anos de idade, e cuj as m aneiras eram as de um a pessoa respeitável, não poderia ser rej eitada sum ariam ente. Os seus am igos de Lam bton, por outro lado, não sabiam de nenhum fato que pudesse dim inuir o valor daquele testem unho. De nada o acusavam senão de orgulho. E

orgulho ele tinha certam ente. E m esm o se não o tivesse, esse defeito lhe seria im putado pelos habitantes de um a pequena cidade provincial, onde a fam ília não possuía relações. Todos reconheciam no entanto que era um hom em generoso, e fazia bem aos pobres.

Quanto a Wickham , os visitantes logo descobriram que não era m uito estim ado no lugar, pois em bora nada de preciso se soubesse sobre as suas relações com o filho do seu protetor, no entanto era sabido que ao sair do Derby shire deixara m uitas dívidas e que Mr. Darcy m ais tarde as tivera saldado.

Elizabeth pensou m ais em Pem berley naquela noite do que na precedente. E

em bora as horas lhe parecessem difíceis de passar, não foram suficientes para que chegasse a um a conclusão acerca dos seus sentim entos. E ficou duas horas acordada, tentando ler em seu coração. Certam ente não o odiava. Não, o ódio há m uito se dissipara e há m uito tam bém se envergonhava de ter antipatizado com ele. O respeito que as suas valiosas qualidades lhe inspiravam , em bora a princípio adm itido com relutância, j á há longo tem po cessara de ser repugnante para os seus sentim entos. Ele agora se transform ava num sentim ento m ais cordial, graças aos testem unhos tão altam ente a seu favor, e à im pressão favorável que Darcy lhe produzira na véspera. Mas acim a de tudo, acim a do

respeito e da estim a, encontrava em si m esm a um m otivo de boa vontade que seria im possível desprezar: era a gratidão. Gratidão não som ente porque a am ara, m as porque ainda a am ava bastante para esquecer toda a acrim ônia e petulância com que ela o rej eitara e todas as acusações inj ustas com que acom panhara essa rej eição.

Estivera persuadida de que Darcy a evitaria com o a sua m aior inim iga. E, no entanto, durante aquele encontro acidental, ele se m ostrara ansioso por restabelecer as suas relações, sem qualquer exibição indelicada de sentim entos ou qualquer excentricidade de m aneiras, no seu m odo de tratá-la a sós.

Procurava tam bém a boa opinião dos am igos de Elizabeth, e insistira para apresentá-la à sua irm ã. Um a tal m udança num hom em tão orgulhoso produzia não som ente espanto, m as gratidão. Pois só podia ser atribuída ao am or, e a um am or ardente. E a im pressão que sobre ela esse am or produzia não era de m odo algum desagradável, em bora não pudesse ser exatam ente definível. Ela o respeitava e estim ava; era-lhe grata, sentia um interesse real pelo seu bem -estar.

E queria apenas saber até que ponto desej ava que aquele bem - estar dependesse dela, e para felicidade de am bos, até que ponto deveriam em pregar o poder que im aginava ainda possuir de fazer com que ele renovasse as suas atenções.

Ficara decidido naquela noite entre a tia e a sobrinha que um a cortesia tão decisiva com o a que m anifestara Miss Darcy , vindo visitá-los no m esm o dia da sua chegada em Pem berley , deveria ser retribuída por um esforço de polidez da sua parte. Acharam , portanto, que seria altam ente conveniente fazer um a visita a Pem berley na m anhã seguinte. Elizabeth ficou contente. No entanto, quando perguntou a si m esm a o m otivo desse contentam ento, não encontrou resposta.

Mr. Gardiner saiu logo depois da prim eira refeição. O plano da pescaria fora renovado no dia anterior e um encontro m arcado com

alguns dos cavalheiros em Pem berley , ao m eio-dia.

45

Convencida com o estava agora Elizabeth de que a antipatia de Miss Bingley era devido ao ciúm e, não podia deixar de sentir que a sua presença em Pem berley seria m uito desagradável para aquela m oça. E estava curiosa para saber em que grau de am abilidade da parte de Miss Bingley as suas relações seriam agora renovadas.

Ao alcançarem a casa, foram conduzidas através do hall para o salão, que, dando para o lado norte, era m uito agradável no verão. Das suas j anelas, abrindo-se para o pátio, descortinava-se um a vista encantadora das altas colinas recobertas de árvores e dos belos carvalhos e castanheiros, espalhados sobre o gram ado próxim o.

Nesse aposento foram recebidas por Miss Darcy e pela senhora com quem ela m orava em Londres; Mrs. Hurst e Miss Bingley tam bém estavam presentes.

Georgiana as recebeu com toda a am abilidade, em bora na sua atitude transparecesse aquele em baraço que provinha da sua tim idez e do seu m edo de errar e que poderia facilm ente ser tom ado por orgulho e reserva pelas pessoas que se sentissem inferiores. Mrs. Gardiner e sua sobrinha, no entanto, lhe faziam j ustiça e tinham pena dela.

Mrs. Hurst e Miss Bingley se lim itaram a cum prim entá-las de longe com a cabeça. E depois que se sentaram , seguiu-se um a pausa em baraçosa durante alguns segundos. A pausa foi quebrada por Mrs. Annesly , um a senhora m uito gentil e agradável. A tentativa que fez para introduzir um assunto qualquer de conversação provava que ela era m ais bem -educada do que as duas outras.

Estabeleceu-se um a conversação entre essa senhora e Mrs. Gardiner, com o apoio ocasional de Elizabeth. Miss Darcy parecia desej ar apenas um certo encoraj am ento para entrar na palestra. E

às vezes arriscava um a frase curta, quando parecia não haver m uito perigo de ser ouvida.

Elizabeth percebeu desde logo que estava sendo atentam ente observada por Miss Bingley e que não podia dizer um a só palavra, especialm ente para Miss Darcy , sem que a outra não se pusesse a escutar. Esta observação não teria im pedido Elizabeth de procurar estabelecer um a conversação com Miss Darcy , se não estivesse sentada a um a distância tão inconveniente desta. Ela esperava a cada m om ento a entrada dos cavalheiros. Desej ava e ao m esm o tem po tem ia que o dono da casa estivesse entre eles. E não sabia qual dos seus sentim entos era o m ais forte, se o seu desej o ou o seu tem or. Depois de perm anecer desta m aneira durante um quarto de hora, sem ouvir a voz de Miss Bingley , Elizabeth teve a sua atenção despertada por um a fria pergunta que aquela lhe dirigia sobre a sua fam ília. Respondeu com igual indiferença e concisão e a outra nada m ais disse.

O acontecim ento seguinte foi a entrada de criados que traziam travessas de carne fria, bolos e um a grande variedade das m elhores frutas da estação. Mas isto não

ocorreu senão depois de m uitos olhares significativos e sorrisos de Mrs. Annesly , dirigidos a Miss Darcy para lhe lem brar as suas obrigações com o dona de casa.

Havia agora ocupação suficiente para o grupo inteiro, pois em bora nem todos pudessem conversar, no entanto, todos podiam com er. E as pessoas presentes se reuniram em volta da m esa, diante das belas pirâm ides de uvas, am eixas e pêssegos.

Assim ocupada, Elizabeth teve um a boa oportunidade para refletir se tem ia realm ente o aparecim ento de Mr. Darcy ou se o desej ava. E então, em bora no m om ento anterior o seu desej o tivesse predom inado, pôs-se agora a recear que ele viesse.

Mr. Darcy estivera durante algum tem po com Mr. Gardiner, que pescava em com panhia de outros dois cavalheiros da casa. Mas ao

saber que Elizabeth e sua tia tinham resolvido fazer um a visita a Georgiana naquela m anhã, ele os deixou para voltar à casa. Assim que apareceu, Elizabeth resolveu aj uizadam ente se m ostrar perfeitam ente desem baraçada. Era um a resolução m ais fácil de ser tom ada do que de ser cum prida, pois percebeu que as atenções de todo o grupo se dirigiam para eles. Todos os olhos se voltavam para observar a atitude de Mr.

Darcy , desde o m om ento em que entrou na sala. Mas em nenhum a fisionom ia se espelhava um a curiosidade tão forte quanto na de Miss Bingley , apesar dos seus sorrisos derram ados, cada vez que se dirigia a Darcy , pois o ciúm e ainda não a tornara desesperada, e de form a algum a desistira de cum ular Mr. Darcy de atenções. Depois da chegada do irm ão, Miss Darcy com eçou a fazer esforços ainda m aiores para conversar. E Elizabeth percebeu que ele estava desej oso de que a sua irm ã a conhecesse m elhor, encoraj ando todas as tentativas de conversação entre elas. Miss Bingley tam bém observou aquilo e na im prudência da sua cólera, aproveitou a prim eira oportunidade para dizer, com um sarcasm o m al-encoberto:

— É verdade, Miss Eliza, que o regim ento da m ilícia foi rem ovido de Mery ton?

Deve ter sido um a grande perda para a sua fam ília.

Em presença de Darcy ela não ousava m encionar o nom e de Wickham . Mas Elizabeth com preendeu im ediatam ente que era nisto que ela estava pensando. E

por um instante as suas tristes recordações lhe produziram um a confusão passageira. Mas esforçando-se para repelir vigorosam ente aquele m alévolo ataque, respondeu à pergunta num tom bastante indiferente. Enquanto falava, lançando um olhar involuntário para Darcy , percebeu que este, com o rosto alterado, olhava fixam ente para ela e que Miss Darcy , cheia de confusão, tinha os olhos baixos. Se Miss Bingley tivesse previsto que ia causar tam anho desconforto à sua am iga, não teria feito aquela alusão.

Mas a sua intenção fora apenas perturbar Elizabeth, aludindo a um hom em por quem acreditava que Elizabeth nutria afeição, fazendo com que ela m ostrasse um a susceptibilidade que a poderia prej udicar aos olhos de Darcy , lem brando-lhe talvez as loucuras e

os absurdos de certas pessoas da fam ília de Elizabeth. Miss Bingley nada sabia a respeito do planej ado rapto de Miss Darcy . Nenhum a pessoa o sabia, além de Elizabeth. E Darcy desej ava particularm ente esconder este fato da fam ília de Bingley , devido àquela esperança que Elizabeth há m uito lhe atribuía de que um dia aquela fam ília se tornasse a da sua irm ã. Ele tinha certam ente form ado aquele plano. E em bora não adm itisse que tal intenção tivesse pesado na sua tentativa de separar o seu am igo de Miss Bennet, era provável que aum entasse o seu interesse pelo bem - estar do seu am igo.

No entanto, a atitude digna de Elizabeth em breve acalm ou aquela em oção. E

com o Miss Bingley , contrariada e desapontada, não ousava fazer nenhum a alusão m ais direta a Wickham , Georgiana tam bém voltou a si aos poucos, m as não ousou m ais dizer um a só palavra. Darcy , cuj os olhos Elizabeth tem ia encontrar, j á tinha esquecido quase com pletam ente o interesse que esta tivera por Wickham e aquele ataque, cuj o propósito fora afastar os seus pensam entos de Elizabeth, pareceu ter um efeito exatam ente contrário.

Pouco depois term inou a visita. Enquanto Mr. Darcy acom panhava as senhoras à carruagem , Miss Bingley dava expansão aos seus sentim entos, criticando a pessoa de Elizabeth, suas m aneiras e seu vestido. Mas Georgiana não a encoraj ava. A recom endação de seu irm ão lhe era suficiente. Aos seus olhos, o j ulgam ento dele era infalível. E Darcy tinha falado em Elizabeth em term os tão elogiosos que Georgiana se dispusera a encontrar nela todos os encantos e todas as qualidades im aginá veis. Quando Darcy voltou ao salão, Miss Bingley não pôde se im pedir de repetir um a parte das coisas que dissera à sua irm ã.

— Achei Eliza Bennet m uito m aldisposta esta m anhã — exclam ou ela. — Nunca vi um a pessoa m udar tanto em tão pouco tem po. A sua pele está tão escura e tão áspera! Louisa e eu estávam os dizendo que quase não a reconhecem os.

Por m uito que estas palavras desagradassem a Mr. Darcy , ele se lim itou a responder friam ente que não percebera nela nenhum a alteração, a não ser que estava um pouco queim ada, fato que nada tinha de m ilagroso, quando um a pessoa viaj a no verão.

— Aliás — continuou Miss Bingley —, devo confessar que nunca encontrei nenhum a beleza nela. Seu rosto é fino dem ais. Sua pele não tem brilho. E os traços dela não são nada bonitos. Ao nariz falta caráter, não há força nas suas linhas, os dentes são passáveis, m as nada têm de extraordinário. Quanto aos olhos, que eu ouvi algum as vezes dizer que são bonitos, não vej o neles nada de excepcional. Seu m odo de olhar é duro e falso. E nas suas m aneiras, há um a vaidade sem elegância que eu acho intolerável.

Miss Bingley estava persuadida de que Darcy adm irava Elizabeth; aquela não era portanto a m elhor m aneira de se recom endar aos seus olhos. Mas o ciúm e a fazia perder a cabeça. Todo êxito que obteve foi de vê-lo afinal um pouco irritado. No entanto ele perm aneceu resolutam ente calado. Decidida a fazê-lo

falar, prosseguiu:

— Lem bro-m e, quando a vi pela prim eira vez no Hertfordshire, com o nós nos surpreendem os de que ela tivesse a fam a de ser bonita. Lem bro-m e especialm ente de ouvi-lo dizer, certa noite, depois de um j antar a que foram convidados em Netherfield: “se ela é bonita, então, a m ãe é inteligente.” Mas depois parece que m udou um pouco de opinião, pois j á o ouvi dizer, um a vez, que a achava bastante bonita.

— Sim — replicou Darcy , incapaz de se conter por m ais tem po —, m as isto foi quando eu a vi pela prim eira vez, pois há m uito tem po j á que a considero um a das m ais belas m ulheres que conheço.

Ele então se afastou, e Miss Bingley ficou com a satisfação de o ter forçado a dizer um a coisa que não m agoava a ninguém , a não ser a ela própria.

Mrs. Gardiner e Elizabeth, ao regressarem , conversaram a respeito de tudo o que tinha acontecido durante essa visita, exceto sobre o que lhes interessava particularm ente. Discutiram a atitude e a palavra de todos, m enos da pessoa que havia m ais fortem ente atraído a sua atenção. Falaram em sua irm ã, seus am igos, sua casa, suas frutas, em tudo a não ser nele próprio. No entanto Elizabeth ansiava por saber o que Mrs. Gardiner pensava dele. E Mrs. Gardiner teria ficado m uito satisfeita se Elizabeth tivesse introduzido o assunto.

46

Elizabeth ficara m uito desapontada ao chegar em Lam bton, por não encontrar um a carta de Jane. E este desapontam ento fora renovado cada m anhã desde que aí se encontrava. Mas no terceiro dia, a sua expectativa foi recom pensada, pois recebeu duas cartas de Jane ao m esm o tem po, num a das quais estava escrito que tinha sido enviada para outro lugar por engano. Elizabeth não ficou surpreendida, pois Jane tinha escrito o endereço de m aneira quase ilegível. Estavam se preparando para passear quando as cartas chegaram . Seu tio e sua tia, querendo que ela ficasse à vontade para ler, partiram sozinhos. A carta extraviada devia ser lida prim eiro. Fora escrita cinco dias antes. O com eço continha um relato de todas as pequenas reuniões e divertim entos da fam ília com as últim as novidades da região. Mas a segunda m etade, que estava datada do dia subsequente e fora evidentem ente escrita em grande agitação, trazia notícias m ais im portantes. Dizia assim :

Querida Lizzy , desde que com ecei esta carta, aconteceu um fato inesperado e m uito sério. Tenho m edo de assustá-la. Pode ficar certa de que todos estão bem .

O que eu tenho a contar diz respeito a nossa pobre Ly dia. Um m ensageiro chegou ontem à noite, quando j á estávam os todos

deitados. Era do coronel Forster e dizia que Ly dia tinha partido para a Escócia com um dos seus oficiais.

Para falar a verdade, foi com Wickham ! Im agina a nossa surpresa. Para Kitty , entretanto, não parece um a coisa tão inesperada. Estou triste. Acho que é um casam ento m uito im prudente para am bos. Mas quero esperar o m elhor e fazer o possível para acreditar que o caráter dele foi m alcom preendido. Creio que ele sej a leviano e indiscreto. Mas este ato não m e parece revelar um m au coração.

Sua escolha por Ly dia é desinteressada; pois ele não deve ignorar que papai nada pode dar à sua filha. Nossa pobre m ãe está m uito desgostosa, m eu pai suporta as coisas m elhor. Que sorte não term os contado a Ly dia nada do que sabíam os contra ele. Precisam os tam bém esquecer estas coisas. Partiram sábado m ais ou m enos à m eia-noite, ao que parece, m as a sua ausência não foi notada senão ontem de m anhã às oito. O m ensageiro foi m andado im ediatam ente. Minha querida Lizzy , eles devem ter passado a dez m ilhas de distância daqui. O coronel Forster diz que tem m otivos para esperar brevem ente o regresso de Wickham .

Ly dia deixou algum as linhas para Mrs. Forster, inform ando-a acerca da sua resolução. E preciso concluir, pois não posso m e afastar m uito tem po da m inha pobre m ãe. Espero que você com preenda esta carta, pois eu nem sei bem o que escrevi.

Sem tom ar tem po para refletir, sem saber quais eram exatam ente os seus sentim entos, Elizabeth, ao acabar esta carta, abriu im ediatam ente a outra, com a m aior im paciência, e leu o que se segue (a carta fora escrita um dia depois da

conclusão da prim eira):

Ao receber esta, m inha querida irm ã, você j á deve ter recebido a m inha prim eira carta. Faço votos para que a segunda sej a m ais inteligível, pois, em bora não estej a prem ida pelo tem po, m inha cabeça está tão confusa que não m e responsabilizo pela coerência das m inhas palavras. Minha querida Lizzy , eu nem sei o que vou

escrever; tenho m ás notícias para você e não posso adiar esta com unicação. Por im prudente que sej a o casam ento de Mr. Wickham com a nossa pobre Ly dia, estam os agora ansiosos para obter a confirm ação de que tenha sido realm ente realizado, pois existem bons m otivos para acreditar que eles não foram para a Escócia. O coronel Forster chegou aqui ontem , tendo saído de Brighton no dia anterior, poucas horas depois de ter enviado o expresso. Em bora o bilhete de Ly dia para Mrs. Forster desse a entender que eles tinham ido para Gretna Green, correu que em Brighton Denny dissera que na sua opinião Wickham não tencionava absolutam ente ir para a Escócia nem se casar com Ly dia. Chegando isto aos ouvidos do coronel Forster, ele ficou alarm ado e saiu im ediatam ente de Brighton, com o intuito de ir no encalço dos fugitivos.

Conseguiu descobrir facilm ente o cam inho que tinham tom ado até Clapham , m as daí por diante não havia sinais da sua passagem , pois naquele lugar tinham tom ado um coche de aluguel e deixado o carro que os trouxera de Epsom . Tudo o que se sabe deles depois disso é que foram vistos na estrada de Londres. Não sei o que pensar. Depois de fazer todas as indagações possíveis daquele lado, o coronel Forster voltou para o Hertfordshire, detendo-se em todas as encruzilhadas e hospedarias, em Barnet e Hatfield, m as sem nenhum resultado. Ninguém os tinha visto passar. Preocupado, por nossa causa, ele veio atenciosam ente a Longbourn e nos revelou as suas apreensões de um a form a m uito honrosa para o seu caráter. Estou sinceram ente penalizada por ele e por Mrs. Forster, m as ninguém os poderá acusar de nada. A nossa aflição é grande, m inha querida Lizzy ; papai e m am ãe acreditam no pior, m as eu não posso crer que ele sej a assim tão perverso. E m uito possível que Ly dia e ele tenham j ulgado m ais conveniente realizar o casam ento em segredo em Londres e desistido do seu prim itivo proj eto; e m esm o que ele tenha desígnios tão perversos contra um a m oça bem -relacionada com o Ly dia, o que não é provável, não posso crer que Ly dia tenha perdido todo o j uízo. Im possível! Lam ento no entanto dizer que o coronel Forster não acredita no casam ento. Ele sacudiu a cabeça quando eu lhe exprim i as m inhas esperanças e disse que tem ia que Wickham não fosse um hom em

de confiança. Nossa pobre m ãe está realm ente doente, e não pode sair do quarto. Seria m elhor se ela fizesse um esforço, m as isto não é m uito provável; quanto a papai, nunca na m inha vida o vi tão perturbado. Ele se zangou m uito com a pobre Kitty porque escondeu aquele nam oro, m as com o era um segredo, acho essa atitude natural da sua parte. Estou contente, m inha querida Lizzy , que

algum as dessas cenas penosas lhe tenham sido poupadas, m as agora não posso m e im pedir de dizer que espero com ansiedade o seu regresso. Não terei entretanto o egoísm o de pedir m uita pressa, se não lhe for conveniente. Até breve. Tom o novam ente a m inha pena para fazer o contrário do que acabo de lhe dizer, m as as coisas estão de tal m odo que não posso deixar de lhe suplicar que vocês todos venham o m ais cedo possível. Conheço o m eu caro tio e a m inha tia tão bem , que não tenho m edo de fazer este pedido. Ao prim eiro, tenho outro pedido para fazer. Meu pai vai partir para Londres com o coronel Forster im ediatam ente, a fim de procurar os fugitivos. Num a circunstância com o esta, os conselhos e o auxilio do m eu tio seriam inestim áveis. Ele com preenderá im ediatam ente o que eu sinto. Confio na sua bondade.

— Oh, onde está m eu tio — exclam ou Elizabeth, dando um salto da cadeira, na sua ansiedade de ir ter com ele sem perda de um m inuto; m as ao chegar à porta, esta foi aberta por um criado e Mr. Darcy apareceu. A palidez do rosto de Elizabeth e os seus gestos agitados o assustaram . E antes que ele pudesse voltar a si e falar, ela, que tinha em m ente acim a de tudo a situação de Ly dia, exclam ou apressadam ente:

— Sinto m uito m as tenho que deixá-lo. Preciso encontrar Mr. Gardiner im ediatam ente. O assunto é urgente, não tenho um instante a perder.

— Meu Deus, que terá acontecido — exclam ou ele, com m ais inquietude do que polidez. Mas voltando a si, acrescentou:

— Não a deterei um só m inuto. Mas deixe-m e ir cham ar Mr. e Mrs. Gardiner ou m andar o criado. No estado em que está, não pode ir pessoalm ente.

Elizabeth hesitou, m as os seus j oelhos trem iam tanto que ela com preendeu que não poderia ir m uito longe. Cham ando o criado, ela o encarregou de ir im ediatam ente cham ar o seu patrão e a sua patroa, e dizer-lhes que voltassem para casa.

Depois que o criado saiu, Elizabeth sentou-se, incapaz de se suster nas pernas. O

seu estado era tão lam entável que Darcy com preendeu que era im possível deixá-la. E não pôde se im pedir de dizer, num tom de doçura e piedade:

— Deixe-m e cham ar a sua criada. Quer tom ar algum a coisa? Posso lhe oferecer um copo de vinho? Parece que está se sentindo m al.

— Não, obrigada — replicou ela, procurando dom inar-se. — Eu não tenho nada.

Estou m e sentindo bem . Apenas estou m uito aflita por causa de m ás notícias que acabo de receber de Longbourn.

Ao aludir àquele fato, ela com eçou a chorar e durante alguns m inutos não pôde falar. Mr. Darcy , penalizado e aflito, pôde apenas exprim ir vagam ente a sua preocupação e observá-la num silêncio piedoso. Afinal ela tornou a falar.

— Acabo de receber um a carta de Jane, com terríveis notícias. Não é possível escondê-las de ninguém . Minha irm ã m ais m oça abandonou todos os seus

am igos, fugiu, entregou-se a... Mr. Wickham . Partiram j untos de Brighton.

Conhece-o bem dem ais para ter dúvidas quanto ao resto da história. Ela não tem dinheiro, relações, nada que o possa tentar. Está perdida para sem pre!

Darcy ficou im obilizado de espanto.

— E quando penso — acrescentou ela, num tom m ais agitado — que eu poderia ter evitado isto, eu, que sabia quem ele era; se tivesse apenas revelado à m inha própria fam ília um a parte do que vim a saber, se o seu caráter fosse conhecido, nada disto teria acontecido. Mas agora é tarde, dem asiado tarde.

— Estou im ensam ente penalizado — exclam ou Darcy , aflito. — Mas isto é certo, absolutam ente certo?

— Oh, sim . Eles saíram de Brighton j untos sábado à noite e foram seguidos quase até Londres. Certam ente não foram para a Escócia.

— E que é que foi feito, que é que foi tentado para recuperá-la?

— Meu pai foi para Londres e Jane escreveu pedindo o auxílio im ediato de m eu tio. Partirem os, assim o espero, dentro de m eia hora. No entanto, nada m ais pode ser feito. Sei m uito bem que não há nada a fazer. Com o obrigar um hom em com o aquele a proceder corretam ente? Com o ao m enos descobrir o seu paradeiro? Não tenho a m enor esperança. É horrível.

Darcy sacudiu a cabeça, num a silenciosa aquiescência.

— Quando eu descobri qual era o caráter real daquele hom em ... Oh, se eu soubesse o que deveria fazer! Mas eu não sabia... Tinha m edo de ir dem asiado longe. Foi um desgraçado engano.

Darcy não respondeu. Ele m al parecia ouvi-la e cam inhava de um lado para outro na sala, em profunda m editação. Suas sobrancelhas estavam contraídas, sua expressão som bria. Elizabeth com preendeu im ediatam ente que a sua ascendência

sobre Darcy estava em declínio. Nada podia resistir a um a tal dem onstração de fraqueza da parte de sua fam ília a tão grande escândalo. Não podia se surpreender nem condená-lo. Refletiu que ele exercia sobre si m esm o um grande dom ínio, m as isto não lhe trouxe nenhum a consolação. E nunca Elizabeth sentira tão claram ente com o naquele m om ento, quando todo o am or era vão, que poderia tê-lo am ado.

Mas as considerações pessoais, em bora ocorressem , não a absorviam . Ly dia, a hum ilhação, a desgraça que ela estava causando à fam ília, dom inaram logo todos os pensam entos de ordem particular. E cobrindo o rosto com um lenço, Elizabeth esqueceu tudo o m ais. Depois de um a pausa de vários m inutos, a voz do seu com panheiro fê-la voltar à realidade. E no tom daquela voz, em bora transparecesse piedade, havia tam bém contenção.

— Creio que há m uito está desej ando a m inha ausência — disse Darcy . — E a não ser a m inha com preensão sincera, porém inútil, nada posso lhe oferecer que j ustifique a m inha presença. Oxalá pudesse dizer ou fazer algum a coisa que a consolasse. Mas não a atorm entarei m ais, exprim indo os m eus vãos desej os,

com o se solicitasse propositadam ente a sua gratidão. Creio que este infeliz acontecim ento im pedirá m inha irm ã de vê-la hoj e à noite em Pem berley .

— Oh, sim , tenha a bondade de apresentar as nossas desculpas a Miss Darcy .

Diga que negócios urgentes nos obrigam a voltar im ediatam ente. Esconda a infeliz verdade o m ais tem po que puder. Sei que não pode ser por m uito tem po.

Ele lhe assegurou prontam ente que poderia contar com a sua discrição. Tornou a exprim ir os seus sentim entos pela aflição de Elizabeth. Desej ou que o caso tivesse um a conclusão m ais favorável do que no m om ento era possível esperar, deixando os

seus cum prim entos para Mr. e Mrs. Gardiner, e com um grave olhar, apenas, de despedida, foi-se em bora.

Depois que ele saiu da sala, Elizabeth sentiu que era m uito pouco provável que j am ais tornassem a se encontrar em term os tão cordiais, com o os que tinham m arcado os seus vários encontros no Derby shire. E ao lançar um olhar retrospectivo sobre a história das suas relações com Darcy , história tão cheia de contradições e surpresas, não pôde deixar de suspirar, ao refletir sobre a inconstância dos seus sentim entos e a perversidade das circunstâncias que a levavam agora a desej ar prolongar aquelas m esm as relações, quando anteriorm ente se teria rej ubilado com a sua cessação.

Se a gratidão e a estim a são fundam entos suficientes para a afeição, a m oderação dos sentim entos de Elizabeth seria bastante natural. Mas, ao contrário, se a afeição oriunda de tais m otivos é insensata e pouco natural, em com paração com aquela que em geral dizem se originar no instante m esm o do encontro e antes de qualquer palavra ser trocada, nada pode ser dito em defesa de Elizabeth, a não ser que tinha experim entado este últim o m étodo com Wickham e que o seu fracasso talvez a autorizasse a procurar a outra espécie m enos interessante de afeição. Sej a com o for, viu-o partir com tristeza. E ao refletir sobre aquele infeliz acontecim ento, encontrou um m otivo adicional de angústia no pensam ento de que aquilo era apenas um exem plo dos m ales que a leviandade de Ly dia poderia causar. Nem por um m om ento, desde que lera a segunda carta de Jane, Elizabeth tivera esperança de que Wickham tencionasse realm ente se casar com a sua irm ã. Ninguém , a não ser Jane, pensou, poderia alim entar tais esperanças. A surpresa fora o m enos que sentira nessa ocasião. Ao ler a prim eira carta, ela se surpreendera enorm em ente de que Wickham quisesse se casar com aquela m oça sem fortuna. Parecia-lhe tam bém incom preensível que Ly dia estivesse apaixonada por ele. Mas agora achava tudo natural. Para um a aventura daquelas ela poderia ter encantos suficientes. E em bora Elizabeth não supusesse que Ly dia consentisse deliberadam ente num a fuga sem intenção de casam

ento, tinha razões para acreditar que nem a virtude nem o entendim ento a preservariam de se tornar um a presa fácil.

Enquanto o regim ento estava no Hertfordshire, nunca percebera que Ly dia m anifestasse qualquer preferência por Wickham . Mas Elizabeth estava

convencida de que Ly dia se apegaria a qualquer pessoa que a encoraj asse. Entre os oficiais ela m udava constantem ente de favorito, segundo as atenções que eles lhe concediam . Seus entusiasm os sofriam contínuas flutuações, m as nunca sem m otivo. Agora é que Elizabeth com preendia o m al que havia em confiar excessivam ente num a m enina com o aquela.

Elizabeth estava cada vez m ais ansiosa por regressar à sua casa, para ver, ouvir, com partilhar com Jane os cuidados que agora deviam recair inteiram ente sobre ela, num a fam ília tão desorganizada, com o pai ausente, a m ãe incapaz de um esforço e exigindo constantes cuidados. E em bora quase persuadida de que nada poderia ser feito por Ly dia, a interferência do seu tio lhe parecia da m aior im portância e a sua im paciência foi grande enquanto não o viu entrar na sala.

Mr. e Mrs. Gardiner tinham voltado apressadam ente, alarm ados, supondo pelo relato do criado que a sua sobrinha tinha adoecido repentinam ente. Depois de tranquilizá-los sobre este ponto, Elizabeth se apressou em lhes revelar a causa do recado que enviara; leu as duas cartas em voz alta, e insistiu no postscriptum da últim a carta com trêm ula veem ência, em bora Ly dia nunca tivesse sido a favorita dos seus tios. Mr. e Mrs. Gardiner ficaram profundam ente aflitos. Não era Ly dia apenas, todos eles se achavam afetados com aquilo. E depois das prim eiras exclam ações de surpresa e de horror, Mr. Gardiner prontam ente prom eteu todo o auxílio de que fosse capaz. Elizabeth, em bora não esperasse m enos, agradeceu-lhe com lágrim as de gratidão. E com o todos três estavam im buídos pela m esm a ideia, os detalhes relativos à viagem foram rapidam ente com binados. Resolveram partir o m ais depressa possível.

— Mas que farem os com relação a Pem berley ? — exclam ou Mrs. Gardiner. —

John nos contou que Mr. Darcy estava aqui quando você nos m andou cham ar. É

verdade?

— Sim , e eu disse a ele que não poderíam os cum prir os nossos com prom issos.

Ficou tudo com binado.

— Tudo o quê? — repetiu a outra para si m esm a, enquanto corria para o quarto a fim de se preparar. — Será que j á estão em term os tais que ela lhe possa revelar toda a verdade? É isto o que eu desej ava saber.

Mas esses desej os eram todos vãos. No m áxim o poderiam servir para distraí-la durante a confusão dos preparativos apressados. Se Elizabeth tivesse tido tem po diante de si, na aflição em que se encontrava não poderia ter achado nenhum a distração. Ela tam bém tinha a sua parte a fazer nos preparativos. E entre outras coisas, precisava escrever bilhetes para todos os seus am igos em Lam bton, apresentando desculpas pela partida tão repentina. Dentro de um a hora tudo estava pronto; e com o, entrem entes, Mr. Gardiner tivesse pago a conta da hospedaria, nada lhes restava fazer senão partir. E Elizabeth, depois de todas as aflições da m anhã, encontrou-se, m ais cedo do que esperava, instalada na carruagem , e a cam inho de Longbourn.

47

— Estive refletindo novam ente sobre o caso — disse Mr. Gardiner, enquanto a carruagem saía da cidade. — E realm ente, pensando bem , estou m uito m ais inclinado do que estava a j ulgar as coisas com o a sua irm ã m ais velha. Parecem e m uito pouco provável que um rapaz qualquer form asse um desígnio desses contra um a

m oça que não é de form a algum a desprotegida nem carece de relações, e que além disso residia com a fam ília do coronel do seu regim ento.

Por isto estou fortem ente inclinado a acreditar no m elhor. Poderia ele supor que os am igos dela não interviriam a seu favor? Poderia esperar ser novam ente aceito pelo regim ento depois de um a tal afronta ao coronel Forster? O risco seria m aior do que a tentação.

— Pensa realm ente assim ? — exclam ou Elizabeth, subitam ente esperançosa.

— Dou-lhe a m inha palavra que eu tam bém com eço a ser da opinião do seu tio

— disse Mrs. Gardiner. — Este ato é um a tão grande violação da decência, da honra e do bom senso, que não acho que Wickham sej a capaz de praticá-lo. E

você, Lizzy , será que m udou tanto a respeito de Wickham que agora o j ulgue capaz disto?

— Não o j ulgo capaz talvez de se descuidar dos seus próprios interesses. Mas de todos os dem ais descuidos eu o j ulgo capaz. Se ao m enos eu pudesse acreditar no que vocês acabam de dizer! Mas não ouso esperar. Se isto é verdade, por que não foi para a Escócia?

— Em prim eiro lugar — replicou Mr. Gardiner —, não há prova absoluta de que não tenham ido para a Escócia.

— Oh, m as o fato de eles se terem m udado para um coche de aluguel é um a indicação m uito clara da sua intenção. E além disso não se achou nenhum sinal da sua passagem na estrada de Barnett.

— Bem , suponham os então que eles estej am em Londres. Podem ter ido para lá apenas para se esconder. Não é provável que

nenhum dos dois tenha m uito dinheiro. E é j usto que tenham achado m ais econôm ico se casarem em Londres do que na Escócia.

— Mas então por que todo esse m istério? Por que se escondem eles? Por que é que desej am casar secretam ente? Oh, não, isto não é provável. O m ais íntim o am igo de Wickham , com o leram na carta de Jane, está persuadido de que ele nunca teve intenção de se casar com ela. Wickham nunca se casará com um a m ulher que não tenha fortuna. Ele não poderá sustentá-la. E que grandes interesses tem Ly dia, a não ser os encantos da m ocidade, da saúde e um espírito alegre para que ele renuncie por sua causa a um casam ento rico? Quanto à ofensa aos brios do regim ento que esse atentado contra a honra de um a m oça possa produzir, não sei até que ponto isto poderá levá-lo a hesitar, pois não sei tam bém os efeitos que um tal ato possa produzir. Mas quanto à sua outra obj eção,

não creio que tenha m uito peso. Ly dia não tem irm ãos que a possam defender. E

Wickham , que conhece m eu pai, j ulga que, com a sua indolência e com a pouca atenção que parece dar à fam ília, ele pouco faria e pensaria o m enos possível no assunto.

— Mas você acha que Ly dia está tão perdidam ente apaixonada por ele que consinta em viver com um hom em sem serem casados?

— É o que parece, e é bem triste — respondeu Elizabeth, com lágrim as nos olhos. — Ter de pôr em dúvida o senso da decência e da virtude de um a irm ã!

Mas realm ente eu não sei o que dizer. Talvez eu estej a sendo inj usta. Mas Ly dia é m uito m oça, nunca lhe ensinaram a pensar em coisas sérias. E durante os últim os seis m eses, ou m elhor, durante todo o últim o ano, ela nada fez senão se divertir e dar largas à sua vaidade. Deram -lhe a liberdade de dispor do seu tem po da m

aneira m ais frívola e inútil e de adotar as opiniões de todos os que encontrava. Desde que o regim ento da m ilícia ficou aquartelado em Mery ton, ela não pensou em outra coisa senão em nam oro, am or e oficiais. Fez tudo o que estava em seu poder para aum entar, com o direi, a sua susceptibilidade aos seus sentim entos, j á por natureza facilm ente inflam áveis. Pensou e conversou sobre isto continuam ente e todos sabem os que Wickham tem todas as qualidades pessoais para cativar um a m ulher.

— Mas você vê — disse a sua tia — que Jane não o j ulga capaz de um tal atentado.

— De quem é que Jane j am ais pensou m al? E qual a pessoa que ela j ulgaria capaz de um tal atentado, quaisquer que fossem os seus antecedentes, até que o fato tivesse ficado provado? Mas Jane sabe tanto quanto eu o que esse Wickham realm ente é. Am bas sabem os que se trata de um dissoluto em todos os sentidos da palavra. Que ele não tem integridade nem honra. Que é tão falso e perigoso com o insinuante.

— E você sabe realm ente disto tudo? — exclam ou Mrs. Gardiner, curiosa.

— Sei realm ente — replicou Elizabeth, corando. — Eu j á lhes contei no outro dia a sua conduta infam e para com Mr. Darcy . E a senhora m esm o, quando esteve em Longbourn na últim a vez, ouviu em que term os falou de um hom em que se m ostrou tão generoso para com ele. Existem outras circunstâncias que não vale a pena m encionar. Mas as suas m entiras a respeito da fam ília de Pem berley são inúm eras. Pelo que ele disse de Miss Darcy , eu j ulgava que ia encontrar um a m oça orgulhosa, fechada, desagradável. No entanto, ele sabia a verdade.

Wickham deve saber que ela é am ável e m odesta.

— Mas Ly dia nada sabe de tudo isto? Será que ignora tudo o que você e Jane parecem com preender tão bem ?

— Oh, sim , isto é que é o pior de tudo. Até eu estar no Kent, e entrar m ais intim am ente em contato com Mr. Darcy e seu prim o, o coronel Fitzwilliam , eu m esm a ignorava a verdade. E quando voltei para casa, soube que o regim ento ia

deixar Mery ton dentro de 15 dias. Por isso, nem eu nem Jane, a quem contei todo o caso, j ulgam os necessário tornar pública a nossa descoberta, pois pensam os que não aproveitaria a ninguém destruir a boa reputação que ele gozava em toda a redondeza. E m esm o quando ficou decidido que Ly dia ia com Mrs. Forster, nunca m e ocorreu a necessidade de abrir os seus olhos quanto ao caráter de Wickham . Nunca j ulguei que ela corresse o risco de ser iludida. E naturalm ente nem de longe im aginava que pudesse sobrevir esta consequência.

— Quando eles partiram para Brighton, você não tinha m otivos para supor então que gostassem um do outro?

— Nem o m ais leve m otivo. Não m e lem bro do m enor sintom a de afeição de nenhum dos lados. E se algum a coisa fosse perceptível, a senhora bem sabe que a nossa fam ília não deixaria passar o fato sem reparar nele. Quando Wickham entrou no regim ento, Ly dia estava disposta a adm irá-lo, m as todas as m oças de Mery ton e das redondezas perderam a cabeça por sua causa durante uns dois m eses. Mas Wickham nunca distinguiu Ly dia com qualquer atenção particular. E

por conseguinte, depois de um curto período de extravagante entusiasm o, esqueceu-se dele, e outros oficiais do regim ento que a tratavam com m ais atenção voltaram a ser os seus favoritos.

* * *

É fácil com preender que durante toda a viagem , conquanto nenhum fato novo os viesse esclarecer acerca dos seus tem ores, esperanças e conj eturas, nenhum outro tópico os poderia desviar m uito tem po daquele im portante assunto.

Elizabeth pensava nele continuam ente. A m ais aguda de todas as angústias, o rem orso, a im pedia de encontrar um só m inuto de descanso.

Viaj aram o m ais rapidam ente possível. E dorm indo um a noite na estrada, alcançaram Longbourn no dia seguinte, à hora do j antar. Foi um consolo para Elizabeth saber que, pelo m enos, Jane não tinha esperado m uito tem po. Quando a carruagem entrou no j ardim e se aproxim ou da porta da casa, todos os pequenos Gardiner, atraídos pelo rum or, vieram se colocar nos degraus da escada. E

quando o carro parou, m anifestaram a sua alegria com m uitos pulos e piruetas.

Elizabeth saltou. E depois de dar a cada um deles um rápido beij o, correu para o vestíbulo, onde se encontrou com Jane que estava no quarto da sua m ãe e que tinha descido apressadam ente a escada. Abraçaram -se afetuosam ente, com lágrim as nos olhos. Elizabeth, sem perder um só instante, perguntou se tinham sabido algum a coisa dos fugitivos.

— Ainda não — replicou Jane. — Mas agora que o nosso caro tio chegou, espero que tudo irá m elhor.

— Papai está em Londres?

— Está, ele foi na terça-feira, conform e escrevi.

— Já tiveram notícias suas?

— Sim , escreveu um a vez. Escreveu-m e um as linhas na quarta-feira, dizendo que tinha chegado bem e dando o seu endereço, coisa que eu tinha pedido a ele particularm ente. Acrescentou tam bém que não escreveria m ais até que tivesse um a coisa im portante a com unicar.

— E m am ãe, com o está ela? Com o vão todos?

— Mam ãe vai regularm ente, em bora estej a m uito deprim ida. Ela está lá em cim a e teria m uito prazer em vê-los todos. Não sai ainda do quarto. Mary e Kitty , graças a Deus, vão m uito bem .

— E você, com o vai você? — exclam ou Elizabeth. — Parece pálida! Por quanta aflição não deve ter passado!

Jane, entretanto, perseverou na afirm ação de que estava perfeitam ente bem . A conversa foi interrom pida pela entrada de Mr. e Mrs. Gardiner, que até aquele m om ento tinham estado com as crianças. Jane correu para os seus tios e os abraçou, agradecendo a am bos com sorrisos e lágrim as. Depois entraram todos na sala. As perguntas que Elizabeth j á tinha feito foram naturalm ente repetidas pelos outros. Porém , ficaram logo sabendo que Jane não tinha nenhum a notícia a dar.

No entanto, devido ao seu caráter indulgente, Jane ainda não perdera todas as esperanças. Ainda acreditava que tudo acabasse bem , e que um a m anhã destas chegaria um a carta, de Ly dia ou de seu pai, explicando o procedim ento dos fugitivos e anunciando talvez o seu casam ento. Em seguida foram todos ao quarto de Mrs. Bennet, que os recebeu exatam ente com o era de esperar. Com lágrim as, lam entações, invectivas contra a conduta infam e de Wickham , queixas pelos padecim entos que lhe infligiam , acusava a todo o m undo, esquecendo-se de que fora ela própria, com a sua insensata indulgência, a causadora principal do que acontecera à filha.

— Se m e tivessem feito a vontade — disse ela —, se eu tivesse ido tam bém para Brighton, com toda a fam ília, isto não teria acontecido. Mas a m inha pobre Ly dia não tinha ninguém para tom ar conta dela. Por que é que os Forster a deixaram fora das suas vistas? Estou certa de que houve um grave descuido da parte deles, pois Ly dia não seria capaz de fazer isto se alguém tivesse olhado por ela. Sem pre pensei que eles não serviam para tom ar conta de m inha filha. Mas com o sem pre, ninguém ouviu a m inha opinião. Minha pobre filhinha... E agora lá se foi Mr.

Bennet. Eu sei que ele vai se bater em duelo com Wickham , quando o encontrar, e na certa será m orto. Que é que vai ser de nós depois? Os Collins vão nos expulsar daqui antes do corpo ficar frio. E se você não for bom para nós, m eu irm ão, não sei o que será.

Todos protestaram contra ideias tão sinistras. E Mr. Gardiner, depois de tranquilizá-la quanto à afeição que sentia por ela e pela sua fam ília, disse que tencionava partir para Londres no dia seguinte, a fim de auxiliar Mr. Bennet nas suas tentativas para encontrar Ly dia.

— Não se entregue a receios exagerados. É preciso estar preparada para o pior, m as não há m otivo para acreditar que isto sej a certo. Ainda não faz um a sem ana que saíram de Brighton. Daqui a poucos dias devem os ter notícias deles. E até que saibam os positivam ente que não estão casados e que não têm intenção de casar, ainda não podem os considerar tudo perdido. Assim que eu chegar a Londres, irei ver o seu m arido e o trarei com igo para Gracechurch Street e aí com binarem os o que deve ser feito.

— Oh, m eu caro irm ão — replicou Mrs. Bennet —, isto é exatam ente o que eu m ais desej o. E quando chegar a Londres, faça tudo para encontrar m inha filha, onde quer que estej a. E se eles não estiverem casados, faça com que se casem .

Quanto ao enxoval, diga que não precisam esperar. Diga a Ly dia que ela terá todo o dinheiro que quiser para com prá-lo depois que se casar. E sobretudo não deixe Mr. Bennet brigar com Mr. Wickham . Conte a ele o estado em que estou.

Fale que m e acho horrivelm ente assustada, e tenho trem ores por todo o corpo, horríveis dores no lado, na cabeça, e tantas palpitações que não posso descansar nem de dia nem de noite. E diga à m inha querida Ly dia que não tom e providências a respeito das roupas até que m e tenha visto, pois ela não sabe quais são as m elhores loj as. Oh, m eu irm ão, com o você é bonzinho, bem sei que vai arranj ar tudo!

Mr. Gardiner, em bora lhe assegurasse que faria todos os esforços possíveis, não pôde deixar de lhe recom endar m oderação, tanto para as suas esperanças com o para os seus receios. E conversou com ela neste tom até a hora do j antar. Em seguida deixaram -na aos cuidados da criada, que tratava dela na ausência das filhas.

Em bora Mr. e Mrs. Gardiner estivessem persuadidos de que não havia m otivo para um a tal reclusão, acharam m elhor não se opor, pois sabiam que ela não tinha prudência suficiente para calar a boca diante dos criados. Era preferível que um a das criadas apenas, aquela em quem m ais confiavam , ficasse sabendo de todas as suas m ágoas e tem ores.

Na sala de j antar, Mary e Kitty , que tinham estado ocupadas nos seus respectivos quartos e não tinham aparecido m ais cedo, se reuniram afinal aos outros. Um a vinha dos seus livros e a outra da sua toalete. Os rostos de am bas, no entanto, estavam bastante calm os. Apenas Kitty se m ostrava m ais irritada do que de costum e, m as não se sabia se era por causa da perda da sua irm ã favorita ou da raiva que sentia por estar envolvida no acontecim ento. Quanto à Mary , seu dom ínio sobre si m esm a era perfeito. E com o rosto m uito grave ela sussurrou para Elizabeth, pouco depois de se sentar à m esa:

— Isto é um acontecim ento bem desagradável. E provavelm ente será m uito com entado. Mas nós devem os nos opor à m aré de m aledicência, e derram ar sobre os nossos corações feridos o bálsam o dos consolos fraternais.

Em seguida, vendo que Elizabeth não estava disposta a responder, acrescentou:

— Por infeliz que tenha sido Ly dia, podem os tirar disto um a lição útil. Que a perda da virtude num a m ulher é irrem issível. Que um só passo falso acarreta um a série de desgraças sem fim e que a sua reputação não é m enos frágil do que a sua beleza. Que um a m ulher nunca pode ser cautelosa dem ais para com as pessoas do outro sexo, especialm ente as que não m erecem a sua confiança.

Elizabeth levantou os olhos atônitos. Sentia-se oprim ida dem ais para responder.

Mary , porém , continuou a se consolar extraindo m áxim as m orais da infelicidade de sua irm ã.

De tarde as duas m ais velhas conseguiram ficar m eia hora sozinhas; e Elizabeth im ediatam ente aproveitou esta oportunidade para pedir que Jane lhe contasse outros detalhes do acontecim ento. Jane estava igualm ente ansiosa para conversar sobre o assunto. Prim eiro, as duas lam entaram as terríveis consequências daquele fato. Consequências que Elizabeth considerava m uito graves. Jane não podia afirm ar que os prognósticos de sua irm ã fossem de todo im possíveis. Em seguida Elizabeth prosseguiu no assunto, dizendo:

— Conte-m e tudo o que eu ainda não sei. Dê-m e outros detalhes. Que foi que o coronel Forster disse? Eles desconfiavam de algum a coisa antes da fuga? Devem ter visto os dois frequentem ente j untos.

— O coronel Forster confessou que m uitas vezes desconfiava que havia algum a coisa. Especialm ente do lado de Ly dia. Mas nunca se passou nada que inspirasse alarm e. Eu sinto m uito por ele. Mostrou-se extrem am ente atencioso e bom .

Resolvera vir até cá para nos com unicar as suas preocupações, m esm o antes de saber que eles não tinham ido para a Escócia. Os rum ores que com eçaram a circular apressaram a sua partida.

— E Denny estava convencido que Wickham não ia se casar? Sabia que eles pretendiam fugir? O coronel Forster falou com Denny pessoalm ente?

— Falou. Mas, interrogado pelo coronel, Denny negou que soubesse algum a coisa a respeito do plano. E não quis dar a sua verdadeira opinião. Ele não repetiu que estava convencido de que

não se casaria. E por isto tenho esperanças de que tenham entendido m al as suas palavras anteriorm ente.

— E até o coronel Forster chegar, nenhum a de vocês teve algum a suspeita de que não estivessem realm ente casados?

— Com o é que um a tal ideia nos poderia passar pela cabeça? Eu m e senti um pouco tem erosa quanto à felicidade de m inha irm ã com aquele casam ento, pois sabia que a conduta dele não fora sem pre das m elhores. Papai e m am ãe nada sabiam a respeito dos antecedentes do rapaz, e sentiam apenas que aquele casam ento era im prudente.

Kitty então confessou, triunfante, que sabia m ais do que nós. Que Ly dia, na sua últim a carta, lhe deixara entrever as suas intenções. Parece que há m uitas sem anas ela j á sabia que os dois estavam apaixonados.

— Mas sabia disto antes de partirem para Brighton?

— Não, creio que não.

— E o coronel Forster m ostrou que desconfiava de Wickham ? Ele conhece o seu verdadeiro caráter?

— Devo confessar que não falou tão bem de Wickham com o antigam ente o fazia. Disse que o achava im prudente e extravagante. E depois desta triste história, soube-se que ele saiu de Mery ton m uito endividado. Mas espero que isto sej a falso.

— Oh, Jane, se nós não tivéssem os sido tão discretas, se tivéssem os dito o que sabíam os a respeito dele, isto não teria acontecido!

— Talvez tivesse sido m elhor — replicou Jane. — Mas não parecia j usto denunciar os erros passados de um a pessoa, sem saber quais eram os seus sentim entos naquele m om ento. Agim os com a m elhor das intenções.

— E o coronel Forster sabia os term os da carta de Ly dia para a sua m ulher?

— Ele a trouxe consigo.

Jane então tirou a carta da bolsa e deu-a a Elizabeth. A carta era a seguinte: Minha cara Harriet: você há de rir bastante quando souber que eu fugi, e eu não posso deixar de rir tam bém , com a surpresa que você terá am anhã de m anhã quando der pela m inha falta. Vou para Gretna Green. E se você não adivinhar com quem , é um a grande tola. Só existe um hom em no m undo que eu am o e ele é um anj o. Nunca poderia ser feliz sem ele, por isso acho que não faço m al em partir. Não precisa escrever para Longbourn com unicando a m inha partida se você não quiser, pois isto tornará apenas m aior a surpresa quando eu escrever para casa e assinar o m eu nom e: Ly dia Wickham . Há de ser um a boa piada.

Quase não posso escrever de tanto rir. Transm ita as m inhas escusas a Pratt por não poder cum prir a m inha palavra e dançar com ele hoj e à noite. Diga-lhe que eu espero que m e perdoe quando souber o m otivo e que eu terei o m aior prazer em dançar com ele no próxim o baile em que nos encontrarm os. Mandarei buscar as m inhas roupas quando chegar a Longbourn; m as queria que você dissesse a Sally para costurar um rasgão no m eu vestido de m ousseline usado, antes de pôr as coisas na m ala. Até breve. Minhas lem branças para o coronel Forster. Espero que bebam à nossa saúde, desej ando que façam os um a boa viagem . Sua am iga afetuosa.

Ly dia Bennet.

— Oh, que desm iolada! — exclam ou Elizabeth, depois de ler a carta. —

Escrever um a carta destas num tal m om ento... Pelo m enos m ostra que tinha intenções sérias. Não sei se depois ele a persuadiu a fazer outra coisa, m as pelo m enos, da sua parte, a infâm ia não foi prem editada. Pobre papai, com o ele deve ter sofrido!

— Nunca vi ninguém ficar tão abalado. Durante bem uns dez m inutos ele não pôde dizer nenhum a palavra. Mam ãe caiu doente im ediatam ente e a casa toda

ficou na m aior confusão.

— Oh, Jane — exclam ou Elizabeth —, você acha que um só criado nesta casa não tenha ficado sabendo da história, naquele m esm o dia?

— Não sei, espero que sim . Mas é m uito difícil ser discreta num a ocasião destas.

Mam ãe ficou transtornada. E em bora eu procurasse auxiliá-la da m elhor m aneira, j ulgo que não fiz tanto quanto devia ter feito. Mas o horror do que poderia acontecer quase m e privou do uso das m inhas faculdades.

— Os seus cuidados foram dem asiados. Você não m e parece estar m uito bem de saúde. Antes eu tivesse ficado a seu lado. Você teve de suportar tudo sozinha...

— Mary e Kitty foram m uito prestativas. E estou certa de que teriam com partilhado das m inhas fadigas de boa vontade, m as achei que não convinha a nenhum a das duas. Kitty é m uito sensível e Mary estuda tanto que as suas horas de repouso não devem ser interrom pidas. Minha tia Philips veio na terça-feira, depois que papai foi em bora. E teve a bondade de ficar até quinta com igo. O seu auxilio nos foi precioso. E Lady Lucas tam bém tem sido m uito delicada. Ela veio até aqui, a pé, na quarta-feira de m anhã, para exprim ir os seus sentim entos e oferecer os seus serviços e os de qualquer um a das suas filhas, caso tivéssem os necessidade.

— Seria m elhor que ela tivesse ficado em casa — exclam ou Elizabeth —; talvez a intenção tenha sido boa, m as num a situação com o esta deve-se ver os vizinhos o m enos possível. Qualquer auxilio é im possível. Tais m anifestações são insuportáveis. Que elas triunfem à distância e se deem por satisfeitas.

Elizabeth perguntou então quais eram os planos do seu pai para a descoberta de Ly dia.

— Creio que tencionava ir a Epsom , lugar onde os fugitivos trocaram os cavalos, falar com os postilhões e ver se poderia obter deles algum a inform ação. O seu obj etivo principal era descobrir o núm ero do coche de aluguel que os trouxe de Clapham . Ele tinha trazido um freguês de Londres. É possível que ao trocarem de carro alguém os tivesse visto, por isso papai tencionava fazer indagações em Clapham . Se ele conseguisse descobrir a casa onde o cocheiro foi levar o freguês, faria indagações lá e talvez não fosse im possível descobrir o posto e núm ero do coche. Não sei se papai tem outros proj etos em m ente. Ele estava com tanta pressa de partir, tão inquieto e deprim ido, que tive grande dificuldade em arrancar-lhe o que eu estou agora lhe dizendo.

48

A fam ília tinha esperança de receber um a carta de Mr. Bennet no dia seguinte.

Mas o correio chegou sem trazer sequer um a sim ples linha da sua parte. A fam ília sabia que norm alm ente ele era um péssim o correspondente. Mas num m om ento daqueles, tinham tido esperança de que fizesse um esforço. Foram obrigados portanto a concluir que ele nada tinha de favorável a com unicar, m as m esm o quanto a isto, desej avam ter certeza. Mr. Gardiner tinha esperado pela carta. Com o não viesse nenhum a, partiu im ediatam ente.

Daí por diante, com a chegada de Mr. Gardiner a Londres, tinha pelo m enos certeza de receber inform ações constantes do que se estava passando. E ao despedir-se, Mr. Gardiner prom eteu que insistiria com Mr. Bennet para que voltasse a Longbourn o m ais cedo possível, coisa que m uito consolou Mrs.

Bennet. Ela via neste regresso a única possibilidade do seu m arido escapar de ser m orto em duelo. Mrs. Gardiner e as crianças deveriam perm anecer no Hertfordshire m ais alguns dias, pois Mrs.

Gardiner achou que a sua presença poderia ser de algum a utilidade para as suas sobrinhas. Ela as aj udou a tom ar conta de Mrs. Bennet e foi um grande consolo para as m oças nas suas horas de liberdade. Sua outra tia tam bém veio frequentem ente, e sem pre, com o dizia, com o propósito de lhes infundir coragem e confiança, em bora nunca chegasse sem trazer um novo exem plo da extravagância e da leviandade de Wickham . E

raram ente partia sem as deixar m ais desanim adas do que quando chegara.

Mery ton inteira parecia se esforçar por denegrir o hom em que três m eses antes fora quase com o um anj o de bondade. Diziam que ele devia dinheiro a todos os com erciantes do lugar e que as suas aventuras, que receberam todas o título de

“seduções”, se tinham estendido às fam ílias de vários com erciantes. Todo m undo declarou que ele era o rapaz m ais perverso do m undo e todos com eçaram a descobrir que sem pre haviam desconfiado dele, apesar da sua aparência de distinção.

Elizabeth, em bora só acreditasse em m etade do que diziam , achava aquilo suficiente para tornar ainda m ais certos os seus antigos prognósticos quanto à desgraça de sua irm ã. E até Jane, que acreditava ainda m enos do que Elizabeth nas coisas de que falavam , perdeu quase todas as esperanças, sobretudo porque chegara agora o m om ento de receber notícias ou cartas deles, caso tivessem ido para a Escócia, coisa de que nunca desesperara inteiram ente.

Mr. Gardiner saiu de Longbourn no dom ingo. Na terça-feira, a sua m ulher recebeu um a carta dele. Dizia que tinha encontrado im ediatam ente Mr. Bennet e o tinha convencido a ir para Gracechurch Street.

Mr. Bennet j á estivera em Epsom e Clapham , m as não tinha conseguido nenhum a inform ação satisfatória, Estava decidido

agora a fazer indagações em todos os principais hotéis da cidade, pois achava possível que eles se houvessem

instalado num daqueles lugares logo depois da sua chegada a Londres, antes de procurar novas acom odações. Mr. Gardiner, pessoalm ente, não esperava que este plano obtivesse êxito. Mas com o Mr. Bennet insistia naquilo, estava resolvido a aj udá-lo. Acrescentava que Mr. Bennet não se encontrava agora nada disposto a sair de Londres, e prom etia escrever de novo m uito breve. Havia tam bém um postscriptum que dizia o seguinte:

Escrevi igualm ente para o coronel Forster pedindo que ele indagasse, se possível, entre os am igos m ais íntim os de Wickham , no regim ento, se este tinha quaisquer parentes ou relações que pudessem saber em que parte da cidade ele se escondera. E se entre essas pessoas houvesse algum a de quem se pudesse com algum a probabilidade obter um a tal inform ação, isto seria de um a im portância talvez essencial. Até o m om ento nada tem os para nos guiar. Estou certo de que o coronel Forster fará tudo o que estiver em seu poder para nos aj udar, m as em últim a análise, talvez Lizzy , m elhor do que qualquer outra pessoa, saiba se ele tem parentes vivos.

Elizabeth com preendeu im ediatam ente de onde provinha aquela deferência pela sua autoridade. Infelizm ente não possuía inform ações que a j ustificassem .

Nunca ouvira dizer que tivesse parentes, exceto o pai e a m ãe, e am bos j á falecidos há m uitos anos. Era possível, entretanto, que alguns dos seus com panheiros do regim ento pudessem dar inform ações m ais substanciais. E

em bora não tivesse grandes esperanças a esse respeito, aquela m edida não era para se desdenhar.

Cada dia em Longbourn era agora um dia de ansiedade. Mas o m ais angustioso dos m om entos era o da chegada do correio. As

cartas eram esperadas todas as m anhãs, com a m aior im paciência. E cada dia aguardavam notícias de im portância.

Antes de receberem nova carta de Mr. Gardiner, chegou um a para Mr. Bennet da parte de Mr. Collins. E com o Jane tinha recebido instruções para que abrisse toda a correspondência dirigida ao pai na sua ausência, ela leu a carta. E

Elizabeth, que sabia com o as cartas de Mr. Collins eram curiosas, se debruçou sobre a sua irm ã e leu tam bém .

Dizia o seguinte:

Meu caro senhor: sinto-m e obrigado pelo nosso parentesco e pela m inha situação na vida a apresentar-lhe as m inhas condolências pela grande aflição que agora está sofrendo e da qual fom os inform ados ontem por um a carta do Hertfordshire.

Fique certo, m eu caro senhor, que Mrs. Collins e eu próprio nos solidarizam os sinceram ente com o senhor e toda a sua respeitável fam ília no seu atual sofrim ento, que deve ser dos m ais agudos, porque provém de um a causa que o tem po não pode rem over. Para lhe aliviar tão grande infelicidade, não faltarão

argum entos da m inha parte. Desej o consolá-lo nesse transe, que deve ser de todos o m ais duro para o coração de um pai. A m orte da sua filha seria um a bênção em com paração com o que sucede agora. E isto é ainda m ais para lam entar quando sabem os que existem razões de supor, com o a m inha cara Charlotte m e inform ou, que esta licenciosidade de conduta da parte de sua filha foi devida a um a excessiva e culposa indulgência; ao m esm o tem po, para o seu próprio consolo e o de Mrs. Bennet, estou inclinado a acreditar que as tendências da sua filha devem ser naturalm ente perversas. Sem o que, ela j am ais seria capaz de com eter tão grande crim e com tão pouca idade. Sej a com o for, o senhor nos m erece a m aior com paixão, e nisto sou acom panhado não só por Mrs.

Collins, com o igualm ente por Lady Catherine e sua filha, a quem eu contei a história e que são da m esm a opinião. Elas concordam com igo quanto às apreensões que sinto, que este m au passo de um a das suas filhas será prej udicial para o futuro de todas as outras; na verdade, quem , com o Lady Catherine pessoalm ente condescende em dizer, quem quererá se relacionar com um a tal fam ília? E esta consideração m e conduz além disso a refletir com a m aior satisfação num certo acontecim ento do m ês de novem bro passado, pois de outro m odo eu estaria envolvido em todas estas tristezas e desgraças. Perm ita que o aconselhe, pois, m eu caro senhor, a se consolar a si próprio o m ais que puder, a expulsar para sem pre a sua filha indigna da sua afeição, e deixá-la colher os frutos do seu odioso crim e. Seu, caro senhor, etc.

Mr. Gardiner não tornou a escrever senão depois que recebeu um a resposta do coronel Forster; e quando o fez, nada tinha de agradável a com unicar. Não se sabia de um só parente com quem ele m antivesse relações e era certo que Wickham não tinha nenhum parente próxim o que estivesse vivo. Seus conhecim entos antigos eram num erosos, m as desde que entrara na m ilícia parecia que j á não m antinha relações com nenhum deles. Não havia ninguém portanto a quem se pudesse dirigir e obter notícias a seu respeito. No estado precário das suas finanças, o casal tinha um m otivo poderoso para a sua reclusão, além do m edo que Wickham tinha de ser descoberto pelos parentes de Ly dia.

Haviam sabido que ele tinha deixado grandes dívidas no j ogo; o coronel Forster acreditava que seria preciso m ais de m il libras para cobrir todas as despesas que o oficial deixara em Brighton. Ele devia m uito na cidade, m as suas dívidas de honra ainda eram m uito m aiores. Mr. Gardiner não procurou esconder esses detalhes da fam ília de Longbourn. Jane os ouviu com horror.

— Um j ogador! — exclam ou ela. — Isto eu não esperava...

Mr. Gardiner acrescentava na sua carta que eles podiam contar com o regresso de seu pai no dia seguinte, que era um sábado. Abatido pelos insucessos dos seus esforços, ele se rendera às persuasões

do cunhado, para que voltasse para j unto da fam ília e deixasse a seu cargo tudo o que parecesse aconselhável para

continuação das pesquisas. Ao ser inform ada do fato, Mrs. Bennet não exprim iu toda a satisfação que as suas filhas esperavam , dada a ansiedade que m anifestara pela vida do m arido.

— O quê? — exclam ou. — Então ele vai voltar sem trazer a nossa Ly dia?

Decerto Mr. Bennet não vai sair de Londres antes de ter encontrado os fugitivos...

Quem vai brigar com Wickham e forçá-lo a se casar com ela?

Mrs. Gardiner com eçou a ter saudades de casa. Ficou com binado que ela e as crianças voltariam para Londres enquanto Mr. Bennet viria para Longbourn. A carruagem levou-as portanto até m etade da j ornada, e trouxe de volta Mr.

Bennet a Longbourn. Mrs. Gardiner partiu, tão perplexa a respeito do caso de Elizabeth e de Mr. Darcy , com o viera desde o Derbshire. O nom e dele não fora m encionado voluntariam ente nem um a vez pela sobrinha. E a vaga esperança que tinha Mrs. Gardiner de que Elizabeth receberia logo um a carta de Darcy não fora correspondida. Desde o seu regresso, Elizabeth não tinha recebido nenhum a carta que parecesse vir de Pem berley . Os atuais dissabores da fam ília tornavam desnecessária outra escusa para a depressão de Elizabeth. Ninguém podia portanto desconfiar de coisa algum a. Mas Elizabeth, que conhecia regularm ente os seus sentim entos, sabia bem que se não tivesse renovado as suas relações com Darcy teria suportado a m ágoa pela infâm ia de Ly dia com m uito m aior facilidade. E não perderia um a noite de sono em cada dois dias.

Mr. Bennet chegou e todos repararam que aparentem ente conservava toda a sua serenidade filosófica. Falou m uito pouco, com o era seu hábito. Não m encionou o assunto que o levara a

Londres e só m uito tem po depois as suas filhas tiveram coragem de se referir a isto.

Foi só à tarde, à hora do chá, que Elizabeth se aventurou a falar sobre o assunto.

Com eçou exprim indo os seus sentim entos pelas aflições que o pai deveria ter passado. Ele respondeu:

— Não fale m ais nisto. Quem deveria sofrer senão eu m esm o? Foi tudo por m inha culpa, sou obrigado a reconhecê-lo.

— Não deve ser severo dem ais para consigo próprio — replicou Elizabeth.

— É bom que você m e previna contra este erro. A natureza hum ana tem tendência a cair nele. Não, Lizzy , deixe que por um a vez na vida eu sinta o peso da m inha responsabilidade. Não tenho m edo de ser esm agado pela im pressão.

Tudo isto não tardará a passar.

— Acha que eles estão em Londres?

— Sim , em que outro lugar poderiam se esconder?

— E Ly dia sem pre desej ou ir para Londres — acrescentou Kitty .

— Então ela deve estar contente — acrescentou o pai, secam ente.

— Provavelm ente residirá lá m uito tem po.

Em seguida, depois de curto silêncio, continuou:

— Lizzy , eu não lhe guardo rancor pelo conselho que você m e deu no m ês de

m aio passado; considerando o que aconteceu, isto m ostra a largueza da sua visão.

Foram interrom pidos por Jane, que vinha buscar o chá da sua m ãe.

— Isto é um a dem onstração que conforta a gente — exclam ou ele. — Dá um ar elegante ao infortúnio. Um dia desses eu farei o m esm o. Ficarei sentado na m inha biblioteca, de cam isola e touca de dorm ir, e darei aos outros o m aior trabalho possível. Ou m elhor, vou deixar isto até que Kitty tam bém se resolva a fugir.

— Eu não vou fugir, papai — disse Kitty , inquieta. — Se m e deixassem ir a Brighton, eu m e com portaria m elhor do que Ly dia.

— Você ir a Brighton? Eu não a deixarei ir nem a Eastborn aqui ao lado. Nem por cinquenta libras. Não, Kitty , pelo m enos aprendi a ser prudente e você há de sentir os efeitos disso. Nenhum oficial tornará j am ais a entrar na m inha casa, nem m esm o para atravessar a aldeia. Os bailes serão absolutam ente proibidos a não ser que você fique de pé o tem po todo, com um a das suas irm ãs. E nunca sairá por esta porta até m e provar, todos os dias, que passou dez m inutos de m aneira sensata.

Kitty , que levara todas aquelas am eaças a sério, com eçou a chorar.

— Deixe disso — ralhou ele —, não fique triste. Se for um a boa m enina nesses próxim os dez anos, levarei você para ver um a parada.

49

Dois dias depois da chegada de Mr. Bennet, Jane e Elizabeth estavam passeando j untas no pequeno bosque atrás da casa quando viram a criada que se aproxim ava em direção a elas. E concluindo que vinha a m andado de Mrs.

Bennet a fim de cham á-las, foram ao seu encontro.

— Desculpe interrom pê-las, m as creio que chegaram boas notícias da cidade e por isto tom ei a liberdade de vir cham á-las.

— Que é que você quer dizer, Hill? Não recebem os nenhum a carta da cidade...

— Minha querida senhora — exclam ou Mrs. Hill, espantada —, então não sabe que chegou um expresso da parte de Mr. Gardiner para o patrão? Ele está aqui há m eia hora e trouxe um a carta para Mr. Bennet.

As m eninas não perderam tem po em responder e saíram correndo.

Atravessaram o vestíbulo, a sala de alm oço e foram desse m odo até a biblioteca.

Mas não encontraram o pai. Estavam a ponto de subir para procurá-lo no quarto de Mrs. Bennet, quando o m ordom o se dirigiu a elas e disse:

— Se estão procurando o patrão, ele está cam inhando em direção ao pequeno bosque.

Tendo recebido esta inform ação, as m eninas tornaram a passar pelo hall e atravessaram o gram ado em busca do pai, que se dirigia para um dos pequenos bosques que havia de um dos lados do j ardim .

Jane, que não era tão leve nem tinha tanta prática de correr, ficou para trás, enquanto sua irm ã alcançava Mr. Bennet e exclam ava, quase sem fôlego:

— Oh, papai, que foi que aconteceu, recebeu um a carta do tio?

— Sim , recebi um a carta dele pelo expresso.

— E que notícias traz, boas ou m ás?

— Que é que se pode esperar de bom ? — disse ele, tirando a carta do bolso. —

Mas talvez você queira ler.

Elizabeth tom ou a carta, im paciente, enquanto Jane se aproxim ava.

— Leia em voz alta — disse Mr. Bennet. — Pois eu m esm o não sei de que se trata.

Gracechurch Street, segunda-feira, 2 de agosto.

Meu caro irm ão:

Afinal posso lhe enviar notícias da m inha sobrinha. Notícias que, em sum a, acho que lhe agradarão. Pouco depois de sua partida no sábado, tive a boa sorte de descobrir em que parte de Londres o casal estava. Quanto aos detalhes, deixo para quando nos encontrarm os. Basta que saiba agora que eles estão descobertos.

Já estive com am bos.

— Então tudo se passou com o eu esperava — exclam ou Jane —: eles estão casados!

Elizabeth continuou:

Estive com am bos. Eles não estão casados e não encontrei neles a m enor intenção de fazê-lo. Mas se estiver disposto a cum prir o com prom isso que eu tom ei a liberdade de aceitar por você, espero que se casarão m uito breve. Tudo o que é exigido da sua parte é assegurar à sua filha, por acordo, parte das cinco m il libras destinadas a serem repartidas entre as suas filhas depois da sua m orte e da da sua m ulher. E além disso, com prom eter-se a dar à sua filha, enquanto viver, a quantia de cem libras por ano. Estas são as condições que, pensando bem , não hesitei em aceitar, sentindo-m e autorizado a fazê-lo. Enviarei esta carta por expresso para que

a sua resposta m e chegue sem perda de tem po. Você com preenderá facilm ente por estes detalhes que a situação de Mr. Wickham não é tão m á quanto se supunha. Quanto a isto, os rum ores que corriam eram falsos.

E alegra-m e dizer que sobrará ainda um pouco de dinheiro, m esm o depois de pagas todas as dívidas do m arido para instalação do casal, sem falar no dinheiro de Ly dia. Se você m e delegar plenos poderes para agir em seu nom e, coisa da qual não tenho a m enor dúvida, darei instruções im ediatam ente a Haggerston para preparar um contrato. Não há a m enor necessidade de você tornar a vir a Londres. Portanto, fique sossegado em Longbourn e conte com os m eus cuidados e diligências. Mande a sua resposta o m ais breve possível e tenha o cuidado de escrever claram ente. Nós acham os m elhor que a m inha sobrinha se casasse em m inha casa, coisa que espero você aprovará. Ela virá hoj e. Tornarei a lhe escrever assim que houver novas decisões. Seu, etc.

Edw. Gardiner.

— Será possível? — exclam ou Elizabeth, assim que term inou a carta. — Será possível que se case com ela?

— Wickham não é tão m au então com o nós pensávam os — disse Jane. — Meu pai, eu lhe dou os parabéns.

— E o senhor j á respondeu à carta? — perguntou Elizabeth.

— Não, m as é coisa que precisa ser feita im ediatam ente.

Elizabeth suplicou então que não perdesse m ais tem po.

— Oh, papai — exclam ou ela —, volte e escreva sem dem ora! Pense na im portância que cada m om ento tem num caso desses...

— Deixe-m e escrevê-la para o senhor — disse Jane —, este trabalho lhe desagrada.

— Desagrada-m e m uito — replicou ele —, m as precisa ser feito.

E dizendo isto virou-se e voltou com as m oças em direção à casa.

— E posso saber qual é a resposta? — perguntou Elizabeth. — Suponho que os term os devem ser aceitos.

— Aceitos? Só tenho vergonha que ele peça tão pouco.

— E é preciso que eles se casem . No entanto Wickham é um hom em tão

ordinário...

— Sim , sim , é preciso que se casem . Não há outra alternativa. Mas há duas coisas que eu desej aria m uito saber: um a delas é quanto dinheiro o seu tio deve pagar para arranj ar isto. E a segunda é com o poderei reem bolsá-lo.

— Dinheiro? Meu tio? — exclam ou Jane. — Que é que quer dizer com isto?

— Quero dizer que nenhum hom em , no seu j uízo perfeito, se casaria com Ly dia recebendo em troca um a com pensação tão pequena. Cem libras por ano durante a m inha vida e cinquenta depois que eu m orrer!

— É verdade — disse Elizabeth. — Não m e tinha ocorrido antes. Havia as suas dívidas a serem pagas e devia ainda sobrar dinheiro. Deve ter sido m eu tio quem arranj ou isto. É hom em generoso e bom . Mas tenho m edo que ele se tenha posto em situação difícil. O dinheiro que gastou não deve ter sido pouco.

— Não — disse Mr. Bennet. — Wickham seria um idiota se a aceitasse com m enos de dez m il libras. De outro m odo, sentiria ter de pensar m al dele logo no com eço das nossas relações.

— Dez m il libras? Deus não perm ita tal. Com o poderíam os pagar um a tal som a?

Mr. Bennet não respondeu. E todos, m ergulhados nas suas reflexões, continuaram em silêncio até chegarem em casa. Mr. Bennet foi então até à biblioteca para escrever e as m oças entraram na sala de alm oço.

— Então eles vão se casar? — exclam ou Elizabeth, assim que se viu sozinha com Jane. — Com o isto é estranho! Ainda por cim a, tem os de nos considerar m uito felizes! Tem os de dar graças a Deus que tal aconteça, em bora sej am tão dim inutas as possibilidades de Ly dia ser feliz, e Wickham tenha um caráter tão ruim ... Oh, Ly dia!

— Eu m e consolo pensando que decerto ele não se casaria com Ly dia se não tivesse afeição por ela — replicou Jane. — Em bora acredite que nosso tio tenha feito algum a coisa por ele, não posso crer que tenha gasto dez m il libras nem coisa parecida. Ele tem os seus próprios filhos e ainda pode ter outras preocupações. Com o poderia gastar dez m il libras?

— Se pudéssem os saber quais eram as dívidas de Wickham ... E com quanto ele dotou nossa irm ã... Saberia exatam ente o que Mr. Gardiner fez, pois Wickham não tem um tostão de seu. A bondade dos nossos tios é um a coisa que nunca poderá ser paga. Eles a levaram para casa e lhe deram toda a sua proteção e apoio m oral. Isto é um sacrifício que anos de gratidão não podem com pensar.

Nesse m om ento, ela está em casa deles. Se um a tão grande bondade não lhe der a consciência da falta que praticou, é que ela não m erece nunca ser feliz.

Im agina a sua cara quando chegar diante da m inha tia!

— Devem os nos esforçar para esquecer tudo o que se passou — disse Jane. —

Confio e espero que serão felizes. Creio que o fato dele consentir em se casar com ela é um a prova de que tom ou j uízo. A afeição

que têm um pelo outro lhes dará estabilidade. E eu tenho a esperança de que se estabeleçam tranquilam ente

na sua nova vida, e vivam de um a m aneira tão aj uizada que com o tem po a im prudência que fizeram sej a esquecida.

— A conduta deles foi de tal ordem — replicou Elizabeth — que nem você, nem eu e nem ninguém poderá j am ais esquecê-la. É inútil falar nisto.

As m eninas então se lem braram que sua m ãe provavelm ente ainda ignorava tudo o que se passava. Dirigiram -se, pois, à biblioteca e perguntaram a seu pai se não desej ava que elas lhe fossem transm itir a notícia. Ele estava escrevendo. E

sem levantar a cabeça respondeu, friam ente:

— Com o quiserem .

— Podem os levar a carta do m eu tio e ler para ela?

— Levem o que vocês quiserem e vão em bora.

Elizabeth tom ou a carta de cim a da m esa e as irm ãs subiram j untas. Mary e Kitty estavam am bas com Mrs. Bennet. A m esm a com unicação serviria portanto para todas. Depois de um a ligeira preparação para as notícias que traziam , a carta foi lida em voz alta. Mrs. Bennet não pôde conter os seus sentim entos.

Assim que Jane leu o trecho em que Mr. Gardiner exprim ia a esperança de que Ly dia em breve se casasse, Mrs. Bennet com eçou a m anifestar a sua alegria, e cada frase subsequente a tornava ainda m ais expansiva. A sua alegria era tão ruidosa e violenta com o anteriorm ente os seus receios e o seu desespero. Bastava saber que a sua filha se casaria. Nenhum receio quanto à felicidade de Ly dia, nenhum a lem brança da sua falta a perturbava.

— Oh, m inha querida Ly dia — exclam ou ela. — Isto é realm ente estupendo! Ela se casará! Eu tornarei a vê-la! Ela se casa com 16 anos! Que bom irm ão eu tenho! Bem sabia que ele ia arranj ar tudo! Que vontade de vê-la! E o m eu querido Wickham tam bém ! Mas as roupas, o enxoval! Vou escrever para m inha irm ã Gardiner im ediatam ente! Lizzy , m eu bem , corra lá em baixo e pergunte a seu pai quanto ele dará à Ly dia para o enxoval. Não, fique, fique, irei eu m esm a!

Toque a cam painha, Kitty , cham e Hill, eu m e vestirei num instante. Oh, m inha querida Ly dia! Com o nos sentirem os felizes quando estiverm os todos j untos!

Jane procurou abrandar a violência das suas expansões, lem brando-lhe quantas obrigações deviam a Mr. Gardiner pelo que ele tinha feito.

— Devem os atribuir a feliz conclusão desta história em grande parte à bondade do nosso tio — acrescentou Jane. — Estam os convencidas de que ele se em penhou para auxiliar Mr. Wickham com dinheiro.

— Bem — exclam ou Mrs. Bennet —, está certo, quem o faria se não fosse o seu tio? Se ele não tivesse fam ília, nós é que seriam os os seus herdeiros. E é a prim eira vez que recebem os qualquer coisa dele, a não ser alguns presentes.

Sinto-m e tão feliz, em breve terei um a filha casada! Mrs. Wickham ! Com o soa bem ... E ela fez apenas 16 anos em j unho! Jane, estou tão nervosa que não posso escrever. Vou ditar e você escreve por m im . Mais tarde com binarem os com seu pai a respeito do dinheiro. Mas é preciso encom endar as coisas im ediatam ente.

Mrs. Bennet com eçou então a fazer um a lista de todas as peças de tecidos estam pados, m ousseline e cam braia, e teria feito dentro em pouco um a grande encom enda, se Jane não a tivesse persuadido, com algum a dificuldade, que esperasse até poder consultar o seu pai. Um dia de atraso, observou ela, seria de pouca

im portância. E Mrs. Bennet sentia-se feliz dem ais para ser obstinada com o de costum e. Outros planos vieram ocupar os seus pensam entos.

— Assim que estiver vestida, irei a Mery ton e darei as boas novas a m inha irm ã Philips. E na volta irei à casa de Lady Lucas e de Mrs. Long. Kitty , corra lá em baixo e peça a carruagem . Um pouco de ar m e faria m uito bem . Meninas, querem que eu traga algum a coisa para vocês de Mery ton? Oh, aí vem Hill.

Minha cara Hill, você j á ouviu as boas novidades? Miss Ly dia vai se casar. Você terá que preparar um j arro de punch para o casam ento.

Mrs. Hill com eçou im ediatam ente a exprim ir a sua alegria. Elizabeth, com as outras, recebeu os seus parabéns. Em seguida, cansada de tanta loucura, foi se refugiar no seu quarto para poder refletir à vontade.

Coitada da Ly dia, a sua situação, m esm o assim , era bastante ruim . Mas ainda tinha de dar graças a Deus por não ser pior. E em bora pensando no futuro, não via para a sua irm ã grandes possibilidades de felicidade nem de prosperidade; e ao se lem brar do passado, dos seus tem ores há duas horas apenas, Elizabeth sentiu, entretanto, todas as vantagens que tinham adquirido.

50

Mr. Bennet m uitas vezes se arrependera de nunca ter posto de lado um a som a anual para garantia do futuro das suas filhas e da sua m ulher, em vez de gastar toda a sua renda. Agora se arrependia m ais do que nunca. Se tivesse feito o dever nesse ponto, Ly dia não estaria devendo agora tanto ao seu tio, um a som a tão grande em dinheiro, honra e bom nom e. E a satisfação de obrigar um dos piores rapazes da Grã-Bretanha a se casar com ela lhe teria cabido com o de direito.

Ele estava seriam ente preocupado que um a coisa de tão poucas vantagens para qualquer pessoa tivesse sido conseguida unicam ente a expensas do seu cunhado e resolvera, caso fosse possível, averiguar a im portância exata do seu auxílio e lhe pagar o m ais depressa possível.

Quando Mr. Bennet se casou, j ulgara que era perfeitam ente inútil fazer econom ia, pois naturalm ente ele haveria de ter um filho. Este filho entraria no direito de herdar a propriedade e desse m odo a viúva e as crianças m enores ficariam garantidas. Cinco filhas sucessivam ente vieram ao m undo, m as o filho ainda estava para vir. Muitos anos depois do nascim ento de Ly dia, Mrs. Bennet acreditava que o filho viesse a nascer. Mas afinal tivera que renunciar a essa esperança. Mrs. Bennet não tinha j eito para econom ia e os gostos m origerados do m arido foram a única coisa que os im pediu de gastarem além da renda que possuíam .

Pelo contrato de casam ento, cinco m il libras deviam ser deixadas para Mrs.

Bennet e seus filhos. Mas a partilha devia ser feita de acordo com a vontade dos pais. Em relação a Ly dia, este era um ponto que agora devia ser decidido. E Mr.

Bennet não podia hesitar em aceitar os term os da proposta que lhe tinha sido feita. Em term os precisos, porém cordiais, ele exprim iu a sua gratidão pela bondade do cunhado. Em seguida declarou a sua plena aprovação a tudo o que tinha sido feito, e a sua aceitação aos com prom issos que Mr. Gardiner tom ara em seu nom e. Nunca tinha suposto que fosse possível convencer Wickham a se casar com a sua filha em term os tão convenientes. As cem libras que deveria pagar anualm ente não representavam um deficit real de m ais de dez libras; pois as despesas com o sustento de Ly dia, o dinheiro que lhe dava para as suas despesas e os presentes que lhe chegavam continuam ente às m ãos por interm édio de Mrs. Bennet não som avam ao todo m uito m enos do que aquelas cem libras.

Outra surpresa agradável fora a facilidade com que tudo se arranj ara sem lhe dar quase trabalho. Seu desej o agora era preocupar-se com aquilo o m enos possível. O afã com que se lançara à procura da sua filha tinha sido apenas um efeito da cólera. Cessada esta, Mr. Bennet recaiu na sua habitual indolência. A carta foi logo despachada, pois em bora lento na elaboração dos seus proj etos, ele era rápido na sua execução. Pedia a Mr. Gardiner que detalhasse as despesas que

tinha feito, porém não enviou nenhum recado para Ly dia, porque ainda estava ressentido com ela.

As boas notícias espalharam -se rapidam ente pela casa e pelas redondezas. A vizinhança as acolheu filosoficam ente. Decerto teria sido m ais interessante se Miss Ly dia tivesse regressado. Ou então se ela se encontrasse em reclusão nalgum a fazenda distante. Mas o casam ento era um tópico suficiente para a conversação.

As velhas invej osas de Mery ton continuaram a enviar os seus votos de felicidade com o m esm o secreto contentam ento com que anteriorm ente exprim iam as suas condolências, pois com um tal m arido, a desgraça de Ly dia era considerada certa.

Mrs. Bennet passara 15 dias sem sair do quarto. Naquela grande data, tornou a assum ir o seu lugar à cabeceira da m esa. Sua satisfação era extrem a. Nenhum sentim ento de vergonha atenuava o seu triunfo. Desde que Jane com pletara 15

anos, o seu m aior desej o fora ver um a das suas filhas casadas. E agora este desej o estava a ponto de se realizar. Todos os seus pensam entos giravam em torno dos acessórios de um casam ento elegante, tais com o m usselines finas, novas carruagens e criados. Procurava lem brar-se de um a casa das redondezas que servisse para a sua filha e, sem saber qual seria a renda do casal, recusava m uitas das que lhe sugeriam porque seriam dem asiado m odestas e acanhadas.

— Hay e-Park talvez sirva, se os Gouldings consentirem em sair. Aquela casa espaçosa em Stoke tam bém não é m á. Mas a sala de estar é m uito pequena.

Ashworth é m uito distante. Não quero que ela m ore a m ais de dez m ilhas de distância daqui, no m áxim o. Quanto a Pulvis Lodge, as m ansardas são horríveis.

Mr. Bennet deixou que ela falasse sem interrupção, enquanto havia criados na sala. Mas depois que eles saíram , disse:

— Mrs. Bennet, antes que você tom e um a destas casas ou todas elas para a sua filha, é bom chegar j á a um acordo quanto a este ponto. Num a determ inada casa desta redondeza eles nunca serão adm itidos. Eu não encoraj arei a im prudência daqueles dois, recebendo-os em Longbourn.

A esta declaração seguiu-se um a longa disputa. Mas Mr. Bennet se m ostrou firm e. E o assunto logo os conduziu a outro. Mrs. Bennet descobriu com espanto e horror que o seu m arido não adiantaria um a só libra para as despesas do enxoval.

Ele declarou que ela não receberia o m enor sinal da sua estim a por ocasião do casam ento. Mrs. Bennet não podia com preender aquela atitude. Parecia-lhe im possível que ele levasse o ressentim ento ao ponto de recusar à sua filha um dos privilégios sem o qual o casam ento não pareceria válido. Mrs. Bennet era m uito m ais sensível à vergonha de ter casado a sua filha sem roupas novas do que à desonra causada pela sua fuga e pelo fato dela ter vivido 15 dias com Wickham sem ser casada.

Elizabeth se arrependeu m ais do que nunca por se ter deixado levar pela aflição

do m om ento e revelado a Mr. Darcy os seus tem ores quanto ao futuro da sua irm ã; pois com o o casam ento se realizaria em breve, poderiam talvez esconder o fato vergonhoso a todos aqueles que não estavam diretam ente relacionados com a fam ília.

Ela não tinha receio de que o caso se espalhasse por interm édio de Mr. Darcy ; havia poucas pessoas atualm ente em cuj a discrição tivesse m ais confiança. Por outro lado não havia ninguém cuj o conhecim ento da leviandade da sua irm ã a m ortificasse tanto. No entanto não se sentia m ortificada porque tem esse qualquer desvantagem para si própria, pois de qualquer m odo parecia haver um abism o intransponível entre eles. Mesm o que o casam ento de Ly dia tivesse sido concluído da form a m ais respeitável, não era crível que Mr. Darcy quisesse se relacionar com um a fam ília contra a qual tinha tantas obj eções; agora, a estas obj eções se acrescentava outra. Um a aliança que ele, com tanta razão, considerava desprezível.

Não era pois de estranhar que hesitasse. O desej o de obter a consideração de Elizabeth, desej o que ele lhe havia m anifestado no Derby shire, não poderia sobreviver a um tal golpe. Elizabeth se sentiu hum ilhada e ferida. Tinha rem orsos sem saber bem de quê. Invej ava a estim a dele quando não tinha m ais esperança de que essa estim a a beneficiasse. Queria saber notícias suas e não tinha a m enor esperança que ele lhe escrevesse. E agora, que não havia m ais probabilidades de encontrá-lo, estava convencida de que poderia ter sido feliz com ele.

Que triunfo para Mr. Darcy se pudesse saber que as propostas que ela tinha rej eitado tão orgulhosam ente há quatro m eses seriam recebidas agora com alegria e gratidão. Ele era generoso, disto Elizabeth não tinha a m enor dúvida.

Havia poucos hom ens m ais generosos. Para não triunfar agora, entretanto, era preciso que não fosse hum ano.

Elizabeth com eçou a com preender então que Mr. Darcy era o hom em que m ais lhe convinha, tanto pelo seu tem peram ento com o pelas suas qualidades. O seu gênio, em bora diverso do seu, correspondia a todos os seus desej os. Essa união teria sido vantaj osa para am bos. A espontaneidade e a naturalidade de Elizabeth contribuiriam para suavizar o seu espírito, e m elhorar tam bém as suas m aneiras.

Ela, por sua vez, receberia um benefício ainda m aior com a segurança do seu j ulgam ento e a sua experiência do m undo.

Porém , esse m odelo dos casam entos felizes não m ais se realizaria. Mas em breve, um a união de caráter diferente e que excluía a possibilidade do outro seria form ada na sua fam ília.

Não sabia com o Ly dia e Wickham conseguiriam viver em relativo conforto.

Aliás, um casal que se tinha unido por paixões m ais fortes do que a sua virtude tinha dim inutas possibilidades de felicidade duradoura.

* * *

Em breve Mr. Gardiner tornou a escrever para o cunhado. Aos pedidos de Mr.

Bennet, respondeu apenas que estava sem pre disposto a fazer o m áxim o do seu esforço para o bem de qualquer pessoa da fam ília, e concluiu pedindo que nunca m ais se m encionasse o assunto. A finalidade principal da carta era anunciar que Mr. Wickham tinha resolvido sair da m ilícia.

Eu desej ava m uito que ele o fizesse assim que o casam ento fosse m arcado. E

acho que você pensará, com o eu, que esse passo é m uito vantaj oso, tanto para ele com o para m inha sobrinha. Mr. Wickham tenciona entrar no Exército Regular; e alguns dos seus antigos am igos estão dispostos a apoiá-lo.

Prom eteram -lhe um posto de tenente no regim ento do general ***, aquartelado agora no Norte. Há vantagem em que ele fique longe daqui. Prom ete algum a coisa e espero que, entre pessoas estranhas, onde poderão fazer nova reputação, am bos se m ostrarão m ais prudentes. Escrevi para o coronel Forster, a fim de inform á-lo da nossa atual situação e pedindo que tranquilize os

vários credores de Mr. Wickham em Brighton e redondezas, com prom essas de rápido pagam ento, pois assum i o com prom isso de pagá-las. Peço que faça o m esm o com os seus credores em Mery ton, dos quais lhe envio a lista, de acordo com as inform ações de Mr. Wickham . Ele confessou todas as suas dívidas. Espero ao m enos que não nos tenha enganado. Haggerton j á recebeu as nossas instruções e tudo ficará pronto dentro de um a sem ana. Eles partirão em seguida para a sede do regim ento, a não ser que você os convide prim eiro a ir a Longbourn. Mrs.

Gardiner m e disse que m inha sobrinha está m uito desej osa de vê-los a todos, antes de partir para o Norte. Ela está bem e pede que eu lhe transm ita os seus respeitos, bem com o a Mrs. Bennet. Seu, etc.

E. Gardiner.

Mr. Bennet e suas filhas com preenderam logo as vantagens da saída de Mr.

Wickham do regim ento da m ilícia, não m enos claram ente do que Mr. Gardiner.

Mas Mrs. Bennet, de m odo algum ficou tão satisfeita. Ly dia ia m orar no Norte, exatam ente quando teria m aior prazer e orgulho na sua com panhia, pois ela não tinha absolutam ente desistido do seu plano de instalar a sua filha no Hertfordshire.

Seu desapontam ento foi grande. Além disso era um a pena que Ly dia fosse afastada de um lugar onde tinha tantas relações.

— Ly dia gosta tanto de Mrs. Forster! — disse ela. — É um a pena m andá-la em bora. E além disso há m uitos rapazes lá que ela aprecia. Os oficiais do regim ento do general *** podem não ser tão am áveis.

A insinuação de Mr. Gardiner podia ser tom ada com o um pedido form al para Ly dia tornar a ser adm itida entre os seus antes da sua

partida para o Norte; a princípio Mr. Bennet recusou term inantem ente este pedido. Mas Jane e Elizabeth, que eram da m esm a opinião, desej avam am bas, para bem da sua irm ã, que ela recebesse o apoio de seus pais. Pediram -lhe de um m odo tão insistente, e ao

m esm o tem po com tanta doçura, que os recebesse em Longbourn assim que estivessem casados, que conseguiram dem over o pai da sua intenção prim itiva. E

Mrs. Bennet teve a satisfação de saber que ela poderia exibir nas redondezas a sua filha casada, antes dela ser banida para o Norte. Quando Mr. Bennet tornou a escrever para o seu cunhado, transm itiu afinal a sua perm issão. Elizabeth, entretanto, ficou surpreendida por Wickham ter concordado com este plano. E se ela tivesse consultado apenas as suas preferências, um encontro com ele seria a últim a coisa no m undo que ela própria desej aria.

51

Afinal o dia do casam ento chegou. Jane e Elizabeth ficaram m ais com ovidas do que a própria Ly dia. A carruagem foi enviada ao encontro do casal, que era esperado à hora do j antar. Jane e Elizabeth viam com crescente apreensão se aproxim ar a hora da chegada. Jane especialm ente, que atribuía a Ly dia os sentim entos que sentiria se estivesse no seu lugar, se entristecia com a ideia do que a irm ã iria sofrer.

Chegaram . A fam ília estava reunida na sala de alm oço para recebê-los. Mrs.

Bennet se desm anchou em sorrisos assim que a carruagem parou à porta; Mr.

Bennet tinha um olhar grave e im penetrável, e suas filhas estavam alarm adas, ansiosas e inquietas.

Ouviram a voz de Ly dia no vestíbulo. A porta foi aberta com força e ela entrou correndo na sala. Sua m ãe adiantou-se, abraçou-a, com grandes dem onstrações de alegria. Sorrindo afetuosam ente ela estendeu a m ão para Wickham , desej ando felicidade a am bos com um a alacridade que dem onstrava bem que não duvidara nem um m inuto da realização do seu desej o.

Mr. Bennet os recebeu m uito m enos cordialm ente. Seu rosto se tornou ainda m ais grave e m al abriu a boca. A atitude despreocupada do j ovem casal era realm ente um a provocação. Elizabeth ficou irritada e m esm o Jane ficou consternada. Ly dia continuava a m esm a. Im prudente, indom ável, louca, ruidosa, tem erária. Cum prim entou cada um a das suas irm ãs exigindo os seus parabéns, e depois que todos se sentaram com eçou a olhar em torno de si com curiosidade, notando as pequenas alterações que tinha havido na sala; depois observou com um a risada que há m uito tem po ela não via aquele lugar. Wickham ficou m ais perturbado do que ela. Mas as suas m aneiras eram sem pre agradáveis e se o seu caráter fosse perfeito e o casam ento tivesse se realizado segundo as regras, seus sorrisos e suas palavras teriam conquistado toda a fam ília. Elizabeth nunca o supusera capaz de um tal cinism o. Mas ela sentou-se, resolvendo consigo m esm a que para o futuro nunca m ais traçaria lim ites à im prudência de um hom em sem escrúpulos. Ela corou e Jane tam bém , m as os rostos que lhes causavam essa perturbação não se alteraram .

A conversação era incessante. A noiva e a m ãe com petiam em exuberância. E

Wickham , que estava sentado perto de Elizabeth, com eçou a perguntar pelos seus conhecidos nas redondezas, com um a tranquilidade bem -hum orada, que ela sentiu j am ais poder im itar nas suas respostas. Tanto Wickham com o a esposa só pareciam ter apenas lem branças agradáveis na sua vida. Nenhum fato do passado era lem brado com am argura. Ela própria m encionava assuntos a que as suas irm ãs por coisa algum a no m undo aludiriam .

— Im agina, j á faz três m eses que eu fui em bora — exclam ou Ly dia. — Não m e parecem m ais do que 15 dias. E no entanto, aconteceram tantas coisas... Quando

fui em bora, nem sequer im aginava que um dia voltaria casada! Mas pensei que seria engraçado se o fizesse...

Mr. Bennet levantou os olhos. Jane ficou aflita e Elizabeth olhou significativam ente para Ly dia; esta, porém , continuou, com o se nada tivesse visto:

— Oh, m am ãe, o pessoal daqui das redondezas sabe que eu m e casei hoj e? Tive receio de que eles não soubessem . No cam inho encontram os William Goulding na sua charrete. E para que ficasse sabendo, abaixei a vidraça, tirei a m inha luva e apoiei a m ão no rebordo da j anela para que ele visse a m inha aliança. Depois, então, eu o cum prim entei e m e desm anchei em sorrisos.

Elizabeth achou que aquilo passava dos lim ites. Levantou-se, saiu, e só voltou quando os ouviu passar através do hall para ir à sala de j antar. Ao entrar, viu Ly dia com sinais de ansiedade no rosto aproxim ar-se do lugar à direita da m ãe, dizendo para a irm ã m ais velha:

— Ah, Jane, eu fico agora no seu lugar, você fica m ais para baixo, pois agora sou um a m ulher casada…

Não era crível que a solenidade do j antar desse a Ly dia o constrangim ento que até aquele instante não dem onstrara. Ao contrário, o seu desem baraço e a sua alegria aum entaram . Estava louca de vontade de ver Mrs. Philips, os Lucas e todos os outros vizinhos, e ouvi-los cham á-la de Mrs. Wickham . Enquanto essas pessoas não apareciam , logo depois ela foi m ostrar a aliança para Mrs. Hill e as duas criadas.

— Bem , m am ãe — disse ela, quando voltou para a sala —, que é que você acha do m eu m arido? Não é m esm o um hom em encantador? Estou certa de que todas as m inhas irm ãs m e invej

am . Desej o só é que elas tenham m etade da m inha sorte. Precisam todas de ir a Brighton. Lá é que é bom lugar para se arranj ar m arido. Que pena, m am ãe, não term os ido todas!

— É verdade, se m e tivessem escutado, teríam os ido. Mas m inha querida Ly dia, não gosto nada dessa ideia de você ir para tão longe. Será m esm o necessário?

— Oh, sim , não vej o nenhum m al nisto. Tenho m uita vontade de ir. A senhora, papai e m inhas irm ãs precisam ir nos visitar. Estarem os em Newcastle todo o inverno. E vai haver m uitos bailes e eu arranj arei bons pares para todas as que forem .

— Eu bem que gostaria de ir — disse Mrs. Bennet.

— E depois, quando regressar, poderão deixar com igo um a ou duas das m inhas irm ãs. Garanto que arranj arei m aridos para elas antes do fim do inverno.

— Agradeço pela parte que m e toca — disse Elizabeth. — Mas eu não aprecio m uito a sua m aneira de arranj ar m aridos.

Os visitantes não poderiam dem orar m ais de dez dias. Mr. Wickham tinha sido nom eado antes de sair de Londres e haviam lhe concedido apenas 15 dias para se reunir ao seu regim ento.

A não ser Mrs. Bennet, ninguém m ais lam entou que eles dem orassem tão pouco.

Mrs. Bennet aproveitou o tem po da m elhor form a possível, fazendo visitas com sua filha e recebendo frequentem ente. Essas reuniões foram agradáveis para todos. Escapar ao círculo da fam ília era m ais agradável para os que pensavam do que para aqueles que não o faziam . A afeição de Wickham por Ly dia era exatam ente com o Elizabeth tinha esperado: inferior à que Ly dia tinha por ele.

Mesm o se não tivesse tido oportunidade de observá-los, chegaria à conclusão lógica de que a fuga tinha sido devido m ais à paixão dela do que ao interesse dele. E se não fosse a certeza de que ele tinha fugido porque a sua situação no lugar era insuportável, Elizabeth se surpreenderia pelo fato de Wickham ter raptado a sua irm ã, sem possuir um a paixão violenta. Sendo este o caso, ele não resistira à oportunidade de ter um a com panheira para a sua viagem .

Ly dia gostava im ensam ente de Wickham . Ele continuava a ser o seu querido Wickham . Ninguém podia com petir com ele no seu coração. Fazia as coisas, segundo ela, m elhor do que todo o m undo. Certa m anhã, pouco depois da sua chegada, estando sentada com as suas duas irm ãs m ais velhas, Ly dia disse para Elizabeth:

— Lizzy , creio que nunca lhe contei com o foi o m eu casam ento. Você não estava presente quando descrevi tudo para m am ãe e as outras. Não está curiosa por saber com o tudo isto se passou?

— Não, para falar a verdade — replicou Elizabeth —, penso que quanto m enos se falar neste assunto, m elhor.

— Ora, você é tão esquisita! Mas vou contar com o aconteceu tudo... Nós nos casam os na igrej a de São Clem ente, porque a residência de Wickham era naquela paróquia. Com binam os nos encontrar lá às onze horas. Meus tios e eu devíam os ir j untos. E os outros nos encontrariam na igrej a. Bem , chegou segunda-feira de m anhã, e eu estava num a aflição que você nem im agina! Tinha m edo que acontecesse qualquer coisa e que a gente tivesse de adiar o casam ento.

Eu teria ficado desesperada! Enquanto m e vestia, m inha tia continuou falando todo o tem po, tal qual se estivesse fazendo um serm ão. Mal entendi um a palavra, pois com o você deve supor estava pensando no m eu querido Wickham . Estava doida para saber se ele ia se casar com seu casaco azul. Bem , alm oçam os às dez, com o de costum e. Pensei que o alm oço nunca m ais ia acabar. Entre parênteses, m eu tio e m inha tia foram horrivelm ente

severos com igo durante todo o tem po que estive lá. Im agina que não m e deixaram botar os pés fora de casa nem um a só vez, durante os 15 dias que passei em casa deles. Nem um a festa, nem um a reunião, nada. Naturalm ente Londres estava bastante deserta. Mas o Pequeno Teatro estava aberto. Bem , na hora em que a carruagem parou à porta, m eu tio foi cham ado a negócios por um suj eito horrível cham ado Mr. Stone. E você sabe que, quando ele com eça a falar de negócios, não acaba m ais. Eu estava tão assustada que não sabia o que fazer, pois era m eu tio quem m e serviria de

padrinho. E se a gente perdesse a hora, teria que deixar o casam ento para o dia seguinte. Mas, felizm ente, ele voltou dentro de dez m inutos, e então saím os todos.

Mas depois eu m e lem brei que m esm o se ele fosse im pedido de ir, o casam ento poderia ter se realizado, porque Mr. Darcy o poderia ter substituído.

— Mr. Darcy ? — repetiu Elizabeth, com im enso espanto.

— Sim , ele tinha ficado de vir com Wickham . Mas que é que eu estou dizendo!

Eu m e esqueci! Não devia ter dito nada! Prom eti que não diria! Que é que Wickham vai dizer? Era segredo!

— Se era segredo — disse Jane —, então não diga m ais nada. Pode ficar certa de que não farem os outras indagações.

— Decerto — disse Elizabeth, ardendo de curiosidade. — Nada perguntarem os a você.

— Obrigada — disse Ly dia —, pois se vocês perguntassem , eu certam ente diria tudo. E depois Wickham ficaria m uito zangado com igo.

Para resistir àquele encoraj am ento, Elizabeth foi obrigada a fugir.

Mas era im possível viver na ignorância daquele detalhe. Ou pelo m enos era im possível não tentar se inform ar. Mr. Darcy assistira ao casam ento da sua irm ã.

Não poderia haver no m undo cena m ais capaz de atrair o seu interesse. As conj eturas m ais loucas atravessaram o seu espírito, sem que nenhum a o satisfizesse. As explicações que m ais lhe agradavam , j ustam ente as que colocavam a conduta dele sob um a luz m ais nobre, pareciam as m enos prováveis. Ela não poderia suportar essa incerteza. E tom ando um a folha de papel escreveu apressadam ente um a curta m issiva para a sua tia, pedindo-lhe a explicação do fato a que Ly dia aludira, caso não fosse segredo.

A senhora bem pode com preender que estou curiosa para saber com o um a pessoa que não tem relações com qualquer um a de nós e é com parativam ente um estranho para a nossa fam ília pudesse estar presente ao casam ento. Peço que escreva im ediatam ente e m e explique tudo, a não ser que haj a m otivos m uito fortes para guardar o segredo que Ly dia parece achar necessário. Neste caso, terei de m e resignar à m inha ignorância.

“Não, j am ais m e resignarei a isto”, disse Elizabeth para si m esm a. Em seguida term inou a carta: “Minha querida tia, se a senhora não m e disser isto por bem , serei obrigada a lançar m ão de estratagem as para descobri-lo.”

A delicadeza de Jane não lhe perm itia que falasse em particular com Elizabeth sobre o que Ly dia tinha dito. Aliás, isto era agradável para Elizabeth. Ela preferia não ter um a confidente até saber se a sua curiosidade seria satisfeita.

52

Elizabeth teve a satisfação de receber um a resposta da sua carta e verificou que não era possível obtê-la m ais prontam ente. Assim que a carta chegou, correu para o pequeno bosque e, sentando-se num banco, preparou-se para ler tranquilam ente, sentindo-se feliz

porque, pelo núm ero de folhas, era fácil verificar que não continha um a sim ples negativa.

Gracechurch Street, 6 de setem bro.

Minha querida sobrinha: Acabo de receber a sua carta e devotarei toda esta m anhã a lhe escrever a m inha resposta, pois prevej o que em poucas linhas não poderei transm itir tudo o que tenho a dizer. Devo confessar que o seu interesse m e surpreende. Não o esperava da sua parte. Não pense que eu estej a zangada, no entanto, pois o que desej o exprim ir é que não esperava que estas inform ações lhe fossem necessárias. Se prefere não com preender o que digo, perdoe a m inha im pertinência. Seu tio ficou tão espantado com o eu. E nada, a não ser que você sej a um a parte interessada, o teria levado a agir da m aneira que fez. Mas se você é realm ente inocente e ignorante, preciso ser m ais explícita. No m esm o dia em que cheguei aqui de Longbourn, seu tio recebeu um a visita inesperada. Mr.

Darcy veio à nossa casa e ficou em conferência com ele durante várias horas.

Quando cheguei, tudo isso j á tinha acabado e portanto a m inha curiosidade não foi tão intensam ente despertada com o a sua parece ter sido. Ele veio para dizer a seu tio que tinha descoberto o paradeiro de Mr. Wickham e da sua irm ã e que j á os tinha visto e conversado com am bos, com Wickham várias vezes e com Ly dia apenas um a. Ao que parece, ele saiu do Derby shire um dia depois da nossa partida. E veio a Londres resolvido a procurar os fugitivos. O m otivo alegado era sua convicção de que fora por sua causa que o caráter de Wickham não tinha sido bem conhecido, de m aneira que tornasse im possível que um a m oça decente o am asse e confiasse nele. Generosam ente atribuiu tudo isto ao seu orgulho m al-entendido, pois j ulgava estar acim a da necessidade de expor aos outros os seus atos particulares. O seu caráter falava por si m esm o. Ele achava portanto que era o seu dever vir a público e tentar reparar o m al que j ulgava ter causado. Se tinha outro m otivo, estou certa que não era um m otivo inconfessado. Passara

alguns dias em Londres antes de descobrir os fugitivos. Mas ele possui um elem ento para dirigir a sua busca que nós não possuím os: e este era o outro m otivo para j ustificar a sua vinda. Existe um a senhora, ao que parece um a certa Mrs.

Younge, que foi durante algum tem po a governanta de Miss Darcy , tendo sido despedida por m otivos que ele não nos contou. Depois disto ela alugou um a grande casa em Edward Street e aí abriu um a pensão. Mr. Darcy sabia que esta Mrs. Younge era intim am ente ligada a Wickham . E se dirigiu a ela em busca de inform ações, assim que chegou em Londres. Mas, levou dois dias para obter dela

o que desej ava. Suponho que essa m ulher não queria trair o segredo que lhe fora confiado sem receber um suborno, pois de fato ela conhecia o paradeiro do seu am igo. Wickham realm ente a tinha procurado, logo depois de chegar a Londres, e se tivesse tido côm odos disponíveis, seria na sua casa que teria se instalado.

Afinal o nosso bom am igo conseguiu obter o endereço desej ado. Estavam na rua X. Mr. Darcy esteve com Wickham e posteriorm ente insistiu para ver Ly dia. O

seu prim eiro obj etivo para com ela, reconheceu ele, fora persuadi-la a abandonar a sua desonrosa situação atual e voltar para os seus am igos assim que consentissem em recebê-la, oferecendo o seu auxílio nesse sentido. Mas encontrou Ly dia absolutam ente resolvida a perm anecer onde estava. Ela não queria saber dos am igos, não queria o seu auxílio e por coisa algum a deste m undo deixaria Wickham . Estava certa de que eles se casariam m ais cedo ou m ais tarde e que a data não tinha im portância. Já que os seus sentim entos eram estes, pensou ele, restava apenas fazer com que se casassem o m ais rapidam ente possível. Logo na prim eira conversação que teve com Wickham , ele com preendeu im ediatam ente que tal coisa nunca fora sua intenção. Aquele confessou que tinha deixado o regim ento devido a algum as dívidas de honra m uito urgentes. E não hesitava em atribuir unicam ente à sua própria leviandade todas as m ás consequências da fuga de Ly dia. Tinha tam bém a intenção de resignar o seu posto im ediatam ente. E

quanto à sua futura situação, não sabia absolutam ente o que fazer. Ele precisava ir para algum lugar m as não sabia para onde. Sabia apenas que não tinha nenhum dinheiro para viver. Darcy perguntou por que ele não se tinha casado com Ly dia im ediatam ente. Em bora não constasse que Mr. Bennet fosse m uito rico, ainda assim poderia fazer algum a coisa por ele e a sua situação m elhoraria com o casam ento. Mas em resposta a esta pergunta, Mr. Darcy descobriu que Wickham ainda alim entava esperanças de fazer a sua fortuna pelo casam ento, nalgum outro país. Assim sendo, não seria prudente oferecer-lhe um auxílio im ediato. Eles se encontraram várias vezes, pois havia m uito que discutir. Wickham , naturalm ente, queria m ais do que poderia obter. Mas afinal, rendeu-se à evidência e tudo foi com binado entre eles.

Mr. Darcy em seguida procurou o seu tio para lhe com unicar o que tinha feito. E

ele esteve em Gracechurch Street na noite anterior à m inha chegada. Mas não conseguiu encontrar Mr. Gardiner e descobriu então que seu pai ainda estava com ele, pois que som ente sairia de Londres na m anhã seguinte. Julgou então que era m elhor entender-se com o seu tio do que com o seu pai. Resolveu, assim , adiar a entrevista que teria com Mr. Gardiner para depois da partida daquele. Ele não deixou o nom e e até voltar no dia seguinte sabia-se apenas que um cavalheiro tinha procurado Mr. Gardiner a negócios. No sábado reapareceu. Seu pai tinha partido, seu tio estava em casa e, com o eu disse antes, tiveram um a longa entrevista. Tornaram a se encontrar no dom ingo, e nesse dia eu o vi tam bém . Só na segunda-feira ficou tudo com binado. E im ediatam ente um

expresso foi despachado para Longbourn. Mas o nosso visitante se m ostrou m uito obstinado: creio, Lizzy , que afinal de contas a obstinação é o defeito real do seu caráter. Ele j á foi acusado de m uitas faltas, m as esta é a única verdadeira.

Queria fazer tudo pessoalm ente; em bora eu estej a certa (e não falo nisto para receber agradecim entos e portanto não diga para

ninguém) de que seu tio arranj aria tudo rapidam ente. Discutiram j untos durante m uito tem po. Mais do que as duas pessoas em questão m ereciam . Mas, afinal, seu tio foi forçado a ceder. Em vez de ser útil realm ente à sua sobrinha, teve de se contentar com a fam a, coisa que não lhe agradou de m aneira algum a. E eu creio que a sua carta de hoj e de m anhã lhe deu um grande prazer, porque exigia um a explicação que o despoj aria das suas falsas plum agens, restituindo a glória a quem de direito.

Mas, Lizzy , isto não deve passar de você e de Jane no m áxim o. Suponho que você deve saber m uito bem o que foi feito para o j ovem casal. As dívidas de Wickham , que sobem , creio eu, a m uito m ais de m il libras, precisam ser pagas.

Outras m il são necessárias para o dote de Ly dia. E a sua fiança ao posto que pretende tem de ser paga tam bém . O m otivo alegado para fazer tudo isto foi o que eu citei acim a. Fora devido a ele, aos seus escrúpulos excessivos, que os outros se tinham enganado a respeito do caráter de Wickham . E daí a confiança que tinham depositado nele. Talvez haj a um a certa verdade nisto, m as eu duvido que o seu silêncio ou o silêncio de qualquer outra pessoa possa ter sido a causa deste acontecim ento. Mas apesar de todas essas belas palavras, m inha querida Lizzy , você pode ficar inteiram ente certa de que o seu tio nunca teria cedido se não tivesse j ulgado que Mr. Darcy tinha um outro interesse no assunto. Quando tudo isto ficou resolvido, ele voltou novam ente para a com panhia dos seus am igos que ainda estavam em Pem berley , m as ficou com binado que voltaria a Londres novam ente, no dia do casam ento, para dar a últim a dem ão aos negócios de dinheiro. Creio que agora j á lhe contei tudo. É um relato que, segundo vej o pela sua carta, lhe dará um a grande surpresa. Espero pelo m enos que não lhe causará nenhum descontentam ento. Ly dia ficou m orando conosco e Wickham esteve constantem ente lá em casa. Achei que ele era exatam ente o m esm o rapaz que eu conheci no Hertfordshire. Mas eu não lhe contaria com o m e desagradou a conduta de Ly dia, enquanto esteve conosco, se eu não tivesse percebido, pela carta de Jane que recebi na segunda-feira passada,

que o seu procedim ento em Longbourn foi exatam ente equivalente. E portanto o que eu lhe confesso agora não pode lhe causar novo desgosto. Conversei com ela várias vezes da m aneira m ais séria, m ostrando-lhe o m al que tinha feito e toda a infelicidade que causara à sua fam ília. Se ela m e ouviu foi por acaso. Estou certa de que não m e prestou a m enor atenção. Várias vezes fiquei m uito irritada. Nestes m om entos eu m e lem brava das m inhas queridas Elizabeth e Jane e por causa de vocês m e arm ei da m aior paciência possível. Mr. Darcy voltou pontualm ente e, com o Ly dia j á lhe contou, assistiu ao casam ento. Jantou conosco no dia seguinte e tencionava

partir na quarta ou na quinta-feira. Espero que não se zangará com igo, m inha querida Lizzy , por eu m e aproveitar desta oportunidade para lhe dizer um a coisa que antes nunca tinha ousado dizer: é que eu gosto m uito dele. Seu procedim ento para conosco foi sob todos os aspectos tão agradável com o quando estivem os no Derby shire. Sua m aneira de ver as coisas, suas opiniões, tudo m e agrada m uito.

Só lhe falta um pouco m ais de vivacidade. E isto, se se casar acertadam ente, a sua m ulher lhe poderá ensinar. Achei-o m uito astuto. Quase nunca m encionou o seu nom e. Mas a astúcia parece que está em m oda. Peço-lhe que m e perdoe se fui m uito ousada ou pelo m enos não m e castigue a ponto de m e excluir de P.

Nunca m e sentirei inteiram ente feliz enquanto não tiver percorrido todo o parque.

Com um faéton baixo e um a boa parelha de pôneis, seria o ideal. Não posso escrever m ais, as crianças j á m e esperam há m eia hora. Sua tia m uito afetuosa.

M. Gardiner.

O conteúdo desta carta lançou o espírito de Elizabeth num a agitação em que era difícil determ inar se o prazer ou a dor predom inavam .

As vagas suspeitas acerca do que Mr. Darcy poderia ter feito para auxiliar o casam ento da sua irm ã, suspeitas que tivera receios de encoraj ar, pois dem onstravam um a grandeza de alm a que dificilm ente encontraria em alguém , suspeitas cuj a confirm ação ao m esm o tem po tem ia por causa da obrigação que acarretariam , se tinham convertido em realidade além das suas expectativas. Ele os seguira deliberadam ente a Londres. Assum ira todos os incôm odos e m ortificações inerentes a um a tal pesquisa. Tivera que suplicar a um a m ulher que devia abom inar e desprezar. Fora obrigado a se encontrar frequentem ente, discutir, persuadir e finalm ente subornar o hom em que sem pre m ais desej aria evitar e cuj o sim ples nom e lhe era detestável. Tudo isso tinha feito por um a m oça que ele não podia nem adm irar nem estim ar. Seu coração lhe dizia que fora unicam ente por sua causa. Mas esta esperança era logo sufocada por outras reflexões e ela sentiu que não era vaidosa a ponto de j ulgar que Darcy tinha afeição por um a m ulher que j á o rej eitara, e que ele seria capaz de vencer um sentim ento tão natural quanto a repugnância em se relacionar novam ente com Wickham . Cunhado de Wickham ! O orgulho m ais elem entar se revoltaria contra isto. Decerto ele j á tinha feito m uito. Elizabeth até se envergonhava de pensar em tudo o que lhe devia. Mas Darcy tinha apresentado um m otivo para a sua interferência, um m otivo que não exigia sutilezas de interpretação. Não era natural que ele sentisse que agira erradam ente. Era generoso e tinha m eios de exercer a sua generosidade. E em bora não se considerasse com o a causa principal dessa conduta, poderia talvez supor que um resto de afeição por ela tivesse contribuído para os seus esforços num a causa de que dependia diretam ente a sua paz de espírito. Era doloroso, m uito doloroso, saber que deviam um a tal obrigação a um a pessoa a quem nunca poderiam pagar. Eles deviam a

reabilitação de Ly dia, sua restituição ao seio da fam ília exclusivam ente a Mr.

Darcy . Elizabeth se arrependeu am argam ente de todos os desprazeres que lhe causara, de todas as palavras duras que lhe havia dirigido. Sentia-se hum ilhada consigo m esm a m as estava

orgulhosa dele. E isto porque num a causa de honra, m ovido pela com paixão, ele conseguira se dom inar. E ao pensar na certeza que tanto ela com o seu tio sentiam de que a afeição de Mr. Darcy por ela continuava a subsistir, sentia até um certo prazer, em bora de m istura a m ágoa.

Elizabeth foi arrancada das suas reflexões pela aproxim ação de um a pessoa.

Levantou-se, m as antes de fugir pelo outro cam inho foi abordada por Wickham .

— Acha que estou interrom pendo o seu passeio solitário, m inha cara irm ã? —

indagou ele, aproxim ando-se.

— Sentiria m ulto se o fosse. Sem pre fom os bons am igos. E agora m ais do que nunca.

— É verdade. Os outros não vêm passear?

— Não sei. Mrs. Bennet e Ly dia vão de carro a Mery ton.

— Então, m inha cara irm ã, soube pelos m eus tios que você j á esteve em Pem berley .

Elizabeth respondeu afirm ativam ente.

— Eu quase lhe invej o o prazer. No entanto acho que seria dem asiado para m im .

Sem o quê, iria até lá a cam inho de Newcastle. Naturalm ente esteve com a velha caseira... Pobre Mrs. Rey nolds, ela gostava m uito de m im ! Mas suponho que ela não tenha falado em m eu nom e...

— Falou sim .

— E o que foi que disse?

— Que tinha entrado no exército e parecia que não tinha dado boa coisa. Mas com preende, a um a tal distância as coisas chegam bem deform adas…

— Certam ente — replicou ele, m ordendo os lábios.

Elizabeth supôs que o silenciara, m as pouco depois ele disse:

— Fiquei espantado de ver Darcy em Londres, da vez anterior. Eu o avistei várias vezes na rua. Que será que ele anda fazendo lá?

— Talvez preparando o seu casam ento com Miss de Bourgh — disse Elizabeth.

— Ele deve ter um m otivo m uito especial para vir a Londres nesta época do ano.

— Sem dúvida. Viu Mr. Darcy algum a vez quando esteve em Lam bton? Se não m e engano, os Gardiner disseram -m e isto.

— Sim , ele m e apresentou à irm ã.

— E que achou dela?

— Gostei im ensam ente.

— É verdade, ouvi dizer que ela m elhorou extraordinariam ente nesses últim os dois anos. Da últim a vez que a vi não prom etia m uito. Espero que ela acabe bem .

— Tenho certeza disto, pois j á passou a idade m ais perigosa.

— Passaram pela aldeia de Ky m pton?

— Não m e lem bro.

— Falo nisto porque é a sede da reitoria que devia ter sido m inha. Um lugar encantador. A casa é excelente. Teria sido extrem am ente conveniente para m im .

— Você teria gostado de fazer serm ões lá?

— Muito. Eu teria considerado isto parte do m eu dever e o esforço, afinal, não seria tão grande assim . A gente não deve se queixar. Teria sido um lugar esplêndido para m im . A tranquilidade daquela vida teria correspondido a todas as m inhas ideias de felicidade. Mas não tinha que ser. Darcy lhe falou algum a coisa sobre o caso, enquanto esteve no Kent?

— Ouvi de um a pessoa, que considero tão bem -inform ada quanto ele, que a reitoria lhe foi deixada apenas condicionalm ente, ao arbítrio do atual proprietário.

— Ah, sim ? Realm ente, existe algum a verdade nisto. Aliás, foi o que eu lhe disse desde o princípio, não se lem bra?

— Ouvi dizer tam bém que num a certa época da sua vida, a necessidade de fazer serm ões não lhe era tão agradável quanto atualm ente. Ouvi dizer m esm o que tinha resolvido não se ordenar. E que neste sentido chegou a haver um acordo.

— Ah, ouviu dizer isto? E não foi sem fundam ento. Deve se lem brar do que eu lhe falei a este respeito, quando falam os pela prim eira vez neste assunto.

Estavam quase à porta da casa, pois Elizabeth tinha andado depressa para se ver livre dele.

Não querendo m ais provocá-lo, por causa da sua irm ã, ela respondeu apenas com um sorriso cordial:

— Vam os acabar com isto, Mr. Wickham , som os agora irm ãos. Não devem os brigar por causa do passado. Para o futuro, espero que estej am os sem pre de acordo.

Elizabeth estendeu a m ão e ele a beij ou com galante cordialidade, em bora não soubesse que expressão tom ar ao entrar em casa.

53

Mr. Wickham ficou tão satisfeito com a conversação que nunca m ais m encionou aquele assunto em presença de Elizabeth. Esta, por sua vez, ficou satisfeita de ter dito o suficiente para silenciá-lo.

Breve chegou o dia da partida de Ly dia. E Mrs. Bennet foi obrigada a se subm eter à separação, que provavelm ente duraria pelo m enos um ano, pois Mr.

Bennet se recusou term inantem ente a aderir ao plano de irem todos a Newcastle.

— Oh, m inha querida Ly dia — exclam ou ela —, quando nos tornarem os a ver?

— Não sei. Daqui a dois ou três anos talvez.

— Não deixe de m e escrever sem pre, m eu bem .

— Escreverei sem pre que puder. Mas a senhora deve saber que as m ulheres casadas não têm m uito tem po para escrever. Minhas irm ãs podem , pois não têm nada que fazer.

As despedidas de Mr. Wickham foram m uito m ais afetuosas do que as de sua m ulher. Ele sorriu, fez pose, disse m uitas coisas bonitas.

— É um ótim o rapaz — disse Mr. Bennet assim que o viu fora de casa. —

Distribui sorrisinhos, gatim onhas e faz a corte a todo m undo. Estou m uito orgulhoso dele. Desafio o próprio Sir William Lucas a apresentar um genro m elhor do que o m eu.

A perda da sua filha fez Mrs. Bennet ficar triste vários dias.

— Muitas vezes penso — disse ela — que não há nada m ais doloroso do que o fato de se separar dos am igos. A gente se sente tão abandonada...

— A senhora deve com preender, m am ãe, que isto é a consequência de casar um a filha — disse Elizabeth. — Deve ficar contente, j á que as suas outras quatro filhas continuam solteiras.

— Não é nada disto. Eu tenho de m e separar de Ly dia não porque ela estej a casada, m as porque o regim ento do m arido dela fica tão longe. Se estivesse m ais próxim o, não seria obrigada a partir tão cedo.

Mas o desânim o em que este acontecim ento precipitou Mrs. Bennet foi em breve atenuado por um a notícia que com eçou a circular. A caseira de Netherfield tinha recebido ordem de preparar a casa para a chegada do patrão que viria daí a um ou dois dias, e se dem oraria lá várias sem anas para caçar. Mrs. Bennet ficou m uito agitada. Olhava para Jane, sorria e m ovia a cabeça de vez em quando.

Fora Mrs. Philips quem trouxera a notícia.

— Bem , bem , então Mr. Bingley está para chegar? Melhor. Não que eu faça m uito caso disto, nós o conhecem os m uito pouco, com o sabe, e eu por m im não quero m ais vê-lo. No entanto, acho que faz m uito bem de vir para Netherfield.

Quem sabe o que pode acontecer? Mas você bem sabe que há m uito tem po resolvem os não falar m ais nisto. Então é m esm o certa a chegada dele?

— Pode contar com isto — replicou a outra. — Pois Mrs. Nichols esteve em

Mery ton ontem à noite. Eu a vi passando e saí de propósito para perguntar o que estava fazendo. E ela m e disse que era verdade. Deve chegar na quinta-feira o m ais tardar ou talvez m esm o na

quarta. Ela estava a cam inho do açougue, dissem e, j ustam ente para encom endar carne para quarta-feira. E ela tem três casais de patos prontos para serem m ortos.

Jane, ao ouvir a notícia, não pôde deixar de em palidecer. Havia m uitos m eses que ela não m encionava o nom e de Bingley a Elizabeth. Agora, estando as duas j untas, ela disse:

— Reparei que você olhou hoj e para m im , Lizzy , quando m inha tia nos trouxe essa notícia. E eu sei que fiquei perturbada. Mas não creio que tenha sido por um a causa à toa. Só m e senti assim porque vi que iam olhar para m im . Juro a você que essa notícia não m e causa alegria nem sentim ento algum . Só m e alegro de um a coisa, é que ele não vem acom panhado; assim o verem os m enos. Não que eu sinta m edo de m im m esm a, m as tenho horror às observações das outras pessoas.

Elizabeth não sabia o que pensar. Se ela não o tivesse visto no Derby shire, podia aceitar o m otivo que alegavam para a sua vinda. Mas achava que Bingley ainda gostava de Jane. E hesitava diante de duas outras explicações, que achava m uito m ais prováveis: se ele vinha porque o seu am igo o perm itira ou se ousara espontaneam ente tom ar esta resolução.

Mas às vezes Elizabeth pensava: “não vej o porque este pobre rapaz não possa vir à casa que alugou e é dele sem despertar tam anha curiosidade. Não pensarei m ais nele, vou abandoná-lo à sua sorte.”

Apesar do que a sua irm ã lhe tinha declarado, e acreditava que ela tivesse falado sinceram ente, Elizabeth percebia facilm ente que a perspectiva da chegada de Bingley a tinha afetado profundam ente. Jane estava perturbada, agitada com o poucas vezes a vira.

O assunto, que fora discutido tão calorosam ente pelos seus pais, há um ano aproxim adam ente, tornava agora a apresentar-se.

— Mr. Bingley está para vir, m eu caro — disse Mrs. Bennet. — Você, naturalm ente, irá visitá-lo...

— Não, não, você m e forçou a visitá-lo no ano passado e disse que, se eu o fosse ver, ele se casaria com um a das m inhas filhas. Mas isto deu em nada e não vou tornar a fazer papel de tolo.

Sua m ulher procurou convencê-lo de que isto era um a obrigação que incum bia a todos os cavalheiros que residiam na região.

— É um a etiqueta que eu desprezo — disse Mr. Bennet. — Se ele desej a a nossa com panhia, que a procure. Sabe onde nós m oram os. Não vou perder o tem po correndo atrás dos m eus vizinhos cada vez que eles vão em bora e tornam a voltar.

— Bem , tudo o que eu sei é que será um a abom inável grosseria se você não for

visitá-lo. No entanto, isto não im pedirá que eu o convide a vir j antar conosco.

Precisam os convidar Mrs. Long e os Goulding em breve. Contando conosco, serem os treze à m esa. E portanto haverá j ustam ente um lugar para Mr. Bingley .

Consolada com esta resolução, Mrs. Bennet se sentiu com m aior força para suportar a falta de cortesia do seu m arido, em bora fosse m uito m ortificante saber que por causa disto todos os vizinhos poderiam ver Mr. Bingley antes dos Bennet.

Poucos dias antes da sua chegada, Jane disse para a irm ã:

— Estou com eçando a preferir que ele não venha. Não que eu dê im portância ao fato, sou capaz de vê-lo com perfeita indiferença. Mas não suporto ouvir falar constantem ente nesse assunto. A intenção da m inha m ãe é boa. Porém ela não sabe, ninguém sabe quanto eu sofro com o que dizem . Vou dar graças a Deus quando Mr. Bingley for em bora de novo.

— Eu poderia dizer algum a coisa que consolasse você — replicou Elizabeth. —

Mas nada tenho realm ente a dizer. Você deve saber disto. E a satisfação usual de recom endar paciência aos sofredores lhe seria negada porque você j á a tem de sobra.

Mr. Bingley chegou. Mrs. Bennet, por interm édio dos criados, arranj ou um m eio de saber do fato o m ais cedo possível, o que aum entava o período de ansiedade e agitação, prolongando a expectativa do j antar. Ela contou os dias que deviam decorrer antes do convite ser enviado, pois durante esse tem po não havia esperança de vê-lo. Mas de m anhã, três dias depois da sua chegada no Hertfordshire, Mrs. Bennet, que estava à j anela do seu quarto de vestir, viu Mr.

Bingley entrar a cavalo pelo portão e se aproxim ar da casa.

Contentíssim a, ela cham ou as filhas para participarem da sua alegria. Jane continuou sentada no seu lugar, resolutam ente. Mas Elizabeth, para contentar a sua m ãe, foi até a j anela, olhou, e vendo que Mr. Darcy vinha em com panhia de Bingley , voltou a sentar-se ao lado da sua irm ã.

— Vem outro cavalheiro com ele, m am ãe — disse Kitty . — Quem será?

— Deve ser um conhecido dele, m eu bem , m as não sei quem é.

— Ora, parece aquele hom em que j á esteve aqui com ele um a vez. Mr...., com o é que ele se cham a? Aquele hom em alto, orgulhoso...

— Quem , Mr. Darcy ? E é m esm o... Bem , qualquer am igo de Mr. Bingley será sem pre bem -recebido. Mas devo confessar que odeio aquele hom em .

Jane olhou para Elizabeth com surpresa e inquietação. Jane pouco sabia a respeito dos encontros que a sua irm ã tivera com Mr. Darcy no Derby shire.

Supunha portanto que sua irm ã se sentiria m uito em baraçada ao vê-lo depois da carta explicativa que recebera da sua parte. As duas irm ãs se sentiam bastante em baraçadas. Cada um a delas sentia pela outra e naturalm ente por si própria.

Mrs. Bennet continuou a falar sobre a antipatia que tinha por Mr. Darcy . E

repetiu que estava disposta a tratá-lo am avelm ente apenas porque era um am igo de Mr. Bingley . Mas as suas palavras não foram ouvidas por nenhum a das suas

filhas. Elizabeth tinha m otivos de inquietação de que a sua irm ã não suspeitava, pois nunca tivera a coragem de m ostrar a Jane a carta de Mrs. Gardiner nem de lhe revelar a m udança dos seus sentim entos para com Mr. Darcy . Para Jane ele continuava a ser o hom em cuj as propostas ela tinha recusado, e cuj as qualidades ela subestim ara. Mas para Elizabeth, que possuía outras inform ações, ele era a pessoa a quem toda a fam ília devia o m aior dos benefícios, e a quem ela própria votava um a afeição, se não tão terna quanto a que Jane dedicava a Bingley , pelo m enos tão razoável e tão j usta. A surpresa que a vinda dele a Netherfield e a sua visita a Longbourn, aonde vinha espontaneam ente para vê-la, era quase tão forte quanto a que sentira ao perceber a transform ação que se tinha operado nele no Derby shire.

As cores que tinham desaparecido do seu rosto tornaram a voltar com m aior intensidade e um sorriso de prazer deu m aior fulgor ao brilho dos seus olhos, durante alguns m inutos; e disse a si m esm a que provavelm ente os sentim entos de Darcy continuavam inalterados. No entanto não queria se precipitar.

“Vam os ver prim eiro com o ele m e trata”, disse ela para si m esm a. “Antes disso não convém ter esperanças.”

Continuou atenta ao seu trabalho, procurando se acalm ar, e sem ousar levantar os olhos, até que um a curiosidade ansiosa a levou a fitar o rosto da sua irm ã, enquanto o criado se aproxim ava da porta. Jane parecia um pouco m ais pálida do que de costum e, porém m ais calm a do que Elizabeth esperava. Quando os cavalheiros entraram , ela enrubesceu ligeiram ente. No entanto recebeu-os com tranquilidade e m aneiras igualm ente livres de qualquer sintom a de ressentim ento, com o de qualquer desej o exagerado de agradar.

Sem ser descortês, Elizabeth falou o m enos possível. E voltou ao seu trabalho com um afinco que poucas vezes lhe dedicava. Ela arriscara apenas um olhar para Darcy . A expressão dele era tão grave com o de costum e. Mais talvez do que no Hertfordshire e em Pem berley . Talvez ele não se sentisse tão à vontade na presença da sua m ãe quanto na dos seus tios. Era um a história dolorosa, porém não de todo im provável.

Bingley , tam bém , ela só vira de relance. E naquele instante a sua expressão era ao m esm o tem po alegre e em baraçada. Mrs. Bennet o recebeu com um a tal cortesia, um a tão grande am abilidade, que as suas filhas se sentiram envergonhadas. Especialm ente quando viram a fria polidez com que ela cum prim entou o seu am igo.

Elizabeth, sobretudo, que sabia quanto a sua m ãe devia a este últim o, cuj a iniciativa salvara a sua filha favorita de um a irrem ediável desonra, sentiu-se ferida e aflita com aquela distinção tão m al-aplicada.

Darcy , depois de perguntar por Mr. e Mrs. Gardiner, pergunta que Elizabeth não pôde responder sem um certo em baraço, quase m ais nada falou. Ele não estava sentado perto de Elizabeth; talvez fosse este o m otivo do seu silêncio. Porém no

Derby shire ele não procedera daquele m odo. Lá, ele tinha palestrado com os am igos de Elizabeth, quando não podia fazer com ela própria. Agora decorriam vários m inutos sem que se

ouvisse o som da sua voz. E quando, às vezes, incapaz de resistir a um im pulso de curiosidade, Elizabeth levantava os olhos e procurava o seu rosto, via que ele olhava tanto para Jane com o para ela própria, e frequentem ente olhava apenas para o chão. Aquela atitude exprim ia evidentem ente m aior despreocupação, m enos ansiedade de agradar do que da últim a vez que tinham estado j untos. Ela ficou desapontada e depois zangada consigo m esm a por ter cedido àquele sentim ento.

“Podia eu esperar que fosse de outro m odo?”, exclam ou para si própria. “Mas se é assim , para que então ele veio?”

Ela não se sentia disposta a conversar com ninguém , a não ser consigo m esm a.

Faltava-lhe quase com pletam ente a coragem para falar com Mr. Darcy .

Perguntou pela irm ã dele. Foi o m áxim o que conseguiu de si m esm a.

— Faz m uito tem po, Mr. Bingley , que o senhor foi em bora — disse Mrs. Bennet.

Ele concordou prontam ente.

— Eu tinha m edo que o senhor não viesse m ais — continuou ela. — Andaram dizendo que tencionava abandonar Netherfield com pletam ente, por ocasião da festa de São Miguel. Espero que não sej a verdade. Tem acontecido m uitas coisas aqui nas im ediações desde que o senhor partiu. Miss Lucas está casada e um a das m inhas filhas tam bém .

“Acho que j á deve ter ouvido falar nisto. Aliás o senhor deve ter lido nos j ornais.

Saiu no Tim es e no Courier. Não saiu com o devia, m as enfim ... Dizia apenas:

‘Casam entos: Jorge Wickham , Esquire, com Miss Ly dia Bennet’, sem acrescentar nem um a sílaba a respeito do pai dela, do lugar onde vivia, nada. O

contrato foi feito por m eu irm ão Gardiner e a notícia tam bém foi dada por ele.

Não sei com o fez um a coisa tão sem graça assim . O senhor leu?”

Bingley respondeu que tinha lido e lhe deu os parabéns. Elizabeth não ousou levantar os olhos. Não sabia portanto qual a expressão do rosto de Mr. Darcy .

— É um a coisa m uito agradável ter um a filha bem -casada — continuou Mrs.

Bennet —, m as ao m esm o tem po, Mr. Bingley , é m uito duro a gente se separar de um a filha. Eles foram para Newcastle. Um lugar situado m uito para o norte, ao que parece. E eles têm que perm anecer lá durante não sei quanto tem po. E lá que é a sede do regim ento. O senhor deve ter ouvido dizer que ele saiu da m ilícia e entrou no exército regular. Graças a Deus ele tem alguns am igos, em bora talvez não tantos quanto m ereça.

Elizabeth, que sabia que isto era dirigido a Mr. Darcy , sentiu um a tal vergonha e confusão que por pouco não se levantou e fugiu. Estas palavras, no entanto, conseguiram arrancá-la ao seu silêncio. E ela perguntou a Bingley se tencionava ficar algum tem po na região. Ele disse que ficaria algum as sem anas.

— Depois que tiver m atado todos os seus pássaros, Mr. Bingley — continuou Mrs.

Bennet —, venha caçar aqui, m atar tantos quanto queira. Estou certa que Mr.

Bennet se sentirá m uito feliz com isto. E guardarem os todas as m elhores caças para o senhor.

Essas atenções desnecessárias e exageradas faziam crescer o m al-estar de Elizabeth. Se agora surgissem para Jane as m esm as possibilidades que no ano anterior, tudo se precipitaria para a m esm a desastrosa confusão. Naquele instante ela sentiu que m uitos anos de felicidade não poderiam com pensar os m om entos desagradáveis que ela e Jane estavam passando.

“O m aior desej o do m eu coração”, disse ela a si m esm a, “é nunca m ais estar em com panhia de nenhum desses dois, por m ais agradáveis que sej am ; nada pode com pensar esta m iséria. Que eu nunca m ais os vej a, nem a um nem a outro.” No entanto a m iséria, que anos de felicidade não poderiam com pensar, pouco depois se atenuou de m aneira m uito sensível. Elizabeth observou que a beleza da sua irm ã tornava a inflam ar rapidam ente a adm iração do seu antigo nam orado. A princípio ele lhe falara pouco, m as cada m inuto que passava parecia aum entar a adm iração que lhe dedicava. Ele a achava tão bela quanto no ano passado, tão sim ples e natural, em bora m enos com unicativa. Jane se esforçava por não deixar perceber nenhum a diferença na sua atitude, e estava realm ente convencida que conversara tão anim adam ente com o sem pre. Seus pensam entos a absorviam tanto que não reparava nos m om entos em que ficava calada.

Quando os cavalheiros se levantaram para partir, Mrs. Bennet se lem brou do convite que tencionava fazer, e eles ficaram com prom etidos para j antar em Longbourn daí a poucos dias.

— O senhor m e deve um a visita, Mr. Bingley — acrescentou ela —, pois quando partiu para Londres no inverno passado prom eteu que tom aria parte num j antar de fam ília assim que regressasse. Com o o senhor está vendo, eu não m e esqueci.

Eu lhe asseguro que fiquei m uito desapontada porque o senhor não voltou com o tinha prom etido.

Bingley pareceu um pouco em baraçado e falou vagam ente que negócios urgentes o tinham im pedido de vir e que sentia m uito. Em seguida partiram .

Mrs. Bennet estivera fortem ente inclinada a convidar os dois para j antar naquele m esm o dia. No entanto, em bora tivesse sem pre um a m esa m uito boa, j ulgou que um j antar de m enos de dois serviços não seria digno de um hom em no qual tinha tantas esperanças, nem suficiente para satisfazer o apetite e o orgulho do outro que possuía dez m il libras de renda por ano.

54

Assim que as visitas partiram , Elizabeth saiu para readquirir a sua tranquilidade.

Ou, em outras palavras, para refletir sem interrupção nesses assuntos, que na realidade só a perturbariam ainda m ais. A atitude de Mr. Darcy a surpreendia e penalizava.

Para que teria ele vindo, perguntava a si m esm a, se era para perm anecer silencioso, grave e indiferente? Ela não encontrava um a resposta que a satisfizesse.

Ele continuou a se m ostrar am ável para com os m eus tios, quando esteve em Londres. Por que não o é para com igo? Se tem m edo de m im , por que veio aqui?

Se ele não gosta m ais de m im , por que é que fica silencioso? Que hom em m isterioso! Não pensarei m ais nele.

Sua resolução foi cum prida involuntariam ente por pouco tem po, devido à aproxim ação da sua irm ã, que se j untara a ela com um ar alegre, que m ostrava ter ficado m uito m ais satisfeita com a visita do que Elizabeth.

— Agora que o prim eiro encontro está passado — disse ela —, eu m e sinto perfeitam ente à vontade. Conheço as m inhas forças e nunca m ais m e sentirei em baraçada quando ele vier. Estou contente que ele venha j antar aqui na terça-feira. Todos terão ocasião de ver que nos encontram os apenas com o conhecidos com uns e indiferentes.

— Oh, realm ente m uito indiferentes — disse Elizabeth, sorrindo. — Tom e cuidado, Jane.

— Minha querida Lizzy , você não há de pensar que eu sej a tão fraca que estej a agora em perigo.

— Acho que m ais do que nunca você está em perigo de fazer com que ele se apaixone por você.

* * *

Não tornaram a ver Mr. Bingley e o seu am igo senão na terça-feira. E durante esse tem po Mrs. Bennet se entregara a todos os planos felizes que o bom hum or e a polidez habitual de Bingley em m eia hora de visita haviam reavivado.

Na terça-feira reuniu-se um grupo num eroso em Longbourn. E as duas pessoas m ais ansiosam ente esperadas chegaram pontualm ente. No m om ento de entrar na sala de j antar, Elizabeth observou Bingley avidam ente, para ver se ele tom ava lugar com o antigam ente, ao lado da sua irm ã. Sua m ãe, que era um a pessoa prudente e ocupada com as m esm as ideias, não o convidou para sentar-se ao seu lado. Ao entrar na sala ele pareceu hesitar. Mas por acaso Jane olhou em torno de si e, igualm ente por acaso, sorriu. Foi suficiente para que ele se decidisse e fosse sentar ao lado dela.

Elizabeth, triunfante, olhou para Mr. Darcy . Ele recebeu o fato com nobre

indiferença e Elizabeth teria im aginado que Bingley tinha recebido afinal licença para ser feliz se não tivesse visto que este olhava, tam bém , para Mr. Darcy com um ar entre sorridente e alarm ado.

Durante o j antar a atitude de Bingley para com a sua irm ã persuadiu Elizabeth que a sua adm iração por Jane, em bora m ais reservada, levaria o caso rapidam ente a um a solução feliz, caso não houvesse interferências alheias. E

em bora não pudesse confiar no resultado de olhos fechados, no entanto aquilo lhe dava um grande prazer, despertando nela toda a anim ação que era possível sentir, pois não estava de hum or m uito alegre. Mr. Darcy estava sentado quase na outra extrem idade da m esa. Estava ao lado da sua m ãe. Ela sabia que essa situação daria m uito pouco prazer a qualquer um dos dois. Com a distância a que se encontrava, não podia ouvir o que eles diziam , m as via que raram ente falavam um com o outro e que o faziam cerim oniosa e friam ente. A hostilidade de sua m ãe lem brava dolorosam ente a Elizabeth tudo o que deviam a Mr. Darcy .

E às vezes ela sentia que teria feito qualquer sacrifício para poder lhe dizer que sua bondade não era nem ignorada nem desdenhada pela totalidade da fam ília.

Elizabeth tinha esperanças de que, à noite, eles tivessem oportunidade de ficar j untos. E que a visita toda não se passaria sem lhes dar ocasião de trocar palavras m ais significativas do que as sim ples saudações de cortesia. Ansiosa e inquieta, o período que decorreu na sala, antes da entrada dos cavalheiros, foi aborrecido a um ponto que quase a tornou im polida. Ela concentrara todas as suas esperanças no m om ento em que eles entrassem na sala.

“Se não se dirigir a m im ”, pensou ela, “renunciarei a esse hom em para sem pre.”

Os cavalheiros entraram . Por um m om ento Elizabeth pensou que as suas esperanças se iam realizar, m as infelizm ente as senhoras se tinham reunido todas em volta da m esa, onde Jane estava fazendo chá e Elizabeth servindo café e não havia lugar ao seu lado nem para um a cadeira. E quando os cavalheiros se aproxim aram , um a das m oças acercou-se ainda m ais dela e lhe disse ao ouvido:

— Nós não querem os um hom em aqui entre nós, não é?

Darcy se tinha dirigido para o outro lado da sala. Elizabeth o acom panhou com os olhos, invej ando todas as pessoas com quem ele

falava. Serviu o café com im paciência e depois ficou irritada consigo m esm a por ser tão idiota.

Um hom em que foi recusado um a vez! Com o podia ter esperanças de que ele tornasse a se declarar? Existiria um a só pessoa do seu sexo que não se revoltasse contra um a tão grande fraqueza? Não existe nada tão incom patível com o sentim ento dos hom ens.

Elizabeth ficou m ais anim ada, no entanto, quando ele veio pessoalm ente trazer a sua xícara de café. E aproveitou a oportunidade para dizer:

— A sua irm ã está ainda em Pem berley ?

— Sim , ficará lá até o Natal.

— E ela está sozinha? Todos os seus am igos j á partiram ?

— Miss Annesley está com ela. Os outros foram para Scarborough para passar três sem anas.

Elizabeth não encontrou m ais nada para dizer; m as se ele quisesse conversar, talvez fosse m ais bem -sucedido. No entanto, ficou ao seu lado, em silêncio, durante alguns m inutos. E afinal, quando as m oças vieram sussurrar novam ente ao ouvido de Elizabeth, ele tornou a se afastar.

Quando o serviço de chá foi retirado e as m esas de j ogo colocadas, todas as senhoras se levantaram . E Elizabeth teve outra vez esperança de vê-lo se aproxim ar. Todos os seus planos, porém , foram novam ente destruídos; viu sua m ãe se apoderar dele, para parceiro de whist. Todo o prazer estava agora acabado para ela. Seriam obrigados a passar a noite sentados em m esas diferentes e a única esperança que lhe restava era de que Darcy voltasse frequentem ente os olhos na sua direção e j ogasse portanto tão m al quanto ela.

Mrs. Bennet tinha resolvido convidar os dois cavalheiros de Netherfield para cear, m as infelizm ente a carruagem deles foi cham ada antes de qualquer um a das outras. E ela não teve outra oportunidade de vê-los.

— Então, m eninas — disse Mrs. Bennet, assim que ficaram sós —, que é que vocês acharam da festa? Penso que tudo correu da m elhor form a possível. O

j antar estava excelente. O assado de cabrito estava realm ente bom . Todos disseram que nunca viram um a perna tão gorda. A sopa estava incom paravelm ente m elhor do que a que serviram em casa dos Lucas na sem ana passada. E até Mr. Darcy reconheceu que as perdizes estavam notavelm ente bem -feitas. E eu calculo que ele tenha dois cozinheiros franceses, pelo m enos. Você, m inha querida Jane, estava tão bonita com o nunca vi. Mrs.

Long foi da m esm a opinião. E sabe o que ela disse tam bém ? “Ah, Mrs. Bennet, acho que afinal a verem os instalada em Netherfield.” Disse isto realm ente. Acho Mrs. Long um a esplêndida criatura. E as sobrinhas dela são m uito com portadas.

E não são nada bonitas. Gosto delas im ensam ente.

Mrs. Bennet, em sum a, estava de excelente hum or. O que observava, na atitude de Bingley para com Jane, fora suficiente para convencê-la de que ele estava m esm o conquistado. E quando Mrs. Bennet estava de bom hum or, as suas esperanças m atrim oniais eram tão ilim itadas, que no dia seguinte ficava desapontada de não ver o rapaz aparecer para fazer o pedido.

— Foi um dia m uito agradável — disse Jane para Elizabeth. — Os convidados foram bem -escolhidos e pareciam se dar todos adm iravelm ente. Espero que tornem os a nos reunir frequentem ente.

Elizabeth sorriu.

— Lizzy , não faça isso. Você não deve suspeitar de m im . Isto m e m ortifica. Eu lhe asseguro que aprendi a gostar da conversa dele; trata-se de um rapaz agradável e sensato. Garanto a você que não tenho outras intenções. Vej o perfeitam ente, pela m aneira com o ele m e trata, que nunca desej ou realm ente a

m inha afeição. Só que é dotado de m aneiras m uito m ais agradáveis, e de um desej o de agradar m uito m ais forte do que qualquer outro hom em .

— Você está sendo cruel — disse Elizabeth. — Você m e provoca e depois não quer que eu sorria.

— Com o é difícil às vezes fazer com que os outros acreditem em nós!

— E com o é im possível às vezes, para os outros, acreditar!

— Mas, então, por que é que você quer m e persuadir que os m eus sentim entos são m ais com plexos do que eu confessei?

— Isto é um a pergunta a que eu não sei com o responder. Todos gostam os de instruir os outros, em bora só possam os transm itir o que não é digno de ser ensinado. Perdoe, se você insistir na sua indiferença, não m e tom e por confidente.

55

Poucos dias depois daquela visita, Mr. Bingley tornou a aparecer e desta vez veio sozinho. Seu am igo tinha partido naquela m anhã para Londres, ficando de voltar, porém , daí a dez dias. Mr. Bingley se dem orou m ais de um a hora. Estava de excelente hum or. Mrs. Bennet o convidou para j antar. Ele respondeu que sentia im ensam ente, declarando que estava com prom etido.

— Da próxim a vez que vier — disse Mrs. Bennet —, espero que tenham os m ais sorte.

Ele teria im enso prazer em vir em qualquer outra ocasião, etc. etc. E se Mrs.

Bennet lhe desse perm issão, viria m uito breve.

— Pode vir am anhã?

— Sim .

Ele não tinha com prom isso para o dia seguinte. E o convite foi aceito com entusiasm o.

Mr. Bingley veio — e tão pontualm ente que as m oças ainda não estavam vestidas quando chegou. Mrs. Bennet correu para o quarto das m eninas, enrolada num robe de cham bre, o cabelo ainda por fazer, e exclam ou:

— Jane, anda depressa! Corra lá para baixo! Ele chegou! Mr. Bingley chegou, chegou m esm o! Vá ligeiro, depressa! Sarah, venha aj udar Miss Bennet im ediatam ente a pôr o vestido. Deixe o cabelo de Miss Lizzy para depois.

— Nós descerem os assim que puderm os — disse Jane. — Mas, entre nós, Kitty é m ais ligeira do que todas. Já desceu há m eia hora.

— Oh, não se im porte com Kitty , que tem ela a ver com isto? Vam os, vá ligeiro.

Depressa! Onde está a sua écharpe?

Mas depois que a sua m ãe saiu, Jane se recusou a descer sem um a das suas irm ãs.

Durante a visita Mrs. Bennet m ostrou a m esm a ansiedade que de costum e para deixar Mr. Bingley e Jane a sós. Depois do chá, Mr. Bennet se retirou para a biblioteca, com o sem pre o fazia. E Mary subiu para estudar piano. Dos cinco obstáculos dois estavam suprim idos. Mrs. Bennet ficou olhando e piscando para Kitty e para

Elizabeth durante um espaço de tem po considerável, sem que nenhum a das duas se im pressionasse com isto. Elizabeth fez que não via e Kitty disse inocentem ente:

— Que é, m am ãe? Por que é que a senhora está piscando para m im ? O que é que a senhora quer que eu faça?

— Nada, m eu bem , nada, eu não pisquei para você!

Ela então continuou sentada durante m ais cinco m inutos. Mas, incapaz de perder um a ocasião tão preciosa, levantou-se e disse para Kitty :

— Meu bem , quero falar com você!

E levou-a para fora da sala. Jane im ediatam ente lançou um olhar para Elizabeth

em que exprim ia a contrariedade que aquela prem editação lhe causava e o seu desej o de que pelo m enos sua irm ã não se prestasse àquela com édia. Poucos m inutos depois, Mrs. Bennet entreabriu a porta e cham ou:

— Lizzy , m eu bem , eu quero falar com você.

Elizabeth foi forçada a ir.

— É m elhor deixá-los a sós — disse Mrs. Bennet, assim que ela entrou no hall. —

Kitty e eu vam os lá para cim a a fim de conversarm os no m eu quarto de vestir.

Elizabeth resolveu não discutir com a sua m ãe, porém perm aneceu tranquilam ente no hall e assim que sua m ãe e Kitty tinham partido, voltou para a sala.

Naquele dia os planos de Mrs. Bennet foram inúteis. Bingley se m ostrou encantador com o sem pre, m as a sua atitude não foi a de

um pretendente. Seu bom hum or e a sua sim plicidade o tornaram um com panheiro dos m ais agradáveis. E ele suportou as inoportunas cortesias com que o cum ulava Mrs.

Bennet, e ouviu todas as suas observações disparatadas com um a paciência e um a seriedade que encantaram a Jane.

Ele ficou para cear sem que fosse preciso insistir. E antes de ir em bora, graças à intervenção de Mrs. Bennet, ele assum iu o com prom isso de vir na m anhã seguinte para caçar com Mr. Bennet.

Depois daquele dia Jane não falou m ais na sua indiferença. Nem um a palavra foi trocada pelas irm ãs acerca de Bingley . Mas Elizabeth foi para a cam a contente com a certeza de que tudo chegaria breve a um a conclusão feliz, a não ser que Mr. Darcy voltasse tão breve quanto havia prom etido. No entanto, ela estava até certo ponto persuadida de que tudo isto acontecia com a aquiescência dele.

No dia seguinte Bingley chegou pontualm ente. Mr. Bennet e ele passaram a m anhã j untos, conform e tinham com binado. Mr. Bennet encontrou no outro um com panheiro m uito m ais agradável do que esperava; não havia em Bingley nenhum a pretensão que o tornasse ridículo nem nenhum a insensatez que fizesse Mr. Bennet se refugiar irritadam ente no silêncio. Naquele dia ele estava m ais com unicativo e m enos excêntrico do que nunca. Bingley , naturalm ente, voltou com ele para j antar, e à noite Mrs. Bennet lançou m ão de todos os seus recursos para deixá-lo a sós com a sua filha. Elizabeth, que tinha um a carta para escrever, se retirou para a sala de alm oço pouco depois do chá. Pois j á que os outros iam j ogar cartas, a sua presença não seria necessária para contrabalançar os planos da sua m ãe.

Mas ao voltar para a sala, depois de acabar a carta, viu com infinita surpresa que havia vários m otivos para tem er que sua m ãe tivesse sido m ais engenhosa do que ela. Ao abrir a porta, viu que sua irm ã e Bingley estavam j untos, ao pé da lareira, com o se conversassem sobre um assunto de extrem a gravidade. E se este

fato não bastasse para despertar suspeitas, a expressão de am bos, ao se virarem rapidam ente e se afastarem , teria revelado tudo. A situação deles era bastante

em baraçosa. Mas a sua própria, pensou Elizabeth, era pior ainda. Ninguém disse um a só palavra. E Elizabeth estava a ponto de se retirar novam ente, quando Bingley , que im itando o exem plo de Jane se tinha sentado, de súbito se levantou novam ente, e sussurrando algum as palavras para Jane, saiu apressadam ente da sala.

Jane não teria reserva para com a sua irm ã. O assunto da confidência era agradável dem ais para que Jane se m ostrasse reservada. E, abraçando a sua irm ã, im ediatam ente confessou com a m ais viva em oção que ela era a criatura m ais feliz do m undo.

— É dem asiado para m im — acrescentou ela. — Eu não o m ereço. Por que é que todos não estão felizes com o eu?

Elizabeth deu os parabéns com um a sinceridade, um calor, um entusiasm o que as palavras não poderiam exprim ir. Cada um a das suas palavras era um a nova fonte de felicidade para Jane. Porém , esta não poderia se dem orar m ais j unto da sua irm ã, nem tinha tem po para lhe dizer m etade do que ainda lhe restava para contar.

— Preciso im ediatam ente ir ver m am ãe — exclam ou ela. — Não quero deixá-la por m ais tem po em suspense; sua solicitude por m im é tão carinhosa! Nem quero que ela saiba de tudo senão por m eu interm édio. Ele j á foi falar com papai. Oh, Lizzy , que prazer vai dar a toda a fam ília o que eu tenho para dizer! Com o poderei suportar tam anha felicidade?

Jane correu então para j unto da sua m ãe, que tinha interrom pido o j ogo de cartas propositadam ente, e estava no alto da escada com Kitty .

Elizabeth, que tinha ficado sozinha, sorriu da rapidez e da facilidade com que se tinha resolvido um caso que lhes causara ansiedade e incerteza durante tantos m eses.

— E este — disse ela para si m esm a — é o fim de todos os cuidados e precauções do seu am igo, das m entiras e ardis da sua irm ã, o fim m ais feliz, m ais j usto e m ais razoável!

Poucos m inutos depois, Bingley , cuj a conferência com Mr. Bennet fora curta e decisiva, veio se reunir a Elizabeth.

— Onde está Jane? — disse ele, ao abrir a porta.

— Lá em cim a com m inha m ãe. Ela descerá j á.

Bingley então fechou a porta e, aproxim ando-se, reclam ou os seus parabéns e a sua afeição de irm ã. Elizabeth, sincera e cordialm ente, exprim iu a sua alegria.

Eles se apertaram a m ão com grande cordialidade. Em seguida, até a sua irm ã voltar, ela teve que ouvir tudo o que ele dizia sobre a sua própria felicidade e sobre as perfeições de Jane.

E apesar de serem , aquelas, expressões de nam orados, Elizabeth acreditava realm ente no bem -fundado de suas esperanças, porque elas tinham com o base a excelente com preensão, o gênio esplêndido de Jane e um a sem elhança geral de

sentim entos e gostos.

Aquela foi um a noite de grande alegria para todos. A felicidade de Jane dava ao seu rosto um brilho e um a doçura que o tornava m ais belo do que nunca. Kitty dava risinhos e sorria, com a esperança de que a sua vez chegaria breve. Mrs.

Bennet não encontrava term os bastante calorosos para exprim ir o seu consentim ento e a sua aprovação. E falou só nisto, durante m eia hora. E quando Mr. Bennet apareceu, à hora da ceia, sua voz e

suas m aneiras m ostravam claram ente o contentam ento que o possuía.

Nem um a só vez, no entanto, ele aludiu ao fato enquanto o visitante estava presente. Mas assim que ele partiu, Mr. Bennet se virou para a sua filha e disse:

— Jane, eu lhe dou os m eus parabéns. Você será m uito feliz.

Jane se aproxim ou dele im ediatam ente, beij ou-o e agradeceu a sua bondade.

— Você é um a boa m enina — respondeu ele. — E tenho prazer em vê-la bem -

casada. Não tenho a m enor dúvida de que vocês se darão m uito bem . Seus gênios são bastante sem elhantes. Am bos são tão tolerantes que nunca tom arão resoluções definitivas. Tão fáceis de levar, que todos os criados os enganarão. E

tão generosos que sem pre hão de gastar m ais do que têm .

— Espero que não. Im prudência ou im previdência em m atéria de dinheiro seriam im perdoáveis da m inha parte.

— Gastar m ais do que têm ! Meu caro Mr. Bennet! — exclam ou a sua m ulher. —

Que é que você está dizendo? Ora, ele tem quatro ou cinco m il libras por ano e provavelm ente ainda m ais...

Em seguida, virando-se para a sua filha:

— Oh, m inha querida Jane! Estou tão feliz! Estou certa de que não dorm irei nem um só instante esta noite! Eu sabia que tudo ia acabar assim , eu sem pre disse que isto se realizaria finalm ente! Tinha certeza de que a sua beleza acabaria triunfante! Eu m e lem bro que quando ele chegou aqui no Hertfordshire, no ano passado, logo vi

que era provável que vocês se dessem bem . Ele é o m ais belo rapaz que j am ais vi.

Wickham , Ly dia, tudo o m ais estava esquecido. Jane era, sem com petição, a sua filha favorita. Naquele instante ela não pensava em nenhum a outra. Suas irm ãs m ais m oças com eçaram logo a im aginar os proveitos e os prazeres que retirariam do casam ento da sua irm ã.

Mary pediu para usar a biblioteca de Netherfield e Kitty insistiu m uito para que Jane desse alguns bailes lá durante o inverno.

De então em diante, naturalm ente Bingley veio todos os dias a Longbourn. E

m uitas vezes chegava antes da prim eira refeição e ficava até depois do j antar, a não ser quando algum cruel vizinho lhe tinha enviado um convite para j antar, convite este a que ele não se podia furtar.

Elizabeth dispunha agora de m uito pouco tem po para conversar com a sua irm ã, pois enquanto Bingley estava presente Jane não podia dar atenção a m ais

ninguém . No entanto Elizabeth verificou que era de utilidade considerável para am bos, durante aquelas separações que necessariam ente ocorriam às vezes. Na ausência de Jane ele sem pre se aproxim ava de Elizabeth para conversar. E

depois que Bingley tinha partido, Jane procurava idêntico alívio na conversa com sua irm ã.

— Ele m e deu um grande prazer — disse Jane, certa noite. — Ele m e disse que ignorava totalm ente que eu estivesse em Londres na prim avera passada. Eu não acreditava que isto fosse possível.

— Eu j á suspeitava disso — replicou Elizabeth. — Mas com o é que ele explicou o fato?

— Deve ter sido coisa feita pelas suas irm ãs. Decerto não viam com bons olhos as suas relações com igo, coisa aliás que eu acho m uito natural, pois ele poderia ter feito um a escolha m uito m ais vantaj osa sob todos os pontos de vista. Mas quando virem que o irm ão é feliz com igo, espero que se resignarão e voltarem os a ficar de bem novam ente, em bora nunca m ais possam os ter a m esm a intim idade de antes.

— Essas são as palavras m ais severas que j am ais ouvi você dizer — exclam ou Elizabeth. — Ainda bem , eu ficaria realm ente penalizada se a visse tornar a ser enganada pela falsa am izade de Miss Bingley .

— Im agina, Lizzy , quando ele foi para Londres em novem bro j á gostava de m im . E só não voltou porque o convenceram de que eu lhe era totalm ente indiferente.

— Ele com eteu um pequeno engano, decerto. Isto m ostra pelo m enos que é m odesto.

Isto conduziu Jane naturalm ente a fazer um panegírico da discrição de Bingley e do pouco valor que ele atribuía às suas boas qualidades.

Elizabeth ficou satisfeita por descobrir que ele não tinha revelado a interferência do seu am igo, pois em bora Jane tivesse o coração m ais generoso do m undo, ela sabia que aquilo dificilm ente seria perdoável.

— Sou decerto a criatura m ais feliz que j am ais existiu — exclam ou Jane. — Oh, Lizzy , por que é que fui eu a escolhida na m inha fam ília para receber tão grande graça? Se ao m enos eu pudesse vê-la tão feliz quanto eu... Se existisse outro hom em igual àquele para você!

— Mesm o se você m e desse quarenta hom ens iguais para escolher, eu nunca seria tão feliz quanto você! Seria preciso que eu possuísse o seu gênio e a sua bondade. Não, não, deixe-m e

entregue ao m eu próprio destino; talvez, se tiver m uita sorte, eu encontre um dia um outro Mr. Collins.

A nova situação na fam ília de Longbourn não podia perm anecer m uito tem po em segredo. Mrs. Bennet sussurrou a novidade ao ouvido de Mrs. Philips e esta, em bora sem nenhum a autorização, fez outro tanto para todos os vizinhos de Mery ton.

Todos declararam que os Bennet eram a fam ília m ais afortunada do m undo, em bora poucas sem anas antes, quando Ly dia tinha fugido, fossem considerados com o pessoas m arcadas pelo infortúnio.

56

Certa m anhã, um a sem ana depois do noivado de Jane, Mr. Bingley e o resto da fam ília estavam sentados na sala de j antar, quando a sua atenção foi despertada de súbito pelo ruído de um carruagem . E chegando à j anela, viram que era um coche puxado por quatro cavalos que se aproxim ava da casa. Era dem asiado cedo para um a visita e além disso aquela equipagem não era de nenhum dos vizinhos. A carruagem era puxada por cavalos de posta; tanto a carruagem com o a libré do criado que a precedia lhes eram desconhecidas. Com o fosse certo no entanto que alguém estava chegando, Bingley propôs a Miss Bennet, im ediatam ente, que evitassem o intruso e fossem dar um a volta pelo bosque.

Eles saíram e as pessoas restantes continuaram a fazer as suas conj eturas, até que a porta se abriu e a visita entrou. Era Lady Catherine de Bourgh.

Todos estavam naturalm ente preparados para um a surpresa. Mas o espanto foi m uito m aior do que esperavam . E o de Elizabeth foi ainda m aior do que o de Mrs. Bennet e o de Kitty , em bora Lady Catherine lhes fosse com pletam ente desconhecida.

Ela entrou na sala com um ar ainda m enos gracioso do que de costum e. Lim itou-se a responder à saudação de Elizabeth com um

a ligeira inclinação da cabeça e sentou-se sem dizer um a palavra. Elizabeth m encionara o nom e da visitante à sua m ãe, em bora Lady Catherine não tivesse solicitado um a apresentação.

Mrs. Bennet ficou espantadíssim a e ao m esm o tem po envaidecida por receber um a visita tão im portante, e acolheu-a com a m aior polidez. Depois de perm anecerem sentadas durante algum tem po em silêncio, Lady Catherine disse, m uito secam ente, para Elizabeth:

— Espero que estej a passando bem , Miss Bennet. Suponho que aquela senhora sej a sua m ãe.

Elizabeth replicou de m aneira concisa pela afirm ativa.

— E aquela deve ser um a das suas irm ãs.

— Sim , m inha senhora — disse Mrs. Bennet, deliciada de poder falar com Lady Catherine em pessoa. — É a m inha penúltim a filha. A m ais m oça se casou ultim am ente. E a m ais velha está passeando aí pelo parque com um rapaz que em breve se tornará m em bro da fam ília.

— A senhora tem um parque m uito pequeno aqui — disse Lady Catherine, depois de um curto silêncio.

— Não é nada em com paração com Rosings, m as é m uito m aior do que o de Sir William Lucas.

— Esta sala deve ser m uito inconveniente de tarde, no verão. As j anelas dão todas para o oeste.

Mrs. Bennet acrescentou que nunca ficava ali depois do j antar, e em seguida disse:

— Vossa Senhoria m e perm ite a liberdade de perguntar se deixou Mr. e Mrs.

Collins bem ?

— Sim , m uito bem . Estive com eles a noite atrasada.

Naquele m om ento Elizabeth supôs que Lady Catherine ia tirar da bolsa um a carta de Charlotte, pois tal lhe parecia o m otivo m ais provável da sua visita. No entanto a carta não apareceu e Elizabeth ficou ainda m ais intrigada.

Mrs. Bennet, com grande am abilidade, perguntou se Lady Catherine desej ava tom ar algum a coisa. Mas Lady Catherine, com grande resolução e pouca polidez, recusou. Em seguida, levantando-se, disse para Elizabeth:

— Miss Bennet, parece que há um pequeno bosque bastante agradável atrás da sua casa. Eu gostaria de dar um a volta por lá, se quiser m e conceder o favor da sua com panhia.

— Vá, m eu bem — exclam ou Mrs. Bennet. — E m ostre a Lady Catherine os vários cam inhos. Acho que ela gostará de ver o caram anchão.

Elizabeth obedeceu e foi correndo para o seu quarto buscar a som brinha, e em seguida acom panhou a ilustre visitante. Ao atravessarem o hall, Lady Catherine abriu as portas que davam para a sala de j antar e para a sala de estar. Achou que eram salas bastante agradáveis e em seguida continuou o seu cam inho.

A carruagem perm anecia parada à porta e Elizabeth viu que a dam a de com panhia estava lá dentro. Cam inharam em silêncio pela ala ensaibrada até o bosque. Elizabeth estava resolvida a não fazer nenhum esforço para entrar em conversação com um a m ulher que naquele m om ento ainda se m ostrava m ais insolente e desagradável do que de costum e.

“Não sei com o achei j am ais que ela se parecesse com seu sobrinho”, disse Elizabeth para si m esm a, depois de olhar para o rosto de Lady Catherine. Logo que entraram no bosque, Lady Catherine com eçou a falar da seguinte m aneira:

— Sei que com preende, Miss Bennet, a razão da m inha viagem até aqui. Seu coração, sua consciência, devem lhe revelar por que foi que eu vim !

Elizabeth olhou para ela com sincero espanto.

— Realm ente, está enganada, m inha senhora. Não consigo absolutam ente adivinhar o m otivo da sua presença aqui.

— Miss Bennet — replicou Lady Catherine num tom irritado —, deve com preender que eu não sou de brincadeiras. Se preferir ser pouco sincera, fique certa de que eu não farei o m esm o. Meu caráter é célebre pela sua sinceridade e franqueza. E num assunto de tam anha im portância, com o o presente, eu não m e m ostrarei diferente do que sou. Um a notícia da natureza m ais alarm ante chegou aos m eus ouvidos, há dois dias. Disseram -m e não som ente que a sua irm ã estava às vésperas de realizar um casam ento dos m ais vantaj osos, m as tam bém que a senhora, Miss Elizabeth, estaria provavelm ente m uito em breve unida ao m eu sobrinho, ao m eu próprio sobrinho, Mr. Darcy ! E em bora eu estej a certa de que isto é um a escandalosa falsidade, em bora eu nunca fizesse ao m eu sobrinho a

inj úria de supor que esta notícia sej a verdadeira, resolvi im ediatam ente vir a este lugar a fim de lhe revelar claram ente o que eu penso disto.

— Se a senhora acha im possível que a notícia sej a verdadeira — disse Elizabeth, corando de espanto e desdém —, não com preendo por que se deu ao trabalho de vir tão longe. Que pretende Lady Catherine com isto?

— Insistir exatam ente para que tal notícia sej a universalm ente desm entida.

— Se esta notícia realm ente existe — respondeu Elizabeth —, friam ente, o fato da senhora vir a Longbourn para m e visitar, e à m inha fam ília, constituiria antes um a confirm ação.

— Sim ! Pretende então ignorar a notícia? Não foi ela posta astutam ente em circulação pela sua própria fam ília? Não sabe que este boato corre por aí?

— Nunca ouvi falar em tal coisa.

— E pode declarar igualm ente que não existe fundam ento para ele?

— Não tenho a pretensão de ter a m esm a franqueza, Lady Catherine. A senhora pode fazer perguntas que eu prefiro não responder.

— Isto é insuportável. Miss Bennet, eu exij o que m e responda. Meu sobrinho lhe fez algum a proposta de casam ento?

— Vossa Senhoria m esm a declarou que isto era im possível.

— Deve ser. É evidente, a m enos que ele não estej a no uso da sua razão. Mas os seus artifícios e astúcias o podem ter levado a esquecer, num m om ento de fraqueza, o que ele deve a si próprio e a toda a sua fam ília. É possível que o tenha seduzido.

— Se o fiz, serei a últim a pessoa a confessá-lo.

— Miss Bennet, sabe quem eu sou? Não estou acostum ada a que m e falem nesse tom . Sou quase o parente m ais próxim o que Mr. Darcy tem no m undo. E tenho direito de estar a par dos seus negócios m ais íntim os.

— Mas não tem esse direito quanto aos m eus. E com a sua atitude j am ais conseguirá que m e torne m ais explícita.

— Perm ita que eu fale m ais claram ente: esse casam ento que tem a pretensão de am bicionar nunca se realizará. Mr. Darcy está noivo da m inha filha. E agora, que tem a dizer?

— Apenas isto: que sendo este o caso, não precisa tem er que ele m e venha fazer um a proposta.

Lady Catherine hesitou por um m om ento, e depois respondeu:

— O noivado deles é de natureza especial. Desde a infância foram destinados um para o outro. Era o m aior desej o da m ãe dele, bem com o o m eu. Planej am os esta união enquanto ainda estavam no berço.

“E agora, quando o desej o de am bas as irm ãs poderia ser realizado, um a m oça de classe inferior, sem nenhum a im portância na sociedade e totalm ente estranha à fam ília, ousaria se interpor entre eles, sem nenhum a consideração para com os am igos dele e o seu com prom isso tácito para com Miss de Bourgh. Terá perdido

todos os sentim entos de delicadeza e de equilíbrio? Não ouviu dizer que desde o seu nascim ento ele foi destinado à sua prim a?”

— Sim , eu j á ouvi dizer isto antes. Mas que tenho a ver com isto? Se não existe outra obj eção ao m eu casam ento com o seu sobrinho, o sim ples fato de saber que sua m ãe e a sua tia queriam que ele se casasse com Miss de Bourgh não m e faria renunciar a ele. Planej ando o seu casam ento, fizeram tudo o que lhes era dado fazer. A sua realização depende de outras pessoas. Se Mr. Darcy não está ligado a esse casam ento nem pela honra nem pela inclinação, por que m otivo não poderá ele escolher outra pessoa? E se esta escolha recair sobre m im , por que não hei de aceitá-la?

— Porque a honra, a decência, a prudência e até o interesse o im pedem . Sim , Miss Bennet, o interesse. Pois não espere ser recebida pela fam ília dele e pelos seus am igos se agir propositadam ente contra a vontade de todos. Será censurada, hum ilhada e desprezada por todos os parentes de Mr. Darcy . Seu casam ento será a sua infelicidade. Seu nom e nunca será m encionado por qualquer um a de nós.

— Estes são graves infortúnios — replicou Elizabeth. — Mas a m ulher de Mr.

Darcy ficará num a posição tão privilegiada e terá tantos m otivos de felicidade que, em últim a análise, ela não terá m otivo de se arrepender.

— Menina teim osa e obstinada! Envergonho-m e de você! E esta é a gratidão com que m e paga as atenções com que a cum ulei quando esteve em casa de Mr.

Collins? Acha que não m e deve nada por isto? Vam os nos sentar. Deve com preender, Miss Bennet, que eu vim decidida a resolver tudo isto. Nada m e poderá dissuadir da m inha resolução. Não fui habituada a m e subm eter aos caprichos dos outros. Não estou habituada a que resistam aos m eus desej os.

— Isto apenas tornará a sua situação presente m ais lam entável, m ais desagradável. Mas não terá nenhum efeito sobre a m inha pessoa.

— Não m e interrom pa. Ouça-m e em silêncio. Minha filha e m eu sobrinho são feitos um para o outro. Am bos descendem pelo lado m aterno de um a nobre linhagem . E do lado paterno, de fam ílias respeitáveis, honradas e antigas, em bora sem título. As fortunas de am bos são excelentes. É voz unânim e nas respectivas fam ílias que eles estão destinados um para o outro. E quem pretende separá-los?

Um a m oça am biciosa, que não possui nem fam ília, nem relações ou fortuna. Isto pode ser tolerado? Não deve ser e não o será. Se pesasse os seus próprios interesses, não desej aria sair da esfera em que foi criada.

— Não acho que se m e casar com seu sobrinho, sairei da m inha esfera. Ele é um gentlem an. Eu sou a filha de um gentlem an. Portanto, som os iguais.

— De fato é a filha de um gentlem an. Mas quem era a sua m ãe? Quem são seus tios e tias? Não pense que eu ignoro a situação deles.

— Qualquer que sej a a situação deles — respondeu Elizabeth —, se o seu sobrinho não faz obj eção a isto, não sei em que isto lhe pode interessar.

— Diga-m e francam ente: está noiva dele?

Em bora Elizabeth não quisesse responder a esta pergunta, com o único fito de fazer a vontade de Lady Catherine, ela não pôde se im pedir de dizer, depois de pensar alguns instantes:

— Não estou.

Lady Catherine pareceu ficar satisfeita.

— E prom ete nunca aceitar um tal com prom isso?

— Não farei nenhum a prom essa dessa espécie.

— Miss Bennet, estou ofendida e atônita. Esperava encontrar um a m oça m ais razoável. Mas não se iluda pensando que eu j am ais recuarei. Não irei em bora antes de receber a garantia que exij o.

— E pode estar certa de que nunca a darei. A senhora não poderá m e intim idar nem m e obrigar a fazer um a coisa tão pouco razoável. A senhora quer que Mr.

Darcy se case com a sua filha. Mas se eu lhe fizesse a prom essa que desej a, isto tornaria o casam ento deles m ais provável? Suponha que ele tenha afeição por m im . Seria a m inha recusa suficiente para que ele transferisse essa afeição para a sua filha? Perm ita-m e dizer-lhe, Lady Catherine, que os argum entos com que procurou j ustificar este extraordinário pedido foram tão frívolos quanto o pedido, ele m esm o, foi insensato. A senhora se engana redondam ente acerca do m eu caráter se pensa que possa ser influída por persuasões desta natureza. Não sei até que ponto o seu sobrinho perm ite que a senhora se im iscua nos negócios dele, m as a senhora não tem o m enor direito de interferir nos m eus. Peço-lhe portanto que não m e im portune m ais a respeito deste assunto.

— Mais devagar, faça o favor. Eu ainda não acabei. A todas as obj eções que j á apresentei, acrescentarei ainda um a outra: sei tudo a respeito da infam e conduta da sua irm ã m ais m oça. Sei todos os detalhes. Sei que o casam ento foi um a coisa arranj ada, às pressas, a expensas do seu pai e do seu tio. E é possível que essa m oça se torne a irm ã do m eu sobrinho? E que o m arido dela, que é o filho do intendente do seu pai, se torne tam bém um parente dele? Deus do céu, em que está pensando? Serão as som bras de Pem berley poluídas desse m odo?

— Agora j á nada m ais terá a dizer — replicou Elizabeth, ressentida. — Já m e insultou de todas as m aneiras. Com sua licença vou voltar para casa.

E dizendo isto ela se levantou. Lady Catherine se levantou tam bém , e elas regressaram . Sua Senhoria estava furiosa.

— Então não tem a m enor consideração pela honra e bom nom e do m eu sobrinho? Menina egoísta, não vê que o casam ento dele com você o desonrará aos olhos de todo o m undo?

— Lady Catherine, nada m ais tenho a dizer! Já conhece a m inha opinião.

— Então está resolvida a obtê-lo?

— Eu não disse tal coisa. Mas estou resolvida a agir de m aneira a conquistar o que eu considero a felicidade, sem pedir os seus conselhos e nem os de qualquer outra pessoa estranha à m inha fam ília.

— Está bem . Então recusa atender ao m eu pedido? Recusa-se a reconhecer os direitos do dever, da honra e da gratidão? Está decidida a destruir o bom nom e do m eu sobrinho na opinião de todos os seus am igos? E torná-lo assim um obj eto de desprezo para todo o m undo?

— No presente caso, nem o dever, nem a honra, nem a gratidão têm quaisquer direitos sobre m im . Nenhum desses princípios será violado pelo m eu casam ento com Mr. Darcy . E quanto à consideração ou ressentim ento da sua fam ília, ou a indignação do m undo, adm itindo que eu a m erecesse por este casam ento, nada disto m e daria a m enor preocupação. E além disso as pessoas em geral têm bastante bom senso para desprezar os outros por m otivo tão fútil.

— Então esta é a sua verdadeira opinião. Esta é a sua decisão final. Muito bem , saberei agora com o agir. Não im agine, Miss Bennet, que a sua am bição j am ais será satisfeita. Eu vim aqui para experim entá-la. Esperei encontrar um a m oça razoável. Pode ficar certa, entretanto, que farei valer a m inha vontade.

E Lady Catherine continuou falando deste m odo até que chegaram à porta da carruagem . Aí ela se virou de súbito e acrescentou:

— Não m e despeço de você, Miss Bennet. Nem envio cum prim entos à sua m ãe.

Não m erecem um a tal atenção. Estou seriam ente ofendida.

Elizabeth nada respondeu. E sem procurar persuadir a Lady Catherine que entrasse novam ente, virou as costas e se dirigiu calm am ente para casa. Enquanto subia as escadas, ouviu a carruagem partir. Sua m ãe, que estava im paciente, veio encontrá-la à porta da sala para indagar se Lady Catherine não tornaria a entrar a fim de descansar um pouco.

— Ela não quis — respondeu Elizabeth. — Preferiu partir.

— É um a senhora m uito elegante. E a sua visita foi um a grande am abilidade, pois suponho que ela tenha vindo apenas para dizer que os Collins vão passando bem . Ela passou casualm ente e se lem brou que podia fazer um a visita. Suponho que ela não tivesse nada de particular para lhe dizer, Lizzy ?

Elizabeth foi obrigada a inventar um a pequena história. Mas era im possível revelar o que se tinha passado.

57

A agitação que essa extraordinária visita provocou no espírito de Elizabeth durou m uito tem po. E durante várias horas ela não pôde deixar de pensar incessantem ente naquilo. Lady Catherine, ao que parecia, tinha se dado ao trabalho de sair de Rosings com o único fito de desm antelar o seu suposto noivado com Mr. Darcy . O plano não era m au. Mas de onde se originava a notícia do noivado? Isto é que Elizabeth não podia determ inar. Mas afinal ela refletiu que o fato de Mr. Darcy ser um am igo íntim o de Bingley e ela ser a irm ã de Jane era suficiente para sugerir a ideia de outro casam ento. Elizabeth j á com preendera naturalm ente que o casam ento da sua irm ã deveria aproxim á-la m ais de Darcy .

Provavelm ente, os seus vizinhos de Lucas Lodge (e por seu interm édio, através dos Collins a notícia chegara aos ouvidos de Lady Catherine) tinham apresentado com o coisa quase certa e im ediata aquilo que ela m esm a encarava com o um a rem ota possibilidade.

Refletindo sobre as expressões de Lady Catherine, Elizabeth não podia deixar entretanto de sentir um a certa inquietude quanto às possíveis consequências da sua interferência. Pelo que dissera da sua resolução de im pedir o casam ento, Elizabeth concluía que ela devia ter em m ente um a entrevista com o seu sobrinho. E com o receberia ele a descrição que Lady Catherine lhe faria das funestas consequências de um tal casam ento? Elizabeth não sabia até que ponto ia a afeição de Mr. Darcy por sua tia, nem a confiança que ele depositava nos seus j ulgam entos. Porém era natural supor que ele tivesse m aior consideração por Lady Catherine do que ela, Elizabeth. Por outro lado, enum erando as m ás consequências de um casam ento com um a pessoa cuj os parentes eram tão inferiores aos seus, sua tia o atacaria pelo lado m ais fraco. Com os seus preconceitos de classe, ele sentiria provavelm ente que os argum entos que a Elizabeth tinham parecido fracos e ridículos continham bom senso e um raciocínio sólido.

Se antes ele hesitara algum as vezes quanto ao que devia fazer, os conselhos e as exortações de um a pessoa que era sua parente próxim a poderiam destruir todas as suas dúvidas e convencê-lo de um a vez para sem pre a procurar a sua felicidade sem ofender os seus brasões de fam ília. Neste caso ele não voltaria m ais. Lady Catherine o encontraria em Londres e a prom essa que fizera a Bingley de voltar para Netherfield seria esquecida.

“Se portanto ele enviar qualquer desculpa ao seu am igo dentro desses próxim os dias, dizendo que está im possibilitado de vir, eu saberei o que pensar”, disse Elizabeth para si m esm a. “Então desistirei de tudo. E se ele se lim itar a lam entar a m inha perda, quando está nas suas m ãos obter a m inha afeição, renunciarei a ele, sem m ágoa.”

* * *

A surpresa das dem ais pessoas da fam ília quando souberam quem tinha sido a visitante foi m uito grande. Contentaram -se no entanto com as m esm as suposições que haviam aplacado a curiosidade de Mrs. Bennet. E Elizabeth não foi incom odada por causa disso.

No dia seguinte, de m anhã, Elizabeth estava descendo as escadas quando seu pai, saindo da biblioteca, veio ao seu encontro com um a carta na m ão.

— Lizzy — disse ele —, eu ia à sua procura. Venha à biblioteca. Elizabeth acom panhou-o. E a suposição de que o assunto que seu pai queria lhe com unicar se relacionava com a carta que ele tinha na m ão aum entava a sua curiosidade.

Ocorreu-lhe de súbito que a carta pudesse ser de Lady Catherine. Já se sentia desanim ada, diante de todas as explicações que teria que dar.

Sentaram -se diante da lareira. Então Mr. Bennet falou:

— Recebi esta m anhã um a carta que m e surpreendeu extraordinariam ente.

Com o o assunto m ais im portante da carta se refere a você, é preciso que sej a inform ada do seu conteúdo. Eu não sabia que tinha duas filhas próxim as do casam ento. Deixe que eu lhe cum prim ente pela sua conquista. É m uito im portante.

O sangue afluiu ao rosto de Elizabeth e ela por um m om ento supôs que a carta viesse do sobrinho e não da tia. E hesitava se devia se sentir contente porque ele se tinha explicado afinal, ou ofendida porque a carta não lhe fora dirigida, quando seu pai prosseguiu:

— Você parece que com preendeu. As m oças m ostram grande penetração em assuntos desta natureza. No entanto, acho que posso desafiar m esm o a sua sagacidade. Não im agina quem sej a o seu adm irador. Esta carta é de Mr. Collins.

— De Mr. Collins! E que é que ele tem a dizer?

— O que ele tem a dizer vem m uito a propósito, naturalm ente. Com eça congratulando-se pelo próxim o casam ento da m inha filha m ais velha. Coisa naturalm ente que um a daquelas espevitadas da fam ília Lucas lhe com unicou.

Não vou ler o que ele diz sobre isto, para não provocar a sua im paciência. A parte que se refere à sua pessoa diz o seguinte: Tendo desse m odo oferecido as sinceras congratulações de Mrs. Collins, bem com o as m inhas, pelo feliz acontecim ento, perm ita que eu m e refira agora sum ariam ente a outro assunto que chegou ao nosso conhecim ento através da m esm a fonte. Sua filha Elizabeth, ao que parece, não usará por m ais m uito tem po o nom e de Bennet, depois que a sua irm ã m ais velha tiver renunciado ao m esm o. E o seu escolhido pode razoavelm ente ser considerado um a das pessoas m ais ilustres deste país.

— Pode im aginar, Lizzy , quem sej a esta pessoa?

Este rapaz foi aquinhoado com tudo o que um coração m ortal pode desej ar: esplêndidas propriedades, nobres parentes, considerável influência. No entanto, apesar de todas estas vantagens, perm ita que eu previna a m inha prim a Elizabeth e ao senhor m esm o acerca dos m ales que poderão advir de um consentim ento precipitado às propostas daquele cavalheiro; propostas de que naturalm ente se sentirão inclinados a tirar im ediato proveito.

— Você tem algum a ideia, Lizzy , de quem sej a este cavalheiro? Mas agora surge a revelação: “O m otivo que tenho para preveni-la é o seguinte: tem os razões para acreditar que sua tia, Lady Catherine de Bourgh, não olha com bons olhos este casam ento.” — Está vendo, portanto, que se trata de Mr. Darcy . Está aí, Lizzy , creio que lhe dei um a grande surpresa. Poderia Mr. Collins ou os Lucas terem feito um a suposição m ais absurda? Mr. Darcy , que nunca olha para um a m ulher senão para criticar, e que provavelm ente nunca olhou para você em toda a sua vida! E espantoso!

Elizabeth tentou achar graça, m as pôde apenas sorrir com relutância. Nunca o espírito de seu pai lhe parecera m enos agradável.

— Você não está achando graça?

— Estou, sim , continue a ler.

Tendo eu m encionado a possibilidade deste casam ento a Lady Catherine ontem à noite, ela im ediatam ente exprim iu o que sentia acerca desse assunto, com a sua usual condescendência. Ela então proclam ou que devido a certas obj eções de fam ília, j am ais daria o seu consentim ento para o que, segundo a sua expressão, era um péssim o casam ento. Achei que era do m eu dever com unicar isto à m inha prim a para que ela e seu nobre adm irador saibam o que estão fazendo e não se precipitem num casam ento que não foi convenientem ente sancionado.

“E Mr. Collins acrescenta o seguinte:”

Causa-m e m uita alegria saber que o triste caso da m inha prim a Ly dia conseguiu ser abafado tão depressa! E o que m e preocupa apenas é que outros tenham ficado sabendo que eles tenham vivido j untos antes de se casarem . Não posso, entretanto, esquecer os deveres do m eu estado, nem deixar de m anifestar o espanto que senti ao ouvir dizer que o senhor recebeu o j ovem casal na sua casa logo após o m atrim ônio. Considero isto um encoraj am ento ao vício e se fosse o reitor de Longbourn ter-m e-ia oposto a isto term inantem ente. É certo que com o cristão os devia ter perdoado, porém j am ais devia adm iti-los em sua presença nem perm itir que os seus nom es lhe fossem m encionados.

— Esta é a noção que ele tem do perdão cristão das ofensas. O resto da carta trata apenas da situação da sua querida Charlotte e das esperanças que ele tem de

um herdeiro. Mas, Lizzy , você parece que não está gostando. Espero que não leve a sério e nem vá ficar ofendida por causa deste boato tolo. Não vej o por que não possam os rir, de nosso lado, com o ridículo dos nossos vizinhos...

— Oh — exclam ou Elizabeth —, estou achando m uita graça. Mas tudo isto é tão estranho!

— Sim , m as aí é que está a graça. Se eles tivessem escolhido outro hom em qualquer, não haveria nada de estranho. Mas a perfeita indiferença de Mr. Darcy e a sua m anifesta antipatia tornam essa suposição tão absurda! Abom ino escrever, m as por coisa algum a deste m undo desistiria da m inha correspondência com Mr. Collins! Quando m e chega um a carta dele, não posso deixar até de preferi-lo a Wickham . E eu prezo im ensam ente a im pudência e a hipocrisia do m eu genro... Conte-m e, Lizzy , que disse Lady Catherine acerca deste boato? Ela veio vê-la para recusar o seu consentim ento?

A esta pergunta, sua filha respondeu apenas com um a risada. E com o ele de nada suspeitasse, Elizabeth não ficou em baraçada, m esm o quando ele repetiu a pergunta. Jam ais ela sentira tam anha

dificuldade em esconder os seus sentim entos. Era necessário rir e ela teria preferido chorar. Seu pai a tinha m ortificado cruelm ente pelo que dissera a respeito da indiferença de Mr. Darcy .

Aquela falta de penetração e espantava. Por outro lado ela tem ia que em vez do seu pai ter visto pouco, ela é que tivesse esperado dem asiadam ente.

58

Mr. Bingley não recebeu nenhum a carta de escusas do seu am igo, com o Elizabeth receava. Em vez disso, trouxe o seu am igo Darcy em visita a Longbourn, poucos dias depois do aparecim ento de Lady Catherine. Os cavalheiros chegaram cedo. Elizabeth, por um m om ento, teve m edo de que Mrs.

Bennet lhes contasse que tinham recebido a visita da sua tia. No entanto, antes que Mrs. Bennet pudesse falar, Bingley , que queria ficar a sós com Jane, propôs que todos saíssem a passear. Assim foi com binado. Mrs. Bennet não tinha o hábito de cam inhar. Mary não podia perder tem po. E os cinco restantes partiram .

Bingley e Jane, entretanto, deixaram os outros se distanciarem . Elizabeth, Kitty e Darcy foram na frente. Os três conversaram m uito pouco. Kitty tinha m edo de Darcy . Elizabeth tom ava em segredo um a resolução desesperada. E ele talvez fizesse o m esm o.

Cam inharam em direção à casa dos Lucas, pois Kitty queria fazer um a visita a Maria. E depois que Kitty os deixou, Elizabeth continuou resolutam ente com Darcy . Chegara agora o m om ento de executar o seu plano. E antes que a sua coragem fraquej asse, ela falou:

— Mr. Darcy , sou um a criatura m uito egoísta. E a fim de aliviar as incertezas dos m eus sentim entos vou talvez ferir os seus. Não posso adiar por m ais tem po a obrigação de lhe agradecer a sua inestim ável intervenção a favor de m inha irm ã.

Desde que soube o que o senhor tinha feito, fiquei ansiosa por um a ocasião de lhe m anifestar a m inha gratidão. E se as outras pessoas da m inha fam ília o soubessem , não lhe falaria apenas em m eu nom e.

— Sinto im ensam ente — replicou Darcy , num tom de surpresa e em oção — que tenha sido inform ada de um fato que, m al-interpretado, poderia causar-lhe contrariedade. Julguei que podia confiar na discrição de Mrs. Gardiner.

— Não deve culpar a m inha tia. Foi por um a leviandade de Ly dia que eu soube que o senhor se tinha envolvido no caso; e naturalm ente não descansei até conhecer todos os detalhes. Deixe-m e agradecer novam ente, em m eu nom e e no da m inha fam ília, pela generosidade com que agiu, sofrendo toda a sorte de incôm odos e m ortificações.

— Se quiser m e agradecer — respondeu ele —, faça-o apenas em seu próprio nom e. Não nego que o desej o de lhe causar prazer tenha contribuído tam bém para o que fiz. Mas a sua fam ília não m e deve nada. Respeito-a m uito, m as creio que foi só em você que pensei.

Elizabeth ficou tão em baraçada que não soube o que responder. Depois de um a curta pausa, seu com panheiro acrescentou:

— Tenho certeza de que é generosa dem ais para fazer pouco caso dos m eus sentim entos. Se os seus são ainda os m esm os que m anifestou em abril passado, diga-o im ediatam ente. Minha afeição perm anece inalterada; basta porém um a

única palavra sua para fazer com que m e cale para sem pre.

Elizabeth, sentindo a difícil e aflitiva situação em que Darcy se encontrava, se esforçou para falar. E em bora de form a hesitante, deu-lhe a entender im ediatam ente que os seus sentim entos tinham passado por tão grande transform ação, desde o período a que ele aludira, que agora podia aceitar as suas declarações com

prazer e gratidão. A felicidade que essa resposta causou a Darcy foi a m aior que até então conhecera. E ele a exprim iu nos term os m ais calorosos que o seu coração de apaixonado pôde encontrar. Se Elizabeth tivesse podido levantar os olhos, teria visto que a felicidade de Darcy se refletia no seu rosto, infundindo-lhe um a anim ação que o tornava belo. Se não podia ver, Elizabeth, no entanto, podia ouvir. E Darcy lhe revelou a im portância que o afeto de Elizabeth tinha para ele. E a cada m om ento o seu am or crescia de im portância aos olhos de Elizabeth.

Continuaram a cam inhar sem um a direção precisa. Seus pensam entos os absorviam , e além disso tinham m uito a sentir e a dizer. Elizabeth ficou sabendo que deviam o seu atual entendim ento aos esforços da tia de Darcy . Lady Catherine, com efeito, de passagem por Londres fora visitar o sobrinho e lhe relatara a sua viagem a Longbourn, suas causas e a conversa que tivera com Elizabeth, repetindo enfaticam ente cada um a das expressões desta últim a, expressões que aos olhos de Lady Catherine denotavam a perversidade e o cinism o da m oça, com o intuito de desacreditá-la perante o seu sobrinho.

Infelizm ente para Sua Senhoria o efeito tinha sido exatam ente o oposto.

— Eu, que não tinha m ais esperanças, voltei a tê-las — acrescentou Darcy . —

Conhecendo seu caráter, sabia que, se estivesse absoluta e irrevogavelm ente decidida a m e recusar, tê-lo-ia dito a Lady Catherine com toda a franqueza.

Elizabeth enrubesceu e sorriu.

— Sim , conhecia suficientem ente a m inha franqueza para saber que se eu tinha sido capaz de tratá-lo de m aneira tão abom inável pessoalm ente, não hesitaria em fazê-lo perante toda a sua fam ília.

— Não acho que m e tenha tratado m al. Não disse nada que eu não m erecesse.

Em bora suas acusações repousassem sobre prem issas falsas, m inha atitude naquele tem po m erecia as m ais severas censuras. Era im perdoável. Não posso lem brar dela sem horror.

— Não discutirem os a quem cabe a m aior culpa na desavença daquela noite —

disse Elizabeth. — A conduta de nenhum a das partes foi irrepreensível. Mas desde então creio que progredim os em cortesia. Pelo m enos espero.

— Não posso m e reconciliar tão facilm ente com igo m esm o. A recordação de tudo o que eu disse, da m inha conduta, das m inhas m aneiras e expressões tem sido durante m uitos m eses e continua a ser indizivelm ente dolorosa. Nunca m e esqueci da sua adm oestação, que considero tão j usta: “se tivesse agido de form a m ais cavalheiresca...” Foram estas as suas palavras. Não sabe, não pode nem de

longe im aginar com o essas suas palavras m e torturaram . Custei a lhes reconhecer a j ustiça.

— E eu estava m uito longe de supor que elas lhe produziriam um a im pressão tão forte.

— Acredito. Naquele tem po pensava que eu era destituído de todos os sentim entos hum anos. Disso tenho certeza. Nunca m e esquecerei da expressão do seu rosto quando m e disse que nada a poderia ter persuadido a aceitar a m inha m ão.

— Oh, não repita o que eu disse. Essas coisas não devem ser lem bradas. Juro-lhe que há m uito tem po que penso nelas com im ensa vergonha.

Darcy m encionou a sua carta.

— Queria saber — perguntou ele — se a carta m e j ustificou aos seus olhos.

Acreditou no que eu dizia?

Elizabeth lhe explicou os efeitos que a sua carta tinham produzido e com o, aos poucos, a sua m á vontade se dissipara.

— Eu sabia — continuou ele — que o que estava lhe escrevendo ia m agoá-la, m as era necessário. Espero que tenha destruído a carta. Não descansarei enquanto não tiver a certeza de que não a pode m ais ler, especialm ente o com eço da carta. Lem bro-m e de certas expressões que provocariam o seu ódio contra m im .

— A carta será queim ada se acredita que isto sej a essencial para a preservação da m inha estim a. Mas em bora tenham os am bos razões para pensar que as m inhas opiniões não são inteiram ente inalteráveis, não creio por outro lado que sej am tão facilm ente influenciáveis com o parece supor.

— Quando escrevi aquela carta — replicou Darcy — pensava que m e encontrava num estado de espírito perfeitam ente calm o e frio. Mas depois vi que estava extrem am ente am argurado e triste.

— Talvez no princípio a carta fosse am arga, m as o final era um a caridosa despedida. Mas não pense m ais na carta. Os sentim entos da pessoa que a recebeu e da pessoa que a escreveu são agora tão diferentes do que eram , que todas as circunstâncias dolorosas relativas a ela devem ser esquecidas. E é preciso que aprenda um pouco da m inha filosofia. Lem bre-se apenas daquilo que lhe causa prazer.

— Não creio que encontre dificuldade em aplicar esta filosofia à sua própria vida. As suas lem branças devem ser tão desprovidas de toda a m ácula que não é preciso nenhum a filosofia para sentir o contentam ento que se origina delas. Mas com igo não é assim : quando penso no passado intervêm m uitas recordações dolorosas que não podem e não devem ser repelidas. Toda a m inha vida fui

um ser egoísta, se não na prática, pelo m enos nos m eus princípios. Em criança m e ensinaram o que era direito, m as não m e ensinaram a corrigir o m eu gênio.

Deram -m e bons princípios. Mas deixaram -m e praticá-los orgulhosam ente.

Infelizm ente, sendo durante m uito tem po único filho, e m ais tarde único filho hom em , fui m im ado pelos m eus pais e, em bora eles fossem bons, m eu pai sobretudo, que era a benevolência em pessoa, perm itiram , encoraj aram e quase m e ensinaram a ser egoísta e tirânico, a pensar apenas nas pessoas da m inha fam ília e desprezar todos os outros e a pensar com desprezo no bom senso e valor das outras pessoas, com parados com os m eus. Assim fui eu dos oito aos vinte anos. E se não fosse a m inha querida e adorável Elizabeth, talvez ainda não m e tivesse m udado. Que é que não lhe devo? A lição que m e deu foi certam ente a princípio m uito dura, m as m uito vantaj osa. Por suas m ãos recebi a hum ilhação que devia. Aproxim ei-m e de você sem duvidar de que seria aceito. Revelou-m e com o eram insuficientes as m inhas pretensões de agradar um a m ulher digna de ser am ada.

— Estava m esm o persuadido de que realm ente m e sentiria lisonj eada?

— Confesso que estava. Que acha da m inha vaidade? Eu acreditava que estava m esm o desej ando e esperando as m inhas propostas.

— A culpa talvez caiba às m inhas m aneiras, m as não agi intencionalm ente.

Posso lhe j urar, j am ais tencionei enganá-lo. Com o deve ter m e odiado depois daquela noite!

— Odiá-la? Talvez a princípio eu estivesse encolerizado. Mas logo dirigi esta cólera contra quem a m erecia.

— Tenho quase m edo de lhe perguntar o que pensou de m im quando nos encontram os em Pem berley . Achou que eu tinha feito m al em vir?

— Não, de m odo algum , senti apenas surpresa.

— A sua surpresa não foi m enor do que a m inha ao verificar que ainda se interessava por m im . Minha consciência m e dizia que eu não m erecia grandes cortesias e confesso que não contava receber m ais do que m e era devido.

— Meu fito naquela ocasião — replicou Darcy — era lhe m ostrar, por todos os m eios, que não guardava um rancor m esquinho do passado. Eu esperava obter o seu perdão e apagar o m au conceito que tinha de m im , dando-lhe a perceber que eu tinha levado em conta as suas censuras. Não posso lhe dizer exatam ente em que m om ento outros desej os nasceram em m im , m as creio que foi m eia hora depois de tê-la visto.

Darcy contou-lhe então o prazer que Georgiana tivera em conhecê-la e o desapontam ento que sentira com a súbita interrupção da sua visita. Isto o levou naturalm ente a falar nas causas desta interrupção. E Elizabeth ficou sabendo que ele tom ara a resolução de segui-la e de partir em busca da sua irm ã, antes m esm o de sair da hospedaria.

E que se naquela ocasião se m ostrava grave e pensativo, era porque debatia consigo m esm o a respeito desta ideia. Ela tornou a exprim ir a sua gratidão, m as o assunto era dem asiado penoso para am bos para que insistissem nele.

Depois de cam inharem várias m ilhas sem destino, sem repararem para onde se

dirigiam , viram nos seus relógios que era hora de ir para casa.

— Que teria sido feito de Mr. Bingley e Jane?

Esta observação os levou naturalm ente a discutir este caso. Darcy estava encantado com o noivado. Seu am igo lhe dissera tudo im ediatam ente.

— Ficou surpreendido? — perguntou Elizabeth.

— De m odo algum . Quando parti, j á sabia que isto devia acontecer.

— Quer dizer que deu o seu consentim ento? Desconfiava disto tam bém .

Em bora ele protestasse contra a expressão, Elizabeth com preendeu que a sua suposição não estava m uito longe da verdade.

— Na noite anterior à m inha partida para Londres — disse Darcy —, eu fiz a Bingley um a confissão que, acredito, j á devia ter feito há m uito tem po. Contei-lhe tudo o que tinha ocorrido e disse que esses fatos m e tinham feito com preender que a m inha interferência no caso dele e de Jane tinha sido desastrosa. A sua surpresa foi grande. Ele não suspeitava de nada. Disse, ainda m ais, que tinha razões para acreditar que m e tinha enganado quando dissera que a sua irm ã lhe era indiferente. E com o vi im ediatam ente que a sua afeição por ela continuava inalterada, não tinha dúvida de que viessem a ser m uito felizes j untos.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir da facilidade com que ele conduzia o seu am igo.

— Foi a sua própria observação que lhe convenceu que a m inha irm ã am ava Bingley ou se baseou apenas na m inha inform ação?

— Foi a m inha observação. Durante as duas últim as visitas que fiz aqui ultim am ente, observei-a com atenção. Fiquei convencido de que ela o am ava sinceram ente.

— E Bingley acreditou de im ediato na sua afirm ação?

— Acreditou. Bingley é de um a extraordinária m odéstia. Foi o que o im pediu de confiar no seu próprio j ulgam ento, m as a confiança que ele tem em m im tornou tudo fácil. Fui obrigado a confessar um a coisa que o fez ficar ofendido com igo durante alguns dias. Não pude deixar de dizer que eu sabia que a sua irm ã tinha estado em Londres durante três m eses no inverno passado e que eu propositadam ente escondera este fato dele. Ficou zangado, m as estou persuadido de que a sua cólera durou apenas enquanto tinha dúvidas acerca dos sentim entos da sua irm ã. Ele agora m e perdoou de todo o coração.

Elizabeth teve vontade de observar que Mr. Bingley tinha sido um am igo encantador. Sendo ele, com o era, tão fácil de conduzir, possuía com o am igo um valor inestim ável. No entanto ela se conteve porque lem brou que Darcy ainda não aprendera a ser m enos susceptível. Era ainda cedo para com eçar. Darcy continuou a falar sobre a felicidade que antecipava para Bingley , e que seria apenas m enor do que a sua, até que chegaram em casa. No hall eles se separaram .

59

— Querida Lizzy , onde é que você tem andado? — Tal foi a pergunta que Elizabeth recebeu de Jane, assim que entrou na sala. E a m esm a pergunta lhe foi dirigida por todas as pessoas, antes de se sentarem à m esa. Ela disse apenas que tinha se distraído e cam inhado m ais longe do que esperava. E em bora ela corasse ao dizer estas palavras, ninguém suspeitou da verdade.

A tarde passou calm am ente sem que nada de extraordinário ocorresse. Os noivos oficiais falaram e riram . Os não oficiais ficaram calados. Darcy não era dessas pessoas em que a felicidade transborda em alegria; Elizabeth, agitada e confusa, tinha consciência da sua felicidade m as não a sentia propriam ente. Além dos obstáculos im ediatos ainda existiam outros à sua frente. Ela antecipava as reações da sua fam ília quando soubesse da sua decisão. Tem ia m esm o que a antipatia dos outros fosse de tal

ordem que nem toda a fortuna e im portância de Darcy a poderiam dissipar.

À noite ela abriu o seu coração para Jane. Em bora Jane fosse um a pessoa m uito pouco desconfiada, dessa vez Elizabeth esbarrou com a sua incredulidade.

— Você está brincando, Lizzy . Não pode ser! Noiva de Mr. Darcy ! Não, não, você não m e engana! Eu sei que é im possível!

— Este com eço não é de fato m uito anim ador. A única pessoa com quem eu contava era você. E se você não acreditar, sei que ninguém m ais o fará! Sim , de fato eu falo seriam ente. Digo apenas a verdade. Ele ainda m e am a e estam os noivos.

Jane olhou para ela, incredulam ente.

— Oh, Lizzy , não pode ser! Bem sei com o você o detesta...

— Você não sabe coisa algum a. Aquilo está tudo esquecido. Talvez eu não o am asse antigam ente tanto com o agora, m as em casos com o este a boa m em ória é um fato im perdoável. Esta é a últim a vez que recordo estas coisas.

Jane continuava atônita. Elizabeth tornou a lhe assegurar com a m aior seriedade que estava falando a verdade.

— Será possível?! Mas agora tenho de acreditar no que diz! — exclam ou Jane. —

Minha querida, querida Lizzy ! Eu a felicito. Mas você tem certeza? Perdoe a m inha pergunta, você tem certeza de que pode ser feliz com ele?

— Quanto a isto não pode haver a m enor dúvida. Ficou decidido entre nós que serem os o casal m ais feliz do m undo. Mas você está contente, Jane? Você gostará de tê-lo com o irm ão?

— Muito m esm o. Nada poderia causar m ais prazer a Bingley e a m im . Nós até j á conversam os sobre isto e acham os que era im possível. E você realm ente gosta dele? Oh, Lizzy , prefira tudo a se casar sem afeição. Você tem certeza de que o am a com o deve?

— Oh, sim . Quando eu lhe contar tudo você até achará que a m inha afeição

excede os lim ites.

— Que é que você quer dizer?

— Ora, eu tenho que confessar que o am o m ais do que a Bingley . Você vai ficar zangada?

— Minha querida irm ã, fale seriam ente: quero conversar com você m uito a sério. Conte-m e im ediatam ente tudo o que você acha que eu devo saber. Há quanto tem po você gosta dele?

— Isto aconteceu tão gradualm ente que eu nem sei com o com eçou. Mas acredito que a m inha afeição data da prim eira vez em que vi o belo parque de Pem berley .

Seguiu-se outra súplica para que ela falasse seriam ente. Desta vez o pedido obteve o efeito desej ado. E Elizabeth deu à sua irm ã as m ais solenes garantias da sua afeição por Darcy . Tranquilizada quanto a este ponto, Jane ficou satisfeita.

— Agora sinto-m e contente — disse ela. — Pois você será tão feliz quanto eu.

Sem pre o apreciei m uito. Bastava aliás o am or dele por você para fazer com que eu o estim asse para sem pre, m as agora, com o am igo de Bingley e seu m arido, só Bingley e você m esm a terão precedência na m inha afeição. Mas Lizzy , você foi m uito sonsa, m uito reservada com igo. Você não m e contou quase nada do que aconteceu em Pem berley e em Lam bton. Devo tudo o que sei a outra pessoa.

Elizabeth lhe explicou por que tinha guardado segredo. Não quisera falar no nom e de Bingley . E a incerteza dos seus próprios sentim entos fazia com que ela evitasse falar no nom e de Darcy . Mas agora Elizabeth não podia esconder por m ais tem po da sua irm ã a participação de Darcy no caso de Ly dia. Contou tudo.

Passaram m etade da noite em conversa.

* * *

— Arre — exclam ou Mrs. Bennet ao se aproxim ar da j anela na m anhã seguinte.

— Não é que aquele hom em desagradável j á vem aí com o nosso querido Bingley ? Que desej a ele, com essas visitas contínuas? Não vê que nos im portuna?

Por que não vai caçar ou fazer outra coisa em vez de nos im pingir a sua com panhia? Que farem os com ele? Lizzy , é m elhor você ir passear novam ente com ele, para que não se m eta no cam inho de Bingley .

Elizabeth não pôde deixar de rir diante de proposta tão conveniente. No entanto ela estava realm ente contrariada com aquelas m anifestações de sua m ãe.

Assim que entrou, Bingley olhou para Elizabeth tão significativam ente e lhe apertou as m ãos com tanto calor que não podia haver dúvida de que estivesse bem -inform ado. E pouco depois ele disse, em voz alta:

— Mrs. Bennet, a senhora não tem no seu parque outros cam inhos em que Lizzy possa se perder?

— Aconselho Mr. Darcy , Lizzy e Kitty — disse Mrs. Bennet — a darem um

passeio até Oakham Mount. É um belo e longo passeio e Mr. Darcy nunca apreciou a vista.

— Está m uito bem para os outros — replicou Mr. Bingley —, m as estou certo que é longe dem ais para Kitty . Não é, Kitty ?

Kitty confessou que preferia ficar em casa. Darcy declarou que estava m uito curioso para ver o lugar, e Elizabeth consentiu, em silêncio. Enquanto subia as escadas para ir se aprontar, Mrs. Bennet a acom panhou, dizendo:

— Sinto m uito, Lizzy , que você tenha de fazer com panhia àquele hom em tão desagradável. Mas espero que você não faça caso. É para o bem de Jane, você sabe... E depois, não precisa conversar m uito com ele. Só de vez em quando.

Portanto, não se dê m uito trabalho.

Durante o passeio ficou resolvido que o consentim ento de Mr. Bennet seria solicitado naquela m esm a noite. Elizabeth se encarregou de falar com a sua m ãe.

Não sabia com o Mrs. Bennet receberia aquela com unicação. E às vezes ela duvidava de que toda a fortuna e im portância de Darcy fossem suficientes para vencer a antipatia que sua m ãe tinha por ele. Mas quer Mrs. Bennet se declarasse violentam ente contra o casam ento, ou violentam ente a favor, Elizabeth estava certa de que a sua atitude seria pouco conveniente e sensata. E Elizabeth não poderia tolerar que Mr. Darcy ouvisse as prim eiras m anifestações da sua alegria ou a prim eira veem ência da sua desaprovação.

* * *

À noite, pouco depois de Mr. Bennet se levantar da m esa e entrar na sua biblioteca, Elizabeth viu Mr. Darcy se levantar igualm ente e acom panhá-lo.

Naquele m om ento a sua agitação foi extrem a. Ela não receava a oposição de seu pai. Mas tinha certeza de que isto ia desgostá-lo. E a ideia de que ela, a sua filha favorita, lhe causaria um a grande decepção com a sua escolha, enchendo-o de preocupação quanto ao seu futuro, fez com que ela ficasse angustiada e aflita até que Mr. Darcy tornou a aparecer. O sorriso que ele teve, ao vê-la, aliviou-a um pouco. Poucos m inutos depois ele se aproxim ou da m esa onde Elizabeth estava sentada com Kitty e, fingindo adm irar o trabalho que ela fazia, sussurrou ao seu ouvido:

— Vá à biblioteca. Seu pai quer falar com você.

Elizabeth partiu im ediatam ente.

Mr. Bennet cam inhava de um lado para outro na biblioteca, e sua expressão era grave e ansiosa.

— Lizzy — disse ele —, que é que você está fazendo? Você está no seu j uízo perfeito aceitando este hom em ? Você não o odiava?

Naquele m om ento Elizabeth desej ou ardentem ente que seu pai tivesse exprim ido as suas opiniões m ais m oderadam ente. Isto lhe teria poupado explicações em baraçosas. Mas agora era preciso falar. E Elizabeth lhe assegurou, um tanto

confusa, que tinha afeição por Mr. Darcy .

— Ou, em outras palavras, você está decidida a se casar com ele. Ele é rico, certam ente, e você pode ter roupas e carruagens ainda m ais belas do que as de Jane. Mas você será feliz?

— O senhor tem outra obj eção a não ser a sua suposição de que eu lhe sej a indiferente?

— Nenhum a. Todos sabem os que ele é um hom em orgulhoso e desagradável.

Mas isto não teria im portância se você realm ente o am asse.

— Eu o am o — replicou Elizabeth, com lágrim as nos olhos —, eu o am o sinceram ente. Asseguro-lhe que ele não tem nenhum orgulho inj ustificado. É um hom em m uito bom . O senhor, na realidade, não o conhece. Portanto, não m e m agoe falando nestes term os a seu respeito.

— Lizzy — respondeu Mr. Bennet —, eu j á dei o m eu consentim ento. Ele é realm ente um desses hom ens a quem eu nunca recusaria algum a coisa que ele condescendesse em pedir. E agora torno a lhe dar o m eu consentim ento, se a isto está decidida. Mas eu a aconselho a pensar m elhor. Conheço o seu gênio, Lizzy , penso que j am ais você seria feliz e equilibrada a não ser que estim e realm ente o seu m arido, a não ser que possa considerá-lo com o o seu superior. Sua vivacidade e inteligência a colocariam num a situação de grande perigo num casam ento desigual. Ser-lhe-ia difícil salvar a sua reputação e a sua felicidade.

Minha filha, não m e dê o desgosto de vê-la im possibilitada de respeitar o seu com panheiro de vida. Você não sabe a seriedade do passo que está dando.

Elizabeth, ainda m ais em ocionada, respondeu solene e gravem ente. E afinal, afirm ando repetidam ente que Mr. Darcy era realm ente o hom em que ela tinha escolhido, explicando-lhe a m udança gradual por que tinha passado a sua estim a por ele, relatando a absoluta certeza que tinha da sua afeição, que não era um a coisa de m om ento, m as tinha resistido à experiência de m uitos m eses de incerteza, enum erando com energia todas as qualidades do seu futuro m arido, ela acabou convencendo o pai e reconciliando-o com a ideia do casam ento.

— Bem , m inha querida — disse ele quando Elizabeth acabou de falar. — Nada m ais tenho a dizer. Se este é o caso, ele a m erece. Eu não m e poderia separar de você, m inha querida Lizzy , entregando-a a alguém que fosse m enos digno da sua estim a.

Para com pletar a im pressão favorável do seu pai, ela então lhe relatou o que Mr.

Darcy tinha feito voluntariam ente por Ly dia. Ele a ouviu com grande espanto.

— Realm ente, esta é um a noite de surpresas. Então Darcy fez tudo! arranj ou o casam ento, deu dinheiro, pagou as dívidas do rapaz e lhe arranj ou um posto?

Tanto m elhor. Poupa-m e inúm eros incôm odos e grande som a de dinheiro. Se tudo tivesse sido feito por seu tio, ficaria na obrigação de lhe pagar e de fato lhe pagaria. Mas estes j ovens violentam ente apaixonados fazem tudo de acordo com a sua vontade. Am anhã lhe proporei pagam ento. Ele protestará furiosam ente,

alegando o seu am or por você e assim acabará a história.

Mr. Bennet se lem brou então do em baraço com que Elizabeth ouvira poucos dias antes a leitura da carta de Mr. Collins; e depois de caçoar com ela durante algum tem po, deixou-a partir, dizendo, ao vê-la sair da sala:

— Se chegarem rapazes para Mary ou Kitty , pode m andar entrar, pois não tenho nada que fazer.

Elizabeth se sentiu aliviada de um grande peso. E depois de refletir calm am ente no seu quarto durante m eia hora, voltou para j unto dos outros com o rosto tranquilo. Tudo aquilo ainda era m uito recente para que a sua alegria transbordasse. A noite passou tranquilam ente. Não havia m ais nada a tem er e a calm a voltaria aos poucos.

Quando a sua m ãe subiu para o quarto, Elizabeth a acom panhou e fez a im portante com unicação. O efeito foi extraordinário, pois ao ouvi-la Mrs. Bennet perm aneceu com pletam ente im óvel, incapaz de dizer um a só palavra. Só depois de m uitos e m uitos m inutos ela pôde com preender o que tinha ouvido, em bora estivesse sem pre atenta a tudo o que redundasse em proveito para a fam ília, ou que se apresentasse sob o aspecto de um noivo para qualquer um a das suas filhas.

Finalm ente ela com eçou a voltar a si, a se m exer na cadeira; levantou-se, tornou a sentar, abriu a boca, persignou-se:

— Meu Deus do céu! Deus m e abençoe! Im agine! Ora essa! Mr. Darcy ! Quem poderia supor? É verdade m esm o? Oh, m inha querida Lizzy ! Com o você será rica e im portante! Que m esadas, que j oias, que carruagens você terá! O

casam ento de Jane não é nada em com paração com o seu! Estou tão feliz, tão contente! Um hom em tão encantador! Tão bonito! Tão alto! Oh, m inha querida Lizzy ! Perdoe-m e por ter antipatizado com ele no princípio! Espero que ele m e perdoará. Minha querida Lizzy ... Um a casa em Londres! Tudo o que há de m elhor! Três filhas casadas! Dez m il libras por ano! Meu Deus do céu, que será de m im ? Vou ficar louca...

Essas exclam ações eram suficientes para m ostrar a Elizabeth que não precisava duvidar da aprovação de sua m ãe. E congratulando-se por ser a única testem unha daquela efusão, Elizabeth se retirou para o seu próprio quarto. Três m inutos depois Mrs. Bennet apareceu.

— Minha querida filha — exclam ou ela —, não posso pensar noutra coisa. Dez m il libras por ano e provavelm ente m ais! É com o se fosse um lord! E vocês se casarão com um a licença especial. Faço questão de um a licença especial. Mas, m eu bem , diga-m e qual é o prato que Mr. Darcy prefere. Eu o farei am anhã.

Isto era um triste prenúncio do que poderia ser o com portam ento da sua m ãe para com o seu noivo. E Elizabeth descobriu que, em bora de posse do m ais caloroso dos afetos e tranquila quanto ao consentim ento dos pais, havia ainda algum a coisa a desej ar. Mas o dia seguinte passou m uito m elhor do que tinha esperado. Mrs. Bennet, por sorte, tinha tanto respeito por seu futuro genro, que só

se atreveu a lhe dirigir a palavra para lhe dizer algum a am abilidade ou m anifestar a deferência que sentia pelas suas opiniões.

Elizabeth teve a satisfação de ver seu pai fazer esforços para entrar em com unicação com Darcy . Mr. Bennet lhe assegurou que a sua estim a por ele crescia a cada m om ento.

— Adm iro altam ente todos os m eus três genros. Wickham , talvez, sej a o m eu favorito, m as acho que acabarei gostando do seu m arido tanto quanto do de Jane.

60

Sentindo-se tranquila, Elizabeth com eçou logo a gracej ar. Pediu a Mr. Darcy que explicasse com o se tinha apaixonado por ela.

— Com o pôde com eçar? — perguntou ela. — Posso com preender perfeitam ente que tenha continuado um a vez feito o prim eiro passo, m as que foi que o im pulsionou?

— Não posso fixar a hora ou o lugar. Isto j á foi há m uito tem po. Eu j á estava no m eio e ainda não sabia que tinha com eçado.

— Minha beleza você a tinha negado desde o princípio. E quanto às m inhas m aneiras, m eu com portam ento para com você sem pre beirou a falta de educação. E quase sem pre, quando m e dirigia a você, era com o intuito de feri-lo. Agora sej a sincero: foi por causa da m inha im pertinência que m e adm irou?

— Pela vivacidade da sua inteligência, sim .

— É m elhor cham ar logo de im pertinência. Era pouco m enos. O fato é que estava farto de am abilidades, deferências e atenções. Sentia-se enoj ado com as m ulheres que falavam , agiam e pensavam com o único fito de conquistá-lo.

Despertei a sua atenção porque era tão diferente delas. Se você não fosse realm ente bom , teria m e odiado. Mas apesar do trabalho que teve para disfarçar os seus sentim entos, estes sem pre foram nobres e j ustos. E no seu coração sem pre desprezou as pessoas que o cortej avam tão assiduam ente. Aí está: j á lhe

poupei o trabalho de um a explicação; e realm ente, pensando bem , acho a m inha hipótese m uito razoável. Para falar a verdade, não conhecia nenhum a boa qualidade em m im . Mas ninguém pensa nisto quando se apaixona.

— Então não havia bondade no que fez por Jane quando ela esteve doente em Netherfield?

— Jane é um a pessoa querida. Quem não teria feito outro tanto por ela? Mas faça disso um a virtude, se quiser; m inhas boas qualidades estão sob a sua proteção.

Pode exagerá-las quando quiser. Em troca cabe-m e o direito de provocá-lo e discutir com você todas as vezes que m e apetecer. E eu com eçarei im ediatam ente, perguntando por que é que à últim a hora se m ostrou tão indeciso.

Por que se m ostrou tão tím ido com igo por ocasião da sua prim eira visita e depois quando j antou aqui? E especialm ente, por que a sua atitude era tão distante e fria?

— Porque você estava grave, silenciosa e não m e deu nenhum encoraj am ento.

— Mas eu estava em baraçada.

— E eu tam bém .

— Podia ter conversado com igo quando veio j antar.

— Um hom em m enos apaixonado o teria feito.

— É pena que encontre para tudo um a resposta razoável e que eu tenha o bom senso de aceitá-la. Mas eu pergunto a m im m esm a quanto tem po teria levado para se declarar se eu nada lhe tivesse perguntado. Minha resolução de lhe

agradecer a sua bondade para com Ly dia teve certam ente um grande efeito.

Receio que até m esm o dem asiado. Que será da m oral se o nosso entendim ento for devido a um a quebra de prom essa? Já que eu não deveria ter m encionado o assunto. Isto assim não está bem .

— Não precisa ficar preocupada. A m oral está salva. As inj ustificáveis tentativas de Lady Catherine para nos separar foram um m eio de rem over todas as m inhas dúvidas. Não é ao seu ávido desej o de exprim ir a sua gratidão que devo a m inha atual felicidade. Eu não teria esperado. A com unicação de m inha tia renovara as m inhas esperanças. Eu estava decidido a saber de tudo im ediatam ente.

— Lady Catherine nos foi de im ensa utilidade. E isto devia torná-la feliz, pois ela gosta de ser útil. Mas diga-m e, por que veio a Netherfield? Foi apenas para passear em Longbourn e ficar em baraçado? Ou tinha intenções m ais sérias?

— Meu fito real foi vê-la e verificar se eu poderia um dia ter a esperança de fazer com que m e am asse. O m otivo declarado ou pelo m enos aquele que confessei a m im m esm o foi verificar se a sua irm ã ainda gostava de Bingley e, caso ainda gostasse, fazer ao m eu am igo a confissão que m ais tarde eu realm ente lhe fiz.

— Você j am ais terá coragem de anunciar a Lady Catherine o que nos espera?

— É m ais fácil faltar-m e o tem po do que a coragem . Mas j á que tem de ser feito, dê-m e um a folha de papel e escreverei im ediatam ente.

— E se eu não tivesse tam bém um a carta a escrever, sentaria ao seu lado e adm iraria a regularidade da sua caligrafia com o certa m oça, um dia, j á fez. Mas eu tenho tam bém um a tia e estou em falta com ela.

Para não responder que seus tios tinham exagerado o seu interesse por Mr.

Darcy , Elizabeth ainda não respondera a carta de Mrs. Gardiner. Agora, porém , sabendo que ela receberia da m elhor m aneira possível a com unicação que tinha a fazer, Elizabeth se sentia quase envergonhada ao refletir que seu tio e sua tia j á tinham perdido três dias de felicidade, e im ediatam ente respondeu o seguinte: Eu j á teria escrito antes, m inha querida tia, para lhe agradecer, com o devia, a sua longa e boa carta, cheia de detalhes satisfatórios, se, para falar a verdade, não estivesse aborrecida dem ais para escrever. A senhora supôs m ais do que realm ente existia, m as agora suponha tanto quanto quiser. Solte as rédeas da sua fantasia e entregue-se à sua im aginação, para os voos m ais arroj ados. E a não ser que suponha que j á estou realm ente casada, não poderá errar m uito.

Escreva-m e novam ente m uito breve e faça a ele m uito m ais elogios do que na sua últim a carta. Não m e canso de lhe agradecer por não m e ter levado aos Lagos. Não sei com o pude ter a tolice de desej ar esse passeio. A sua ideia dos pôneis é encantadora. Farem os a volta do parque todos os dias. Sou a criatura m ais feliz do m undo. Talvez outras pessoas j á o tenham dito antes m as não com tanta j ustiça. Sou m ais feliz até do que Jane. Ela apenas sorri e eu rio. Mr. Darcy

lhe envia todo o am or que ainda lhe resta. Estão todos convidados para vir a Pem berley pelo Natal. Sua, etc.

A carta de Mr. Darcy para Lady Catherine foi escrita em estilo diferente.

Diferente tam bém de am bas foi a carta que Mr. Bennet escreveu para Mr.

Collins, em resposta à últim a daquele cavalheiro.

Caro senhor:

Venho incom odá-lo m ais um a vez com participações. Elizabeth será em breve a esposa de Mr. Darcy . Console Lady Catherine com

o puder. Mas se estivesse em seu lugar, ficaria do lado do sobrinho. Ele tem m ais a dar. Seu, sinceram ente, etc.

Os parabéns que Miss Bingley m andou para o seu irm ão pelo seu próxim o casam ento foram tudo o que havia de m ais afetuoso e insincero. Ela escreveu até para Jane, nesta ocasião, a fim de exprim ir o seu contentam ento e repetir todas as suas anteriores declarações de estim a. Jane não se iludiu, m as ficou tocada. E

em bora não tendo confiança nela, não pôde deixar de lhe escrever um a carta m uito m ais am ável e carinhosa do que ela sabia que a outra m erecia.

A alegria que Miss Darcy exprim iu ao receber um a inform ação sem elhante foi tão sincera quanto a do seu irm ão ao enviá-la. Quatro páginas de papel foram insuficientes para conter toda a alegria que ela queria exprim ir e o seu sincero desej o de ser estim ada pela sua futura irm ã.

Antes de chegar qualquer resposta de Mr. Collins, ou parabéns de Charlotte para Elizabeth, a fam ília de Longbourn soube que os Collins em pessoa tinham chegado a Lucas Lodge. O m otivo dessa súbita viagem tornou-se logo evidente.

Lady Catherine se tinha enfurecido de tal m odo com a carta do seu sobrinho, que Charlotte, que na realidade se alegrava com o casam ento, ficou ansiosa para ir em bora até que a tem pestade passasse. Naquele m om ento a chegada da sua am iga causou um sincero prazer a Elizabeth, m uito em bora, todas as vezes que estivessem j untas, esse prazer tivesse de ser pago a alto preço, quando veria Mr.

Darcy exposto a todas as cortesias obsequiosas e pom posas de Mr. Collins. Darcy no entanto suportou tudo aquilo com um a calm a adm irável. Ouviu até com serenidade as palavras de Sir William Lucas, que o cum prim entou por ter conquistado a m ais bela j oia do país e exprim iu a esperança de que se encontrassem todos

frequentem ente em St. Jam es. Se ele chegou a erguer os om bros, foi só depois que Sir William Lucas lhe tinha voltado as costas.

A vulgaridade de Mrs. Philips foi outra sobrecarga para a sua paciência, talvez ainda m aior do que as outras. Em bora Mrs. Philips, com o a sua irm ã, Mrs.

Bennet, se sentisse atem orizada diante de Darcy , que não tinha o bom hum or de Bingley , todas as vezes que abria a boca, era só para dizer coisas vulgares.

Elizabeth fez tudo o que pôde para protegê-lo das frequentes atenções de am bas, procurando guardá-lo para si m esm a e para as pessoas da sua fam ília com quem ele podia conversar sem se sentir m ortificado. E em bora as contrariedades

resultantes de tudo isso estragassem m uito o prazer do seu noivado, faziam Elizabeth pensar com m aior satisfação no futuro, antecipando a vida confortável que teriam em Pem berley , longe daquela sociedade tão pouco agradável para am bos.

61

Grato para os seus sentim entos m aternais foi o dia em que Mrs. Bennet se viu livre de duas das suas m ais queridas filhas. É fácil im aginar com que orgulho ela visitava, m ais tarde, Mrs. Bingley , e conversava com Mrs. Darcy . Eu desej aria poder acrescentar, para bem da fam ília, que a realização dos seus m ais caros desej os tivera o feliz efeito de torná-la um a m ulher sensata, discreta e interessante para o resto da sua vida. No entanto foi bom para o seu m arido que assim não acontecesse, pois talvez ele não tivesse apreciado um a felicidade dom éstica tão excepcional. Mrs. Bennet continuou invariavelm ente nervosa e ocasionalm ente tola.

Mr. Bennet sentiu grandem ente a falta da sua segunda filha. A sua afeição por ela foi um dos m otivos que daí por diante m ais o obrigaram a sair de casa. Ele gostava m uito de ir a Pem berley , principalm ente quando não era esperado. Mr.

Bingley e Jane ficaram em Netherfield apenas m ais um ano. Tam anha proxim idade da sua m ãe e dos seus conhecidos de Mery ton não era desej ável, m esm o levando em conta o gênio fácil de Bingley e o coração afetuoso de Jane.

O grande desej o das irm ãs de Bingley foi satisfeito: ele com prou um a propriedade nas proxim idades do Derby shire. E em acréscim o a todas as suas outras felicidades, Jane e Elizabeth tiveram a de residir a trinta m ilhas um a da outra.

Kitty passava a m aior parte do seu tem po com as duas irm ãs m ais velhas. E isto foi de grande vantagem para ela. Num a sociedade tão superior à que ela tinha conhecido, fez grandes progressos. Kitty não tinha um gênio tão rebelde quanto Ly dia. E longe da influência e do exem plo da irm ã, graças a certos cuidados e atenções, ela se tornou m enos irritável, m enos ignorante e m enos insípida. A sua fam ília j ulgou dever preservá-la de qualquer nova influência da parte de Ly dia.

E em bora Mrs. Wickham frequentem ente a convidasse para vir passar tem pos em sua casa, com prom essas de bailes e de rapazes, seu pai j am ais consentia que ela fosse.

Mary foi a única filha que perm aneceu em casa. E com o Mrs. Bennet não suportasse a solidão, ela foi de qualquer m odo im pedida de prosseguir no aperfeiçoam ento dos seus talentos. Obrigada a frequentar m ais assiduam ente a sociedade, continuou no entanto a tirar conclusões m orais de cada visita que fazia. E com o Mary não se m ortificasse m ais com as com parações entre a beleza das suas irm ãs e a sua própria, seu pai desconfiou que ela aceitava sem m uita relutância essa alteração dos seus hábitos.

Quanto a Wickham e Ly dia, o casam ento pouco os alterou. Wickham se resignou filosoficam ente à convicção de que Elizabeth sabia agora de todas as suas ingratidões e m entiras. E, apesar de tudo isto, continuava a alim entar a esperança de que ela um dia pudesse convencer Darcy a fazer a sua fortuna. A carta que

Elizabeth recebeu de Ly dia por ocasião do seu casam ento, lhe revelou que tal esperança era acalentada pela m ulher, senão pelo próprio m arido. A carta dizia o seguinte:

Minha querida Lizzy : desej o-lhe todas as felicidades possíveis. Se o seu am or por Mr. Darcy é apenas m etade do que o que eu sinto pelo m eu m arido Wickham , você deve ser m uito feliz. É um grande consolo saber que você é tão rica. E

quando não tiver m ais nada a fazer, espero que pensará em nós. Wickham gostaria m uito de ter um a situação na Justiça. Não creio que tenham os bastante dinheiro para viver sem algum auxílio. Qualquer lugar de trezentas ou quatrocentas libras por ano serviria. No entanto não fale sobre isto a Mr. Darcy , se prefere ficar calada. Sua, etc.

Com o Elizabeth preferia m uito ficar calada, procurou, na sua resposta, pôr um term o a todos os pedidos desta natureza. No entanto ela lhes enviava tudo o que podia econom izar das suas despesas particulares. Sem pre lhe parecera evidente que a renda que eles tinham , dirigida por pessoas tão extravagantes nos seus desej os e tão descuidadas do futuro, seria insuficiente para o seu sustento. E

quando o casal m udava de residência, Jane ou Elizabeth podiam estar certas de receber um pedido de auxílio, pois havia sem pre contas a pagar. Sua m aneira de viver, m esm o quando possuíam um a casa, era a m ais irregular possível. Estavam continuam ente de m udança, de lugar para lugar, em busca de um a situação barata e gastavam sem pre m ais do que possuíam . A afeição de Wickham por Ly dia em breve se transform ou em indiferença. A de Ly dia resistiu por m ais algum tem po. Apesar da sua m ocidade e das suas m aneiras ela conservou intacta a reputação que o casam ento lhe havia assegurado.

Em bora Darcy nunca se pudesse resignar com a ideia de receber Wickham em Pem berley , no entanto, graças à interferência de Elizabeth, ele o aj udou na sua carreira. Ly dia os visitava,

ocasionalm ente, quando o seu m arido tinha ido a Londres ou a Bath, para se divertir.

Em casa dos Bingley , no entanto, eles se dem oravam m uito m ais tem po, a ponto de esgotar o bom hum or de Bingley . Um a vez ele chegou a dizer que ia lançar um a indireta para que eles fossem em bora.

Miss Bingley ficou profundam ente m ortificada com o casam ento de Darcy ; m as com o j ulgava aconselhável conservar o direito de frequentar Pem berley , sufocou todos os seus ressentim entos. Continuou a gostar de Georgiana, com o antes, m ostrou-se quase tão atenciosa para com Darcy com o antigam ente, e pagou com j uros todas as cortesias que devia a Elizabeth.

Georgiana foi residir em Pem berley . A afeição das duas novas irm ãs correspondeu a todas as expectativas de Darcy , e até m esm o às intenções das duas m oças. Georgiana tinha um a grande adm iração por Elizabeth. A princípio ouvira com assom bro e um pouco de terror os gracej os e brincadeiras de

Elizabeth. O irm ão sem pre lhe inspirara um respeito que quase sufocava a sua afeição. Com eçou a saber de coisas que ignorava. Elizabeth lhe explicou que um a esposa pode se perm itir liberdades com o m arido que um irm ão nem sem pre poderia tolerar na sua irm ã dez anos m ais m oça do que ele.

Lady Catherine ficou extrem am ente indignada com o casam ento do seu sobrinho. Dando largas à franqueza que a caracterizava, ela enviou um a resposta em term os tão violentos, especialm ente contra Elizabeth, à carta de participação do seu sobrinho, que durante algum tem po todas as relações foram cortadas. Mas afinal, Elizabeth conseguiu que o m arido perdoasse a ofensa e procurasse um a reconciliação. Depois de algum a resistência, o ressentim ento de Lady Catherine cedeu, talvez diante da afeição que tinha pelo seu sobrinho ou da curiosidade de ver com o a sua esposa se conduzia; e ela consentiu em ir visitá-los em Pem berley , apesar da ofensa que seus ilustres antepassados tinham recebido, não som

ente pela presença de um a esposa de tão baixa extração, com o pelas visitas dos seus tios de Londres.

Com os Gardiner eles ficaram sem pre em term os m uito íntim os. Darcy , a exem plo de Elizabeth, tinha a m aior afeição por eles. E além disso nunca se esqueceram da gratidão que deviam às pessoas por cuj o interm édio eles tinham reatado as suas relações, durante aquele passeio pelo Derby shire.

Conheça outros títulos da Coleção Saraiva de Bolso 1. *Dom Casmurro*, Machado de Assis

2. *O príncipe*, Nicolau Maquiavel

3. *A arte da guerra*, Sun Tzu

4. *A república*, Platão

5. *Assassinato no Expresso do Oriente*, Agatha Christie 6. *Memórias de um sargento de milícias*, Manuel Antônio de Alm eida 7. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis 8. *Discurso do método*, René Descartes

9. *O contrato social*, Jean-Jacques Rousseau 10. *Orgulho e preconceito*, Jane Austen

11. *Cai o pano*, Agatha Christie

12. *Seus trinta melhores contos*, Machado de Assis 13. *A náusea*, Jean-Paul Sartre

14. *Hamlet*, William Shakespeare

15. *O manifesto comunista*, Karl Marx

16. *Morte em Veneza*, Thom as Mann

17. *O cortiço*, Aluísio Azevedo

18. *Orlando*, Virginia Woolf

19. *Ilíada*, Hom ero

20. *Odisseia*, Hom ero

21. *Os sertões*, Euclides da Cunha

22. *Antologia poética*, Fernando Pessoa

23. *A política*, Aristóteles

24. *Poliana*, Eleanor H. Porter

25. *Romeu e Julieta*, William Shakespeare 26. *Iracema*, José de Alencar

27. *Apologia de Sócrates*, Platão

28. *Como vejo o mundo*, Albert Einstein

29. *A consciência de Zeno*, Italo Svevo

30. *A vida como ela é*, Nelson Rodrigues 31. *Madame Bovary*, Gustave Flaubert

32. *O anticristo*, Friedrich Nietzsche

33. *Razão e sentimento*, Jane Austen

34. *Senhora*, José de Alencar

35. *O primeiro homem*, Albert Cam us

36. *Kama Sutra*, Mallanaga Vatsy ay ana

37. *Esaú e Jacó*, Machado de Assis

38. *O profeta*, Khalil Gibran

39. *Dos delitos e das penas*, Cesare Beccaria

40. *Elogio da loucura*, Erasm o de Roterdã

Sumário

1

3

2

5

3

7

4

11

5

14

6

17

7

23

8

28

9

33

10

37

11

42

12

46

13

48

14

52

15

55

16

59

17

66

18

69

19

80

20

84

21

88

22

92

23

96

24

100

25

105

26

109

27

114

28

117

29

120

30

126

31

129

32

133

33

137

34

141

35

146

36

152

37

156

38

159

39

162

40

166

41

170

42

175

43

179

44

189

45

194

46

198

47

205

48

213

49

218

50

223

51

228

52

232

53

238

54

244

55

248

56

254

57

260

58

264

59

270

60

276

61

280

Conheça outros títulos

da Coleção Saraiva de 283

Bolso

Document Outline

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33

- 34
- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- 40
- 41
- 42
- 43
- 44
- 45
- 46
- 47
- 48
- 49
- 50
- 51
- 52
- 53
- 54
- 55
- 56
- 57
- 58
- 59
- 60
- 61
- Conheça outros títulos da Coleção Saraiva de Bolso